



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Na Terra do Nunca, no lugar de ninguém: dinâmica familiar,
representações parentais e parentalidade – estudo exploratório
com crianças com Organização Borderline de Personalidade.
Ana Raquel Silva Veríssimo

Orientador de Dissertação:

Professor Doutor Emílio Salgueiro

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Professor Doutor Emílio Salgueiro

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor Doutor Emílio Salgueiro, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para a obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Borderline

*D'une naissance non désirée,
L'enfant rejet de son enfance,
Lutte féroce à se faire aimer,
Guerre à finir dans tous les sens...*

*Être construit de dualités,
Précarité du bien et du mal,
Du positif ou négatif de ses côtés,
Résultante d'une survie animale...*

*Le cœur battant à fleur de peau,
L'amour et le rejet qui dansent,
L'abandon mère de tous les maux,
Boucle infinie de la même souffrance...*

*Idéalisation de l'autre par le bon,
Dévalorisant celui-ci du mauvais,
L'objet d'amour tournant en rond,
Cicatrices d'une peau pansée de plaies...*

*Comment accoucher de cette douleur?
Comment choisir la renaissance?
Comment teinter cette vie de mille couleurs?
Voilà le beau défi de la borderline!!!*

Benoît (s/d)

Agradecimentos

Ao Professor Dr. Emílio Salgueiro, orientador de palavras, momentos e decisões, incentivo constante à autonomia e à superação de cada obstáculo e fomentador de um espírito incansável de vencer sobre a adversidade.

Aos professores, tutores e mestres académicos, do passado próximo e remoto, sendo injusta a omissão de muitos deles, é necessária a referência aos que, de alguma forma, se prestaram como exemplo de ser humano e como gentis ensinadores, contribuindo para o aprofundar das raízes do conhecimento e a curiosidade da aprendizagem constante no ISPA, nomeadamente, o Professor Pedro Aleixo, a Professora Teresa Aleixo, a Professora Antónia Carreiras, e, pela sua disponibilidade inestimável, a Professora Glória Ramalho e o Professor António Pires.

À Professora Dr.^a Maria Filomena Gaspar, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, por gentilmente ter acedido colaborar, ao conceder instrumentos de investigação preciosos ao presente projecto.

À Unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia de Orta, primeiro olhar sobre a experiência clínica, para sempre refúgio contentor, um profundo agradecimento, não esquecendo todos os que dela fazem parte, e um carinho muito especial aos que se implicaram particularmente neste projecto, sorrindo com as minhas alegrias e encorajando-me nas minhas dificuldades. Um agradecimento particular à Dr.^a Patrícia Silva e à Dr.^a Rosa Esquina pelo carinho e constante disponibilidade e à Dr.^a Vera Ramos que de várias formas colaborou nesta investigação e com paciência assistiu ao brilho dos meus olhos perante uma tema que nos é tão caro.

À minha orientadora de estágio, Dr.^a Inês Figueiredo, farol que guiou os primeiros passos na clínica e que calorosamente cuidou das minhas incertezas, assistindo e participando com um sorriso nas minhas conquistas, e cujas preciosas dedicação e disponibilidade foram uma constante.

Às crianças e respectivas famílias que amavelmente concederam a sua boa vontade, e com a sua participação acederam em contribuir com aquilo que são para aumentar o conhecimento acerca da saúde mental na infância.

Aos colegas de Seminário de Dissertação, entre os quais verdadeiras amigas encontrei, pela partilha e disponibilidade não só para a Ana-Investigadora, mas principalmente para a Ana-Pessoa, com particular ternura e gratidão, Manuela e Tatiana.

Família é pilar, é o porto seguro a que desejamos recorrer em momentos de celebração e de tormenta. À minha família a gratidão e o amor por compreenderem e incentivarem o meu projecto de vida.

A todos (e são muitos os que aqui se incluem) os que de alguma forma, directa e indirectamente, contribuíram para a realização desta investigação, o meu reconhecimento, muito, muito obrigado.

Resumo

A Organização Borderline de Personalidade na infância é uma das patologias com maior severidade clínica, complexidade diagnóstica e desafio terapêutico. Diversas características patognomónicas têm vindo a ser enumeradas, bem como factores etiopatogénicos, encontrando-se entre eles as perturbações familiares e parentais. Fruto das lacunas de investigação na área da infância, particularmente na fase de latência, e dada a ênfase patognomónica nas primeiras relações objectais, foi objectivo desta investigação analisar a etiopatogenia do funcionamento limite da criança e compreender a sua percepção acerca da dinâmica familiar, bem como as representações parentais e os processos de parentalidade. O presente estudo tem uma estrutura qualitativa e um carácter exploratório, partindo do estudo de caso de três crianças e respectivas famílias, recorrendo a metodologias projectivas e instrumentais, numa lógica de complementaridade, procurando alcançar um conhecimento profundo dos casos analisados e, a um nível mais global, do funcionamento interno e familiar das crianças com um funcionamento borderline. Verificaram-se padrões de parentalidade problemáticos, inconsistentes e com falhas ao nível do cuidado, da função reflexiva e do suporte afectivo, sendo a representação que estas crianças constroem acerca da sua família percebida como emocionalmente intensa, instável, confusa, inconsistente e pouco contingente, com fronteiras interpessoais disfuncionais, marcada por sentimentos e representações ambivalentes em relação aos membros da família, nomeadamente face aos ímagos parentais (idealizados e rejeitantes). Na dinâmica interna destacam-se importantes fragilidades narcísicas, núcleos depressivos significativos, dificuldades ao nível dos processos de mentalização, angústias de abandono e perda do objecto e relações de objecto de tipo anaclítico.

Palavras-chave: Borderline, latência, representações parentais, dinâmica familiar.

Abstract

The Borderline Personality Organization in childhood is one of the pathologies with greater clinical severity, complexity diagnostic and therapeutic challenge. Several pathognomonic features have been listed, as well as etiopathogenic factors, laying among them the familiar and parental disorders. As a result of the research gaps on childhood, particularly in the latency phase, and given the pathognomonic emphasis in the first objectal relationships, the goal of this investigation was to analyze the pathogenesis of borderline personality of the child and understand their perception of family dynamics as well as parental representations and processes of parenting. This study has a qualitative and exploratory structure, based on the case study of three children and their families, using complementarily projective and instrumental methods, in order to achieve a thorough understanding of the particular cases, and, in a general framework, the individual and familiar functioning of children with a borderline organization. The results demonstrated patterns of problematic parenting, with inconsistencies and failures in care system, emotional support and reflective function. The families are perceived by the children as emotionally intense, unstable, confusing, inconsistent and with dysfunctional interpersonal boundaries, marked by ambivalent feelings about family members, especially the parental representations (both idealized and resentful). In internal dynamics of this children stands out the important narcissistic weaknesses and significant depressive core, limited symbolization-reflectiveness capacity, insecure attachment relationships, anguish of abandonment and object loss, and anaclitic object relations.

Key-words: Borderline, latency, parental representations, family dynamics.

Índice

Introdução	1
Enquadramento teórico	3
Metodologia	14
<i>Delineamento</i>	14
<i>Participantes</i>	14
<i>Procedimento</i>	15
<i>Instrumentos</i>	16
Children's Apperception Test – animal version	17
Desenhos	17
Family Relations Test	18
Escala de percepção da criança sobre o estilo educativo dos pais (EMBU-C)	21
Questionário de estilos e dimensões parentais	22
Questionário de práticas parentais	32
Questionário de coparentalidade	23
Escala de preocupações parentais	24
Resultados	24
Tabelas de síntese dos dados provenientes da análise dos casos investigados empiricamente	25
Breve apresentação dos casos	27
<i>Caso Afonso</i>	27
<i>Caso João</i>	30
<i>Caso Tomás</i>	35
Resultados globais	38
Crianças	38
Pais	41
Discussão	44
Conclusão	58

Índice de Anexos

Anexo A - Tabela de estudos empíricos	70
Anexo B - Estudo sobre os instrumentos	77
Anexo C - Descrição do Método Utilizado	82
Anexo D - Criteria for Borderline Disorder in Children (Bemporad et al, 1982)	84
Anexo E - Critérios Diagnósticos para Perturbação Estado-Limite de Personalidade - DSM-IV-TR (APA, 2002)	86
Anexo F - Consentimento informado	87
Anexo G – Guião de entrevista – crianças	89
Anexo H – Guião de entrevista – pais	90
Anexo I – Questionário de caracterização sócio-demográfica	91
Anexo J- Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (versão mãe)	94
Anexo K - Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (versão pai)	97
Anexo L - Questionário de Coparentalidade	100
Anexo M - Escala de Preocupações Parentais	101
Anexo N - Questionário de Práticas Parentais	102
Anexo O - Escala da Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo dos Pais – EMBU-C	107
Anexo P - Descrição das mensagens que compõem a forma B do Teste das Relações Familiares	109
Anexo Q - Análise dos Casos	112
<i>1. Afonso</i>	
História clínica	112
Genograma	115
Observação geral	115
Entrevista	116
Desenho livre	118
1º Desenho da figura humana	120

2º Desenho da figura humana	123
Auto-retrato	125
Desenho da família segundo Corman	
Família imaginária	128
Família real	131
Children's Apperception Test – protocolo e análise	134
Family Relations Test – resultados e análise	145
Escala de percepção da criança sobre os estilos educativos dos pais (EMBU-C)	148
Análise da entrevista aos pais	149
Transcrição da entrevista aos pais	152
Resultados individuais – Statistical Package for Social Sciences (versão 19)	173
2. <i>João</i>	
História clínica	179
Genograma	184
Observação geral	184
Entrevista	185
Desenho livre	186
1º Desenho da figura humana	188
2º Desenho da figura humana	191
Desenho da família segundo Corman	
Família imaginária	193
Família real	196
Children's Apperception Test – protocolo e análise	199
Family Relations Test – resultados e análise	206
Escala de percepção da criança sobre os estilos educativos dos pais (EMBU-C)	208
Análise da entrevista aos pais	209
Transcrição da entrevista aos pais	211

Resultados individuais – Statistical Package for Social Sciences (versão 19)	222
3. Tomás	
História clínica	226
Genograma	227
Observação geral	227
Entrevista	228
Desenho livre	229
1º Desenho da figura humana	231
2º Desenho da figura humana	234
Desenho da família segundo Corman	
Família real	238
Children’s Apperception Test – protocolo e análise	239
Family Relations Test – resultados e análise	248
Escala de percepção da criança sobre os estilos educativos dos pais (EMBU-C)	251
Análise da entrevista aos pais	252
Transcrição da entrevista pais	254
Resultados individuais – Statistical Package for Social Sciences (versão 19)	270
Anexo R - Resultados globais – Statistical Package for Social Sciences (versão 19)	274

Lista de tabelas:

Tabela 1. Análise da dinâmica intrapsíquica dos casos investigados	25
Tabela 2. Análise dos factores etiopatogénicos (Keinänen, 2012), da dinâmica familiar e das representações parentais na Organização Borderline de Personalidade	26

Introdução

O ambiente familiar é comumente considerado como um dos maiores factores de socialização para grande parte das crianças (Johnson, Cohen, Chen, Kasen & Brook, 2006). Uma vez que os pais desempenham um papel primordial na socialização precoce da criança, as perturbações de socialização evidenciadas por indivíduos com perturbações de personalidade podem ser resultado de dificuldades ao nível das relações intrafamiliares, incluindo problemas de parentalidade.

A instabilidade emocional e a inconstância objectal que verificamos em crianças com Organização Borderline de Personalidade (O.B.P.) manifestam-se significativamente nas dificuldades que estas tendem a apresentar na regulação do afecto, no controlo dos impulsos e no funcionamento interpessoal. Na infância, a hesitação frequente em realizar o diagnóstico poderá prender-se com a labilidade dos processos mentais e a maleabilidade do aparelho psíquico da criança, mas principalmente com as dificuldades impostas pelo colorido sintomático desta patologia, sendo sobretudo no contacto e na componente transfero-contratransferencial que nos apercebemos da angústia latente a estas crianças: desprotecção, medo da perda e abandono. O seu sistema de vinculação tende a ser instável e oscilar entre a idealização e a desvalorização dos objectos, indicando dificuldades no balanceamento entre as necessidades de autonomia e proximidade. É por isso que os “indivíduos com personalidade borderline podem ser muito dependentes daqueles com quem convivem, e expressando uma cólera intensa contra os que lhe são próximos, quando frustrados; contudo, não conseguindo tolerar a solidão e preferindo encetar uma busca desenfreada por companhia, não importando quão insatisfatória, a ficarem sós consigo mesmos (Kaplan, Sadock & Grebb, 1997, p.694) ”, representando, por isso, um constante desafio aos clínicos e um frequente objecto de interesse para investigadores.

A necessidade de realizar investigação neste domínio parece-nos cada vez maior. Efectivamente, os estudos que pretendem avaliar as representações parentais e a percepção da dinâmica familiar são reduzidos, e focam-se unicamente na adultícia, negligenciando a importância que os relatos e as percepções infantis têm na formação dessas mesmas representações e na etiopatogenia da O.B.P., e excluindo objectivamente a fase de desenvolvimento psicoafectivo da latência. Foi, por isso, propósito desta investigação atribuir um olhar e uma voz às crianças acerca do seu vivido emocional e representacional e perceber, *in loco* os processos desenvolvimentais e patognomónicos desta patologia. Quando conseguimos um olhar em profundidade sobre os padrões que se evidenciam, os conflitos que subjazem, as interações que se constroem, as dinâmicas que se jogam na constelação familiar, o sofrimento

destas crianças torna-se claro e quase tangível, mas também a nossa compreensão sobre o seu funcionamento aumenta e o modo como conseguimos ajudá-las a crescer e aliviar a sua angústia torna-se mais claro.

A presente investigação debruça-se essencialmente sobre os factores de risco psicossociais, ainda que outros factores, como fragilidades neurobiológicas, características temperamentais ou culturais, devam ser considerados aquando da análise da etiopatogenia multifactorial da O.B.P. e da discussão acerca do seu desenvolvimento. Compreender os riscos psicossociais de desenvolver um funcionamento limite revela-se de suma importância, inclusivamente de forma a desenvolver modelos e métodos de intervenção psicoterapêutica adequados ao seu tratamento, numa perspectiva que deve privilegiar a progressiva e eficaz prevenção e promoção da saúde mental infantil.

Posto isto, o projecto a desenvolver no contexto da presente investigação, desenvolvida a partir de um estudo exploratório, pretende ser uma reflexão, numa abordagem completa e compreensivista, e à luz dos principais teóricos psicodinâmicos do desenvolvimento, acerca da dinâmica familiar, com enfoque nas representações parentais e nos processos de exercício da parentalidade, de crianças diagnosticadas com O.B.P., no contexto das perturbações da relação familiar precoce, designadamente na fase de desenvolvimento psicoafectivo da latência.

Enquadramento teórico

A construção dos elos de vinculação entre a mãe e a criança tece-se através das interações mais precoces na díade, não esquecendo porém a importância preponderante do terceiro elemento, o pai, sendo a primeira influência o desejo dos pais de dar vida a um ser, produto de si mas diferenciado de ambos. A vinculação é, por isso, uma ligação de afecto específico e particular de um indivíduo para com outro, da qual a relação entre a mãe e o bebé é expressão matricial, pelo que compreender a génese dos laços que os unem se revela fundamental na análise etiopatogénica de grande parte das patologias da infância.

A parentalidade é porventura a tarefa mais complexa e desafiante da vida adulta (Zigler, 1995), constituindo os pais uma das influências mais cruciais na vida dos seus filhos, apesar das múltiplas fontes que actuam sobre e na criança (Bornstein, 1995). O ambiente familiar é comumente considerado como um dos maiores factores de socialização para grande parte das crianças (Johnson et al, 2006). Neste sentido, o desenvolvimento de uma criança encontra-se dependente do ambiente que a rodeia, das respostas que dele provêm, mas igualmente das interações que se jogam entre os intervenientes, primeiramente da relação diádica e posteriormente da tríade. O comportamento parental pode, pois, ser definido como o conjunto de acções encetadas pelas figuras parentais junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando, para esse fim, os recursos que dispuser (interna e externamente), dentro e fora da família (Cruz, 2005), o qual encontra a sua expressão num estilo próprio de exercício e representação e vivência da parentalidade. Esta definição compreende, portanto, os cuidados prestados à criança, em termos de práticas parentais, a partir dos quais se pressupõe a existência de um ambiente adequado e estimulante ao seu desenvolvimento, e que simultaneamente proporcionem à criança um meio relacional, que, atendendo às suas diversas necessidades, consiga um equilíbrio saudável entre satisfação e frustração. Assim, seria inerente ao exercício de uma parentalidade positiva a criação de condições (suficientemente boas no sentido Winnicottiano) para que as crianças possam desenvolver as suas capacidades de forma o mais completa e harmoniosa possível, tanto dentro, como fora do âmbito familiar. Diz-nos Pedro Strecht (Strecht, 2003, pg. 45) que “é através do padrão de relação precoce entre pais e filhos que se estabelece a forma como nos relacionamos connosco e com o que nos rodeia. Por isso, os pais são os principais agentes da saúde emocional dos seus filhos”.

Contudo, sempre que surgem factores, percebidos ou não, como disruptivos no âmbito sistémico da família, tais como situações e contextos que de alguma forma representam

agentes de risco psicológico e/ou físico, o papel parental, em termos de estilos e de práticas, pode ser afectado, alterando toda a dinâmica familiar. A título de exemplo podemos considerar a existência de um desequilíbrio, transitório ou caracterial e por isso mais permanente, criado quando a mãe e/ou o pai não compreende os sinais emitidos pela criança, constituindo *per si* uma situação de potencial vulnerabilidade psicológica.

No mesmo sentido, a figura de vinculação comporta para a criança representações de segurança, de afecto, de disponibilidade física e emocional, permitindo o seu harmónico desenvolvimento cognitivo, afectivo e social (Bayle, 2006). Assim sendo, quando há equilíbrio relacional na díade, a criança vai conquistando as bases essenciais para desenvolver uma vinculação segura. Porém, quando a individualidade e as conquistas da criança não são respeitadas ou valorizadas pela mãe, e a sua aceitação como um ser autónomo e diferenciado não é possível, particularmente durante a subfase de reaproximação do processo de separação-individualização postulado por Margareth Mahler (1975), o conflito infantil de ambitendência que dita os movimentos de aproximação/afastamento do objecto anaclítico vai potenciar a emergência do conflito pulsional em torno da agressividade (Matos, 1994).

Neste sentido, a insuficiência ou perturbação deste processo, a par da O.B.P. do objecto materno e subsequente dependência simbiotizante do mesmo, bem como a ausência/demissão do objecto paterno, colocariam entraves à realização das esperadas tarefas desenvolvimentais, lesando o desenvolvimento da capacidade de lidar com a ambivalência afectiva face ao objecto, a constância objectal, a capacidade de regulação da distância emocional e de diferenciação entre Self e objecto e o crescimento psíquico autónomo do indivíduo (Maranga, 2002). De facto, segundo Ajuriaguerra (1980), a mãe da criança borderline tem, por sua vez, também uma organização de personalidade limítrofe, razão pela qual não tolera nem estimula o processo de separação-individualização do seu filho, no sentido em que quando ele cresce toda a sua estimulação e contenção são suprimidas, originando sentimentos de abandono (depressão limite, raiva narcísica, vazio), nos quais se verifica o predomínio da relação objectal de dependência.

Reconceptualizações recentes acerca da O.B.P. hipotetizam a existência de sérios comprometimentos ao nível dos processos de vinculação os quais subentendem profundas perturbações da relação precoce com o objecto materno (Fossati, 2001). É este o terreno fecundo para a organização borderline; crianças caracterizadas pela organização deficitária, ou mesmo inexistente, dos processos de pensamento e simbolização, com intercorrências de funcionamento em processo primário, perante situações particularmente ansiogénicas, nas quais a impossibilidade de contenção da angústia predominante gera comportamentos pautados pela instabilidade, pela irrequietude, bem como pela dificuldade de controlo do impulso e da gestão da frustração.

Em meados de 1940, Margaret Mahler identificou um grupo de crianças que apresentavam patologia do ego e das relações objectais bastante mais severa do que as que tinham um funcionamento neurótico, todavia menos intensa do que crianças diagnosticadas com perturbações psicóticas (Meekings & O'Brien, 2004). O estado limite constitui um modo de organização psíquica da criança que se encontra entre as organizações estruturais neuróticas e os funcionamentos psicóticos, não chegando nenhum dos dois a instalar-se na dinâmica funcional infantil (Palacio-Espasa, 2004), na medida em que esta conserva o contacto com a realidade porém apresentando angústias e mecanismos defensivos primitivos, de cariz psicótico, e com emergência do processo primário de pensamento. Efectivamente, as flutuações do funcionamento egóico e as modulações tónicas que a organização borderline apresenta, em vez de gerarem dúvidas no plano diagnóstico, parecem algo específico desta organização. Neste sentido, é precisamente a amplitude destas flutuações que, no âmbito sincrónico, nos dá conta do polimorfismo das suas manifestações clínicas e, no âmbito diacrónico, da sua alternância entre funcionamentos psíquicos. Todavia, as crianças borderline nas quais surgem pontualmente possibilidades de organização neurótica deixam perceber uma conflitualidade depressiva deveras intensa, mais do que a neurotizada, revestida frequentemente por mecanismos de defesa mais arcaicos, designadamente, maníacos e psicóticos (Palacio-Espasa & Dufour, 2003). Em síntese, nesta perspectiva, a infância borderline oscilaria entre uma organização de tipo depressivo (num pólo psíquico superior) e um funcionamento de natureza psicótica (traduzido num pólo psíquico inferior). Assim, a por vezes difícil tarefa de diagnóstico poderia explicar a razão pela qual alguns autores e clínicos considerarem que a designação de O.B.P. não deve ser realizada antes do período de latência (Palacio-Espasa & Dufour, 2003)

Do ponto de vista de Steiner (1990, cit. por Heimbürger, 1995), o paciente borderline encontra-se num estado limítrofe entre a posição esquizo-paranóide e a posição depressiva, sendo capaz de um grau de integração considerável que lhe permite realizar algum contacto consigo mesmo e com os demais, ainda que ligeiro porque intolerável para o sujeito, o que o leva à retracção sob pena da total destruição do Self e/ou do objecto e da interacção vincular entre os dois. É neste sentido que podemos dizer que se situa no que une e desune as duas linhas – a linha neurótica e psicótica – também, por isso, designada de organização *borderland*, conceito apreciado por alguns teóricos (Dias, 2004) por pressupor algo muito mais fluido do ponto de vista dos arranjos psicopatológicos do que qualquer uma das outras linhas, um conceito mais íntegro do que a conceptualização de uma linha fronteiriça, imposta na ausência de caracteres e sintomas característicos das duas estruturas denominadas.

É uma questão de fronteira, defende André Green (1988, citado por Heimburger, 1995), de uma terra de ninguém, um campo cujos limites são vagos e indefinidos. Porém, parece-nos que no caso borderline, o limite não é uma linha, é, ele próprio, um território, já que, como preconiza Winnicott, de cada vez que se divide um espaço em dois, atribuindo a cada um deles características e propriedades antagônicas, mutuamente exclusivas, cria-se um terceiro espaço, na junção dos dois, uma área intermédia, local onde se produzem os fenómenos transitivos. É esta a área inóspita do indivíduo borderline.

Rey (s/d, citado por Heimburger, 1995) defende que se trata de um dilema claustro-agorofóbico, na medida em que dentro do objecto o indivíduo se sente comprimido, apavorado pela ameaça perder a sua identidade, e fora está permanentemente aterrorizado, angustiado pelo desamparo da solidão, da não-existência no outro, pelo outro e através do outro, não encontrando um local onde possa existir perpetuamente a salvo, pelo que tem de se situar no limbo, no espaço-fronteira que lhe confere alguma sobrevivência.

Paradoxalmente, a criança borderline aparenta uma certa estabilidade ainda que no contexto instável que a caracteriza, permeada por tantas intercorrências de funcionamento em processo primário de pensamento, miscelânea de alguma forma coerente de estados de alma díspares e aparentemente inconciliáveis. Esta estabilidade, não mais do que pretensa, baseia-se, pois, na conservação de um núcleo central do Self, o qual não se encontra na íntegra psicoticamente submerso na confusão com os objectos. Dada a fragilidade do objecto interno, este âmago do Self é sentido e percebido como o único aliado seguro e digno de confiança, e muitas das ansiedades destes indivíduos prendem-se precisamente com a necessidade de conservação deste núcleo, o qual possibilita a sobrevivência do Self, o que conduz a uma preocupação e a uma sobrevalorização do mesmo em detrimento de ambos os objectos (interno e externo), tão característico da patologia narcísica, havendo uma inclinação do Self para identificações onnipotentes com objectos bons e as suas qualidades. Contudo, as partes destrutivas do Self podem, igualmente, ser idealizadas, o que se evidencia quando o indivíduo se sente ameaçado pelo contacto com o objecto e quando se apercebe que uma parte de si deseja a dependência com esse objecto (Heimburger, 1995).

Por outro lado, esta tendência paradoxal para a estabilidade latente ao polimorfismo sintomático pode entender-se dada a correlação entre a polissemia, coexistência da variabilidade de sintomas da organização, e os acontecimentos de vida, bem como a conservação da prova da realidade, conferindo uma aparente coerência e uma pseudo-estabilidade à organização (Dias, 2004).

Por conseguinte, observamos que a clivagem, particularmente a patológica, e a projecção são recursos defensivos frequentes e de utilização maciça, característicos da primeira posição do desenvolvimento psicológico postulado por Melanie Klein (1952/1987), intensamente acompanhados da defesa pela identificação projectiva. Uma das consequências mais gravosas do uso hiperbolizado destas defesas é a confusão entre Self e objecto, isto é, o que é que diz respeito ao Self e o que pertence ao objecto. Esta falta de distinção clara é igualmente uma característica fundamental da organização borderline, manifestando-se pela dificuldade em diferenciar dentro/fora, realidade/fantasia, bom/mau, eu/outro (Heimburger, 1995), reveladora da sua incapacidade em aceder à integração de um objecto total, íntegro, digno de espaço de identidade próprio, reunindo em si o que há experiencialmente de agradável e desagradável, e emocionalmente de bom e mau no objecto (Sá, 2007).

Nestes indivíduos com Organização Limite, constatamos que a passagem do funcionamento bidimensional, que pressupõe uma qualidade de relação narcísica com o objecto, para o funcionamento tridimensional, que implica a separação do Self face ao objecto, é sentida como uma ameaça traumática, como uma mutilação psíquica, sendo desencadeadora de uma intensa angústia de separação e perda (Alexandre, 2007). Efectivamente, se pensarmos que a angústia dominante nos arranjos do estado-limite é uma angústia de perda de objecto e de depressão (primária, segundo Ferreira, 1990/2002) que diz respeito a uma vivência passada infeliz, insuficiente, no plano narcísico, constatamos, ainda assim, que esta é concomitante com uma representação centrada sobre um futuro melhor, tingido de esperança, de salvamento, investida na relação de dependência com o outro (Bergeret, 1998). Sendo antes de mais nada uma patologia do narcisismo, e estando o Ego impossibilitado de aceder a uma relação de objecto genital, parece-nos que a criança permaneceu centrada sobre uma dependência anaclítica ao outro, já que o perigo contra o qual se defende o estado-limite é essencialmente a depressão.

Como supramencionado, ao consideramos a etiopatogenia desta organização não é possível ignorar a vivência patológica da primeira infância e as perturbações da relação precoce. Kernberg (1975) ligou o desenvolvimento de uma O.B.P. a disfunções na fase de reaproximação do processo de separação-individualização teorizado no âmbito das relações de objecto de Margareth Mahler (1971) nas suas observações de interacções precoces mãe-bebé, daí que possamos dizer que “os pacientes borderline encontram-se a reviver constantemente uma crise infantil precoce na qual temem que o afastamento ou a separação da mãe implique o seu desaparecimento ou abandono” (Gabbard, 1998, pg. 324). Falta, às crianças borderline, a capacidade para internalizar a gratificação, visto que elas não conseguiram a constância objectal, isto é, a integração da representação de uma mãe suficientemente boa (Kernberg, 2003).

De facto, padrões familiares disfuncionais, nos quais persiste o abuso emocional da criança, no âmbito das diversas formas de agressão e violência na infância, são avaliados como um dos mais prevalentes e consistentes factores patognomónicos da personalidade limítrofe (Carr & Francis, 2009), verificando-se designadamente significativas associações a acontecimentos de vida negativos e traumáticos (Liotti & Pasquini, 2000). A literatura defende, efectivamente, que crianças que crescem em ambientes de abuso, mau trato ou negligência não são capazes de desenvolver um pleno sentido de constância de objecto, dado que não conseguem confiar, primeiramente na figura cuidadora, dada a sua inconstância, da mesma forma que não acedem à percepção de que este cuidador, mesmo não estando próximo, irá recordar-se dele e permanecer em si – prevalecendo a incapacidade de estar só (Sá, 2007).

Parece igualmente que este/a cuidador/a não é congruente e consistente na relação com a criança e face às suas necessidades emocionais. Lineham (1993, citado por Danielson, 2009) descreveu o ambiente no qual estas crianças cresceram como “invalidante”, não ensinando a criança a organizar e categorizar as experiências internas, incluindo emoções, a representar e a simbolizar o vivido emocional. De facto, a O.B.P. foi, por muitos autores, concebida como a condição resultante de uma vinculação insegura, com extremas oscilações entre aproximação e afastamento, alterando entre o desejo e o anseio por laços afectivos seguros e um temor e um evitamento dessa mesma proximidade (Sable, 1997). Fonagy e colaboradores (1995, cit. por Agrawal et al, 2004) postulam que a criança é mais capaz de desenvolver uma vinculação segura se os seus cuidadores têm bem desenvolvida a capacidade de reflectir acerca dos próprios pensamentos e sentimentos, sobre os conteúdos da sua mente e da de outros. Efectivamente, esta vinculação segura promove, por sua vez, a capacidade empática da criança, que a torna sensível ao que se passa com os que a rodeiam, aos seus conteúdos emocionais e cognitivos. Contrariamente, a criança borderline revela uma parca capacidade de formar estas representações acerca dos seus objectos primordiais, designadamente pais ou cuidadores. Assim, a criança protege-se defensivamente de ter de reconhecer a hostilidade direccionada a si, no sentido de a maltratar ou negligenciar, eventualmente proveniente destes referentes (Agrawal et al, 2004).

Considerando o critério do DSM-IV-TR (APA, 1996/2002) de Perturbação Borderline de Personalidade (P.B.P.) que postula “intenso esforço para evitar o abandono real ou imaginário” verificamos que este parece ser bastante discriminativo em relação à descrição desta perturbação, confirmando a teoria de Masterson (1975), a qual afirma que o medo do abandono é um factor central no desenvolvimento da O.B.P.. O medo e a intolerância de estar sozinho provocam, por conseguinte, comportamentos como a procura de proximidade e apego, os quais são

concomitantes com o comportamento manifesto no tipo de vinculação inseguro ansioso-ambivalente descrito por Ainsworth (Gunderson, 1996).

Na conceptualização de Fonagy e associados (1995) esta capacidade diminuta para realizar e possuir representações internas dos sentimentos e pensamentos, quer do Self quer dos objectos, está na epigénese de grande parte da constelação sintomática da organização limite, incluindo a instável percepção do Self (difusão identitária), a dificuldade de mentalização e simbolização do vivido emocional e experiencial, a impulsividade e a tendência de passagem ao acto – auto e hetero-agressiva – e os sentimentos crónicos de vazio e abandono. Helen Deutsch (1942) fala-nos da imaturidade, da superficialidade, da maleabilidade e da labilidade destes sujeitos, postulando aquilo que designou por *as if personality*, chamando a atenção para a difusão identitária comumente encontrada, bem como para a deterioração das identificações, acompanhada da não integração das partes do Self e do objecto, o qual sofre de uma total falta de empatia por parte do sujeito (Dias, 2004).

Relativamente ao objecto primário, comumente a mãe, verificam-se lacunas na criação de um espaço dual de *rêverie*, contentor e organizador da experiência psíquica, representativo da função alfa de transformação e amenização das angústias emergentes, coexistindo conflituosamente o libidinal e o agressivo e, concomitantemente, os princípios do prazer e da realidade (Sá, 2007). Pode, igualmente, existir uma falta de ligação ou uma excessiva simbiotização (Heimburger, 1995) com esta figura primária de relação. Uma investigação de Aaronson e colaboradores (2006), procurando comparar os estilos de vinculação de indivíduos com P.B.P. e com Perturbação de Personalidade Obsessivo-Compulsiva, verificou que o grupo de indivíduos com P.B.P. apresentou resultados mais elevados nas dimensões de procura compulsiva de cuidado e atenção e sentimentos de retirada com agressividade/raiva. A investigação confirma também descobertas anteriores de que os indivíduos com P.B.P. possuem padrões perturbados de vinculação, mas igualmente que o seu padrão inseguro os diferencia não só de outros indivíduos sem perturbação de personalidade como também de outros com outras perturbações de personalidade, constituindo-se como um importante factor discriminativo. Também West e colaboradores (1993) sugerem que indivíduos com P.B.P. oscilam entre uma intensa necessidade de cuidado e afecto e um estado de raiva. Melges e Swartz (1989) verificaram, igualmente, que o elevado nível de insegurança na vinculação de indivíduos com P.B.P. leva a uma grande dependência da figura de vinculação, sendo que, quando algo interfere com essa dependência, verifica-se um padrão de resposta marcado por raiva e retirada. Estas formulações são consistentes com a perspectiva de Kernberg de que os indivíduos com P.B.P. não conseguiram realizar a constância objectal, isto é, a capacidade consistente de sentir-se ligado ou

vinculado ao prestador de cuidados através da internalização de uma representação estável dessa figura (Kernberg, 1989).

A literatura parece consensual ao afirmar que é frequente encontrar interações patológicas nas famílias de crianças borderline (Kernberg et al, 2003; Schwoeri & Schwoeri, 1982; Shapiro et al, 1975), perpetuando, a dinâmica intrafamiliar, o funcionamento limite, através, nomeadamente, de uma forte incidência de projecções e identificações projectivas no ambiente familiar, o qual, não sendo necessariamente causal é objectivamente patológico. Saphiro (1975) e colaboradores constataram que as defesas primitivas, como a identificação projectiva e a clivagem, actuam de igual forma no grupo familiar, levando a situações nas quais, por exemplo, a criança assumiria o papel de um dos pais, assumindo um dos pais o papel da criança. Esta teria, por sua vez, de modificar a sua experiência objectiva de acordo com as dinâmicas projectivas, sendo comprometida a formação do ego pela clivagem e pelas projecções e ficando a criança incapaz de tolerar a ansiedade dos pais ou a sua própria (Shapiro et al, 1975). Paulina Kernberg e colaboradores defendem que se verifica uma “ansiedade relacionada com o apoio à autonomia da criança e uma negação da sua dependência. Os pais podem utilizar a criança de um modo narcísico, sendo as relações diádicas entre a criança e um dos progenitores preponderante” (Kernberg et al, 2003, pg. 165). A natureza caótica e desorganizada da interacção entre pais e criança pode coexistir com comportamentos de atenção e protecção inconsistentes (Bemporad et al, 1982).

Uma revisão de Keinänen e colaboradores (2012) realizada no sentido de compreender quais os factores de vulnerabilidade psicossocial mais assinalados em artigos teóricos e de investigação empírica postula que os que granjeiam maior correlação em termos da etiopatogenia deste tipo de organização são os seguintes: história de maus-tratos, traumas e separações na infância (nos quais são compreendidos episódios de violência psicológica e física, incluindo sexual), história de parentalidade problemática durante a infância, manifestação de um padrão de vinculação inseguro, tendência a demonstrar um padrão de relações de objecto hostis ou negativas e apresentação de uma diminuta capacidade de mentalização e representação mental e simbólica. Desempenhando, os pais um papel primordial na socialização precoce da criança, as perturbações de personalidade podem ser resultado de dificuldades ao nível das relações intrafamiliares, das quais se incluem problemas de parentalidade. Neste sentido, diversos estudos empíricos sustentam que existe uma associação entre parentalidade desfavorável e o desenvolvimento de perturbações de personalidade em geral, e particularmente de O.B.P. (Bandelow et al., 2005). A literatura destaca, consensualmente, os casos nos quais se verifica a existência de antecedentes psiquiátricos familiares, principalmente psicopatologia parental

(Bradley, 2005; Meekings & O'Brien, 2004; Trull, 2000a; Trull 2000b; Weiss et al, 1996), a qual tem um sério impacto na interação estabelecida com a criança, e a percepção do ambiente familiar como hostil, confuso e negativo (Gunderson & Lyoo, 1997). A percepção de sobre-envolvimento e inconsistência maternos e a ausência ou indisponibilidade (afectiva e/ou efectiva) da figura paterna enquanto factores de vulnerabilidade analisados conjuntamente verificaram-se, igualmente, como importantes preditores do desenvolvimento da O.B.P. (Bezirgianian et al., 1993), bem como maior o sobre-envolvimento parental negativo (Rinsley, 1981; Soloff & Millward, 1983; Torgersen & Alnaes, 1992), a inconsistência nos cuidados e práticas parentais (Zanarini et al., 2000), a existência de separações traumáticas (Zanarini et al, 1989 & Zanarini et al, 1997), de negligência emocional (Johnson, et al, 2000; Zweig-Frank & Paris, 1991) e de acontecimentos traumáticos (Fonagy et al, 2003; Goldman et al, 1992; Newman et al, 2007; Ogata et al, 1990; Zelkowitz et al, 2001).

O estudo de Johnson e colaboradores (2006), por exemplo, estabelece a associação entre perturbações de personalidade e tipos de estratégias de parentalidade, identificando dez estilos de parentalidade particularmente problemáticos associados a perturbações de personalidade verificadas na adultícia. Os autores verificaram que o risco de desenvolver uma perturbação de personalidade aumenta consistentemente em função do número de comportamentos de parentalidade problemática (cumulativamente) manifestos. No caso particular do funcionamento-limite encontraram-se associações significativas em relação às dimensões de reduzido afecto parental e comportamentos aversivos de parentalidade; resultados que vêm confirmar uma relação entre determinados tipos de estratégias parentais, subentendendo-se as práticas e estilos parentais, e o desenvolvimento de O.B.P..

No que concerne à percepção da dinâmica familiar, a investigação de Kirsten e colaboradores (2006), realizada a partir da análise de três estudos de caso, indica que indivíduos com um funcionamento limite percebem as relações familiares como instáveis e emocionalmente intensas, marcadas por sentimentos e representações ambivalentes em relação aos membros da família, por interações sentidas como abusivas e por fronteiras interpessoais disfuncionais. Nos relatos foram também salientes dimensões relacionadas com a existência de regras rígidas, sistemas de comunicação ineficazes, falhas ao nível do cuidado e do suporte afectivo, bem como padrões de parentalidade problemáticos. Efectivamente, as famílias de pacientes com P.B.P. parecem ser menos afectuosas, coesas e expressivas e evidenciar padrões de relacionamento mais conflituais e controladores (Weaver, 1993).

Por conseguinte, a presente investigação debruça-se essencialmente sobre os factores de risco psicossociais, ainda se reconheça que outros factores, tais como fragilidades

neurobiológicas, características temperamentais ou culturais, devam ser considerados aquando da análise da etiopatogenia multifactorial da O.B.P. e da discussão acerca do seu desenvolvimento. Efectivamente, compreender os riscos psicossociais de desenvolver uma organização limite revela-se de suma importância, inclusivamente de forma a incrementar modelos e métodos sustentados de intervenção psicoterapêutica adequados ao seu tratamento. Posto isto, pretendeu-se aplicar e sistematizar os conhecimentos disponíveis acerca deste tipo de funcionamento, tanto a um nível teórico como empírico, dado que se trata de uma problemática de tamanha severidade e extensas repercussões pessoais e sociais, no sentido de salientar a importância da intervenção em crianças com esta organização de personalidade, e respectivas famílias, e a fim de minimizar o sofrimento psicológico de ambas, prevenindo a sua evolução na vida adulta e promovendo globalmente a saúde mental infantil.

Objectivos e pertinência

Como sugere Rey (1996), a patologia borderline na infância e na adolescência pode ser um importante precursor do desenvolvimento posterior de Perturbação Borderline de Personalidade na adultícia, uma realidade angustiante e dispendiosa em termos de utilização de recursos de saúde mental. Neste sentido, dada a ênfase patognomónica da patologia limite nas primeiras relações objectais, pretende-se, com esta investigação, estudar o funcionamento familiar, as representações parentais e os estilos, princípios e práticas parentais em crianças com diagnóstico de organização limite ou borderline de personalidade, atendendo às dinâmicas e processos intrafamiliares, actuais e precoces, enquanto percebidos pela criança e pelos pais, designadamente em crianças no período de latência, dada a sua pertinência no que concerne à promoção e à prevenção da saúde mental infantil, bem como pelo interesse pessoal e profissional apresentado por esta temática.

Não obstante, e atendendo à análise do funcionamento interno destas crianças, na presente investigação, decorrente da pesquisa empírica e das teorizações desenvolvidas até ao presente momento acerca do papel das dinâmicas relacionais intrafamiliares na etiopatogenia da patologia borderline, consideraram-se diversas dimensões psicológicas e relativas ao desenvolvimento psicoafectivo da criança tais como os mecanismos defensivos mais recorrentes, a/as angústia/as predominantes, a capacidade de mentalização e de representação simbólica do vivido emocional e experiencial, as relações objectais e a construção dos objectos internos, a percepção da dinâmica familiar e das práticas e estilos de parentalidade (enquanto percebidos pela criança e pelos pais), os processos de autonomia (os quais remeterão para as questões de

separação-individualização) e a ambivalência na internalização/externalização dos processos psíquicos.

Objectivos gerais:

1. Caracterizar em termos afectivos (conscientes e inconscientes) as relações familiares tal como são percebidas pela criança com O.B.P., no sentido de se explorarem possíveis padrões e dinâmicas internas;
2. Explorar a hipótese etiopatogénica proposta por Keinänen e colaboradores (2012), a qual defende como principais factores patognomónicos da O.B.P. a existência de uma história de maus-tratos e traumas na infância, a existência de parentalidade problemática durante a infância, a manifestação de um padrão de vinculação inseguro, a tendência a demonstrar um padrão de relações de objecto hostis ou negativas e a apresentação de uma diminuta capacidade de mentalização e de representação mental e simbólica.

Objectivos específicos:

1. Explorar a associação entre as relações emocionais da criança com a sua família (variável 1) caracterizadas pelo Family Relations Test (FRT - revised) (Bene & Anthony, 1978) e a presença de O.B.P. na criança no período de latência (6-12 anos) (variável 3);
2. Estudar as variáveis relativas ao constructo de Parentalidade, designadamente, estilos parentais, práticas parentais, preocupações parentais e coparentalidade, a partir dos pais das crianças constituintes da amostra de casos clínicos analisados com O.B.P.;
3. Analisar a percepção da criança com O.B.P. do estilo educativo dos pais;
4. Verificar a hipótese confirmatória da presença dos principais factores etiopatogénicos da O.B.P. nos casos clínicos analisados;
5. Analisar a dinâmica psicoafectiva intrapsíquica das crianças com O.B.P. a partir dos casos clínicos apresentados (angústia predominante, capacidade reflexiva ou de representação mental e simbólica, principais mecanismos defensivos, tipo de relação de objecto estabelecida).

Variáveis em Estudo

- Variável 1: Caracterização das relações emocionais na família da criança com O.B.P., tal como percebidas pela criança., a partir das seguintes dimensões: 1) envolvimento total e investimento afectivo, 2) qualidade do afecto (positivo, negativo ou ambivalente), 3) direcção dos afectos (emitidos ou recebidos pela criança), 4) sobreprotecção materna e

indulgência materna e paterna, e 5) principais mecanismos defensivos que a criança utiliza para gerir o conteúdo afectivo e a representação fantasmática dos itens e a sua associação com as principais figuras de amor, a família (Bene & Anthony, 1985).

- Variável 2: Parentalidade (estilo, práticas e preocupações parentais e coparentalidade), analisada como representada pelos pais e como percebida pela criança.
- Variável 3: Presença de Organização Borderline da Personalidade em crianças no período de desenvolvimento psicoafectivo da latência, isto é, entre os 6 e os 12 anos.

Método

Delimitação

A presente investigação tem uma natureza qualitativa e um carácter exploratório, descritivo e não-experimental, na medida em que pretende, a partir de um quadro teórico psicanalítico de referência, aumentar o conhecimento acerca da temática em análise, permanecendo receptivo a informações adicionais relativamente à mesma, ainda que não expectáveis no decurso da investigação, ou seja, não hipotetizadas ou esperadas *a priori*. Esta investigação inclui o estudo de caso de três crianças com O.B.P., e respectivas famílias, no sentido de verificar a existência dos factores patognomónicos sustentados teórica e empiricamente e de compreender a percepção da dinâmica familiar e das representações parentais que estas crianças apresentam.

Participantes

No sentido de aceder às famílias de crianças com O.B.P., o local preferencial para o contacto é o contexto clínico. Desta forma, foi estabelecida uma parceria com a Unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia de Orta, em Almada, que amavelmente aceitou colaborar neste projecto (para ver um exemplo das Autorizações e respectivos Consentimentos Informados entregues aos pais das crianças, ver por favor Anexo F). A amostra foi constituída por três crianças e respectivas famílias (com a participação materna e paterna na totalidade das mesmas), na fase de desenvolvimento psico-afectivo da latência, particularmente entre os 8 e os 11 anos de idade, e que se encontram a ter acompanhamento no local supra mencionado, encontrando-se todas elas medicadas aquando da recolha dos dados. A escolha da amostra foi realizada através do contacto com o referido serviço do centro hospitalar mencionado, sujeita à aprovação da Comissão de Ética da Instituição, tratando-se, por isso, de uma amostra não-probabilística ou de conveniência, na qual foram seleccionados indivíduos que atendiam aos critérios pretendidos (crianças no período de desenvolvimento psico-afectivo da latência, entre os 6 e os 12 anos,

acompanhados presentemente neste serviço, com diagnóstico de O.B.P. no último ano, cuja participação dos respectivos pais seria necessária), por serem de fácil acesso para a investigação.

Cumpra esclarecer que os resultados obtidos nas provas projectivas confirmam, em todos os casos, a hipótese diagnóstica estabelecida pelo Técnico responsável pela criança de O.B.P. – refira-se que foram recolhidos dados a cinco crianças, porém duas das quais apresentavam um funcionamento mental neurótico, sendo, portanto excluídas da investigação.

Procedimento

Após a aprovação do projecto pela Comissão de Ética do referido Hospital, e a construção do processo de selecção e com vista a constituição da amostra, segundo a metodologia acima descrita e com a colaboração dos Técnicos que compõem a Unidade (nomeadamente das Psicólogas que fazem o acompanhamento das crianças em questão), foram contactados os participantes através dos respectivos pais a fim de verificar a sua disponibilidade para participação no estudo, dando um breve briefing do objectivo e das condições do mesmo. O agendamento das sessões de entrevista foi combinado com os participantes, de acordo com a preferência e a disponibilidade por estes indicada. A realização das entrevistas decorreu num contexto já familiar aos participantes, em gabinetes onde habitualmente são atendidos, num ambiente calmo e positivo, primeiramente com a obtenção de consentimento informado, segundo os critérios éticos da American Psychological Association (APA). A recolha de dados incidiu primeiramente numa breve introdução que visava preparar os indivíduos para a sessão que se seguiria, de forma a eliminar falsas expectativas e a melhor contextualizá-los para a situação proposta, frisada a questão da confidencialidade e do anonimato de todo o conteúdo presente, e salientando que não existia um padrão de respostas expectável. A finalização das entrevistas realizou-se de forma tranquila, agradecendo novamente a colaboração dos participantes, e não abrupta, no sentido em que foi criado espaço para que estes (crianças e pais) pudessem acrescentar alguma informação que lhes parecesse pertinente ou esclarecer alguma dúvida subjacente.

A avaliação das variáveis e a sua operacionalização foi realizada através de medidas verbais, nomeadamente de entrevistas semi-estruturadas e questionários, os quais se encontram em anexo. A aplicação dos questionários foi auto-administrada, com instruções padronizadas, constantes em cada instrumento, obedecendo a sua passagem à seguinte ordem: preenchimento do questionário sociodemográfico, do Questionário de Estilos e Dimensões Parentais, do Questionário de Práticas Parentais, do Questionário de Coparentalidade, e, por fim, da Escala de Preocupações Parentais. A análise posterior dos dados provenientes dos questionários foi

realizada através de um tratamento estatístico possível graças ao software de análise estatística PASW Statistics (v.18; SPSS Inc, Chicago, IL).

Instrumentos

De acordo com o referido anteriormente, a metodologia utilizada privilegiou a realização de entrevistas anamnésicas (à criança e aos pais), recorrendo, no entanto, igualmente a instrumentos complementares de avaliação, nomeadamente em termos projectivos e quantitativos. Neste sentido, e no que concerne à avaliação da criança, solicitou-se a sua presença em três momentos (sessões), em todo o processo de investigação, fazendo recurso ao Teste de Apercepção Temática para crianças (C.A.T. - A) e à Escala de Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo dos Pais – EMBU-C (Castro, 1993, Anexo O) - mas também a técnicas expressivas e grafo-perceptivas, nas quais se compreende a realização do desenho, enquanto ferramenta projectiva de excelência na infância, designadamente o Desenho da Figura Humana, o auto-retrato e o Teste do Desenho da Família segundo Corman. O *design* da investigação previu ainda a utilização de um instrumento que permitisse a avaliação da natureza e qualidade das representações parentais e familiares dos intervenientes da relação, designadamente, o Teste das Relações Familiares (Bene & Anthony, 1978/1985).

Relativamente aos pais, a metodologia recorreu a uma entrevista de carácter anamnésico (a qual necessitou apenas de uma sessão) com enfoque nas questões das práticas e estilos parentais e nas relações precoces pais/criança, mas também, no sentido de obter uma perspectiva holística do funcionamento familiar e das experiências de parentalidade pela importância primordial das práticas parentais, bem como das interações familiares experienciadas, nas representações mentais construídas pelas crianças. Concomitantemente, o delineamento da investigação previu a utilização do Questionário de Caracterização Socioeconómica de Graffar (passível de ser consultado em Anexo J), o Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (Carapito, Pedro & Ribeiro, 2007, Anexos J e K), o Questionário de Práticas Parentais (Gaspar & Santos, 2008, Anexo N), o Questionário de Coparentalidade (Pedro & Ribeiro, 2008, Anexo L), e, por último, a Escala de Preocupações Parentais (Algarvio & Leal, 2004, Anexo M).

Children's Apperception Test – Animal Version

O Children's Apperception Test (C.A.T.) foi originalmente publicado em 1949 por Leopold Bellak e Sonia Bellak com intuito de se constituir como uma técnica projectiva de investigação da personalidade, adequada para crianças dos três aos 10 anos, de ambos os sexos (Aleixo, 1999). Trata-se de uma prova projectiva constituída por 10 cartões que apresentam

personagens animais (de forma a facilitar a identificação e a projecção da criança) em situações consideradas pelos autores como mais significativas na vida fantasmática infantil. O modelo de análise do C.A.T visa, a partir das características manifestas do material perceptivo, aceder à diversidade de registos de conflitualização veiculadas de forma latente, pelo que cada cartão pode reactivar sucessiva ou simultaneamente vários registos de conflitualização na mesma criança (Aleixo, 1999). Para a presente investigação o C.A.T. configura-se como um instrumento extremamente útil, visto que fornece dados importantes acerca dos conflitos, das dinâmicas internas, das angústias dominantes, das identificações da criança e da sua identidade, da relação objectal, dos mecanismos defensivos de que faz uso, do seu nível de maturidade afectiva, do desenvolvimento do superego, da interacção dos papéis familiares e da representação dos imagos parentais.

Desenho

“O desenho da criança, resultante da actividade mental e manual, é um objecto emergido do imaginário, do percebido e do real. Como jogo de encontro e combinação desses três elementos, o desenho torna-se objecto de investigação na exploração dos modos de pensar da criança” (Ferreira, 1998, pg. 59). O desenho revela o modo de a criança ver e estar no mundo, como o representa, como se representa e o que a rodeia, podendo ser muito revelador e traduzir o grau de maturidade da criança, o seu equilíbrio emocional e afectivo e o seu nível de desenvolvimento (Aguiar, 2004). Através do desenho, a criança fala de si, das suas representações, comunicando o seu mal-estar, a sua angústia ou o seu modo de defesa contra esta, funcionando simbolicamente como um pedido de ajuda silencioso (Decobert & Sacco, 2000). Efectivamente, melhor do que através da comunicação verbal, o desenho vai permitir expressar as subtilidades da dinâmica interna e da intra-subjectividade da criança (Di Leo, 1991), constituindo-se como uma metamorfose da sua imaginação (Benveniste, 2005). É possível considerar o desenho infantil como uma brecha no mundo interno da criança, capaz de transferencialmente percepção as dinâmicas subjacentes mais salientes (Ferro, 1995). Assim, devemos considerar o desenho como uma representação do tipo de relações presentes no mundo emocional da criança, numa certa medida aproximando-se também da realidade externa, tal como acontece em algumas modalidades de leitura do desenho da família (Ferro, 1995). É neste sentido que nos parece de grande pertinência a utilização dos desenhos, de forma a compreender o funcionamento interno da criança, mas também a sua percepção da dinâmica intrafamiliar, já que a análise da maneira como a criança se projecta no desenho da família fornece importantes dados acerca da sua personalidade, da estrutura do Id, do Ego e do Superego, sobre o conflito entre

essas instâncias, bem como sobre o modo como esta percebe as relações da sua constelação familiar (Corman, 2003).

Family Relations Test (F.R.T.-revised)

O Family Relations Test foi elaborado por Eva Bene e James Anthony em 1957, tendo sido revista pelos mesmos autores, em 1978, sendo esta a versão utilizada na presente investigação: Family Relations Test (F.R.T. - revised) (Bene & Anthony, 1985). Esta prova permite aceder e caracterizar as relações familiares, tal como percebidas pela criança, através de várias dimensões: 1) caracterizar o envolvimento/investimento afectivo total da criança em relação a família no global, e em relação a cada elemento em particular, incluindo em relação a si própria; 2) verificar a qualidade do afecto atribuído às diversas relações familiares e a si própria; 3) a direcção dos afectos (afectos que são emitidos pela criança e afectos que a criança sente que são investidos em si, e portanto recebidos pela criança) em relação a cada pessoa da família; 4) a dependência (sobreprotecção materna, e indulgência materna e paterna); 5) o grau de desinibição/inibição da afectividade; 6) alguns mecanismos de defesa que a criança utiliza para gerir o conteúdo afectivo dos itens.

Esta prova permite, através de um contexto não intrusivo e lúdico, aplicar-se como uma técnica projectiva objectiva, de grande simplicidade, na qual são obtidos dados quantitativos, sendo o sistema de cotação das respostas bastante acessível (Bene & Anthony, 1985). É muito utilizada em contextos clínicos, e infelizmente, menos na investigação apesar da sua riqueza compreensiva, e vantagens significativas na obtenção de material clínico relevante, não intrusividade, rapidez de aplicação (aproximadamente 25 minutos), e objectividade (superando algumas críticas realizadas à maioria das técnicas projectivas) (Bene & Anthony, 1985). O material do teste é constituído por 21 figuras humanas, cada uma anexada a uma pequena caixa. Destas figuras, 20 representam de forma ambígua pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, tamanhos e aparências de modo a que possam corresponder aos hipotéticos elementos da família da criança a ser avaliada (incluindo a própria): 4 homens, 4 mulheres, 5 rapazes, 5 raparigas e 2 bebés. A criança terá de escolher destas figuras as que representam a sua família (o que permite averiguar da discrepância entre a família representada e a família real). Para cada figura há uma pequena caixa, onde vão ser deixadas as mensagens, as quais contêm uma frase que corresponde a um determinado afecto: positivo moderado, positivo forte, negativo moderado ou negativo forte, e dependência. Por fim, a última figura corresponde ao Sr. Ninguém, que tem a função de ser o contentor das mensagens que a criança sente que não dizem respeito a nenhum dos elementos da sua família ou a si (Bene & Anthony, 1985).

Este instrumento psicológico compreende a presença de dois conjuntos de mensagens diferentes, a Forma A e a Forma B, destinados, respectivamente, a crianças mais novas (até aos 6 anos) e a crianças mais velhas (a partir dos 7/8 anos). Visto que a amostra desta investigação é composta por crianças dos 8 aos 11 anos, optou-se pela aplicação da forma B, no sentido de minimizar a influência da discrepância entre as duas versões nos resultados. A forma B comporta um total de 86 mensagens breves e simples com conteúdos afectivos (consultar, por favor, Anexo P). A situação de teste inicia-se com o estabelecimento da relação entre a criança e o experimentador, com o intuito de estabelecer um ambiente securizante e tranquilo, que facilite a expressão emocional da criança, e a cooperação com o experimentador. Durante este período são feitas algumas questões no sentido da caracterização do actual agregado familiar (“Diz-me, quem é que vive contigo lá em casa?”), da família (“Quem são as pessoas da tua família? Como se chamam e que idade têm?”), e de outros dados relevantes que possam surgir acerca do contexto familiar (divórcio, mortes, separações...). Depois a criança é convidada a escolher das 20 figuras expostas, quais as que representam a sua família. Seguidamente, é apresentado Sr. Ninguém à criança (“Eu tenho aqui uma série de mensagens que te vou ler e que tu vais meter na caixa da pessoa a quem gostavas de mandar, ou que achas que tem a ver com ela. Pode acontecer que aches que a carta não tem a ver com ninguém, então colocas a carta no Sr. Ninguém. Se achares que a carta dá para várias pessoas da tua família, dizes-me, dás-me a mensagem e eu trato disso. Não te esqueças que também podes mandar cartas a ti próprio.”). O investigador lê as mensagens (quando a criança lê bem é possível permitir que seja a própria a fazê-lo, sendo que é sempre o experimentador que escolhe a ordem das mensagens, para que não haja contaminação afectiva por repetição excessiva de um determinado afecto), e a criança coloca-as onde entender, sendo que quando acha que a mesma mensagem se aplica a várias pessoas, entrega o item ao experimentador (que assinala na folha de registo os vários elementos a que a mensagem se destina), e quando a mensagem não se aplica a ninguém, coloca-a na caixa do Sr. Ninguém. A prova termina depois de todas as cartas serem colocadas nas devidas caixinhas de correio (Bene & Anthony, 1985).

Em relação à interpretação dos resultados, o F.R.T. permite conhecer a quantidade e qualidade:

- Do envolvimento emocional total com cada uma das figuras, o qual pode ser positivo, negativo, ou ambivalente;
- Das respostas auto-atribuídas ou “egocêntricas” quer sejam, de auto-estima (sentimentos positivos atribuídos ao próprio) ou de auto-depreciação (sentimentos negativos atribuídos ao próprio), evidenciando uma preocupação do sujeito consigo próprio;

- Da discrepância entre os sentimentos emitidos pela criança em relação aos objectos de amor, e os que sente que lhe são dirigidos, tal como o equilíbrio entre sentimentos positivos e negativos;
- Dos mecanismos de defesa activados, isto é, a negação, a idealização, o deslocamento e a tendência regressiva (Bene & Anthony, 1985);
- Do grau de inibição/desinibição, definido segundo uma escala de 5 pontos que vai da forte inibição (nível 1) até à forte desinibição (nível 5), passando pela inibição moderada (nível 2), pouca inibição (nível 3) e desinibição moderada (nível 4). Recorre-se a duas escalas distintas: a escala de inibição positiva (dos afectos positivos), e a escala de inibição negativa (dos afectos negativos).

Em relação às características psicométricas da prova, Bene & Anthony (1985) defendem que esta possui validade e precisão aceitáveis, e os resultados das investigações que realizam fundamentam com suficiente confiança a sua utilização no contexto clínico, e no contexto de investigação. Complementarmente, Kauffman, Hallahan, & Ball (1975), oferecem dados de validação do F.R.T., em relação à sua validade de conteúdo, visto que o utilizaram para avaliar a consistência e congruência das percepções de pais em comparação com as respostas dos seus filhos, e verificam que os pais conseguem prever significativamente as respostas dos próprios filhos, apesar de se verificar a tendência por parte dos pais para a sobrevalorização da centralidade de si mesmo na realidade afectiva das crianças. Além disso, em relação à precisão do F.R.T., Kauffman (citado por Silva, 1991) concluiu que esta é idêntica e equiparável à precisão de outras provas projectivas tais como, o T.A.T..

Importa salientar, contudo, que o F.R.T. não foi concebido com o objectivo de discriminar a patologia da normalidade, e não permite uma categorização em termos de diagnóstico, visto que privilegia a componente descritiva e compreensiva dos dados recolhidos em termos das dinâmicas afectivas e relações familiares tal como percebidas pela criança que a realiza (por exemplo, um mesmo sintoma poderá apresentar dinâmicas muito distintas, apesar de existir convergência nos estruturadores clínicos que definem o sintoma e o seu diagnóstico). Neste sentido, é relevante mencionar que o F.R.T. já foi utilizado em Portugal em dois grandes estudos bastante relevantes na área da psicologia clínica, designadamente no estudo de Silva (1991), no âmbito da sua tese de Doutoramento sobre a criança asmática entre os 7-12 anos e na investigação de Guerreiro (2001), no contexto da sua tese de Mestrado em Psicologia Clínica, sobre crianças com perturbações do comportamento entre os 7-12 anos.

Neste sentido, o Family Relations Test é um instrumento capaz de aferir de forma rápida, quantitativa e compreensiva os aspectos psicodinâmicos das relações familiares segundo a

realidade afectiva da criança avaliada, segundo o enquadramento teórico que recorre exclusivamente à teoria psicanalítica para a sua fundamentação.

Escala de percepção da criança sobre o estilo educativo dos pais – EMBU-C

O EMBU-C tem por objectivo a avaliação da percepção das crianças dos estilos parentais educativos dos progenitores, sendo a avaliação realizada separadamente para o pai e para a mãe (Canavarro e Pereira, 2007), tornando possível a avaliação, de forma transversal e prospectiva, da relação entre estilos parentais educativos e funcionamento psicopatológico e adaptativo das crianças.

Embora a avaliação do comportamento parental possa ser realizada com o recurso a outras metodologias, por exemplo, a observação naturalista ou a observação no laboratório das interacções entre pais e filhos em tarefas estruturadas, os questionários de auto-relato apresentam algumas vantagens, designadamente a sua facilidade de aplicação e o facto de permitirem o acesso ao conhecimento de aspectos das interacções e das relações entre pais e filhos que ocorrem pouco frequentemente, sendo, por isso, difíceis de observar ou de interpretar sem informação dos próprios. No mesmo sentido, a importância da experiência subjectiva no comportamento e desenvolvimento foi salientada por diferentes autores, os quais defendem que as percepções que os indivíduos têm dos seus pais podem ser ainda mais importantes do que o seu comportamento real (Canavarro e Pereira, 2007). A investigação de Canavarro e Pereira (2007) estabeleceu a estrutura factorial da versão portuguesa, replicando a estrutura da versão original de Castro et al. (1993), sendo os três factores da versão portuguesa, *Suporte Emocional*, *Rejeição* e *Tentativa de Controlo*, constituídos pelos mesmos itens dos três factores equivalentes da versão espanhola. Importa referir que Arrindell e van der Ende (1984, cit. por Canavarro e Pereira, 2007) descrevem as três dimensões avaliadas pelo EMBU segundo as definições de Rollin e Thomas (1979, cit. por Canavarro e Pereira, 2007), pelo que a primeira dimensão, *Suporte emocional*, é definida como o tipo de comportamento manifestado pelos pais relativamente à criança que a faz sentir confortável na presença dos pais e que lhe confirma que ela é aceite e aprovada como pessoa pelo progenitor. Por outro lado, a dimensão *Tentativa de controlo* consiste no comportamento dos pais que tem por objectivo orientar o comportamento da criança para que aquele esteja de acordo com o que os progenitores desejam. Por fim, a dimensão *Rejeição* é descrita como os comportamentos dos pais que visam modificar a vontade dos filhos e que são sentidos por estes como uma rejeição de si próprio enquanto indivíduo.

Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

O Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP) (Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 2001; adaptado por Carapito, Pedro & Ribeiro, 2007), pretende avaliar empiricamente os estilos parentais de cada um dos progenitores, bem como a percepção que cada um tem acerca das práticas parentais do outro (ver, por favor, Anexos J e K). Este instrumento compreende uma versão “Mãe” e uma versão “Pai”, sendo que cada uma é constituída por 32 itens, cuja resposta se situa numa escala de *Likert* de cinco pontos, na qual o 1 corresponde a “Nunca” e o 5 a “Sempre”, de acordo com a frequência com que ocorrem as situações descritas nas afirmações. As duas versões diferem apenas quanto ao género no qual se formulam os itens, sendo que numa primeira parte as respostas se referem ao modo como o próprio age em relação ao seu filho(a) e numa segunda parte, responde sobre o modo de actuação da mãe/pai do seu filho(a).

De acordo com a tipologia de Baumrind (1966), aos três principais estilos de parentalidade – Autoritário, Autoritativo e Permissivo – subjazem práticas parentais que poderão ser avaliadas através deste instrumento. Numa investigação sobre Conjugalidade e Parentalidade, conduzida por Narciso, Ribeiro e Ferreira (2008), as autoras realizaram um estudo referente à adaptação do instrumento à população portuguesa e para analisar as características metrológicas do mesmo (QDEP versão reduzida – 32 itens; Robinson et al., 2001). Este estudo evidenciou a elevada fiabilidade do instrumento, sendo que apresenta para o estilo autoritativo um *alpha* de *Cronbach* de 0,86, para o estilo autoritário um *alpha* de *Cronbach* de 0,82 e para o permissivo um *alpha* de 0,64, tendo-se verificado uma estrutura trifactorial, através da análise de componentes principais.

Questionário de Práticas Parentais (PPQ)

O Questionário de Práticas Parentais (Webster-Stratton, Reid & Hammond, 2001, adaptado e aferido à população portuguesa por Gaspar & Paiva, 2008), foi desenvolvido no âmbito do Projecto “Os Anos Incríveis”, sobre práticas parentais por Caroline Webster-Stratton, da University of Washington. Segundo a autora, este instrumento foi adaptado a partir do questionário de disciplina do Oregon Social Learning Center’s (OSLC) e revisto para crianças. Este inventário pode ser administrado sob a forma de entrevista ou como questionário preenchido pela mãe ou pelo pai. O questionário é composto por 7 subescalas, a saber, Disciplina Adequada, Parentalidade Positiva, Expectativas Claras e Monitorização, Disciplina Rígida, Disciplina Rígida para a Idade e Disciplina Inconsistente. A maior parte dos itens são cotados numa escala de 5 pontos, embora existam itens com escalas de 7 pontos. Assim, e conforme

indicação da autora, todos os itens foram convertidos numa escala de 5 pontos para que todos os itens tivessem escalas com o mesmo valor.

Questionário da Coparentalidade (QC)

O Questionário da Coparentalidade (Margolin et al., 2001; adaptado por Pedro & Ribeiro, 2008) pretende avaliar os níveis de suporte e coordenação entre ambos os pais ou figuras parentais, no que concerne ao desempenho das suas funções e responsabilidades na educação da criança (ver Anexo L).

Este instrumento é composto por 14 itens, que se encontram agrupados segundo três dimensões diferentes que permitem avaliar a coparentalidade – cooperação, triangulação e conflito. A dimensão *Cooperação* refere-se ao quanto os pais se apoiam, valorizam e respeitam um ao outro, enquanto pais. A dimensão *Triangulação* diz respeito ao grau no qual um dos pais cria uma aliança com o filho que menospreza ou exclui o outro progenitor. A última dimensão refere-se ao *Conflito* entre os pais no que concerne às questões da parentalidade, a frequência com que os pais discutem ou estão em desacordo acerca do filho e o quanto se menosprezam mutuamente enquanto pais.

O objectivo dos autores ao criarem o Questionário da Coparentalidade foi incluir a *Cooperação*, a *Triangulação* e o *Conflito* num questionário breve que avaliasse exclusivamente a coparentalidade de forma estandardizada. Os autores partem da premissa de que os pais (pai e mãe), numa análise conjunta, podem providenciar uma perspectiva mais compreensiva da coparentalidade. Este instrumento apresenta bons índices de consistência interna, relativamente às três dimensões que permite estudar, nomeadamente valores de *alpha* de Cronbach que variam entre 0.69 e 0.87.

As respostas aos diferentes itens são dadas de acordo com uma escala de *Likert* de cinco pontos, na qual o 1 corresponde a “Nunca” e o 5 corresponde a “Sempre”, sendo que a pontuação final obtida reflecte as percepções que os pais têm um do outro relativamente ao desempenho das funções parentais e suporte mútuo. Desta forma, os valores da coparentalidade correspondentes à figura materna são obtidos através das respostas da figura paterna ao questionário e vice-versa.

Escala de Preocupações Parentais (EPP)

A Escala de Preocupações Parentais (Algarvio e Leal, 2004) tem por objectivo avaliar e compreender quais as principais preocupações parentais, isto é, as dificuldades percebidas nos filhos, reveladoras de problemáticas no desenvolvimento psico-afectivo e/ou cognitivo das crianças e, por outro lado, dificuldades várias associadas à função ou ao exercício da

parentalidade. De um questionário inicial, as autoras construíram o presente instrumento com base nos resultados obtidos a partir de uma amostra de 302 pais de crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 12 anos, que foram submetidos a análise factorial, visando a configuração de uma escala de avaliação. Ao ser apresentada aos pais, esta escala assume o aspecto apresentado em Anexo (M), com 37 itens e seis possibilidades de resposta, passíveis de ser registadas numa escala tipo *Likert*, que permite aos pais posicionar as suas respostas entre as opções “preocupo-me muitíssimo”, “bastante”, “razoavelmente”, “pouco”, “nada” ou, ainda, “não se aplica”. Os coeficientes de validade interna encontrados mostram-se fidedignos, por um lado da validade global da Escala, 0,80 segundo o alfa de Cronbach, e por outro das 5 sub-escalas encontradas – Sub-Escala de Problemas Familiares (0,88), Sub-Escala de Preocupações Escolares (0,88), Sub-Escala de Desenvolvimento Infantil (0,89), Sub-Escala de Preparação (0,74), Sub-Escala de Medos (0,77) e Sub-Escala de Comportamentos Negativos (0,93).

Resultados

Foi realizada uma análise compreensiva de cada um dos casos, a qual será seguidamente apresentada, produzindo as tabelas que poderão ser abaixo consultadas, e que incidem sobre a observação da dinâmica intrapsíquica das crianças analisadas, bem como sobre a sua dinâmica familiar, as representações parentais e os factores etiopatogénicos postulados pela revisão de Keinänen e colaboradores (2012). Ainda assim, dada a existência de resultados transversais aos diversos casos, a síntese da sua análise global será, igualmente, apresentada, sendo estas considerações posteriormente discutidas teórica e empiricamente na secção correspondente.

Tabelas de síntese dos dados provenientes da análise dos casos investigados empiricamente

	Relação de objecto	Angústia dominante	Mecanismos defensivos	Sintomas predominantemente manifestos	Características temperamentais (afectividade negativa e esforço negativo)	Capacidade limitada de simbolização
Afonso	Anaclítica - relação narcísica e clivada com os objectos	Abandono/ Perda de Objecto	Clivagem, idealização, desvalorização, projecção, deslocamento, <i>acting out</i> , onnipotência.	Alterações de comportamento (instabilidade psicomotora e agressividade) e dificuldades de aprendizagem.	Sim (desde o nascimento).	Sim.
João	Anaclítica - relação narcísica e clivada com os objectos	Abandono/ Perda de Objecto	Clivagem, projecção, idealização, <i>acting out</i> e onnipotência.	Alterações de comportamento (instabilidade psicomotora e agressividade) e dificuldades de aprendizagem.	Sim (que os pais tenham conhecimento desde os seis anos).	Sim.
Tomás	Anaclítica - relação narcísica e clivada com os objectos	Abandono/ Perda de Objecto	Pensamento em processo primário, regressão, deslocamento, <i>acting out</i> , onnipotência.	Alterações de comportamento (instabilidade psicomotora), imaturidade e dificuldades de aprendizagem.	Sim (desde a escolaridade pré-primária, aproximadamente aos cinco anos).	Sim

Tabela 1. Análise da dinâmica intrapsíquica dos casos investigados

	Antecedentes familiares psiquiátricos	Acontecimentos traumáticos, perdas, separações precoces/prolongadas	Padrão de vinculação inseguro-ambivalente ou desorganizado	Perturbações de parentalidade	Representações de parentalidade (criança)	Representações da dinâmica familiar (criança)
Afonso	Sim (ambos os pais).	Perda da avó paterna aos três anos e do avô paterno aos sete, sendo esta particularmente difícil dada a grande proximidade entre os dois. Ausência efectiva do pai por alguns períodos e ausência emocional da mãe em diversas situações na primeira infância.	Elementos da história clínica e resultados das provas projectivas levam a crer que existe um padrão de vinculação inseguro-ambivalente. Verifica-se uma importante ambivalência face à principal figura de vinculação – mãe -, patente em movimentos dicotómicos mútuos (da mãe e da criança) de aproximação e rejeição; bem como características de relacionamento interpessoal intenso, instável na criança, grande dependência e medo da perda da figura de vinculação, a par de pouca utilização da figura de vinculação e desagrado perante a separação. São evidentes falhas na constância objectal, e a existência de relações de objecto internas percebidas como pouco securizantes, protectoras e contentoras.	Práticas parentais inconsistentes e desadequadas, falta de capacidade reflexiva e de implicação nos comportamentos da criança.	Ambivalência na representação do imago paterno (idealizado e agressivo), e do imago materno (rejeitante, sem ressonância afectiva mas presente numa dimensão funcional).	Representação da dinâmica familiar como confusa, conflitual e ambivalente (hostil e idealizada), ausência de triangulação edipiana (CAT), tendência regressiva, representação ambivalente da figura paterna (idealizada e agressiva); dificuldades nos processos de separação-individuação (FRT).
João	Sim (a mãe).	Episódios constantes e continuados de maus-tratos severos, bem como abandonos e separações precoces.	Elementos da história clínica e resultados das provas projectivas levam a crer que existe um padrão de vinculação inseguro-ambivalente. Verifica-se uma importante ambivalência face à principal figura de vinculação – mãe -, patente em movimentos dicotómicos mútuos (da mãe e da criança) de aproximação e rejeição; bem como características de relacionamento interpessoal intenso, instável na criança, grande dependência e medo da perda da figura de vinculação, a par de pouca utilização da figura de vinculação e desagrado perante a separação. São evidentes falhas na constância objectal, e a existência de relações de objecto internas percebidas como pouco securizantes, protectoras e contentoras.	Aplicação de castigos e punições severos e desadequados; incapacidade de contenção e de rêverie; falta de contingência nas respostas aos comportamentos e aos estados emocionais; falta de implicação nos comportamentos da criança.	Representação do imago paterno ausente e do materno reduzida, porém ressonância afectiva.	Idealização da figura materna (negação da agressividade); ausência de conflitualidade edipiana, tendência regressiva, dificuldades na integração da noção de família e das diferenças geracionais; dificuldades nos processos de separação-individuação (FRT).
Tomás	Sim (a mãe).	Ausência significativa do pai em diversos períodos, a qual parece ter facilitado a relação simbiotizante da mãe com a criança.	Elementos da história clínica e resultados das provas projectivas levam a crer que existe um padrão de vinculação inseguro-ambivalente. Verifica-se uma importante ambivalência face à principal figura de vinculação – mãe -, patente em movimentos dicotómicos mútuos (da mãe e da criança) de aproximação e rejeição; bem como características de relacionamento interpessoal intenso, instável na criança, grande dependência e medo da perda da figura de vinculação, a par de pouca utilização da figura de vinculação e desagrado perante a separação. São evidentes falhas na constância objectal, e a existência de relações de objecto internas percebidas como pouco securizantes, protectoras e contentoras.	Marcada conflitualidade quanto aos estilos e práticas parentais; aplicação inconsistente e por vezes severa de castigos e punições físicas.	Representação do imago paterno ausente (CAT-A), rejeitante e controladora (EMBU) e do materno reduzida, porém funcional e sem ressonância afectiva.	Impossibilidade de realizar a triangulação edipiana, sobreinvestimento e idealização da figura materna, conflitualidade e hostilidade para com o pai e os irmãos, tendência regressiva; dificuldades nos processos de separação-individuação (FRT).

Tabela 2. Análise dos factores etiopatogénicos (Keinänen, 2012) e da dinâmica familiar e das representações parentais na Organização Borderline de Personalidade

Estudos de caso

Afonso

Afonso vem à Unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia de Orta referenciado pelo Serviço de Pediatria Geral, realizando-se a primeira consulta de pedopsiquiatria em Junho de 2009, na altura com 7 anos e 3 meses, por alterações do comportamento com agressividade e dificuldades de aprendizagem.

Em termos do desenvolvimento psico-motor, na recolha anamnésica dos dados a mãe indica que a criança começou a andar aos 11 meses porém, no que concerne à linguagem, refere que se verificaram muitas dificuldades. O controlo esfíncteriano ter-se-á dado aos 24 meses. Afonso dorme sozinho e em quarto próprio, contudo com um sono agitado. Desde o nascimento e até aos 24 meses Afonso ficou aos cuidados da mãe, tendo ido nessa altura para uma creche. Relativamente a doenças do foro orgânico ou somático a mãe indica que a criança tem asma desde os 5 meses de idade, condição acompanhada até ao momento no mesmo Hospital, e para a qual faz medicação diária, porém actualmente os sintomas encontram-se em remissão.

Quanto às circunstâncias de encontro dos pais esta conta que se conheceram e começaram a namorar no mesmo dia e foram viver juntos no dia seguinte (“ele fazia-me feliz, eu nunca tinha sido feliz”). Em termos de antecedentes familiares, verifica-se a presença de alcoolismo e toxicod dependência. A mãe refere história de maus-tratos por parte dos pais e agressões entre o casal parental, perpetuados, na sua maioria, pelo cônjuge.

No que diz respeito ao relacionamento com os pais, a mãe refere que Afonso este “tem muito respeito pelo pai, porta-se melhor quando ele está presente”, sendo que o pai adopta como estratégias “ameaça bater de cinto mas nunca bateu, eu é que por vezes lhe bato”. Da mesma forma, a mãe rapa-lhe o cabelo como castigo, já que segundo conta outros castigos não parecem resultar.

Nas primeiras consultas, aos 7 anos de idade de Afonso, a mãe descreve graves alterações de comportamento, com manifestação de agressividade, intensa, verbalizada e agida. “Está sempre a falar em matar e matar-se” e terá ameaçado atirar-se da janela - “estou farto desta vida, desta casa, vou arranjar outros pais”. A mãe refere também a baixa tolerância à frustração que nota em Afonso, e aquilo que pode ser designado por enviesamentos persecutórios (atribuições pejorativas ou de “gozo” por parte de pares, familiares e estranhos, em situações sem essa conotação). Face às alterações de comportamento é medicado, nessa altura, com Risperidona. Concomitantemente, no início das consultas pedopsiquiátricas a mãe menciona que a criança tem

dificuldade em separar-se de si (“antes andava sempre atrás de mim”, “fica em pânico se não encontra a mãe”).

Em termos de situações de perdas na infância de Afonso, a mãe destaca que o avô paterno faleceu em Março de 2009, sendo que a criança era muito chegada a este familiar, tendo vivido muito proximamente a doença do avô (já que viviam juntos), de quem manifesta ter muitas saudades.

No que concerne às preocupações evocadas pela mãe nas primeiras consultas, esta refere as grandes dificuldades sentidas ao nível da sua própria regulação emocional face aos comportamentos mais disruptivos da criança (“consegue tirar-me do sério”), dizendo que se o manda parar ele ainda se comporta pior, e que, quando tais situações acontecem, dada a impotência sentida, esta contacta o pai a quem Afonso obedece mais facilmente. Sem precisar uma data, a mãe esteve uma semana na qual esteve sem falar, na sequência de conflitos com o marido, quando Afonso era pequenino. Aproximadamente nessa data (2006) é medicada com Fluoxetina, queixando-se que se sentia triste e vazia, muito nervosa, não suportando ouvir gritos - responsabiliza Afonso pelo “esgotamento”. Quando Afonso se portava mal, por vezes a mãe chorava, ficava nervosa, gritava e dizia ao filho que a deixasse em paz, revelando-se incapaz de conter e regular a tonalidade emocional da criança. Dizia, no início do acompanhamento, que o filho tinha “atitudes diabólicas” (“filho do Diabo”), tais como pegar numa faca e tentar matar a irmã. Conta, igualmente, que sentia medo de Afonso, já que ele lhe terá apertado o pescoço. Afonso mostra-se particularmente agressivo com a irmã mais velha, porém os pais encontraram-no a dar pontapés à irmã bebé quando esta lhe mordida. “Os medos dominam-no um bocado, sai à mãe e ao pai”.

No contacto é descrito pela pedopsiquiatria como uma criança simpática, que adere de imediato à relação, globalmente imatura (“parece um bebé crescido, desperta sentimentos de cuidado/holding”), manifestando movimentos de identificação, desejo de agradar (quase colagem em resultado da avidez relacional) e grande curiosidade acerca dos desenhos de outros meninos, ainda que se distraia facilmente, não conseguindo dedicar muito tempo à mesma tarefa, muitas vezes por demonstrar cumulativamente sentimentos de incapacidade (“não sei, não consigo”).

Em Outubro de 2009 é introduzida Ritalina, contudo na consulta seguinte, embora a mãe o descreva como muito mais calmo, verificam-se episódios de choro e isolamento e novas ameaças de suicídio, afirmando que é burro, não quer estudar, não quer ser ninguém. No início de 2010 a medicação é aumentada, verificando-se, na mesma ocasião, alguns comportamentos regressivos (quer a chucha da irmã, quer que a mãe lhe corte a comida e o alimento).

Na escola são descritas dificuldades de aprendizagem e agressividade junto de colegas, funcionários e professores. A professora indica “oscilações do humor e do comportamento e baixa auto-estima”, e que, apesar das dificuldades, a criança acaba por realizar as tarefas na presença de reforço positivo, e em particularmente num contexto de relação dual. Em termos académicos as maiores dificuldades de Afonso prendiam-se com a área de língua portuguesa, mais propriamente na leitura e na escrita, concomitantes com perturbações na dicção - o que não facilitaria o desenvolvimento da linguagem escrita. Por outro lado, as potencialidades escolares da criança prendiam-se com as áreas de matemática e de estudo do meio, onde se mostrava mais interessado e acompanhava mais facilmente os colegas. Ainda assim, nas Actividades de Enriquecimento Curricular Afonso manifestava comportamentos mais inadequados, sendo conflituoso com colegas e professores, não permanecendo quieto nem cooperante, não se concentrando e recusando-se muitas vezes a realizar as actividades propostas.

No contacto revela-se uma criança agradável, expressiva, cooperante e apelativa, ainda que com uma significativa irrequietude psicomotora, com um humor positivo e um bom nível de compreensão e de verbalização, ainda que ligeiramente particular no pronunciamento fonético de algumas vocalizações, e um discurso organizado e coerente, espontâneo e expressivo, adoptando estratégias para protelar o término das sessões ou o aumento do número das mesmas.

No desempenho das provas grafo-expressivas verifica-se uma importante dimensão de desamparo e desprotecção e uma angústia de perda do objecto. Destaca-se a grande conflitualidade no contexto da fratria, bem como a idealização do imago paterno e desvalorização do materno, associado a movimentos de agressividade face ao feminino. Verifica-se a projecção identitária do sexo de pertença e a noção das diferenças etárias e de género num contexto familiar.

Nas narrativas construídas no protocolo de C.A.T.-A de Afonso verifica-se a representação de uma relação familiar hostil, confusa, ambivalente, inconsistente e pouco contingente face às necessidades percebidas pela criança. As representações do imago materno são significativamente ausentes, porém quando evocadas parecem assentes numa dimensão funcional, sem afecto e de desprotecção, encontrando-se patente uma representação ligada à necessidade, à avidez relacional. Por outro lado, verifica-se uma intensa ambivalência face à representação do imago paterno, o qual é evocado tanto de uma forma idealizada como agressiva, poderosa e dominante. A triangulação edípiana não é integrada e nem adequadamente resolvida, verificando-se muitas dificuldades inerentes aos cartões que abordam o tema do conflito edípiano e da cena primitiva, não sendo o conflito evocado (ou apenas de forma muito superficial) e dando lugar a temas mais regressivos. Verificam-se importantes dificuldades ao nível das pulsões

agressivas, as quais não parecem organizadas e integradas, sendo expressas de uma forma intensa e crua e em narrativas desorganizadas, pouco contidas e invadidas pelo processo primário do pensamento. Ainda que o afecto depressivo seja evocado, a par de uma angústia predominante de abandono, desamparo e perda de objecto, parece existir dificuldade em mobilizar recursos internos adequados que permitam a resolução dos conflitos latentes, pelo que são utilizados recursos defensivos de natureza mais arcaica (omnipotência, projecção e *acting out*), patente na irrequietude do comportamento e na impulsividade e desorganização do discurso, as quais revelam importantes dificuldades em mentalizar e representar simbolicamente as dinâmicas intrapsíquicas. Neste sentido são evidentes núcleos de maior fragilidade, nos quais se verifica a necessidade da criança de apoio, de suporte, de uma relação securizante e contentora, e o seu desejo de ser (afectivamente) cuidado e protegido, remetendo para falhas anteriores na relação com uma figura de referência protectora e contentora.

Os resultados no Teste das Relações Familiares indicam um hiper-investimento afectivo (tanto positivo como negativo) nas irmãs, as pessoas que parecem revelar-se mais significativas na sua vida afectiva familiar, seguidas dos pais, ainda que devido à grande atribuição de itens negativos. Efectivamente, a grande diferença entre a representação das duas irmãs prende-se com o facto de, apesar de Afonso reportar receber sentimentos negativos de ambas, só são emitidos por si sentimentos negativos fortes em relação à irmã mais velha, com a qual parece existir uma conflitualidade e uma hostilidade particulares. Destaca-se a presença de uma certa tendência à auto-depreciação, bem como a existência de alguma indiferenciação nos limites geracionais, já que progenitores e crianças parecem encontrar-se muitas vezes em igualdade de circunstâncias na dinâmica familiar. Os mecanismos defensivos empregues nesta prova incluem a idealização da figura paterna (ainda que com uma dimensão de agressividade percebida), o que se revela congruente com os resultados manifestos nas restantes provas, a tendência regressiva, e a negação parcial do afecto negativo, a qual parece revelar algum efeito do recalçamento sobre as pulsões agressivas, com as quais Afonso parece sentir alguma inquietação. Os resultados nas escalas de sobreprotecção e sobreindulgência parentais revelam as importantes necessidades de cuidado, afecto e protecção apresentadas por Afonso, as quais parecem ligar-se às falhas precoces na construção da constância objectal e de uma representação de objecto interno securizante e protector; e nas de inibição parecem relacionar-se com problemáticas ao nível da externalização (alterações de comportamento).

João

João é um menino de 11 anos, com um contacto inibido, porém indiferenciado, carente, apelativo e ávido de relação, apresentando diversas marcas que parecem provir de maus-tratos recorrentes, consequência das relações precoces com a família de origem e sendo a apresentação pouco investida.

Das origens biológicas da criança sabe-se que é o segundo filho de uma mãe adolescente de 16 anos, fruto de uma gravidez não planeada nem vigiada, no âmbito de uma situação social considerada grave, sendo aos três anos, por ordem do Tribunal da área de residência, institucionalizada por denúncia de maus-tratos severos, tendo sido adoptado no início da escolaridade básica. Na altura da adopção, a mãe adoptiva encontrava-se com 48 anos e o pai com 52, tendo estado seis anos enquanto candidatos à adopção.

Referem que João “veio na pior altura”, já que pouco tempo após o acolhimento da criança a mãe adoptiva entrou em programa de hemodiálise, mas acharam que “ele já tinha sofrido muito”. Relativamente às motivações do casal para adoptar João em particular, a mãe diz que “leu o processo e sem olhar para ele” decidiu que iriam ficar com a criança “por tudo o que ele já tinha passado”, referindo situações de privação alimentar e maus tratos físicos e psicológicos (indica que a criança esteve “amarrada à cama durante dois anos”, que era alvo de queimaduras de cigarros, que fazia as necessidades no mesmo local onde se encontrava, sendo lambido por cães) recordados pela criança. A mãe refere que João “veio com maus costumes e sem regras” e que se sente “muito revoltado com a mãe adoptiva” – “massacra-a, faz birras, amua”, apresentando agressividade verbal e física quando é contrariado – razão pela qual mencionam que no início da transição para a família adoptante João teve algum acompanhamento psicológico, interrompido posteriormente.

Acerca do filho contam, igualmente, que este nunca está quieto, que não se concentra na escola, embora tenha transitado sempre de ano. Ainda assim, a mãe diz que “perceberam que ele era nervoso e que os colegas o picavam”, motivo pelo qual tinham lugar alguns conflitos com pares. “O João é muito provocador, também responde, onde há confusão está sempre lá. Não obedece à mãe. Não tem noção do perigo e é muito desastrado.” Com ao pai, continua a relatar a mãe, “tem mais respeito; ele dava-lhe palmadas porque o João me faltava ao respeito, chamava-me porca”. A mãe refere que “faz ver ao João que tem tudo, que lhe dão tudo” e pergunta-lhe porque é que é assim, repetindo, frequentemente, que é a mãe dele.

Ainda nas consultas de pedopsiquiatria os pais referem considerar que, quando crescer, João pode querer ver a mãe biológica, e por isso guardam o processo da criança para ele ver e decidir se realmente a quer ver.

Os pais indicam que, na altura da adopção, a criança tinha medo de estar sozinha, acordava muitas vezes e tinha muitos pesadelos (recorrendo na altura ao pai para que estivesse junto dele), e que ainda hoje, apesar de dormir bem e adormecer rapidamente, chama a mãe várias vezes para o adormecer. A mãe conta um sonho de João, próximo da data da consulta, em que segundo a criança “entravam pela janela e queriam roubá-lo. Sempre teve a preocupação de fechar bem a janela à noite”.

No que concerne à alimentação, a mãe diz que a criança come bem, “de tudo”, e que já emagreceu desde que frequenta a consulta de obesidade. Quando foi viver com os pais, esta refere que João engordou 20 quilos, tendo o hábito de abrir o frigorífico “100 vezes ao dia”, já que quando fica nervoso “a tendência é logo para ir comer” e que, no início, a criança ia comer para debaixo da cama. Quando foi adoptado, aos seis anos, a criança usava fralda uma vez que mantinha enurese nocturna, mas os pais referem que a remoção da mesma revelou-se fácil.

“Vai com toda agente, é muito dado, mete conversa na praia, arranja logo amigos. Depois de as pessoas o conhecerem dizem que João os enganou”, relata a mãe. Ao descrever a criança os pais indicam que “é muito obstinado e irrequieto”, fazendo por vezes algumas birras, referindo que em relação ao pai João é “mais obediente”. Indicam que o filho rói muito as unhas, mente – “as desculpas saem-lhe como se fosse a verdade” -, não mostrando os testes e dizendo que não tem T.P.C.’s, interrompe as conversas dos pais porque tem que dizer algo naquele momento senão esquece-se, está sempre a pedir coisas, e faz chantagem. O pai emociona-se diversas vezes quando diz que o João é meigo e quando conta que lhe bate e diz que “castigar o João lhe dói mais a ele” do que à criança. Revela autonomia em termos dos hábitos de higiene e veste-se sozinho, ainda que, segundo a mãe, tenha tendência para pedir aos pais para fazerem as coisas por ele. Em termos da dinâmica familiar, a mãe conta que João gosta muito de estar com o pai e manifesta muitas solicitações afectivas, tais como “pedir muitos beijinhos”, ainda que continue dizendo que a criança seja “muito agarrada aos pais - cola-se muito”.

Em termos de antecedentes psiquiátricos na família refere-se a indicação de “depressão” no irmão da mãe, mas também que esta recorreu a acompanhamento psiquiátrico e psicológico (quinzenal), não mantido actualmente.

Na consulta de pedopsiquiatria é observada agitação/instabilidade psicomotora, solicitação de vários objectos para levar para casa, discurso organizado mas por vezes confuso e com defesas pouco eficazes face à angústia (pensamento em processo primário, por vezes fragmentado), descrições cruas relativas a situações agressivas e angustiantes. Salienta-se, também, e no que diz respeito ao discurso da mãe, a utilização de frases pautadas por uma conotação negativa em relação à criança (“estou desiludida contigo”, “só fazes asneiras”, “só te portas mal”)

e que remetem para os tempos de institucionalização (“fui-te buscar à instituição e é assim que tu agradeces?!”). A mãe afirma que muitas vezes tem de lhe bater para que ele a respeite, já que o filho “estraga tudo, muitas vezes com maldade”.

Em Setembro de 2010 o pai indica numa consulta “está há quatro anos connosco e ainda não lhe consegui tirar o teimoso, o mentiroso e o guloso!”. Nesta altura começa a apresentar grande desvalorização pessoal (dizendo frequentemente “ninguém gosta de mim”). A impressão da pedopsiquiatra é a de que se tratam de “pais muito descontentes com este filho que pensam ter salvo da instituição, devolvendo permanentemente a imagem de um mau filho, que não corresponde às suas expectativas e que não os recompensa pelo bem que lhe fizeram. A criança não sente segurança nesta família nem amor incondicional - mensagens (directas e indirectas) alusivas a viver na instituição”.

Em Março de 2011, verificam-se sérias alterações de comportamento na escola - implicava com os colegas, atirava pedras, picou o pescoço de uma colega com o lápis, ameaçou atirar-se da janela, grita na sala de aula, perturba o funcionamento da turma e exhibe comportamentos de grande violência com os pares, ainda que os pais refiram que João é muito provocado pelos pares – mas também em casa - muito impulsivo, sai de casa sem dizer nada. É introduzida terapêutica farmacológica através do Invega.

Em Novembro de 2011 começa com Metilfenidato e é orientado para a consulta de psicologia do Hospital Garcia de Orta (onde mantém seguimento quinzenal). Na mesma altura, a família indica à pedopsiquiatra que confronta o João com documentos anteriores à adopção, reforçando a chantagem que exercem sobre o filho, bem com ameaças de retorno à instituição, concomitantes com situações de punição física. João refere que a mãe lhe bate com o cinto, manda-o sentar na cama e bate-lhe nas costas, com o cabo da vassoura e com o mata-moscas. A mãe diz que ele é verbalmente extremamente agressivo consigo, acha convictamente que ele é mau, que tem de lhe fazer todas as vontades, caso o frustrar torna-se agressivo, pelo que o relacionamento com a mãe se revela particularmente conflituoso. Verifica-se que a criança se mantém em processo de negação “está tudo bem” face a esta situação.

Na escola quando confrontado acerca das motivações para os seus comportamentos, reage através de sintomas orgânicos preocupantes, tais como dores no coração, dificuldades significativas em respirar, dores intensas no corpo, pedindo para ir para casa. Contudo, caso os professores não aceitem de imediato as suas queixas e falem com ele, João acede em ficar na aula e trabalhar, sem mais queixas. No presente ano lectivo, a criança encontra-se ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008 referente ao regime de Ensino Especial.

O desempenho de João nas provas grafo-expressivas revela uma significativa imaturidade gráfica, bem como dificuldades na integração da noção de estrutura familiar e das diferenças geracionais e uma significativa angústia de desamparo, evidente em representações de vazio e de fragilidade.

Atendendo às narrativas construídas no protocolo de C.A.T.-A de João verifica-se que predomina uma temática de desprotecção e de vulnerabilidade, concomitantes com uma representação da relação de objecto interna pouco securizante, protectora, contentora. Estão patentes importantes lacunas precoces na construção da relação e da representação objectal contentora, apaziguadora e que fortaleça a estrutura egóica. De igual forma, encontra-se presente um recorrente sentimento de ameaça - através da introdução de elementos externos que representam a fonte de perigo, o qual perante a debilidade da estrutura, invade e compromete o Self (o bom objecto) - face à qual não dispõe de recursos internos para enfrentar. Ainda que a posição correspondente não seja elaborada, verificam-se importantes núcleos depressivos, os quais remetem para uma falha primitiva da estrutura básica, sendo a temática da perda muito presente. Neste sentido, a angústia dominante parece ser de desamparo e perda de objecto (a qual parece associada a falhas importantes ao nível da relação mais precoce). São evidentes núcleos de maior fragilidade, nos quais se verifica a necessidade da criança de apoio, de suporte, de uma relação securizante e contentora, e o seu desejo de ser cuidado e protegido. As representações de relações são na sua maioria duais, sem evocação e integração do conflito edípiano, sendo as representações do imago paterno ausentes e do imago materno significativamente reduzidas e quando apresentadas reduzidas a funções instrumentais, pela funcionalidade e pela ausência de afecto, surgindo nas histórias da prova temas relativos à oralidade e ao cuidado pela alimentação. Do ponto de vista simbólico as narrativas são construídas com algum grau de restrição e com recurso ao conteúdo manifesto dos cartões e portanto pouco elaboradas, o que, a par dos mecanismos defensivos empregues (projectão, onnipotência), parece remeter para a existência de algumas dificuldades em mentalizar e representar simbolicamente as dinâmicas conflituais intrapsíquicas.

Os resultados apresentados no Teste das Relações Familiares permitem concluir que a figura com a qual João reporta maior envolvimento refere-se à representação do imago materno, sendo percebida como a maior fonte e o mais significativo objecto de amor, negando, de forma pouco saudável, todos os afectos negativos relativos a esta representação. No que concerne às escalas relativas à representação de dependência intrafamiliar, verifica-se que João indica ser o maior alvo de sobreprotecção materna, sendo esta atribuição de sentimentos “auto-dirigidos” reveladora das importantes falhas ao nível da relação mais precoce. Relativamente aos

mecanismos defensivos empregues na representação da dinâmica familiar, destaca-se o recurso à negação, no caso da agressividade, principalmente face às figuras parentais, não sendo portanto saudavelmente integrada e elaborada, e a idealização da figura materna. Esta necessidade de idealização do imago materno parece encontrar-se relacionada com a existência de angústias mais primitivas de separação, de perda do amor do objecto, e do próprio objecto. Verificamos, ainda, alguma tendência regressiva, maioritariamente expressa na relação com a mãe, resultados que remetem para as intensas necessidades de afecto, cuidado e protecção maternas.

Tomás

Tomás é um menino de oito anos com um desenvolvimento estato-ponderal concordante com a idade, de apresentação cuidada e contacto agradável, simpático, expressivo, comunicativo e apelativo. Estabelece um contacto algo indiferenciado e exhibe um nível de compreensão e uma verbalização significativamente imaturos, com um discurso espontâneo, porém por vezes de difícil compreensão e um pouco idiossincrático, dada a grande imaturidade apresentada e as dificuldades articatórias ao nível da linguagem.

Tomás vem à unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia de Orta, referenciado pela Creche que frequentava, tendo iniciado acompanhamento pedopsiquiátrico aos seis anos e permanecendo actualmente em acompanhamento psicológico semanal desde Dezembro de 2010. Na origem do pedido efectuado pela escola, aos 5 anos, encontravam-se importantes dificuldades ao nível do desenvolvimento grafo-expressivo bem como grande imaturidade e irrequietude psicomotora.

Neste sentido, no ensino pré-primário, e por sugestão da educadora, aos 5 anos de idade, realizou uma avaliação clínica já que foram identificadas dificuldades diversas ao nível das competências pessoais e sociais. Era descrito pela educadora como uma criança participativa e colaborante, contudo reservada, com uma baixa auto-estima, com dificuldades ao nível da memorização, da atenção, concentração e representação e expressão gráficas, já que não conseguia escrever o próprio nome nem se ingressava por tarefas que incluíssem a produção gráfica (e.g. desenhos).

Foi referenciado pela escola que frequenta desde o primeiro ano de escolaridade para o Grupo de Educação Especial para observação e avaliação, sendo na altura caracterizado pela professora como uma criança “imatura”, “muito infantil”, com dificuldades em termos da autonomia e responsabilidade, e com um discurso “pouco perceptível”, recorrendo sistematicamente à docente na procura de suporte, caso contrário “dispersa-se e começa assobiar, perturbando os outros colegas”. A área onde revela maior comprometimento é Língua

Portuguesa, visto que apresentava “muitas dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita”, ao nível da articulação e “pouca maturidade para as aprendizagens”. Na altura foram adoptadas estratégias de ensino individualizado com recurso a matérias mais lúdicas que permitissem captar a atenção da criança.

Os dados anamnésicos indicam que se tratou de uma gravidez de risco, vigiada, porém não planeada, com a duração de trinta e oito semanas, nascendo a criança com 2,960 quilogramas e 47 centímetros de comprimento.

De acordo com informações mencionadas pela mãe, o funcionamento familiar é condicionado por grandes períodos de ausência paterna, por motivos profissionais (motorista de autocarros turísticos). Relativamente ao desenvolvimento psicomotor da criança verifica-se que a locomoção foi conseguida no tempo expectável (entre um ano e um ano e meio de idade), porém destacam-se importantes dificuldades na articulação das palavras, tendo a criança começado a falar tardiamente (pais não mencionam com certeza a idade em que tal aconteceu) e no controlo esfíncteriano, com enurese nocturna que se prolongou até ao primeiro ano de escolaridade (aproximadamente seis anos). Relativamente à dinâmica familiar, Tomás é o filho mais novo de uma fratria de três, uma irmã de 15 anos e um irmão de 12, os quais, segundo o processo clínico, por questões de ordem temperamental, comportamental e por dificuldades escolares, foram igualmente acompanhados na Unidade de Pedopsiquiatria. Esteve aos cuidados da mãe até ao primeiro ano de vida, e depois até aos cinco anos ao cuidado da avó paterna, momento em que ingressou no ensino pré-escolar.

Nas produções grafo-expressivas verificam-se importantes fragilidades narcísicas, bem como necessidades regressivas de ser cuidado e protegido, e uma angústia predominante de desamparo, concomitante com a representação de um sentimento de vazio interno. A intensidade da força pulsional não mentalizada é de tal forma significativa que por vezes se verifica uma contaminação entre os conteúdos provenientes do mundo fantasmático e da realidade. No âmbito da produção gráfica familiar, Tomás parece ter integrada a noção de estrutura familiar bem como das diferenças de género, o mesmo não sucedendo com a diferenciação geracional.

Nas narrativas construídas no C.A.T.-A predomina uma temática de desprotecção e de vulnerabilidade, concomitante com uma representação da relação de objecto interna pouco gratificante, contentora, securizante e protectora. As representações do imago paterno são significativamente ausentes ou associadas a uma dificuldade em aceder à dimensão do paterno, e as evocações do imago materno reduzidas, ausentes de afecto, funcionais e pouco gratificantes, não se verificando, igualmente, processos claros de conflitualidade edípica. Surgem temáticas relacionadas com alguma conflitualidade no contexto da fratria, mas também com o desejo

subjacente de crescimento e autonomia. Encontram-se presentes nas narrativas importantes fragilidades narcísicas e sentimentos de auto-depreciação, bem como núcleos de fragilidade e depressividade, sem contudo ser elaborada a posição depressiva. As pulsões agressivas não parecem adequadamente integradas e surgem associadas a uma voracidade oral destrutiva, sendo comuns temáticas ao nível da oralidade. Referem-se, ainda, importantes dificuldades de mentalização e de representação simbólica do vivido emocional, particularmente perante o confronto com sentimentos de solidão e do desamparo, face aos quais se verifica, por vezes, a emergência do processo primário de pensamento. A falência dos recursos internos face a situações de maior conflito e angústia produz conteúdos mais arcaicos e menos organizados, alguns deles reflexo da intensa luta antidepressiva. Parecem estar patentes lacunas precoces na construção da relação e da representação objectais contentoras, apaziguadoras e que fortaleçam a estrutura egóica, percebendo-se, a criança, desprotegida e exposta a ameaças provenientes da realidade externa, perante as quais escasseiam os recursos internos necessários para os enfrentar. Neste sentido, a angústia dominante parece ser de desamparo e perda de objecto, pelo que se encontram presentes necessidades regressivas de cuidado e protecção. Na representação da dinâmica familiar é evocada uma dimensão de insatisfação generalizada, perante a qual a criança evidencia a necessidade de recorrer ao exterior e ser ela própria a gratificar a família para ser gostado e possuir algum valor narcísico. As narrativas são construídas com algum grau de imaturidade, tanto no que concerne ao modo como o discurso está organizado como no vocabulário empregue.

No que concerne aos resultados de Tomás no Teste das Relações Familiares verifica-se um hiper-investimento afectivo com a figura representativa da mãe, principalmente no que concerne a sentimentos positivos (fortes e moderados), sendo esta a pessoa que parece revelar-se mais significativa na sua vida afectiva familiar e o único alvo e objecto de amor. O investimento afectivo na figura paterna iguala a relativa à fratria, e apresenta uma tendência de relacionamento negativa, na qual os afectos de hostilidade (emitidos e recebidos) são preponderantes. Neste sentido, parece-nos que a resolução do conflito edípiano não foi bem integrada, uma vez que a respectiva identificação ao elemento do casal do mesmo sexo, a qual se constitui como uma parte muito significativa da identidade secundária e sexual de Tomás, parece estar bloqueada, sendo que a criança se obriga a amar conscientemente a mãe, de forma idealizada, e a odiar o pai, não existindo espaço (psíquico e afectivo) para a necessária identificação com o mesmo. A conflitualidade relativa aos elementos da fratria é também evidente. Relativamente às escalas de dependência verifica-se que o único alvo da sobreprotecção e da sobreindulgência maternas se trata de Tomás, resultados que nos parecem relacionar-se com a relação de grande dependência

(anaclítica) que a criança estabelece com esta figura, a qual provém das suas manifestas necessidades regressivas de uma relação dual, contentora, protectora e afectuosa. Em termos dos mecanismos defensivos a que Tomás recorre para lidar com a conflitualidade emergente da percepção da sua dinâmica relacional familiar, salienta-se a idealização da mãe, parecendo-nos esta necessidade, a par da tendência regressiva também apresentada, ligada a angústias mais primitivas de separação, de perda do amor do objecto, e do próprio objecto. No mesmo sentido, verificamos uma importante negação da agressividade na relação com a mãe e o respectivo deslocamento para a figura paterna e outras figuras periféricas, os irmãos.

Resultados globais

Crianças

História Clínica

Verifica-se nas histórias clínicas das crianças analisadas alguns factores em comum. Efectivamente, e em termos dos elementos relacionados com os progenitores, assinala-se a existência de pais, percebidos pelas crianças e pelas mães, distantes, menos disponíveis, quando não totalmente ausentes; a existência de antecedentes psicopatológicos parentais, com reconhecimento do recurso a apoio psicológico e/ou psiquiátrico no caso das mães; a apresentação de importantes dificuldades parentais em ler e dar um significado aos estados emocionais e comportamentais da criança, a par de mães com pouca capacidade reflexiva e de *rêverie*, pouco protectoras e com uma relação ambivalente com as crianças (excessivamente próxima ou rejeitante perante os seus movimentos de autonomia e crescimento); a presença de agressividade e hostilidade no meio familiar; e a existência de um vazio fantasmático perante o bebé imaginário, expresso em afirmações de indiferença face ao conhecimento da gravidez (sempre não planeada) ou ao nascimento da criança. Por outro lado, no que concerne às crianças verifica-se a existência de sérias alterações de comportamento, com e sem agressividade; de instabilidade emocional e imprevisibilidade do humor; significativos sentimentos de insegurança e de auto-depreciação (importantes falhas narcísicas) e dificuldades na compreensão e integração de regras e limites (evidências da existência de instâncias superegóicas externas e superficiais). Ao nível do desenvolvimento psico-motor são comuns as dificuldades de linguagem, grafo-motoras e do ponto de vista simbólico.

Desenhos

Em termos das produções grafo-expressivas (Desenho Livre, Desenho da Figura Humana e Desenho da Família segundo Corman), parece-nos pertinente sublinhar a grande

imaturidade gráfica, bem como as dificuldades manifestas ao nível das diferenças geracionais, a significativa pobreza simbólica e a presença de representações de desprotecção e de ausência de um espaço contentor, remetendo para necessidades significativas de suporte, contenção e protecção, sendo a angústia de desamparo e de perda do objecto predominante.

Children's Apperception Test – C.A.T.-A

Através da aplicação do C.A.T. e relativamente às representações dos imagos parentais constituintes nas narrativas dos casos analisados, verifica-se, em todos os casos, que os imagos maternos são percebidos como funcionais, não protectores e sem ressonância afectiva, e os imagos paternos significativamente ausentes ou ambivalentes (tanto idealizados como agressivos). A angústia dominante é de perda de objecto – patente em sentimentos de vulnerabilidade, abandono, desprotecção e de ameaça de invasão pelo mau objecto (objectos externos percebidos como agressivos, perigosos e ameaçadores) -, e os mecanismos de defesa utilizados são na sua maioria arcaicos (clivagem, idealização primária, desvalorização, onipotência e *acting-out*). A dificuldade na integração das pulsões agressivas (ligadas à predominância da fase anal do desenvolvimento psicoafectivo) é evidente, bem como a impossibilidade de elaboração da posição depressiva, ainda que se destaquem importantes núcleos depressivos e uma importante dependência anaclítica do objecto. As relações de objecto são percebidas como pouco securizantes, protectoras e contentoras, pelo que são comuns temáticas ao nível da oralidade, do cuidado através da alimentação (representativas das intensas necessidades de cuidado, atenção e protecção). São igualmente salientes as significativas dificuldades de mentalização e representação mental do vivido emocional e da intensa conflitualidade das dinâmicas intrapsíquicas, bem como zonas superficiais de adaptação (nomeadamente através da presença de temas ligados ao quotidiano e discurso na maior parte das vezes coerente e organizado), as quais indicam a manutenção do teste da realidade.

Análise da dinâmica interna

Todas as crianças analisadas apresentam relações de objecto predominantemente anaclíticas, parciais ou narcísicas, concomitantes com representações de objecto internas pouco securizantes, contentoras ou protectoras (destaca-se a ausência de introjecções confortadoras e tranquilizadoras). A angústia predominante é de perda do objecto (separação ou abandono), e os mecanismos defensivos mais utilizados são primários e arcaicos, tais como a clivagem operante, a idealização e desvalorização primárias, a onipotência, o *acting-out*, a projecção e a identificação projectiva, e uma significativa tendência regressiva (com importantes fixações nas fases oral e anal

do desenvolvimento psicoafectivo). Verificam-se importantes dificuldades de mentalização, uma significativa ansiedade de separação (incapacidade de estar só e medo constante do abandono) ligada à impossibilidade de constituição da constância objectal emocional. As perturbações no processo de separação-individação foram evidentes em todas as crianças, bem como a incapacidade de integrar os aspectos bons e maus do Self e do objecto (representações clivadas) e a dominância de introjecções negativas (designadamente de carácter persecutório em situações de conotação neutra).

Family Relations Test

Também na prova projectiva F.R.T. se verificaram diversos factores comuns nos protocolos das crianças analisadas na presente investigação, pelo que pensamos poder retirar algumas conclusões acerca da caracterização das relações emocionais na família da criança com Organização Borderline de Personalidade, como representadas por si, ainda que com carácter preliminar. Efectivamente, ao nível do grau de envolvimento com os membros da família verificamos que o alvo e o objecto de maior investimento afectivo é, tendencialmente e num pólo positivo idealizado, a mãe da criança, enquanto os maiores alvos e objectos de hostilidade percebida correspondem aos elementos da fratria (maior atribuição de itens negativos), ou ao pai. Em termos da qualidade do afecto, a maior parte dos itens atribuídos na generalidade tratam-se dos correspondentes a sentimentos positivos, situação que, como à frente teremos oportunidade de observar, se traduz numa intensa negação da agressividade, representada pelos itens negativos, os quais são, por norma evitados ou manuseados com alguma reserva. Relativamente à direcção dos afectos, verifica-se, regra geral, uma tendência a igualar o número de itens percebidos como emitidos e percebidos como recebidos pela criança face aos membros da família. De igual forma, verifica-se uma considerável tendência à auto-depreciação, a qual remete para a existência de sentimentos de inferioridade e incapacidade que reflectem uma fragilidade narcísica significativa. Verifica-se, por outro lado, que as crianças manifestam elevados índices de dependência afectiva, manifestos através das escalas de sobreprotecção e sobreindulgência parental, os quais são particularmente elevados no caso da relação com a figura materna. No que concerne aos mecanismos defensivos mais utilizados pela criança para gerir a conflitualidade latente à representação da dinâmica familiar, as estratégias a que mais recorre são a idealização (dos imagos parentais, mas de uma forma mais significativa da mãe); a negação, acompanhada, por vezes de deslocamento, dos afectos negativos e de hostilidade, revelando dificuldades em integrar as pulsões agressivas; e uma significativa tendência regressiva ligada a angústias mais primitivas de

separação e perda do objecto e a uma intensa necessidade de cuidado, protecção e suporte afectivo, reveladora, por sua vez, de importantes falhas ao nível das relações precoces.

Parece-nos, igualmente, pertinente indicar que o nível de inibição encontrado nestas crianças (considerado como moderado, contudo possivelmente por alguma influência dos mecanismos defensivos empregues, já que genuinamente nos sugeriu que poderia apresentar valores mais significativos) parece encontrar-se positivamente relacionado com uma expressiva tendência à externalização, concomitante com alterações do comportamento, com ou sem agressividade, o que corresponde efectivamente à apresentação semiológica dos participantes.

Escala de percepção da criança sobre o estilo educativo dos pais – EMBU-C

A maioria das crianças não reportou qualquer tipo de diferenciação na percepção do estilo educativo parental entre os progenitores (excepto Tomás), facto que poderá dever-se à sua dificuldade em conseguir distinguir as práticas educativas utilizadas por cada um dos pais, mas também à tendência para a desejabilidade e a revelar resultados social e moralmente adequados (não se comprometendo defensivamente com os itens constituintes da prova). No entanto, atendendo aos resultados apresentados, verifica-se que a dimensão de *Suporte Emocional* (no caso da mãe $\mu=3,07$ e no caso do pai $\mu=2,21$) é a mais assinalada pelos participantes, seguida da dimensão de *Tentativa de Controlo* (mãe $\mu=2,40$ e pai $\mu=1,66$) e por último do factor *Rejeição* ($\mu=2,04$ relativamente à mãe e $\mu=1,25$ em relação ao pai). Ainda assim, parece-nos pertinente assinalar que se verifica uma diferença entre a percepção das estratégias educativas maternas e paternas, extensiva à representação de todas as dimensões, já que no caso da mãe verificamos uma maior veemência e expressividade na representação e na avaliação de itens, tendo esta recebido valores mais elevados em todas as dimensões, porventura reveladora da intensidade da relação estabelecida entre mãe e filho, contrariamente à relação com o pai, a qual parece ser percebida pela criança como menos investida e menos próxima.

Pais

Entrevista

Em todas as entrevistas realizadas verifica-se uma total ausência de representação fantasmática relacionada com a emergência do bebé evocado na mesma, uma indiferença afectiva que nos surpreende e perplexifica, um desconhecimento na ressonância íntima que ocupava o lugar de um bebé que precisava de ser desejado, querido e de ganhar um lugar, um espaço de elaboração e de afecto; afinal parece ter sido este, em todos os casos, o primeiro vazio

representacional destas crianças, sem lugar, sentido ou existência simbólica no espaço mental dos pais.

Por outro lado, a falta de capacidade reflexiva, em todos os casos, acerca do estado emocional da criança e dos seus comportamentos é notória em ambos os progenitores, para os quais parece ser difícil receber, elaborar, dar um sentido e devolver a angústia da criança, isto é, a função de *réverie* materna. No mesmo sentido, verifica-se existir pouca capacidade de contenção e de aplicação de respostas contingentes às necessidades da criança (não respondendo, respondendo no momento errado ou aplicando uma resposta desadequada).

A partir das palavras dos pais verificamos, também, uma significativa ausência de implicação sobre os comportamentos da criança, sem se evidenciar qualquer tipo de *insight* ou ressonância acerca do seu papel parental e das suas implicações na sua regulação, a qual é concomitante com atribuições externas (e.g. escola, local de habitação, pares) ou intrínsecas à criança (e.g. temperamento negativo à nascença).

Em termos da dinâmica intrafamiliar foi comum encontrar um padrão de relacionamento no qual o envolvimento com a mãe tende a ser mais próximo do que com o pai, cuja relação é tendencialmente ausente ou mais distante, mas também mais conflitual, revelando as manifestas clivagens do objecto, o qual só pode ser percebido como unicamente mau ou unicamente bom, nunca total e ambivalente.

Na entrevista, a partir do relato dos pais, verificamos que as estratégias parentais utilizadas face à criança são, na sua maioria, inconsistentes e muitas vezes significativamente agressivas, passando, muitas vezes, por castigos severos e punições físicas (tais como bater com cinto, cortar o cabelo, banhos de água fria), dotadas de uma dimensão sádica e projectiva por vezes muito intensa. Perante diversos assuntos, verifica-se, também, alguma conflitualidade parental face à educação das crianças (em alguns casos muito significativa), divergindo os pais quanto às práticas de parentalidade. Neste sentido, salienta-se a diferença encontrada na tomada de posições em relação à percepção dos comportamentos da criança e às estratégias de intervenção e educação parental (sendo o pai tendencialmente menos tolerante e mais autoritário, e a mãe mais permissiva). Parece, igualmente, evidente a dificuldade em delimitar fronteiras geracionais, principalmente no caso da mãe, sendo muitas vezes a criança percebida como um companheiro, um objecto para satisfação e compensação de necessidades narcísicas. Ainda no que concerne à mãe verificamos um padrão consideravelmente ambivalente no relacionamento com a criança. Efectivamente, parecem tratar-se de mães que ou aproximam de mais a criança ou quando esta se quer autonomizar rejeitam-na, o que se constitui por uma dificuldade em vivenciar o processo de separação-individuação da criança, reagindo aos seus movimentos de crescimento como se de

uma ataque se tratasse, e não algo de natural, inerente e necessário ao desenvolvimento dos filhos.

Refere-se, ainda, a existência de comparações constantes com os restantes elementos da fratria, tendo, por vezes, sido difícil manter o foco da entrevista na criança em questão, situação que não parece benéfica para a criança, negando-lhe um espaço de individualização, uma identidade clara e bem diferenciada e um espaço interno nas representações parentais acerca deste filho e fomentando/reforçando a conflitualidade entre irmãos.

Dimensões e Estilos Parentais

Relativamente à percepção que as mães reportam ter acerca do seu próprio estilo parental, a maioria indica que os seus comportamentos seguem um padrão autoritativo ($\mu=3,75$), seguido do autoritário ($\mu=2,19$) o qual precede o permissivo ($\mu=2$), o mesmo sucedendo no caso da percepção que o pai tem acerca do seu estilo parental, ainda que com valores menos expressivos (autoritativo $\mu=3,46$, autoritário $\mu=2,16$ e permissivo $\mu=1,53$), resultados congruentes com o estudo de Winsler, Madigan e Aquilino (2005) o qual sugere que as mães se avaliam como sendo mais autoritativas do que os seus esposos. No que concerne à avaliação que as mães fazem das práticas educativas do seu cônjuge verifica-se o mesmo padrão de estilo parental (autoritativo $\mu=3,20$, autoritário $\mu=2,16$ e permissivo $\mu=2,06$). No entanto, na avaliação paterna relativa à percepção do estilo parental da mãe, verifica-se uma inversão de duas das dimensões, já que, mesmo que o estilo autoritativo seja assinalado como o mais comumente utilizado pelas esposas ($\mu=3,68$), os pais reportam que estas utilizam mais frequentemente estratégias correspondentes ao estilo permissivo ($\mu=2,06$) do que autoritário ($\mu=1,80$). Efectivamente, parece-nos que os pais avaliam as suas esposas como mais autoritativas, mais permissivas, mas menos autoritárias do que eles próprios, mais uma vez congruente com investigações precedentes (Winsler et al., 2005). De facto, a investigação parece ser consensual quando indica que as mães tendem a demonstrar práticas parentais que correspondem a um estilo parental autoritativo, enquanto os pais manifestam práticas mais consistentes com um estilo autoritário, particularmente no que concerne a estratégias disciplinares (Conrade & Ho, 2001). Ainda assim, o facto de este instrumento ser de auto-avaliação, à semelhança dos restantes inventários, parece-nos que permitiu que os respondentes manifestassem um elevado índice de desejabilidade social; na medida em que os pais tendem a assumir os seus estilos e práticas parentais como os mais desejáveis e aceitáveis em termos sociais (Winsler et al., 2005).

Práticas Parentais

As práticas parentais reportadas como mais utilizadas pelos pais participantes na presente investigação tratam-se daquelas que se constituem como Disciplina Apropriada ($\mu=3,66$) – e.g. fazer com que a criança perceba e corrija um mau comportamento, discutir com a criança uma situação negativa e os seus resultados -, Parentalidade Positiva ($\mu=3,04$) – demonstrar afecto, elogiar um bom comportamento - e aplicação de Disciplina Rígida para a Idade ($\mu=3$) – aplicar castigos severos, zangar-se com a criança. A enunciação de expectativas claras à criança enquanto estratégia de regulação do seu comportamento encontrou os valores menos expressivos ($\mu=1,44$), resultado que parece associado ao facto de os pais esperarem da criança determinados comportamentos sem antes terem enunciado o que esperam ou aquilo que consideram adequado, seguindo-se reacções bruscas e não mentalizadas.

Preocupações parentais

Verifica-se que o tipo de preocupações mais assinaladas pelas famílias respondentes relativamente às crianças consideradas na investigação se prende com o nível de preparação da criança face a situações que possam ter um impacto negativo no seu bem-estar ($\mu=4,66$), seguida das preocupações relativas à existência de medos ($\mu=4,16$), sendo as que mais se destacam. No entanto são, também, assinaláveis as preocupações relativas aos problemas familiares e situações escolares ($\mu= 3,62$), ao nível do desenvolvimento infantil da criança ($\mu=3,20$) e por fim em termos dos comportamentos negativos que esta manifesta ($\mu=3,11$), resultado que consideramos paradoxal face à sintomatologia de externalização apresentada por todas as crianças do estudo, e o grau de severidade assinalado pelos pais expresso nas entrevistas.

Coparentalidade

No que concerne à dimensão relativa à coparentalidade verificamos que, uma vez mais, os resultados apresentados pelos participantes não revelam distinção em termos das dimensões assinaladas quer pela mãe quer pelo pai, pelo que a ordem pelo qual os factores são descritos é a mesma, no caso *Cooperação* ($\mu=4,4$ no caso da mãe e $\mu=4,06$ no caso do pai) – grau de apoio, valorização e respeito mútuo entre o casal parental -, *Conflito* ($\mu=3$ no caso da mãe e $\mu=2,33$ no caso do pai) - frequência com que os pais discutem ou estão em desacordo acerca do filho - e *Triangulação* ($\mu=1,25$ no caso da mãe e $\mu=1,08$ no caso do pai) - o grau em que um dos pais cria uma aliança com o filho, excluindo o outro progenitor. No entanto, os valores encontrados voltam a ser mais expressivos no caso da mãe do que no pai.

Discussão

A presente investigação teve como objectivo analisar a dinâmica familiar de crianças com Organização Borderline de Personalidade, tal como percebida pela criança, bem como as suas representações parentais imagóicas, tratando-se de um estudo pioneiro, não só por tal temática nunca ter sido estudada com uma população infantil, particularmente no período de latência, como pela abordagem metodológica utilizada, a qual atendeu, igualmente, à compreensão e à confirmação da existência de características patognomónicas e de factores etiopatogénicos teórica e empiricamente ligados ao funcionamento limite na infância. Para tal recorreu à recolha e análise de dados provenientes de diversas fontes, as quais, funcionando numa lógica de complementaridade, procuraram alcançar um conhecimento profundo dos casos analisados e, a um nível mais global, do funcionamento interno das crianças com um funcionamento borderline.

O número cada vez mais crescente de patologias emocionais da criança e a complexidade e severidade dos quadros clínicos que se manifestam, colocam questões diagnósticas que desde logo se impõem no caso concreto da psicopatologia da criança, dada a maleabilidade e a plasticidade do aparelho psíquico infantil, e a labilidade dos processos e mecanismos a que recorre no sentido de encontrar alguma organização e consistência internas, em meios não raras vezes hostis, conflituosos e abandonicos, negligentes da necessidade idiossincrática da criança de uma identidade, um espaço e um lugar para existir enquanto tal, negativos, portanto, não só a um nível representacional mas também real. Apesar de Bemporad e colaboradores (1982) (ver, por favor, Anexo D) terem desenvolvido um conjunto de critérios de diagnóstico para a O.B.P. na infância, actualmente não existe uma formulação internacional que seja consensual, já que a referência aos sistemas de classificação próprios da adultícia (DSM-IV-TR e ICD-10) não se revela adequada às particularidades do desenvolvimento da criança e do adolescente, nem tão pouco a aplicação deste diagnóstico ao funcionamento mental infantil é ausente de controvérsia. Como para outras perturbações da personalidade na criança, revela-se difícil encontrar estudos epidemiológicos sobre a patologia limite. No entanto, a prática clínica, a literatura e a investigação empírica indicam que as crianças que correspondem ao perfil da patologia limite reúnem um número considerável de aspectos comuns subjacentes ao seu funcionamento e à sua etiopatogenia.

Considerando um dos objectivos do presente estudo, o de compreender o funcionamento interno das crianças com O.B.P. e confirmar a hipótese etiopatogénica de Keinänen e colaboradores (2012), constatamos, nos casos analisados, a presença de cada um deles, não obstante que com graus de severidade e intensidade diferentes em cada criança.

Efectivamente, se considerarmos primeiramente a existência de antecedentes familiares psiquiátricos como um factor predisponente ao desenvolvimento de patologia limite, verificou-se em todos os casos analisados a presença de acompanhamentos psicológicos/psiquiátricos parentais, o que por si só não significando linearmente a presença de psicopatologia remete para a existência egossintónica de sofrimento mental, ainda que o que nos preocupe e nos faça mais seriamente pensar em psicopatologia parental são muitos dos comportamentos a que a criança assiste e que demonstram o precário equilíbrio da saúde mental familiar, já que os pais deveriam ser os principais agentes da saúde mental dos filhos (Strecht, 2003). Estes resultados parecem ir no mesmo sentido das investigações de Trull (2000a e 2000b) e de Bandelow (2005), as quais indicam que a existência de antecedentes psicopatológicos parentais é um dos mais robustos factores preditivos no desenvolvimento da O.B.P., nomeadamente a existência de patologias de personalidade nos progenitores (cerca de 60% dos casos, segundo Palacio-Espasa, 2004). Palacio-Espasa e Dufour (1994) encontraram nas mães de pacientes limites 60% de depressões pós-parto e 10% de psicoses puerperais. Em todos os casos, para além da patologia parental, verifica-se a presença de antecedentes psicopatológicos na família extensiva.

Atendamos, por outro lado, à ocorrência de acontecimentos traumáticos, no âmbito dos quais se encontram não só os comportamentos negligentes e abusivos, física e psicologicamente que efectivamente se verificam, mas também as vivências de perdas e separações precoces. Ainda que a severidade das práticas parentais em cada um dos casos possa evidenciar a ocorrência de comportamentos que se configuram como agressivos e negligentes para o bem-estar da criança, num dos casos este factor tem um particular significado e uma dimensão indescritivelmente mais negativa (caso João), particularmente pela ocorrência precoce e severa de maus-tratos continuados. Efectivamente, analisando crianças com e sem O.B.P., as investigações de Gudzer et al (1996) e posteriormente de Paris (2000) encontraram valores elevados de trauma cumulativo na criança borderline, sugerindo que a vivência de múltiplos acontecimentos traumáticos é mais preditiva de patologia borderline do que a ocorrência de um único acontecimento. Por outro lado, crianças, adolescentes e adultos cuja experiência de vitimização tenha sido resultado de trauma prolongado manifestam uma sintomatologia mais complexa e de impacto mais severo em termos longitudinais na sua personalidade, no sentido de identidade e na sua capacidade para se relacionar com outros (Herman, 1989), especialmente em indivíduos cuja capacidade de mentalizar se encontra *a priori* fragilizada, podendo a existência do trauma causar um verdadeiro colapso na vulnerável estrutura psíquica (Fonagy, 2003), o que parece corresponder ao caso de João.

Comuns em todos os casos foram, também, as separações de figuras importantes em idades precoces do desenvolvimento das crianças (no caso de João as separações regulares da figura materna e a total ausência paterna numa fase precoce do desenvolvimento, nos casos de Tomás e Afonso as separações pontuais do pai, e neste último a perda de uma importante figura de referência à qual estava particularmente ligado – o avô). De facto, a importância da existência de separações precoces na etiopatogenia da O.B.P. vem a ser assinalada por diversos autores, em particular da figura paterna (Bandelow, 2005), designadamente Walsh (1977) o qual constatou que um grande número de indivíduos com organização limite reportava ter experienciado significativas separações (por via de divórcio, morte ou outro tipo de ausência), e Bradley (1979) que verificou que 64% das crianças com patologia borderline vivenciaram separações prolongadas dos seus pais numa primeira fase da vida e que essas ausências aconteciam mais provavelmente nestas crianças do que em crianças com outras formas de psicopatologia. A indisponibilidade da figura paterna, quer resultante de ausências reais quer do maior distanciamento afectivo, consubstancia-se como um factor transversal às histórias clínicas analisadas. Ora, a ausência do pai, não necessariamente conduzindo a perturbações psicopatológicas, é considerada patogénica na medida em que pode criar condições para prolongar a dependência dos filhos em relação à figura materna – como aliás se verificou em todos os meninos -, dificultando ou perturbando a triangulação edipiana, com repercussões ao nível do processo de identificação e de separação-individuação (Malpique, 1999). Assim, a excessiva aproximação entre a mãe e a criança pode construir-se como obstáculo para o desenvolvimento da sua autonomia e aquisição da identidade. O pai, frequentemente demitido das suas funções parentais (e nos presentes casos, ou indisponível, ou presente e mal-tratante ou ausente, por vezes substituído com diversas alternâncias que carecem de estabilidade), parece propiciar o aparecimento de sentimentos de desamparo e abandono e baixa auto-estima (Malpique, 1999). Se num dos casos (João) a ausência e o carácter mal-tratante da figura paterna pautou o seu relacionamento com a criança, nos dois restantes casos (Afonso e Tomás) esta ausência (manifesta em separações por vezes prolongadas) ou indisponibilidade paterna é evocada no discurso de duas das mães, repercutindo-se, nos três, na representação do imago paterno constante nos protocolos de C.A.T. das crianças (no caso de Afonso com um imago paterno ambivalente, entre agressivo e idealizado, para João totalmente ausente e no caso de Tomás rejeitante e controlador).

A existência de um padrão de vinculação inseguro-ambivalente a desorganizado, outro dos factores etiopatogénicos do funcionamento limite, embora não medido por um instrumento que a esse fim unicamente se destinasse, a partir dos dados da história clínica, dos relatos dos pais

e dos resultados das provas projectivas (C.A.T. e F.R.T.), parece ter sido confirmado através, designadamente, de uma importante ambivalência face à principal figura de vinculação – mãe -, patente em movimentos dicotómicos mútuos (da mãe e da criança) de aproximação e rejeição; bem como de características de relacionamento interpessoal intenso, instável na criança, os quais habitualmente se relacionam com tais padrões de vinculação (Agrawal et al, 2004), movimentos de grande dependência e medo da perda da figura de vinculação, a par de pouca utilização da mesma e intenso desagrado perante a separação. Por definição, e tal como sucede com estas crianças, os relacionamentos de indivíduos com O.B.P. não são percebidos como seguros, verificando-se, por conseguinte, uma associação entre o diagnóstico de O.B.P. e formas inseguras de vinculação (Agrawal et al, 2004). De facto, são evidentes falhas na constância objectal, e a existência de relações de objecto internas percebidas como pouco securizantes, protectoras e contentoras. Investigações precedentes com crianças com O.B.P. que relacionam esta patologia à insegurança do padrão de vinculação indicam que se verifica habitualmente uma intensa ansiedade perante a separação, designadamente na Situação-Estranho, na qual a criança não consegue confiar na mãe para aliviar a ansiedade, permanecendo num registo evitante ou resistente, mesmo perante a sua presença (Sable, 1997). Recordamo-nos do que nos dizia, neste sentido, a mãe de Manuel que o filho “antes andava sempre atrás de mim, ficava em pânico se não encontrasse a mãe”, a mãe de João refere “é uma criança muito agarrada aos pais, cola-se muito”, mas também a mãe de Tomás “ele é muito protector comigo; é a mãe, a mãe, a mãe e pronto”.

A propósito deste padrão de vinculação, Alexandre (2007) diz-nos que a relação objectal de dependência infantil faz com que a distância psíquica com o objecto seja balizada, por um lado, por uma necessidade vital de se aproximar e estar dele dependente mas, por outro lado, de se afastar e manter à distância. Parece-nos que a relação de proximidade com o objecto é numa primeira fase fonte de desejo e fascínio mas, ao mesmo tempo, a criança necessita de o manter à distância por receio de o perder, o que faz com que a relação de proximidade seja assombrada pela ansiedade da perda e da intrusão. Isto leva-nos a um mecanismo de defesa recorrente neste tipo de funcionamento, já que a relação com os objectos é marcada por uma intensa clivagem entre o desejo de estar próximo, de forma a evitar um deserto objectal insuportável (Alexandre, 2007), e simultaneamente distante, sendo as ausências sentidas como perdas e as presenças arriscando-se a ser percebidas como intrusões (Strecht, 2003).

Outro dos factores etiopatogénicos destacados por diversos investigadores trata-se da existência de patologia na dinâmica familiar. Se todas as doenças mentais são doenças de relação, ou seja, perturbações da forma de estabelecer relações com os outros (Matos, 1969/2007), no

caso particular desta investigação, não só na entrevista realizada com os pais e nos dados da história clínica mas principalmente nas provas projectivas (destacamos os resultados na aplicação do C.A.T e do F.R.T.), verificamos que a percepção que estas crianças têm das suas famílias é de maior controlo e menor constância afectiva, dados consistentes com a investigação de Zweig-Frank e Paris (1991) de que pacientes com O.B.P. reportam, tanto no caso dos pais como das mães, a percepção dos seus pais como significativamente menos carinhosos e mais controladores. A existência de conflito intra-familiar, quer entre o casal parental (congruente com Walsh, 1977, cujo estudo concluiu que uma significativa percentagem de adultos com O.B.P. reportam relações parentais conflituosas) quer entre pais-criança, ou no âmbito da fratria é, também, um dos aspectos salientes à percepção da dinâmica familiar destas crianças, bem como a grande dificuldade em lidar com a conflitualidade entre irmãos, pelos quais são expressos frequentes sentimentos de hostilidade, hipótese previamente colocada por Kernberg e colaboradores (2003). Efectivamente, testemunhar violência intrafamiliar, como acontece em pelo menos um dos casos analisados (Afonso, embora coloquemos a hipótese de tal acontecer com Tomás), tratando-se de uma experiência traumática intrafamiliar na infância, constitui-se como um factor de risco, afectando a criança não só directamente, como indirectamente através da influência na relação com o/os cuidador/es e entre os restantes membros da constelação familiar (Liotti, 2000). As investigações de Soloff e Millward (1983) permitiram verificar um padrão de patologia familiar em indivíduos com funcionamento limite, o qual se constitui pela presença de mães dominadoras e excessivamente simbiotizantes, pais hostis e distantes e relações conjugais conflituosas, padrões que em pelos menos dois dos casos (Afonso e Tomás) podemos constatar.

A inconsistência materna e nas práticas parentais aliada a uma parentalidade de sobreenvolvimento e tendência para o controlo, segundo Bezirgianian e colaboradores (1993), é um preditor específico desta psicopatologia, encontrando-se patente nos relatos dos pais na entrevista, assim como a falta de capacidade reflexiva e de contingência nos cuidados e nas respostas aos comportamentos e necessidades da criança. Esta falta de continência, reflectida na dificuldade evidente nos pais analisados em ler, perceber e dar um sentido e uma ressonância emocional aos estados da criança é, também, algo verificado em investigações precedentes as quais destacam relatos de indivíduos com P.B.P. de pais pouco contingentes, menos atentos, compreensivos e afectuosos (Sack et al., 1996).

O estudo de Bandelow e colaboradores (2005) confirmou a associação com a existência de patologia limite e a adopção de estilos de parentalidade inadequados. Parece-nos bastante proeminente, na totalidade das crianças investigadas, e embora os resultados obtidos nos instrumentos quantitativos não apontem linearmente no mesmo sentido, facto que pensamos

dever-se à forte presença de deseabilidade social, a adoção parental de práticas parentais inconsistentes e muitas vezes desadequadas quer em termos da sua severidade, quer relativamente ao nível de compreensão e de desenvolvimento da criança, tais como castigos rígidos e punições físicas inapropriadas, tendendo as crianças a ter uma representação dos imagos parentais como negativa.

As formas de comunicação patológica descritas entre os membros da família de indivíduos com patologia borderline, tais como o comportamento predominantemente intrusivo, a utilização narcísica da criança, a inconsistência, a despersonalização da criança, a qual é tratada como um objecto para apaziguar as necessidades dos pais (maioritariamente da mãe, acreditamos), e não como um ser individual, com necessidades, desejos e expectativas próprios foram aspectos evidentes nas dinâmicas familiares documentadas.

Em todos os casos, a figura materna não é evocada como um objecto protector e afectuoso, de importância fulcral para a integração de uma relação de objecto interna securizante e organizadora, o qual permitiria à criança a constância objectal necessária para fazer face às angústias e conflitos internos. Pelo contrário, as figuras parentais são extremamente projectivas na relação com as crianças (lembra-nos a propósito a mãe de Afonso dizendo do filho que era “o filho do Diabo”) constituindo-se por um conflito de parentalidade narcísica proveniente de identificações projectivas «alienantes». “Estas tornaram-se nefastas, quer porque servem para evacuar o que os pais não conseguem suportar neles do seu passado, quer porque invadem e se anexam o funcionamento mental da criança, confirmando o peso transgeracional a que assistimos nestes casos. Os pais não se servem delas para comunicar, mas sim para continuar a defender-se contra conflitos que remontam à sua infância.” (Bléandonu, 1999, pg. 93). À semelhança de Masterson, na hipótese etiopatogénica da O.B.P., Adler e Buie (1979) vêm a sugerir que a criança borderline não conseguiu desenvolver um sentido estável de constância objectal, devido às falhas precoces na relação com a mãe, na qual a falta de empatia, de sensibilidade e de *rêverie* foram evidentes (Meeking e O’Brien, 2004). Em resultado desta situação, as crianças, sem conseguirem mentalizar e dar um sentido às experiências emocionais, vivenciam intensos sentimentos de raiva, intolerância, ansiedade e frustração, impossíveis de serem auto-regulados, causando comportamentos agressivos ou dissociativos, ou, de outra forma, experienciando sentimentos de grande vazio e dependência.

Posto isto, os dados provenientes de diversas fontes, os quais permitiram alcançar uma maior e mais profundo conhecimento acerca do funcionamento-limite na infância e da sua etiopatogenia, embora confirmem a significativa influência de perturbações ao nível da parentalidade e do funcionamento familiar como se hipotetizou na presente investigação, vêm

sustentar a hipótese de que a evidência cumulativa de diversos factores de risco parece decisiva no sentido de aumentar a vulnerabilidade psicológica da criança a desenvolver uma O.B.P..

Relativamente ao objectivo de compreender o funcionamento interno das crianças com organização borderline, pretendemos reflectir acerca de determinados dados da história clínica e constantes nos desempenhos nas provas projectivas dos casos que analisamos.

Em primeiro lugar, em todos os casos assistimos a um total vazio fantasmático em torno destes meninos outrora bebés. Efectivamente, quando a criança é desejada o diálogo pais-filho existe já na imaginação do casal, nem que seja somente pela escolha do nome que começa a conferir à futura criança a sua identidade e a sua realidade sexual, já que este simples gesto representa já o início de uma relação (Rota, 1991). Quando a gravidez é o resultado de um desejo comum, de um acto de amor, tanto afectivo como sexual, quando se inscreve numa vontade de procriar e de se enriquecer - e diríamos que mesmo quando tal não acontece - a vida da criança não começará com o nascimento. Para além do concretismo da genética e da biologia, preexistirá no imaginário e no amor dos pais. Neste sentido, podemos falar de uma preexistência afectiva, por oposição à realidade objectiva do nascimento. De uma maneira indirecta e agressiva, para disfarçar a sua inquietação, a criança procura simplesmente saber se é resultado concreto de um amor no qual já ocupava um lugar ou se é apenas o fruto mais ou menos infeliz e incómodo de circunstâncias fortuitas. Isto muda tudo para ela: no primeiro caso, sente total direito à existência; no segundo, considera-se de certo modo reduzida à posição de “defraudadora”, de “imigrante clandestina” no país da vida, tem a sensação de ser mais tolerada do que desejada, mais aceite do que amada (Rota. 1991).

Acompanhando o desenvolvimento patognomónico destas crianças verificamos atrasos em conquistas desenvolvimentais tais como a linguagem, a qual nos parece particularmente significativa já que as maiores dificuldades de aprendizagem destas crianças se prendem com a língua portuguesa, afinal a língua materna, as quais nos fazem pensar nas inquietações ligadas à dimensão da relação com o imago materno; concomitantes com uma imaturidade geral encontrada, com atrasos nos desempenhos cognitivos e nas capacidades de simbolização, os quais foram considerados por autores como Misès (1990) no âmbito de possíveis desarmonias evolutivas numa primeira manifestação semiológica da patologia (cerca dos 3-4 anos de idade). Neste sentido, esta tendência para o atraso do desenvolvimento parece-nos inscrita num quadro de perturbações precoces ligadas ao sistema de vinculação com a figura materna, traduzida pelo padrão de vinculação inseguro-ambivalente supra descrito, o qual foi evidenciado precocemente

em manifestações de intensa ansiedade de separação face à mãe alternada com uma retirada e um aparente desligamento afectivo.

Observamos, igualmente, com interesse a ausência de um objecto transitivo na infância precoce dos meninos investigados (já descrita por Kernberg et al, 2003), a qual nos faz perfeito sentido, na medida que a sua existência pressupõe a internalização de uma relação de objecto positiva com a mãe. Sem experiências intermédias de reparação, observamos a procura destas crianças do contacto físico directo com a mãe, em busca de uma proximidade sensorial quase simbiótica que ofereça conforto e contenção. Posto isto, parece confirmar-se a hipótese de Adler (1985) a qual indica que nestas crianças se verifica uma ausência de introjecções confortadoras e tranquilizadoras, transposta, posteriormente, para a incapacidade de estabelecer uma memória evocativa, na qual a criança pudesse criar uma imagem contentora de uma figura materna na ausência física da mãe.

O desenvolvimento posterior destas crianças foi, numa fase seguinte (entre os quatro e os seis anos), marcado por aquilo que Palacio-Espasa (2004) descreve como precursores patognomónicos do funcionamento limite na infância, designadamente, manifestações clínicas, indicadas pelos pais na entrevista e nos dados consultados, de inquietude e instabilidade psicomotora, dificuldades de atenção e concentração, alterações de comportamento acompanhadas de crises de raiva e agressividade, tendência para a excessiva proximidade (contacto algo indiferenciado) e para a euforia - diríamos que como uma fuga maníaca aos estados depressivos -, acompanhada por perturbações da simbolização, especialmente evidentes quando se tratava de encontrar modos de elaboração dos fantasmas agressivos, portanto das pulsões emergentes não integradas. Foi consensual encontrar grandes dificuldades em conter e controlar as dinâmicas pulsionais e a conflitualidade interna, dada a manifesta vulnerabilidade e fragilidade psíquicas, daí que habitualmente se considera a organização borderline a patologia do agir, sendo o sofrimento descarregado imprevisível e impulsivamente. O jogo e o discurso destes meninos parecem muito ligados ao concreto, e as falhas que manifestam a nível escolar mesmo com um potencial cognitivo dentro da média parecem sinal de falhas no investimento parental (lembra-nos Tomás, o patinho feio que queria crescer e gratificar a família).

À medida que estas crianças cresciam, quiçá pela falência ou insuficiência dos registos defensivos (de *acting-out*) até aí utilizados, as queixas depressivas (choro, labilidade emocional, baixa auto-estima, inibição e isolamento em todos os meninos) começaram a assumir uma relevância significativa, descrita pelos pais, professores e Técnicos de saúde mental, as quais traduzem importantes falhas narcísicas e surgem acompanhadas de manifestações sérias de perturbações ao nível da identidade, também fruto da fragilidade da estrutura do Ego face às

graves clivagens de que foi alvo. Pensamos, por exemplo em Afonso quando verbalizava pungentes sentimentos de incapacidade (“não sei, não consigo”), nos desesperados pedidos de ajuda de Tomás, quando confrontado com a sua fragilidade, chorando de forma quase incontida, na necessidade ávida de confirmar e garantir o afecto dos pais de João, nunca seguro do seu amor incondicional, e nos três casos na exigência afectiva inextinguível perante o medo de ser abandonados, na extrema dependência do objecto o qual pode tão rápida como intensamente ser de seguida desinvestido pelo terror quase persecutório da sua confusão, frágeis que são os limites do Ego. No entanto, estes estados de humor depressivo alternavam com sentimentos de onnipotência e impulsividade (congruente com Kernberg et al, 2003), falhando a ligação entre afecto e representação, parecendo a luta antidepressiva exteriorizada em *actings* agressivos, que operam como defesas contra a desestruturação interna (Ferreira, 1990/2002). Testemunhámos, igualmente, a existência de relações pobres que estas crianças mantêm com adultos e pares, muito intensas, já que não há pensamento, há acção, sem amizades preferenciais, e a tendência à indiferenciação relacional, bem como à dependência anaclítica de um adulto preferencial, ao qual se ligam com uma rapidez impressionante e desvalorizam com a mesma velocidade.

Por outro lado, a intensa necessidade de recorrer a percepções de adaptação social superficial, aparente, ou em falso-self parece revelar o desejo dos três meninos de conter e fortalecer a estrutura egóica, a qual nos parece possuir uma grande porosidade nos limites do envelope psíquico, aquilo que Anzieu designou por Ego-pele “uma figuração de que a criança se serve, no decurso das fases precoces do seu desenvolvimento, para se representar a si mesma como Ego que contém os conteúdos psíquicos, a partir da sua experiência de superfície do corpo” (Anzieu, 1985, p.39), e que marca o lugar de contacto com o mundo exterior, assumindo funções de conservação do psiquismo, cuja carência ou fragilidade acarreta dos tipos fundamentais de angústia, uma determinada pela existência de buracos psíquicos e outra pela excitação pulsional difusa e incontida (Chabert, 1998/2000). Em todos os casos, as falhas no processo de separação-indivuação, sendo a indivuação de si mal assegurada, bem como os processos de autonomia e de clarificação dos limites eu/outro, dentro/fora, e a procura de fronteiras bem delimitadas, são evidentes, denotando que o sentimento de identidade destas crianças está também ameaçado.

As perturbações da relação de objecto, encontradas de forma muito clara e intensa nas três crianças, confirmam-se como factores patognomónicos da organização-limite. Efectivamente, se pensarmos que a angústia dominante nos arranjos do estado-limite é uma angústia de perda de objecto e de depressão (primária, segundo Ferreira, 1990/2002) que diz respeito a uma vivência passada infeliz, insuficiente, no plano narcísico, ainda assim constatamos

que esta é concomitante com a representação centrada sobre um futuro melhor, na esperança de segurança, investida nas relações de dependência que estas crianças estabelecem (Bergeret, 1998). Sendo antes de mais nada uma patologia do narcisismo, e estando o Ego impossibilitado de aceder a uma relação de objecto genital, parece-nos que as crianças permaneceram centradas sobre uma dependência anaclítica ao outro, já que o perigo contra o qual se defende o estado-limite é essencialmente a depressão.

Inicialmente ponto de partida para as formulações colocadas nesta investigação, resultante dos postulados de Margareth Mahler acerca do nascimento psicológico do ser humano, particularmente no que concerne às fases de desenvolvimento infantil, verificamos que a problemática da separação-individação, na qual as capacidades e o poder do Ego são postos à prova, face à possibilidade de um progressivo afastamento da mãe na presença/ausência de uma constância objectal bem integrada, é, de facto, uma, senão a, pedra basilar dos arranjos limite destas crianças. Em todos os meninos verificamos uma intensa e dolorosa ambivalência entre afastar-se, opor-se, afirmar-se mas sem perder o afecto da mãe, elementos que subscreveriam a segurança narcísica nesta fase de desenvolvimento à qual estas crianças parecem particularmente fixadas. A organização borderline, que testemunha a depressão primária como defende Ferreira (1990/2002), seria o oposto desta tríade, já que afastar-se implica perder-se (e perder), opor-se significa ser destruído e afirmar-se é impensável. A depleção narcísica foi então, para todas elas, conseqüente, isto é, falha a valorização que se espera como um encorajamento do objecto, sendo o poder da mãe esmagador e paradoxalmente a distância relacional é intransponível. Resulta, assim, um vazio, o medo de uma afirmação que ninguém reconhece, um lugar na terra de ninguém, um deserto representacional profundamente angustiante, e, por fim, a dependência.

Considerando, as formulações de Mahler acerca das perturbações no processo de separação-individação, Masterson (1975) sugere que quando a criança começa a realizar movimentos naturais de autonomia e agir de forma gradualmente mais independente dos pais está particularmente sensível à percepção de abandono. Neste sentido, sendo o padrão de vinculação entre a mãe e a criança inseguro (Sable, 1997), verificamos que as crianças oscilam entre um intenso desejo (e diríamos necessidade) de proximidade e um evitamento do envolvimento. As mães analisadas parecem encontrar particular dificuldade em perceber a criança como um ser autónomo, com necessidades, características e desejos próprios e diferentes dos seus, sendo inconscientemente negada a necessária dimensão de alteridade dos filhos.

Sendo predominantemente uma patologia da analidade, foi notória a ausência de investimento afectivo primário nestas crianças, bem como a incapacidade precoce de integrar satisfatoriamente regras e limites e uma intensa zanga interna que dos três emergiu. Verifica-se

uma inconsistência narcísica que se manifesta numa estrutura frágil, afectivamente imatura, frequentemente angustiada pelos desejos dicotómicos de autonomia e de dependência. Por não se encontrarem suficientemente seguros do amor da mãe e na relação com esta, estas crianças também não se conseguem autonomizar dela, e assim prosseguir as etapas subsequentes do seu desenvolvimento psico-afectivo. O forte controlo exercido pela mãe, sentido em todos os casos e manifesto nas provas projectivas, faz com que as crianças se submetam ao imago materno e fundamentalmente o idealizem (particularmente evidente em João e Tomás), na esperança de conseguir o seu amor (Rinsley, 1981).

À semelhança do que Palacio-Espasa e Dufour (2003) referem, e apesar da diversidade das fantasias expressas pelas crianças com organização limite da personalidade, as que com mais frequência surgiram nesta investigação são as que se prendem com uma insistência significativa na procura de um objecto continente, a par ou alternadas com uma temática de tipo oral (como se constata no C.A.T.), e frequentemente associadas a uma problemática depressiva. Este objecto tão desejado teria de ser um objecto que sustenha e contenha, mas também com capacidades transformadoras face às angústias internas não elaboradas (elementos beta), local onde estas pudessem ser descarregadas e evacuadas (função alfa). Perante a falta de objectos internos securizantes, suficientemente bons, a criança borderline permanece na procura de constância através de objectos externos, daí a sua necessidade imperiosa da presença do outro, sentida contra-transferencialmente no contacto das três crianças, constituindo-se este como um ponto de apoio, estabelecendo relações baseadas numa intensa dependência, mais do que amor, das quais espera decisões que determinem o rumo da sua existência (Pasini & Dameto, 2010).

Considerando os mecanismos defensivos a que a criança borderline recorre por excelência, a proposta de Kernberg (1975) acerca dos estados borderline e patologias narcísicas postula que a intensidade negativa precoce do afecto na criança faz com que esta exerça uma divisão entre os aspectos positivos e negativos do Self e da mãe, não encontrando esta clivagem reparação (e conciliação numa só imagem), pelo que as crianças continuam a perceber tanto a si próprias como ao mundo que as rodeia em extremos de positividade (idealização) e negatividade (desvalorização). De facto, na percepção que as crianças manifestaram acerca dos seus imagos parentais, percebemos e forte presença da clivagem (não só do objecto mas também do Self), já que não parece ser possível a integração dos aspectos bons e maus dos objectos, e assim atingir a ambivalência e a necessária posição depressiva.

As falhas no processo de mentalização que nos pareceram deveras evidentes foram já destacadas por diversos autores, inclusivamente Fonagy (2003), postulando que estas crianças têm uma frágil organização do Self e uma tendência a regredir a formas de pensar não

mentalizadas, particularmente em situações de particular intensidade emocional por possuírem um sistema de vinculação desorganizado emergente de erros precoces sistemáticos de comunicação e interacção não contingentes pelo prestador de cuidados (e.g. sentimentos de ameaça externa, situações de maior conflitualidade interna).

As predominantes e evidentes angústias de abandono, perda ou separação e de invasão pelo objecto, são inquietações relativas às fronteiras do Self. Tal conflitualidade corresponde à fragilidade da estrutura psíquica na qual os limites (internos) se encontram pouco definidos e sentidos como porosos, ténues ou solúveis. Verificamos que estas angústias são constantes, independentemente da proximidade do objecto externo, podendo ser experienciada uma angústia de separação mesmo próximo do outro, e uma angústia de intrusão mesmo que este esteja distante (Pasini & Dameto, 2010).

No que concerne à representação da dinâmica familiar do funcionamento borderline, o conflito triangular parece ser infiltrado por questões de ordem pré-edipiana, características da relação primitiva entre a criança e a mãe, comuns às fases oral e anal, comportando, por isso, uma dimensão agressiva substancial. Verificou-se uma incapacidade comum para representarem os pais como um casal (à semelhança de Kernberg et al, 2003), sendo a conflitualidade edipiana vivenciada de forma distorcida e não integrada, pelas já referidas dificuldades nos processos de separação e individuação, de autonomia, e pela não integração da constância do Self e do objecto, particularmente no caso dos meninos, já que o necessário movimento de separação da mãe e identificação ao pai acarreta o medo insuportável do seu abandono. A relação familiar parece revestir-se de imprevisibilidade e fragilidade, uma instabilidade nos estados mentais e comportamentais dos seus membros, como se não existissem estratégias intermédias de regulação do sentir e das situações (recordamos as falhas de mentalização dos próprios pais). Por exemplo, são mães que, observando a criança a fazer algo que não consideram adequado, nada fazem, supondo, no entanto, que a criança tenha o conhecimento prévio do que deve e não deve fazer, manifestando depois explosões de uma raiva não mentalizada e inconsciente e extremamente culpabilizante para a criança, muitas vezes até sem aparente desencadeante externo, incapazes de se conter e organizar defesas. As crianças, pacientes identificados na constelação familiar, parecem ser usadas como alvo das projecções negativas dos pais (salientamos a dificuldade dos pais em evocar qualquer qualidade na criança) e como objectos narcísicos geralmente da mãe, mantidas numa relação de dependência e funcionalidade.

Neste sentido, as representações parentais manifestas nos casos analisados encontram-se ligadas a representações de imagos maternos na sua maioria idealizados, nos quais as dimensões agressivas são de forma pouco sanígena anuladas (João e Tomás), ainda que devamos considerar

a possível existência de ambivalência nesta representação (Afonso), não num sentido kleiniano de percepção do objecto total, mas na sua inconstância, percebido ora como idealizado ora como rejeitante e agressivo, em qualquer dos casos ausente de ressonância afectiva e presente numa dimensão funcional. Os imagos paternos são consideravelmente ausentes, mas quando presentes percebidos em modalidades de relacionamento agressivas, rejeitantes e controladoras.

No que concerne à percepção da dinâmica familiar, os resultados encontrados vão no sentido da investigação de Kirsten e colaboradores (2006), realizada a partir da análise de três estudos de caso, já que nos casos analisados as crianças percebem as relações familiares como instáveis e emocionalmente intensas, marcadas por sentimentos e representações ambivalentes em relação aos membros da sua família, bem como por interações sentidas como abusivas e por fronteiras interpessoais disfuncionais. Nos relatos foram também salientes dimensões relacionadas com a existência de regras rígidas, sistemas de comunicação ineficazes, falhas ao nível do cuidado e do suporte afectivo, bem como padrões de parentalidade problemáticos. Efectivamente, as famílias de pacientes cm P.B.P. parecem evidenciar padrões de relacionamento mais conflituais e controladores, e menos afectuosas, coesas e expressivas (Weaver, 1993).

Assim, pode-se dizer que se tratam de crianças com alterações do comportamento assentes num intenso sofrimento emocional, o qual não consegue ser pensado, elaborado ou mentalizado. Neste sentido, as suas alterações do comportamento são uma forma de expressão deste mesmo sofrimento depressivo e do vazio interno que parecem sentir, concomitante com uma angústia patente de abandono e perda de objecto, interferindo negativamente nas suas relações com os pares e no seu aproveitamento escolar. Apresentam, por outro lado, importantes fragilidades ao nível identitário, manifestas nas perturbações significativas no processo de separação-individuação, bem como falhas determinantes no que concerne às relações afectivas precoces com adultos de referência e um enorme vulnerabilidade psíquica. São meninos que apresentam um lado carencial considerável, o qual é expresso no desejo de agradar e de sentir-se reconhecido pelos adultos que conhecem (familiares, professores, a investigadora...), pelo que necessitam de relações contentoras e protectoras para conseguirem algum sentido de consistência e organização internas. A ausência precoce do terceiro objecto relacional (pai), simultânea às diversas rupturas e intercorrências que ocorreram nas suas histórias de vida e que comportaram grande instabilidade emocional, a par da falta da função reflexiva materna, geraram as dificuldades ao nível da simbolização, levando as crianças a agir o seu sofrimento, perante a inexistência de mecanismos e recursos internos mais adequados à sua elaboração, e deixando-as vulneráveis a uma profunda angústia de desamparo.

Verificámos, também, que em todas elas se pareceu desenvolver (em regime de falso-self) um lado aparentemente auto-suficiente e independente (a criança provedora, gratificadora e prestadora de cuidados no lar familiar), do qual os afectos parecem desligados; afinal parar significa pensar e pensar implica sofrer. Ainda assim, mesmo que lhes tenha sido difícil expressar quaisquer sentimentos, sentimos que são crianças tristes, com um fundo depressivo carencial. As dificuldades manifestas em organizar o seu próprio sistema de contenção e regulação, sem a integração adequada do Ego, do sentimento de ser alguém concreto, separado e individual, da identidade, geram a adaptação de superfície, um funcionamento de segunda pele, o tal falso-self de que nos fala Winnicott.

Consideramos que a presente investigação se tratou de um estudo precursor, ao abordar com uma metodologia nunca antes utilizada nesta população, um funcionamento psicopatológico que tanto desafio oferece a investigadores e clínicos, num período da infância tão largamente menosprezado. Sendo que a maioria dos estudos acerca do funcionamento-limite é realizada com recurso a indivíduos adultos e apenas num sentido retrospectivo e representacional (a partir dos relatos dos participantes), outra das conquistas deste estudo prende-se com o facto de ter analisado os processos de desenvolvimento da patologia, assistindo ao impacto (real e representacional) dos seus factores etiopatogénicos. Parece-nos, pois, imperativo que o estudo da patologia borderline na infância seja continuado. Não obstante a relevância dos dados obtidos, consideramos as limitações inerentes à utilização dos instrumentos quantitativos, isto é, os questionários de auto-preenchimento, os quais, tanto no caso dos pais como no das crianças, parecem ter sofrido o efeito de desejabilidade social, razão pela qual a adopção de uma abordagem mista (com a realização de entrevistas) e complementar nos pareceu a mais adequada. Por outro lado, o reduzido número de participantes, necessariamente provenientes de uma amostra clínica, levou, porventura, a uma menor representatividade da amostra e por conseguinte a uma generalização dos dados criteriosa e parcimoniosa, sendo desejável que em investigações futuras se recorra a amostras populacionais de maiores dimensões.

Conclusão

Selma Fraiberg (cit. por Strecht, 1998, pg.62) dizia com esperança a propósito dos casos nos quais a transgeracionalidade é particularmente evidente que “a história não tem de ser o destino”. No entanto, as raízes, profundas, infiltradas, do mal-estar da criança encontram-se longe no seu até aí pouco tempo de vida, na pré-história da sua família, reflexo do também difícil

percurso destes pais, avós, condenados, por ignorância, a repetir padrões ou pelo menos a agir neles inspirados; efectivamente o passado, por vezes, pesa. Todavia, de nada vale o olhar culpabilizante, pois efectivamente, ninguém dá aquilo que não possui, é com as notas que aprendemos que desenhamos a pauta, às vezes torta e pouco harmoniosa, da melodia da vida. Com as crianças borderline percebemos porque os designam de fronteira, fronteira entre crescer e permanecer na Terra do Nunca, onde pelo menos idílico o afecto profundo e nutriente de um colo familiar existirá para sempre; fronteira ente aproximar-se e afastar-se, entre ter e perder; é, no fundo, esta fronteira que garante a possível estabilidade inerente à instabilidade da incerteza destes funcionamentos. Não nos enganemos, esta é a organização possível perante o vazio e a fragilidade da existência. Percebemos nestas crianças que elas lutam, desafiam as possibilidades e confiam desconfiando, mantendo a esperança num olhar enfim contentor e protector que os faça recuperar e a quem possam dar a mão e ligar a um elo saudável.

Sabemos que as crianças com um funcionamento limite lançam-nos um pedido de socorro contra um estado mental de vazio, de letargia, de inconstância, traduzidos num agir permanente. Afonso foge, enfim, à depressão, num agir constante que mais parece um turbilhão; João procura um colo que o proteja e o ame sem condições; Tomás precisa de saber que o Mundo é um lugar maravilhoso e seguro e que, para o descobrir e poder crescer, o amor dos pais não aperte mas sim observe e segure. Compreender estas crianças, as suas representações, a sua história, o seu funcionamento, significa poder ajudá-las melhor. Sem uma intervenção adequada, a qual passa necessariamente pela compreensão profunda numa perspectiva dimensional e não apenas semiológica do seu funcionamento intrapsíquico, a criança continuará a vivenciar a intensa dor da separação e a angústia do constante abandono, um sofrimento interno que o acompanhará pela idade adulta.

Para estas crianças, pensar significa ter consciência clara de uma realidade impossível de suportar para um Eu frágil e mal organizado no plano defensivo. Pensar é sofrer, é ter que entender o não-dito de um passado pessoal, familiar e cultural onde o afecto não ligou a curiosidade e a avidez da criança ao mundo objectal dos símbolos, das palavras e das coisas (Ferreira, 1990/2002).

Referências bibliográficas

- Aaronson, C. J., Bender, D. S., Skodol, A. E. & Gunderson, J. G. (2006). Comparison of attachment styles in borderline personality disorder and obsessive-compulsive personality disorder. *Psychiatric Quarterly*, 77, 69-80.
- Adler, G. & Buie, D. (1979). Aloneness and borderline psychopathology: the possible relevance of child developmental issues. *International Journal of Psychoanalysis*, 60, 83-96.
- Agrawal, H. R., Gunderson, J., Holmes, B. M. & Lyons-Ruth, K. (2004). Attachment studies with borderline patients: a review. *Harvard Review of Psychiatry*, 12 (2), 94-104.
- Aguiar, E. (2004). *Desenho Livre Infantil: Leituras Fenomenológicas*. Rio de Janeiro: E-Papers.
- Ajuriaguerra, J. (1980). *Manual de Psiquiatria Infantil* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Atheneu.
- Aleixo, T. (1999). *As identificações na latência: as relações de/com objectos – o método C.A.T.* Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Alexandre, M. F. G. (2007). *Mudanças psíquicas no processo terapêutico – o papel do narcisismo*. Fenda Edições.
- Algarvio, S. & Leal, I. (2004). Preocupações parentais: validação de um instrumento de medida. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5 (1), 145-158.
- American Psychiatric Association (1996/2002). *DSM-IV- Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Arrindel, W.A., Gerlsma, C., Vandereycken, W., Hegeman, W. J. J. M., & Daeseleire, T. (1998). Convergence validity of the dimensions underlying the parental bonding instrument (PBI) and the EMBU. *Personality and Individual Differences*, 24 (3), 341-350.

- Bandelow, B., Krause, J., Wedekind, D., Broocs, A., Hajak, G., & Ruther, E. (2005). Early traumatic life events, parental attitudes, family history, and birth risk factors in patients with borderline personality disorder and healthy controls. *Psychiatry Research*, *134*, 169-179.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, *37*:887-907.
- Bayle, F. (2006). *À volta do nascimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bellak, L. & Bellak, S. (1991). *Test de Apercepción Infantil con Figuras Animales (CAT-A)*. Buenos Aires: PAIDÓS SAICF.
- Bene, E., & Anthony, J. (1978/1985). *Manual for the Family Relations Test: children's version (3^a ed.)*. London: NFER-NELSON Publishing.
- Benveniste, D. (2005). Recognizing Defenses in the Drawings and Play of Children in Therapy. *Psychoanalytic Psychology*, *22* (3). Retirado em 15 de Março de 2012 através do Scholar Google.
- Bergeret, J. (1998). *Psicologia patológica: teoria e clínica (2^a Ed.)*. Lisboa: Climepsi.
- Bezirgianian, S., Cohen, P., & Brook, J. S. (1993). The impact of mother-child interaction on the development of borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, *150*, 1836-1842.
- Boekholt, M. (2000). *Provas temáticas na clínica infantil*. Lisboa: Climepsi.
- Bornstein, M. H. (Ed.) (1995). *Handbook of parenting*. Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Bradley, S.J. (1979). The relationship of early maternal separation to borderline personality disorder in the children and adolescents. *American Journal of Psychiatry*, *136*, 424-426.
- Bradley, R. (2005). Etiology of borderline personality disorder: Disentangling the contributions of intercorrelated antecedents. *Journal of Nervous and Mental Disease*, *193*, 24-31.

- Bradley, R. & Western, P. (2005). The psychodynamics of borderline personality disorder: A view from developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 17, 927-957.
- Canavarro, M.C., & Pereira, A.I.F. (2007a). A percepção dos filhos sobre os estilos parentais educativos: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 2, 193-210.
- Carapito, Pedro & Ribeiro (2008). Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP): Adaptação para o contexto português. Actas da XIII Conferência Internacional “Avaliação Psicológica: Formas e Contextos”, Universidade do Minho.
- Carr, S. & Francis, A. (2009). Childhood familial environment, maltreatment and borderline personality disorder symptoms in a non-clinical sample: A cognitive behavioral perspective. *Clinical Psychologist*, 13, 1, 28-37.
- Castro, J. Toro, J., Van Der Ende, J., & Arrindell, W.A. (1993). Exploring the feasibility of assessing perceived parental rearing styles in Spanish children with the EMBU. *The International Journal of Social Psychiatry*, 39, (1), 47-57.
- Chabert, C. (1998/2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Conrade, G. & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology*, 53(1), 29-35.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Quarteto: Coleção Psicologias.
- Danielson, L. (2009). Understanding borderline personality disorder. *Praxis*, 9.
- Decobert, S. & Sacco, F. (2000). *O desenho no trabalho psicanalítico com a criança*. Lisboa: Climepsi.
- Deutsch, H. (1942). Some forms of emotional disturbance and their relationship to schizophrenic. *Psychoanalytic Quarterly*, 11, 301-321.
- Di Leo, J. H. (1991). *A interpretação do desenho infantil* (3ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Dias, C. A. (2004). *Costurando as linhas da patologia borderland (estados-limite)*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ferreira, S. (1998). *Imaginação e Linguagem no Desenho da Criança*. Campinas: Papirus.
- Ferreira, T. (1990/2002). *Em defesa da criança: teoria e prática psicanalítica da infância*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Ferro, A. (2005). *A Técnica na Psicanálise Infantil – a criança e o analista: Da relação ao campo emocional*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fonagy, P., Steele M., Steele, H., Leigh, T., Kennedy, R., Mattoon, G. & Target, M. (1995). Attachment, the reflective self, and borderline states: The predictive specificity of the Adult Attachment Interview and pathological emotional development. In *Attachment Theory: Social, Developmental and Clinical Perspectives*, ed. S. Goldberg, R. Muir, & J. Kerr. New York: Analytic Press, pp. 233–278.
- Fonagy P., Target M., Gergely G., Allen J. G. & Bateman A. (2003): The developmental roots of borderline personality disorder in early attachment relationships: A theory and some evidence. *Psychoanalytic Inquiry* 23, 412-459.
- Fossati, A., Donati, D., Donini, M., Novella, L., Bagnato, M., & Maffei, C. (2001). Temperament, Character, and Attachment Patterns in Borderline Personality Disorder. *Journal of Personality Disorders: 15* (5), 390-402.
- Gabbard, G. O. (1998). *Psiquiatria Psicodinâmica* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Gaspar, M. F., & Paiva, P. S. (2008). Parenting Practices and Children's Socio-Emotional Development: A Study with Portuguese Community Preschool Age Children. Retirado de <http://www.incredibleyears.com/Library/items/parenting-practices-lift-portuguese-04.pdf>.
- Goldman, S. J., D'Angelo, E. J., DeMaso, D. R. & Mezzacappa, E. (1992). Physical and sexual abuse histories among children with borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 149, 1723-1726.

- Greenspan, S. & Greenspan, N. (1993). *Entrevista clínica com crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Guerreiro, E. M. (2001). *As representações mentais maternas na construção da imago paterna em crianças do sexo masculino dos 7 aos 12 anos com perturbações do comportamento: Estudo exploratório*. [Tese de mestrado em Psicologia Clínica] Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Guzder, J. Paris, J., Zelkowitz, P. & Marchessault, K. (1996). Risk factors for borderline pathology in children. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 35, 26-33.
- Gunderson, J. G. (1996). The borderline patient's intolerance of aloneness: insecure attachment and therapist availability. *American Journal of Psychiatry*, 153, 752-758.
- Gunderson, J. G. & Lyoo, I. K. (1997). Family problems and relationships for adults with borderline personality disorder. *Harvard Review of Psychiatry*, 4, 272-278.
- Heimburger, S. M. (1995). Diagnóstico e tratamento da criança e do adolescente borderline. *Revista Neuropsiquiátrica da Infância e da Adolescência*, 3 (2), 5-7.
- Herman, J. L., Perry, J. C. & van der Kolk, B.A. (1989). Childhood trauma in borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 146, 490-495.
- Johnson, J. G., Smailes, E. M., Cohen, P., Brown, J. & Bernstein, D. P. (2000). Associations between four types of childhood neglect and personality disorder symptoms during adolescence and early adulthood: findings of a community-based longitudinal study. *Journal of Personality Disorders*, 14, p.17.
- Johnson, J. C., Cohen, P., Chen, H., Kasen, S. & Brook, J. S. (2006). Parenting behaviors associated with risk for offspring personality disorder during adulthood. *Archives of General Psychiatry*, 63, 579-587.
- Kaplan, H. I., Sadock, B. J. & Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de psiquiatria*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Keinänen, M., Johnson, J., Richards, E. & Courtney, E. (2012). A systematic review of the evidence-based psychosocial risk factors for understanding of borderline personality disorder. *Psychoanalytic Psychotherapy*, 26 (1), 65-91.
- Kernberg, O. (1975). *Borderline conditions and pathological narcissism*. Northvale, NJ: Jason Aronson.
- Kernberg, O. (1989). A psychoanalytic classification of character pathology. *Essential papers of character neurosis and treatment*. New York: University Press.
- Kernberg, P. F., Weiner, A. S. & Bardenstein, K. K. (2003). *Transtornos da personalidade em crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Kirsten, D. K., Leliveld, V. & Venter, C. A. (2006). Perceptions that patients diagnosed with Borderline Personality Disorder have of their families. *South African Journal of Psychology*, 36 (2), 319-339.
- Klein, M. (1952/1987). Some Theoretical Conclusions Regarding the Emotional Life of the Infant. In *Envy and Gratitude and Other Works (1946-1963)* (pp. 61-93). London: The Hogarth Press.
- Lindsey, E. W. & Mize, J. (2001). Interparental agreement, parent-child responsiveness, and children's peer competence. *Family Relations: Journal of Applied Family & Child Studies*, 50: 348-354.
- Liotti, G., & Pasquini, P. (2000). Predictive factors for borderline personality disorder: Patients' early traumatic experiences and losses suffered by the attachment figure. The Italian Group for the Study of Dissociation. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 102, 282-289.
- Mahler, M. (1971). A study of the separation-individuation process and its possible application to borderline phenomena in the psychoanalytic situation. *Psychoanalytic Study of the Child*, 20, 403-424.
- Mahler, M. (1975). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Malpique, C. (1999). *Pais/Filhos em Consulta Psicoterapêutica*. Porto: Edições Afrontamento.

- Maranga, A. R. (2002). Organizações borderline: aspectos psicodinâmicos. *Análise Psicológica*, 2 (XX), 219-223.
- Margolin, G., Gordis, E. B. & John, R. S. (2001). Coparenting: a Link Between Marital Conflict and Parenting in Two-Parent Families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21.
- Masterson, J. F. & Rinsley, D. B. (1975). The borderline syndrome: the role of the mother in the genesis and psychic structure of the borderline personality. *International Journal of Psychoanalysis*, 56, 163-177.
- Matos, A. C. (1994). Estados-limite: etiopatogenia, patologia e tratamento. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria*, 6, 7-25.
- Meekings, C., O'Brien, L. (2004). Borderline pathology in children and adolescents. *International Journal of Mental Health Nursing*, 13, 152- 163.
- Melges, F. T. & Swartz, M. O. (1989). Oscillations of attachment in borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 146, 1115-1120.
- Misès, R. (1990). *Les pathologies-limites de l'enfance*. Paris: PUF.
- Newman, K., Stevenson, C.S., Bergman, L.R. & Boyce, P. (2007). Borderline personality disorder, mother-infant interaction and parenting perceptions: preliminary findings. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 41, 598-605.
- Ogata, S., Silk, K., Goodrich, S., Lohr, N., Western, D. & Hill, E. (1990). Childhood sexual and physical abuse in borderline patients. *American Journal of Psychiatry*, 147, 1008-1013.
- Palacio-Espasa, F. & Dufour, R. (1994). *Diagnostic structural chez l'enfant*. Paris: Masson.
- Palacio-Espasa, F. & Dufour, R. (2003). *Diagnóstico estrutural en el niño* (2ª ed.). Herder.
- Palacio-Espasa, F. (2004). Estado limite na infância. In Moggio, F., Houzel, D. & Emmanuelli, M. *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Paris, J. (2000). Childhood precursors of borderline personality disorder. *Psychiatric Clinics of North America*, 23, 77-88.
- Rey, J. M. (1996). Antecedents of personality disorder in young adults. *Psychiatric Times*, 13 (2), 37-38.
- Rinsley, D.B. (1981). Borderline psychopathology: the concepts of Masterson and Rinsley and beyond. *Adolescent Psychiatry I*, 9, 259-274.
- Robinson, C., Mandleco, B., Olsen, S. F. & Hart, C. H. (2001). The Parenting Styles and Dimension Questionnaire (PSDQ). In B.F. Perlmutter, J. Touliatos, & G. W. Holden (Eds.), *Handbook of Family Measurement Techniques: Vol. 3. Instruments & Index* (pp. 319-321). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Sable, P. (1997). Attachment, detachment and borderline personality disorder. *Psychotherapy*, 34, 171-181.
- Sá, E. (2007). *Patologia borderline e psicose na clínica infantil*. (2ª ed.). Lisboa: ISPA.
- Sack, A., Sperling, G. M. B., Fagen, G., & Foelsch, P. (1996). Attachment style, history and behavioral contrast for a borderline and normal sample. *Journal of Personality Disorders*, 10(1), 88-102.
- Schwoeri, L. & Schwœeri, F. (1982). Interactional and intrapsychic dynamics in a family with a borderline patient. *Psychotherapy: theory, research and practice*, 19(2), 198-204.
- Shapiro, E. R., Zinner, J., Shapiro, R. L., & Berkowitz, D.A. (1975). The influence of family experience on borderline personality development. *International Review of Psycho-Analysis*, 2, 399-411.
- Silva, M. M. (1991). *Criança asmática: subsídios para a compreensão das interrelações familiares da criança asmática*. [Tese de Doutoramento em Psicologia Clínica], Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

- Soloff, H. P. & Millward, J. W. (1983). Developmental histories of borderline patients. *Comprehensive Psychiatry*, 24(6), 574-588.
- Strecht, P. (1998). *Crescer vazio – repercussões psíquicas do abandono, negligência e maus-tratos em crianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Strecht, P. (2003). *Interiores*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Torgersen, S. & Alnaes, R. (1992). Differential perception of parental bonding in schizotypal and borderline personality disorder patients. *Comprehensive Psychiatry*, 33, 34-38.
- Trull, T. J. (2000a). Structural relations between borderline personality disorder features and putative etiological correlates. *Journal of Abnormal Psychology*, 110, 471-481.
- Trull, T. J. (2000b). Relationships of borderline features to parental mental illness, childhood abuse, Axis I disorder, and current functioning. *Journal of Personality Disorders*, 15, 19-32.
- Walsh, F. (1977). The family of borderline patient. In: Grinker, R. R. & Werble, B., eds. *The Borderline Patient*, 158-177. New York: Jason Aronson.
- Webster-Stratton, C., Reid, M. J., & Hammond, M. (2001). Social skills and problem solving training for children with early-onset conduct problems: who benefits? *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 42 (7) 943-952.
- Weiss, M., Zelkowitz, P., Feldman, R. Vogel, J., Heyman, M., & Paris, J. (1996). Psychopathology in offspring of mothers with Borderline Personality Disorder: a pilot study. *Canadian Journal of Psychiatry*, 41, 285–290.
- West, M., Keller, A., Links, P. & Patrick, J. (1993). Borderline disorder and attachment pathology. *Canadian Journal of Psychiatry*, 38, 16-21.
- Winsler, A., Madigan, A. L. & Aquilino, S. A. (2005). Correspondence between maternal and paternal parenting styles in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 20(1): 1-12.

- Zanarini, M. C., Gunderson, J. G., Marino, M. F., Schwartz, E. O. & Frankenburg, F. R. (1989) Childhood experiences of borderline patients. *Comprehensive Psychiatry* 30, 18-25.
- Zanarini M. C. & Frankenburg F. R. (1997). Pathways to the development of borderline personality disorder. *Journal of Personality Disorders*, 11 (1), 93–104.
- Zanarini, M. C., Frankenburg, F. R., Reich, D. B., Marino, M. F., Lewis, R. E., Williams, A. A. & Khera, G. S. (2000). Biparental failure in the childhood experiences of borderline patients. *Journal of Personality Disorders*, 14, 264-273.
- Zigler, E. (1995). Foreword. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (X-XII). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Zelkowitz, P., Paris, J., Guzder, J., Feldman, R. (2001). Diatheses and stressors in borderline pathology of childhood: the role of neuropsychological risk and trauma. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 40, 100-105.
- Zweig-Frank, H. & Paris, J. (1991). Parents' emotional neglect and overprotection according to the recollections of patients with borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 148, 648-651.

Anexos

Anexo A

Tabela de estudos empíricos

Autor Data e Título	Método	Resultados
Aaronson, C. J., Bender, D. S., Skodol, A. E. & Gunderson, J. G. (2006). Comparison of attachment styles in borderline personality disorder and obsessive-compulsive personality disorder.	A investigação recorreu ao Reciprocal Attachment Questionnaire, com o objectivo de comparar os estilos de vinculação entre indivíduos com PBP (n=50) e Perturbação da Personalidade Obsessivo-Compulsiva (n=40).	Pacientes com PBP demonstraram maiores níveis do padrão de procura compulsiva de cuidado e atenção e retirada agressiva, pontuando também mais elevado nas dimensões de falta de disponibilidade da figura de vinculação, medo da perda da figura de vinculação, angústia perante a separação e menor recurso à figura de vinculação.
Bandelow, B., Krause, J., Wedekind, D., Broocs, A., Hajak, G., & Ruther, E. (2005). Early traumatic life events, parental attitudes, family history, and birth risk factors in patients with borderline personality disorder and healthy controls.	Estudo retrospectivo (175 participantes – 66 com PBP e 109 de controlo) com recurso a entrevistas (203 questões) com enfoque em diversos factores de risco da Perturbação Borderline da Personalidade.	Pacientes com PBP reportaram a presença de estilos parentais desfavoráveis numa proporção significativamente superior ao grupo de controlo.
Bezirgianian, S., Cohen, P., & Brook, J. S. (1993). The impact of mother-child interaction on the development of borderline personality disorder.	Estudo com adolescentes (776 participantes) no qual as variáveis <i>interacção mãe-criança</i> , <i>interacção pai-criança</i> , <i>personalidade materna</i> e <i>personalidade do adolescente</i> foram avaliadas, longitudinalmente em dois momentos com dois anos e meio de intervalo.	A combinação de inconstância materna e sobre-envolvimento materno predizem o desenvolvimento de PBP.
Bradley, R. (2005). Etiology of borderline personality disorder: Disentangling the contributions of intercorrelated antecedents.	Estudo com 524 pacientes com PBP, através dos relatos dos seus psicólogos e psiquiatras, visando a análise de vários factores de risco.	Ambiente familiar e psicopatologia parental predizem a PBP. A existência de abuso sexual na infância revelou-se um importante preditor, sendo parcialmente mediado pelo ambiente familiar.
Bradley, S. J. (1979). The relationship of early maternal separation to borderline personality disorder in the children and adolescents.	A investigação recorreu à comparação de 14 crianças e adolescentes com OBP com uma amostra de controlo, pretendendo analisar a existência de separações da mãe ou principal cuidador, antes dos 10 anos de idade.	Pacientes com funcionamento borderline demonstraram um número significativamente superior de separações antes dos 5 anos de idade, mas não no intervalo etário entre os 5 e os 10 anos. O autor conclui existir suporte para a teorização acerca da influência negativa da ruptura dos laços precoces mãe-criança na

		patologia borderline.
Goldman, S. J., D'Angelo, E. J., DeMaso, D. R. & Mezzacappa, E. (1992). Physical and sexual abuse histories among children with borderline personality disorder.	A investigação recorreu à comparação entre os relatos de abuso em 44 crianças diagnosticadas com OBP e 100 crianças do grupo de controlo.	O grupo de crianças com OBP demonstrou uma percentagem significativamente superior de prevalência de abuso físico, bem como na combinação de abuso físico e sexual do que o grupo de controlo. Os resultados confirmam a hipótese de que a existência de uma história de trauma na infância se encontra relacionada com a OBP.
Gunderson, J. G. & Lyoo, I. K. (1997). Family problems and relationships for adults with borderline personality disorder.	Investigação pretendeu comparar os valores da percepção de problemas familiares em pacientes com PBP (21 participantes), com os valores da mesma variável em pais de pacientes com PBP, face a valores de famílias normativas ou não clínicas.	Pacientes com PBP percebem as relações e o ambiente familiar como mais negativo. Pais de pacientes borderline reportaram valores mais normativos.
Herman, J. L., Perry, J. C. & van der Kolk, B. A. (1989). Childhood trauma in borderline personality disorder.	Indivíduos com PBP (21), com características/traços borderline (n=11) e sem funcionamento borderline (n=23) foram entrevistados, no sentido de serem avaliadas possíveis experiências de trauma na infância.	81% dos pacientes borderline apresentaram relatos de acontecimentos traumáticos, incluindo maus-tratos físicos (71%), abusos sexuais (68%) e presenciamento de violência doméstica (62%), sendo estes valores significativamente menos expressivos no grupo de indivíduos sem funcionamento borderline.
Johnson, J. C., Cohen, P., Chen, H., Kasen, S. & Brook, J. S. (2006). Parenting behaviors associated with risk for offspring personality disorder during adulthood.	A investigação recorreu a uma amostra de 593 famílias, através de entrevistas na infância (idade média das crianças de 6 anos), adolescência (médias de 14 e 16 anos), início da adultícia (22 anos de média) e adultícia (média de 33 anos). Os investigadores utilizaram a Structured Clinical Interview for DSM-IV Personality Disorders.	O risco de desenvolver OBP aumenta de forma consistente em função do número de comportamentos de parentalidade negativos perpetrados pelos cuidadores. O reduzido afecto e cuidado parental e a manifestação de comportamentos adversos de parentalidade (e.g. punições severas) encontram-se positivamente associados ao desenvolvimento de OBP.
Johnson, J. G., Smailes, E. M., Cohen, P., Brown, J. & Bernstein, D. P. (2000). Associations between four types of childhood neglect and personality disorder symptoms during adolescence and early adulthood: findings of a community-based longitudinal study.	Estudo longitudinal que compreendeu avaliação de variáveis psicológicas e psicossociológicas em 738 jovens e mães de um centro comunitário.	Verificou-se uma associação entre a existência de comportamentos negligentes na infância e um elevado risco de desenvolver PBP.

<p>Kirsten, D., van Lelleyveld, V. & Venter, C. (2006). Perceptions that patients diagnosed with borderline personality disorder have of their families.</p>	<p>Investigação com o objectivo de compreender como é que os pacientes borderline percebem a sua família, recorrendo, para tal, a três estudos de caso com indivíduos adultos, analisados segundo a Grounded Theory.</p>	<p>As relações familiares foram descritas como instáveis e emocionalmente intensas, marcadas por sentimentos e representações ambivalentes em relação aos membros da família, interacções sentidas como abusivas e por fronteiras interpessoais disfuncionais. Nos relatos foram também salientes dimensões relacionadas com a existência de regras rígidas, sistemas de comunicação ineficazes, falhas ao nível do cuidado e do suporte afectivo, bem como padrões de parentalidade problemáticos.</p>
<p>Newman, K., Stevenson, C.S., Bergman, L.R. & Boyce, P. (2007). Borderline personality disorder, mother-infant interaction and parenting perceptions: preliminary findings.</p>	<p>Investigação comparou dois grupos de participantes (34); idades mãe-criança, com (n=14) e sem PBP (n=20).</p>	<p>Mães com PBP são menos sensíveis e menos consistentes na interacção com a criança;</p> <p>As crianças filhas de mães com PBP mostram-se menos atentas e interessadas em interagir com as suas mães;</p> <p>Mães com PBP reportam sentir-se menos satisfeitas, menos competentes e mais angustiadas.</p>
<p>Ogata, S., Silk, K., Goodrich, S., Lohr, N., Western, D. & Hill, E. (1990). Childhood sexual and physical abuse in borderline patients.</p>	<p>A investigação contou com a participação de 24 indivíduos com PBP (segundo a Diagnostic Interview for Borderline Patients) e 18 indivíduos com funcionamento depressivo, sem PBP, os quais foram entrevistados no sentido de se obter dados relativos a experiências infantis e familiares.</p>	<p>Os resultados indicam que um número significativamente superior de pacientes com PBP relatou a existência de experiências de abuso sexual e maus-tratos físicos.</p>
<p>Soloff, H. P. & Millward, J. W. (1983). Developmental histories of borderline patients.</p>	<p>A investigação analisou as histórias desenvolvimentais de 45 pacientes borderline, segundo os critérios definidos por Gunderson-Singer e a Diagnostic Interview for Borderlines, comparando-as com as de 42 pacientes com esquizofrenia e 32 com síndrome depressivo.</p>	<p>Pacientes com funcionamento borderline experienciaram mais perdas parentais precoces e demonstraram maiores dificuldades nas separações desenvolvimentais expectáveis.</p> <p>Pacientes com funcionamento borderline descreveram as relações com os pais como mais negativas e conflituosas, mães sobre-envolvidas e pais distantes ou ausentes.</p>
<p>Torgersen, S. & Alnaes, R. (1992). Differential perception of parental bonding in schizotypal and borderline personality</p>	<p>Investigação com uma amostra constituída por 219 pacientes com PBP e 52 de controlo, na qual se pretendeu verificar se existiam diferenças relativas à</p>	<p>Pacientes com PBP reportaram maior sobre-envolvimento parental negativo do</p>

disorder patients.	percepção do <i>bonding</i> parental.	que os restantes do grupo de controlo.
Trull, T. J. (2000a). Structural relations between borderline personality disorder features and putative etiological correlates.	Estudo procurou avaliar em participantes com e sem funcionamento borderline a relação entre traços borderline e múltiplos factores preditores tais como a ocorrência de abusos na infância e perturbação mental parental.	Verificou-se que a existência de antecedentes psicopatológicos parentais é um importante factor preditor no desenvolvimento de PBP.
Trull, T. J. (2000b). Relationships of borderline features to parental mental illness, childhood abuse, Axis I disorder, and current functioning.	Investigação com recurso a instrumentos quantitativos de auto-preenchimento que incidiam sobre diversos factores de risco e características de pacientes com PBP, numa amostra com 421 pacientes.	Perturbações parentais do humor e desinibitórias, bem como a existência de abusos na infância, efectividade negativa e desinibição revelaram-se associados à PBP.
Weaver, T. & Clum, G. (1993). Early Family Environments and Traumatic Experiences Associated With Borderline Personality Disorder.	As variáveis <i>experiências de trauma na infância</i> e <i>características do ambiente familiar</i> foram analisadas num questionário aplicado a um total de 36 participantes (17 com PBP e 19 sem PBP).	Significativamente mais indivíduos com PBP reportaram ter experienciado maus-tratos físicos e abuso sexual e presenciado violência. As famílias de pacientes cm PBP foram descritas como mais conflituais e controladoras, com menores níveis de expressividade e coesão.
Zanarini, M.C., Frankenburg, F.R., Reich, D.B., Marino, M.F., Lewis, R.E., Williams, A.A. & Khera, G.S. (2000). Biparental failure in the childhood experiences of borderline patients.	A investigação recorreu a uma entrevista semi-estruturada para avaliar as experiências infantis de abuso e negligência parentais com 358 pacientes borderline e 109 indivíduos do grupo de controlo.	84% dos pacientes borderline reportaram terem experienciado algum tipo de abuso ou negligência antes dos 18 anos; 55% reportaram uma história de abuso biparental e 77% reportaram uma história de negligência biparental. Pacientes borderline revelaram valores significativamente superiores aos do grupo de controlo em termos das experiências de abuso verbal, emocional e físico (não-sexual) por ambos os progenitores; Pacientes borderline reportaram de uma forma mais significativa a negação por parte dos pais dos seus pensamentos e sentimentos, a falha em promover um ambiente protector, negligenciando o seu bem-estar físico e psicológico, distanciando-se emocionalmente dos filhos e lidando com eles de uma forma inconsistente; Verificou-se, também, que as pacientes do

		<p>sexo feminino que reportavam negligência por parte da cuidadora (mãe) e abuso por parte do cuidador (pai) se encontram num risco superior de serem sexualmente abusadas por um indivíduo fora do contexto familiar.</p> <p>Os resultados sugerem a existência de falhas biparentais como importantes preditores da etiopatogenia da PBP.</p>
Zanarini, M. C., Gunderson, J. G., Marino, M. F., Schwartz, E. O., Frankenburg, F. R. (1989) Childhood experiences of borderline patients.	A investigação incluiu as histórias clínicas de 50 pacientes com PBP, 29 pacientes com Perturbação de Personalidade Anti-Social e 26 pacientes com Distímia, obtidas através de uma entrevista semi-estruturada.	<p>Indivíduos com funcionamento borderline reportavam de uma forma significativamente superior histórias de abuso, particularmente verbal e sexual.</p> <p>Indivíduos com funcionamento borderline reportaram de uma forma significativamente superior do que os indivíduos com Perturbação de Personalidade Anti-Social histórias de negligência, particularmente de distanciamento afectivo, e significativamente superior do que os indivíduos com Perturbação Distímica a experiência de separações precoces.</p> <p>O desenvolvimento de PBP encontra-se associado à exposição a cuidadores com comportamentos de parentalidade perturbados, a separações precoces e a experiências de abuso e negligência.</p>
Zweig-Frank, H. & Paris, J. (1991). Parents' emotional neglect and overprotection according to the recollections of patients with borderline personality disorder.	A investigação recorreu a participares do sexo masculino e feminino com funcionamento borderline (n=62) e não-borderline (n=99), aos quais foi aplicado o Parental Bonding Instrument.	<p>Os resultados indicam que pacientes com PBP (de ambos os sexos) recordavam os seus pais como significativamente menos carinhosos e mais controladores do que o grupo de controlo.</p> <p>Os dados corroboram as perspectivas psicodinâmicas que postulam existir falências parentais em ambos os progenitores no desenvolvimento da PBP.</p>

Referências dos estudos empíricos

- Aaronson, C. J., Bender, D. S., Skodol, A. E. & Gunderson, J. G. (2006). Comparison of attachment styles in borderline personality disorder and obsessive-compulsive personality disorder. *Psychiatric Quarterly*, 77, 69-80.
- Bandelow, B., Krause, J., Wedekind, D., Broocs, A., Hajak, G., & Ruther, E. (2005). Early traumatic life events, parental attitudes, family history, and birth risk factors in patients with borderline personality disorder and healthy controls. *Psychiatry Research*, 134, 169-179.
- Bezirgianian, S., Cohen, P., & Brook, J. S. (1993). The impact of mother-child interaction on the development of borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 150, 1836-1842.
- Bradley, S. J. (1979). The relationship of early maternal separation to borderline personality disorder in the children and adolescents. *American Journal of Psychiatry*, 136, 424-426.
- Bradley, R. (2005). Etiology of borderline personality disorder: Disentangling the contributions of intercorrelated antecedents. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 193, 24-31.
- Goldman, S. J., D'Angelo, E. J., DeMaso, D. R. & Mezzacappa, E. (1992). Physical and sexual abuse histories among children with borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 149, 1723-1726.
- Gunderson, J. G. & Lyoo, I. K. (1997). Family problems and relationships for adults with borderline personality disorder. *Harvard Review of Psychiatry*, 4, 272-278.
- Herman, J. L., Perry, J. C. & van der Kolk, B. A. (1989). Childhood trauma in borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 146, 490-495.
- Johnson, J. G., Smailes, E. M., Cohen, P., Brown, J. & Bernstein, D. P. (2000). Associations between four types of childhood neglect and personality disorder symptoms during adolescence and early adulthood: findings of a community-based longitudinal study. *Journal of Personality Disorders*, 14, p.17.

- Johnson, J. C., Cohen, P., Chen, H., Kasen, S. & Brook, J. S. (2006). Parenting behaviors associated with risk for offspring personality disorder during adulthood. *Archives of General Psychiatry*, *63*, 579-587.
- Newman, K., Stevenson, C. S., Bergman, L. R. & Boyce, P. (2007). Borderline personality disorder, mother-infant interaction and parenting perceptions: preliminary findings. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, *41*, 598-605.
- Ogata, S., Silk, K., Goodrich, S., Lohr, N., Western, D. & Hill, E. (1990). Childhood sexual and physical abuse in borderline patients. *American Journal of Psychiatry*, *147*, 1008-1013.
- Soloff, H. P. & Millward, J. W. (1983). Developmental histories of borderline patients. *Comprehensive Psychiatry*, *24*(6), 574-588.
- Torgersen, S. & Alnaes, R. (1992). Differential perception of parental bonding in schizotypal and borderline personality disorder patients. *Comprehensive Psychiatry*, *33*, 34-38.
- Trull, T. J. (2000a). Structural relations between borderline personality disorder features and putative etiological correlates. *Journal of Abnormal Psychology*, *110*, 471-481.
- Trull, T. J. (2000b). Relationships of borderline features to parental mental illness, childhood abuse, Axis I disorder, and current functioning. *Journal of Personality Disorders*, *15*, 19-32.
- Zanarini, M. C., Gunderson, J. G., Marino, M. F., Schwartz, E. O., Frankenburg, F. R. (1989). Childhood experiences of borderline patients. *Comprehensive Psychiatry* *30*, 18-25.
- Zanarini, M. C., Frankenburg, F. R., Reich, D. B., Marino, M. F., Lewis, R. E., Williams, A. A. & Khera, G. S. (2000). Biparental failure in the childhood experiences of borderline patients. *Journal of Personality Disorders*, *14*, 264-273.
- Zweig-Frank, H. & Paris, J. (1991). Parents' emotional neglect and overprotection according to the recollections of patients with borderline personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, *148*, 648-651.

Anexo B

Estudo Sobre os Instrumentos

Designação	Autores	Tipo de instrumento	Objectivo
<p>Escala de percepção da criança dos estilos parentais (EMBU-C)</p>	<p>Castro, Toro, van der Ende & Arrindell, 1993; Versão Portuguesa de Canavarro e Pereira, 2007.</p>	<p>Questionário de auto-preenchimento, aplicado a crianças entre os 6 e os 12 anos, constituído por 32 itens, com possibilidade de resposta entre <i>Não, nunca e Sim, sempre</i>, relativas separadamente ao pai e à mãe.</p>	<p>Avaliar a percepção que as crianças têm dos estilos educativos parentais dos seus progenitores, nas dimensões de Suporte Emocional, Rejeição e Tentativa de Controlo.</p>
<p>Children's Apperception Test – Animal Version</p>	<p>Bellak, L. & Bellak, S. (1949).</p>	<p>Prova projectiva constituída por 10 cartões que apresentam personagens animais (de forma a facilitar a identificação e a projecção) em situações consideradas pelos autores como mais significativas na vida fantasmática da criança.</p>	<p>Permite compreender as identificações da criança, bem como as angústias, os mecanismos de defesa, o seu nível de maturidade afectiva, o desenvolvimento do superego e a interacção dos papéis familiares, bem como a representação dos imagos parentais.</p>
<p>Family Relations Test – Children's Version</p>	<p>Bene, E., & Anthony, J. (1985).</p>	<p>Teste projectivo objectivo, de rápida aplicação e cotação, com duas formas (A e B, segundo a idade da criança e o seu nível de compreensão), constituído por 21 figuras humanas representativas de elementos da família, nas quais a criança deve colocar mensagens relativas de sentimentos positivos fortes e moderados, negativos fortes e moderados e de dependência.</p>	<p>Permite a caracterização da dinâmica familiar segundo as representações internas da criança, bem como a exploração e a compreensão da percepção da criança acerca do que sente pelos membros da sua família, os sentimentos desses em relação a si mesmo, o seu grau de envolvimento com os elementos da família, o grau de dependência face às figuras parentais e os mecanismos defensivos empregues perante a conflitualidade familiar.</p>

Family Aapperception Test	Sotile, Julian III, Henry e Sotile (1991)	Teste projectivo constituído por 21 cartões com cenas familiares, perante as quais o examinando deve contar uma história para cada uma delas, passível de ser aplicado a crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos de idade.	Avaliar o processo de funcionamento e a estrutura familiar, passível de ser analisado segundo diversas categorias (Conflito e Tipo de Resolução, Imposição de Limites, Qualidade do Relacionamento, Fronteiras, Modulação Emocional, Tipo de Comunicação).
Family Environment Scale	Versão original de R. H. Moos & B. S. Moos, 1986; Adaptação portuguesa de Santos & Fontaine, 1992	Instrumento quantitativo que se constitui por um questionário de auto-preenchimento de aplicação a adultos.	Avaliar o ambiente familiar em várias dimensões – Relacional, Crescimento Pessoal e Manutenção do Sistema. Esta escala é composta por dez domínios do ambiente familiar, agrupados nas três subescalas.
Escala de Preocupações Parentais	Algarvio & Leal, 2004.	Questionário de auto-preenchimento aplicado a um dos pais ou de preenchimento conjunto com 37 itens e seis possibilidades de resposta, numa escala de <i>Likert</i> .	Avaliar e compreender quais as principais preocupações parentais, isto é, as dificuldades percebidas nos filhos e as dificuldades associadas à função ou ao exercício da parentalidade, através das dimensões de Problemas Familiares e Preocupações Escolares, Desenvolvimento Infantil, Preparação, Medos e Comportamentos Negativos.
Questionário de Estilos e Dimensões Parentais	Versão original de Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 1995/2001; Adaptação Portuguesa de Carapito, Pedro & Ribeiro, 2007.	Questionário de auto-preenchimento, aplicado separadamente a cada um dos progenitores, com 60 itens que são respondidos numa escala de <i>Likert</i> de 1 (nunca) a 5 (sempre).	Permite a avaliação dos estilos parentais de cada um dos pais, e a percepção que cada um tem sobre as práticas parentais do outro, nas dimensões Autoritário, Autoritativo e Permissivo.

Questionário de Práticas Parentais	Versão Original de Webster-Stratton, Reid & Hammond, 2001; Adaptado e aferição à população portuguesa por Gaspar & Paiva, 2008.	Questionário que possibilita o formato de entrevista ou o preenchimento pelos pais, composto por 7 subescalas relativas às práticas parentais adoptadas, sendo a maior parte dos itens cotados numa escala de <i>Likert</i> de 5 pontos.	Possibilita a identificação das estratégias mais utilizadas no exercício da parentalidade, no âmbito das dimensões: Disciplina Adequada, Parentalidade Positiva, Expectativas Claras, Monitorização, Disciplina Rígida, Disciplina Rígida para a Idade e Disciplina Inconsistente.
Questionário de Coparentalidade	Versão original de Margolin et al., 2001; Adaptação experimental portuguesa de Pedro & Ribeiro, 2008.	Questionário de auto-preenchimento com 14 itens, agrupados segundo três dimensões que permitem avaliar a coparentalidade – a cooperação (itens 1 a 5), a triangulação (itens 6 a 9) e o conflito (itens 10 a 14).	Medir os níveis de suporte e coordenação entre ambos os pais ou figuras parentais, no que concerne ao desempenho das suas funções e responsabilidades na educação da criança.
Inventário de Aliança Parental	Versão original de Abidin, 1995; Adaptação experimental portuguesa de Pedro & Ribeiro, 2007,	Questionário de auto-preenchimento constituído por 20 itens que são respondidos numa escala de <i>Likert</i> de 1 (discordo muito) a 5 (concordo muito).	Avalia o grau de cooperação, comprometimento e comunicação entre o pai e a mãe no que diz respeito à educação do(s) filho(s).
Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES II)	Versão Original de Olson, Portner e Bell (1982); Versão Portuguesa de Curral (1999).	Questionário individual de auto-avaliação, constituído por 30 itens	Avaliação do funcionamento familiar, permitindo a classificação das famílias. A escala foi desenvolvida para avaliar duas grandes dimensões da dinâmica familiar: a coesão e a adaptabilidade da família.

Referências bibliográficas

Abidin, R. R. & Brunner, J. F. (1995). Development of a parenting alliance inventory. *Journal of Clinical Child Psychology*, 24(1), 31-40.

- Aleixo, T. (1999). *As identificações na latência: as relações de/com objectos – o método C.A.T.* Dissertação de Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Algarvio, S. & Leal, I. (2004). Preocupações parentais: validação de um instrumento de medida. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5 (1), 145-158.
- Bellak, L. & Bellak, S. (1991). *Test de Apercepción Infantil con Figuras Animales (CAT-A)*. Buenos Aires: PAIDÓS SAICF.
- Bene, E., & Anthony, J. (1985). *Manual for the Family Relations Test: children's version (3^a ed.)*. London: NFER-NELSON Publishing.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007). A percepção dos filhos sobre os estilos parentais educativos: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnostico y Evaluación Psicológica*, 2, 193-210.
- Carapito, E., Pedro, M. & Ribeiro, M. T. (2008). Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP): Adaptação para o contexto português. Actas da XIII Conferência Internacional “Avaliação Psicológica: Formas e Contextos”, Universidade do Minho.
- Castro, J. Toro, J., Van Der Ende, J., & Arrindell, W.A. (1993). Exploring the feasibility of assessing perceived parental rearing styles in Spanish children with the EMBU. *The International Journal of Social Psychiatry*, 39, (1), 47-57.
- Curral, R., Dourado, F., Roma Torres, A., Barros, H., Palha, A., & Almeida L. (1999). Coesão e adaptabilidade familiares numa amostra portuguesa: Estudo com o Faces III. *Psiquiatria Clínica*, 20(3), 213-217
- Gaspar, M. F., & Paiva, P. S. (2003). Parenting Practices and Children's Socio-Emotional Development: A Study with Portuguese Community Preschool Age Children. Retirado de <http://www.incredibleyears.com/Library/items/parenting-practices-lift-portuguese-04.pdf>.

- Margolin, G., Gordis, E. B. & John, R. S. (2001). Coparenting: a Link Between Marital Conflict and Parenting in Two-Parent Families. *Journal of Family Psychology, 15*(1), 3-21.
- Moos, R., & Moos, B. (1986). *Family environment scale manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Olson, D., Portner, J., & Bell, R. Q. (1982; 1992). Faces II: Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales. In D. Olson, H. McCubbin, H. Barnes, A. Larsen, M. Muxen, & M. Wilson (Eds.), *Family inventories* (pp. 5-24). St. Paul: University of Minnesota.
- Robinson, C. C., Mandleco, B. Olsen, S. F., Hart, C. H. (1995/2001). Authoritative, authoritarian, and permissive parenting practices: Development of a new measure. *Psychological Reports, 77*, 819-830.
- Rota, M. (1999). *Comunicar com a criança – da concepção à adolescência*. Terramar.
- Santos, M., & Fontaine, A. (1995). Avaliação do ambiente familiar por crianças e pré-adolescentes: alguns aspectos da adaptação da FES de Moos & Moos. In Almeida, L., Simões, M., & Gonçalves, M. (Eds.). *Avaliação psicológica: formas e contextos, 3*, pp. 421-430.
- Sotile, W. M., Julian III, A., Henry, S. E. & Sotile, M. O. (1991). *Family Apperception Test: Manual*. Los Angeles: Western Psychological Services.
- Werlang, B., Fensterseifer, L. & Lima, G. (2006). Teste Aperceptivo Familiar (FAT): Técnica Projectiva de Avaliação Psicológica. *Avaliação Psicológica, 5*(2), 255-260. Retirado em 12 de Abril através do Scholar Google.

Anexo C

Descrição do Método Utilizado

O método utilizado constitui-se por um carácter qualitativo, compreendendo a utilização de diversos instrumentos, cujos resultados pretendem obter uma abordagem complementar no sentido de aprender uma compreensão holística do funcionamento borderline na infância. Para tal, foi privilegiada a utilização de instrumentos projectivos com comprovadas qualidades psicométricas (C.A.T.- A.; F.R.T; Desenhos) de forma a, não só, perceber as representações da criança acerca da sua dinâmica familiar e dos imagos parentais, mas também a aceder ao seu mundo interno (entre outros aspectos, angústia predominante, mecanismos defensivos mais recorrentes, tipo de relação objectal, capacidade de mentalização), permitindo, ainda, confirmar ou infirmar a hipótese diagnóstica previamente estabelecida de Organização Borderline de Personalidade. Por outro lado, a utilização de instrumentos que reflectem metodologias quantitativas, tais como os questionários, cumpriu essencialmente o propósito de aceder a dimensões, de comportamentos e processos mentais subjacentes, habitualmente relacionados com o construto avaliado, a parentalidade. Todavia, os questionários, sendo de fácil e rápida aplicação e cotação, dependem da capacidade dos pais para fazerem uma leitura introspectiva e de auto-análise acerca dos seus papéis e funções parentais, sendo que o seu envolvimento não lhes permite o distanciamento necessário para reflectir acerca das situações e comportamentos propostos. Para além desse factor, a dimensão de desejabilidade social, que leva os pais a responder consoante um padrão considerado expectável ou social/moralmente correcto, pareceu-nos particularmente evidente, condicionando a transparência e a validade das respostas. Neste sentido, e visto que se procurou superar as lacunas existentes nas duas metodologias, salvaguardando os benefícios de ambas, pareceu-nos pertinente recorrer à entrevista, a qual permitiu estabelecer uma relação de maior proximidade com os pais, garantindo uma maior genuinidade e auto-revelação. Pretendeu-se questionar os pais acerca de diversos temas relacionados com a sua experiência da parentalidade em relação àquela criança em particular, nomeadamente, as suas representações parentais, a expectativa face ao nascimento, o desejo do bebé, a relação do casal e a dinâmica familiar subsequente ao seu nascimento, o modo como agem habitualmente com o filho em diversas situações e perante os comportamentos deste, as representações que constroem acerca desta criança.

Os dados foram submetidos a um criterioso processamento da informação, não tendo objectivamente repercussão directa sobre os entrevistados (ou sem essa intenção) dado que o seu objectivo foi a recolha de informação específica acerca da temática indicada, com a vantagem de reunir uma grande quantidade de informação num determinado momento, limitado no tempo. O

contacto foi, portanto, breve, cingindo-se ao momento em questão através de uma entrevista de função informativa, isto é, com a finalidade única de recolha de dados. Assim sendo, quanto ao tipo, foram entrevistas semi-estruturadas de investigação, por se destinarem ao conhecimento objectivo dos parâmetros indicados. Neste sentido, foi efectuado um conjunto de questões, na sua maioria abertas, pré-estabelecidas, com um esquema previamente definido, ainda que, no decorrer da entrevista, pudessem ser incluídos aspectos considerados relevantes. A entrevista foi preparada de forma a ter uma duração prevista, sem, no entanto, imposições de maior. Dado tratar-se de uma entrevista com carácter académico, e consideradas as desvantagens de recorrer a uma metodologia de registo escrito da informação recolhida, após o consentimento informado dos indivíduos, todas as entrevistas foram gravadas em formato áudio, permitindo a recolha simultânea de informação enquanto os entrevistados falavam para evitar eventuais perdas, constrangimentos e interferências na situação de entrevista.

Anexo D

Criteria for Borderline Disorder in Children

(Bemporad et al, 1982)

1. Fluctuation of functioning;
2. Severe anxiety states:
 - a) Rapid escalation to panic/terror;
 - b) Prominent phobic symptoms;
 - c) Fears of self-annihilation, body mutilation or world catastrophe;
3. Disturbed thought content:
 - a) Fluid fantasy/reality boundaries, psychotic thinking on psychological tests;
 - b) Scholastic underachievement, learning disability, poor perceptual-motor skills;
4. Disturbed personal relationships (hostile, sadistic, demanding, dependent);
5. Poor affect and mood controls;
6. Associated symptoms:
 - a) Poor social functioning;
 - b) Failure to learn from experience;
 - c) Lack of personal grooming;
 - d) Difficulty adapting to new circumstances;
 - e) Evidence of organic impairment.

Cr terios de diagnóstico de Organiza o Borderline de Personalidade na infância (Bemporad et al, 1982) – tradu o livre

1. Instabilidade (labilidade) do funcionamento;
2. Estados de ansiedade severos:
 - a. Reac es súbitas de pânico/terror;
 - b. Existência de sintomas f bicos;
 - c. Medo da destrui o do sentido de Self, do dano físico e de catástrofes;
3. Perturba es de pensamento:
 - a. Porosidade das fronteiras entre realidade e fantasia; pensamento em processo primário (psicótico) revelado em provas de exame psicológico;
 - b. Dificuldades escolares (rendimento abaixo das capacidades cognitivas), designadamente em áreas de desempenho grafo-perceptivo;

4. Dificuldades relacionais (evidências de padrões de hostilidade, sadismo, exigência, dependência)
5. Pobre regulação afectiva e motora;
6. Presença de múltiplos sintomas:
 - a. Pobre funcionamento social;
 - b. Incapacidade de aprender com o vivido experiencial;
 - c. Falta de preparação pessoal;
 - d. Dificuldade de adaptação a novas circunstâncias;
 - e. Co-ocorrência de sintomatologia orgânica.

Referências bibliográficas

- Acklin, M. (1995). Rorschach assessment of the borderline child. *Journal of Clinical Psychology, 51* (2), 294-302.
- Bemporad, J., Smith, H., Hanson, G. & Cicchetti, D. (1982). Borderline syndromes in childhood: criteria for diagnosis. *American Journal of Psychiatry, 139*, 566-602.

Anexo E

CrITÉrios DiagnÓsticos para Perturbação Estado-Limite de Personalidade - DSM-IV-TR (APA, 2002)

Padrão global de instabilidade no relacionamento interpessoal, auto-imagem e afectos, impulsividade marcada com começo no início da idade adulta e presente numa variedade de contextos, como indicado por cinco (ou mais) dos seguintes critérios:

1. Esforços frenéticos para evitar um abandono real ou imaginado.
Nota: Não incluir comportamento automutilante ou suicidário, descritos no Critério 5
2. Padrão de relações interpessoais intensas e instáveis, caracterizadas pela alternância extrema entre idealização e desvalorização
3. Perturbação da identidade: instabilidade persistente e marcada da auto-imagem ou do sentimento de si próprio;
4. Impulsividade pelo menos em duas áreas que são potencialmente autolesivas (por exemplo, gastos financeiros, sexo, abuso de substâncias, condução ousada, voracidade alimentar).
Nota: Não incluir comportamento automutilante ou suicidário, descritos no Critério 5
5. Comportamentos, gestos ou ameaças recorrentes de suicídio, ou comportamento automutilante
6. Instabilidade afectiva por reactividade de humor marcada (por exemplo, episódios intensos de disforia, irritabilidade ou ansiedade, habitualmente durando poucas horas ou mais raramente alguns dias)
7. Sentimento crónico de vazio
8. Raiva intensa e inapropriada ou dificuldades de a controlar (por exemplo, episódios de destempero, raiva constante, brigas constantes)
9. Ideação paranóide transitória reactiva ao stress ou sintomas dissociativos graves.

Anexo F

Consentimento Informado



Caro(a) participante,

Enquanto aluna do Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Instituto Universitário – do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, eu, Ana Raquel Silva Veríssimo, encontro-me a realizar um projecto de investigação, o qual pretende ser uma reflexão com o objectivo de compreender a dinâmica familiar, as dimensões de parentalidade e as representações parentais de crianças diagnosticadas com Organização Borderline de Personalidade.

Neste sentido, necessito da sua participação e do seu filho/educando neste estudo, o qual inclui a realização de uma entrevista aos pais e à criança e o preenchimento de alguns instrumentos complementares. A sua colaboração nesta pesquisa é voluntária e importante para o aumento do conhecimento acerca desta temática.

Informo que o V/ Exc.^a tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, a todos os esclarecimentos que entenda necessários.

Todas as informações obtidas servirão unicamente para fins académicos e serão tratadas com o maior rigor e confidencialidade, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes.

Em anexo poderá encontrar o consentimento informado para que possa assinar, caso aceite participar e não restem quaisquer dúvidas.

Obrigado pela sua colaboração.



Consentimento Informado

Eu, _____, fui suficientemente informado a respeito do estudo em que vou participar subordinado ao tema “Dinâmica familiar, representações parentais e parentalidade – estudo exploratório com crianças com Organização Borderline da Personalidade”. Da mesma forma, ficaram claros para mim quais os propósitos do estudo, os procedimentos que serão efectuados e as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro, também, que a minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas a qualquer momento, pelo que concordo, voluntariamente, em participar neste estudo.

_____ Lisboa ___ de _____ de 2012

Assinatura do participante

_____ Lisboa ___ de _____ de 2012

Assinatura da investigadora

Anexo G

Guião de entrevista

Crianças

- Nome
- Idade; data de nascimento
- Onde mora; que escola frequenta
- O dia de hoje
- Como é a escola – gosta/não gosta; como corre; gosta da professora e dos colegas/ou não; disciplinas preferidas;
- Amigos; amigo especial;
- O que quer ser quando crescer (profissão);
- Como se dá com os pais/irmãos; como percepciona a dinâmica familiar;
- Os sonhos/pesadelos que tem; como dorme e onde;
- Medos/fobias;
- Actividades preferenciais, tarefas que gosta de fazer; como passa os tempos livres;
- Brincadeiras preferidas;
- Identidade: Self real como percepcionado pela criança.

Anexo H
Guião de entrevista

Pais

- Trata-se de um filho único ou existem irmãos? Que posição ocupa na fratria?
- A motivação da escolha do nome;
- O desejo de terem um filho antes do nascimento deste - a gravidez foi planeada e desejada?;
- Como descrevem as circunstâncias do encontro do casal?
- Como descrevem a gravidez?
- Como é que o pai reagiu ao nascimento? O pai esteve presente? Como foi a relação do casal a partir daí e que modificações pensam que o nascimento deste filho trouxe à dinâmica familiar?
- Evocação da 1ª infância: procura de sintomas, comportamentos habituais, semelhanças, dicotomia bebé/real bebé/imaginário, traços de carácter da criança enquanto pequena – como era o bebé nos dois primeiros anos de vida, sobretudo nos dois 1ºs meses? (dormir, alimentação);
- A mãe trabalhava? Se sim, com quem ficou a criança quando retomou o trabalho?
- Como foi a entrada para o jardim-de-infância (adaptação, primeiras socializações, o que diziam dele/a)?
- E a adaptação à escola primária?
- Narração de acontecimentos traumáticos relativamente à criança e/ou a pessoas significativas (hospitalização, separação, doença e/ou morte de alguém significativo) e das reacções da criança - maneira como foram geridos pela família e a sua repercussão no seu desenvolvimento;
- Preocupações parentais actuais;
- Percepção relativa ao acompanhamento psicológico da criança (significado atribuído à sua condição, sentimentos relativos à mesma, consequências a vários níveis – familiar, escolar e relacional);
- Existência ou não de um tratamento psicológico ou psicanalítico anterior no caso da criança.

Questionário de caracterização sócio-demográfica

Leia atentamente todas as questões colocadas, respondendo na sua totalidade e com a maior sinceridade. Quando não tiver a certeza de um valor ou de uma resposta por favor seleccione a opção mais aproximada ou coloque no local destinado a observações que poderá encontrar no final da última página. A sua participação é muito importante, pelo que agradecemos a sua disponibilidade.

Idade

Mãe: _____ **Pai:** _____

Escolaridade

Mãe

- Ensino Primário (0 a 4 anos de Escolaridade)
- Ensino Básico Preparatório (5 a 9 anos de Escolaridade)
- Ensino Secundário (10 a 12 anos de Escolaridade)
- Frequência Universitária
- Ensino Superior

Pai

- Ensino Primário (0 a 4 anos de Escolaridade)
- Ensino Básico Preparatório (5 a 9 anos de Escolaridade)
- Ensino Secundário (10 a 12 anos de Escolaridade)
- Frequência Universitária
- Ensino Superior

Situação Profissional

Mãe

- Desempregada Empregada

Profissão:

Pai

- Desempregado Empregado

Profissão:

Estado civil

Mãe

- | | | | |
|---|-------------|-------------------------------------|-------------|
| <input type="checkbox"/> Casado/a | Desde _____ | <input type="checkbox"/> Solteiro/a | Desde _____ |
| <input type="checkbox"/> Divorciado/a | Desde _____ | <input type="checkbox"/> Viúvo/a | Desde _____ |
| <input type="checkbox"/> União de facto | Desde _____ | | |

Pai

- | | | | |
|---|-------------|-------------------------------------|-------------|
| <input type="checkbox"/> Casado/a | Desde _____ | <input type="checkbox"/> Solteiro/a | Desde _____ |
| <input type="checkbox"/> Divorciado/a | Desde _____ | <input type="checkbox"/> Viúvo/a | Desde _____ |
| <input type="checkbox"/> União de facto | Desde _____ | | |

Situação relacional conjugal

Mãe

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Casamento | Quantos casamentos teve anteriormente? _____ |
| <input type="checkbox"/> União de facto | Quantas uniões de facto teve anteriormente? _____ |

Pai

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Casamento | Quantos casamentos teve anteriormente? _____ |
| <input type="checkbox"/> União de facto | Quantas uniões de facto teve anteriormente? _____ |

Composição do agregado familiar (elementos e respectiva idade)

Acompanhamento psicológico ou psiquiátrico

Mãe

- | | | |
|-------------------------------------|---|--|
| <input type="checkbox"/> Nunca teve | <input type="checkbox"/> Teve anteriormente | <input type="checkbox"/> Tem actualmente |
|-------------------------------------|---|--|

Pai

- | | | |
|-------------------------------------|---|--|
| <input type="checkbox"/> Nunca teve | <input type="checkbox"/> Teve anteriormente | <input type="checkbox"/> Tem actualmente |
|-------------------------------------|---|--|

Características da zona habitacional

- Bairro residencial onde o valor do terreno ou os alugueres são elevados.
- Bairro residencial bom, de ruas largas com casas confortáveis e bem conservadas.
- Ruas comerciais ou estreitas e antigas com casas de aspecto geral menos confortável e zonas rurais não degradadas.
- Bairro populoso, mal arejado ou bairro em que o valor do terreno está diminuído como consequência da proximidade de oficinas, fábricas, estações de caminho de ferro, etc.

Fontes de rendimento

- Fortuna herdada ou adquirida como principal origem dos rendimentos.
- Os rendimentos consistem em lucros de empresas, altos honorários, cargos bem remunerados, etc.
- Os rendimentos correspondem a um vencimento mensal fixo (funcionário).
- Os rendimentos resultam de salários; ou seja remuneração por semana, horas à tarefa.
- Beneficência pública ou privada que sustente o a família (excepto subsídios por desemprego ou doença).

Observações

Uma vez mais obrigado pela sua colaboração.

Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

Autor: Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 1995
Versão Portuguesa: Elsa Carapito, Marta Pedro & M. Teresa Ribeiro, 2007

Instruções

O presente questionário avalia com que frequência e de que modo actua com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência e de que modo o seu marido/companheiro actua com o(a) seu/sua filho(a).

Por favor leia cada frase do questionário e pense com que frequência actua deste modo com o(a) seu/sua filho(a). Coloque a sua resposta do lado direito da frase como no exemplo abaixo indicado.

Exemplo

1. Deixo que o meu filho(a) escolha a roupa que leva para a escola.

Depois pense com que frequência o seu marido/companheiro actua com o(a) seu/sua filho(a). Coloque a sua resposta do lado direito da frase como no exemplo abaixo indicado.

Exemplo

1. Ele deixa que o nosso filho(a) escolha a roupa que leva para a escola.

Por favor, para cada frase diga com que frequência actua da maneira apresentada com o seu filho.

	Nunca	Algumas vezes	A metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho.	1	2	3	4	5
2. Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3. Tenho em conta os desejos do meu filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer digo-lhe "porque eu disse" ou "porque sou tua mãe e quero que o faças".	1	2	3	4	5
5. Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6. Bato ao meu filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7. Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8. Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
9. Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo.	1	2	3	4	5
10. Castigo o meu filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11. Realço os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12. Conforto e sou compreensiva quando o meu filho está em baixo.	1	2	3	4	5
13. Quando o meu filho se comporta mal falo alto ou grito.	1	2	3	4	5
14. Elogio o meu filho quando ele se comporta bem.	1	2	3	4	5
15. Eu cedo quando o meu filho faz birra.	1	2	3	4	5
16. Tenho explosões de raiva com o meu filho.	1	2	3	4	5
17. Ameaço o meu filho com castigos mais vezes do que o castigo efectivamente.	1	2	3	4	5
18. Tenho em conta as preferências do meu filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19. Agarro o meu filho com força quando ele desobedece.	1	2	3	4	5
20. Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumpro.	1	2	3	4	5
21. Mostro respeito pelas opiniões do meu filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22. Permito que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23. Reprendo e critico o meu filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24. Estrago o meu filho com mimos.	1	2	3	4	5
25. Explico ao meu filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26. Uso ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
27. Passo momentos especiais e de afecto com o meu filho.	1	2	3	4	5
28. Castigo o meu filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
29. Ajudo o meu filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
30. Reprendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31. Explico as consequências do comportamento do meu filho.	1	2	3	4	5
32. Dou uma bofetada ao meu filho quando ele se comporta mal.	1	2	3	4	5

Agora, para cada frase, diga com que frequência o seu marido/companheiro actua da forma apresentada com o(a) seu/sua filho(a).

	Nunca	Algumas vezes	A metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Ele é sensível às necessidades e sentimentos do nosso filho.	1	2	3	4	5
2. Ele castiga fisicamente o nosso filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
3. Ele tem em conta os desejos do nosso filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
4. Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, ele diz-lhe: "porque eu disse" ou "porque sou teu pai e quero que o faças".	1	2	3	4	5
5. Ele explica ao nosso filho como se sente quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
6. Ele bate ao nosso filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
7. Ele encoraja o nosso filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
8. Ele acha difícil disciplinar o nosso filho.	1	2	3	4	5
9. Ele encoraja o nosso filho a expressar-se livremente mesmo quando este não concorda com ele.	1	2	3	4	5
10. Ele castiga o nosso filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
11. Ele realça os motivos das regras.	1	2	3	4	5
12. Ele conforta e é compreensivo quando o nosso filho está "em baixo".	1	2	3	4	5
13. Quando o nosso filho se comporta mal ele fala alto ou grita.	1	2	3	4	5
14. Ele elogia o nosso filho quando este se comporta bem.	1	2	3	4	5
15. Ele cede quando o nosso filho faz birra.	1	2	3	4	5
16. Ele tem explosões de raiva com o nosso filho.	1	2	3	4	5
17. Ele ameaça o nosso filho com castigos mais vezes do que o castiga efectivamente.	1	2	3	4	5
18. Ele tem em conta as preferências do nosso filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
19. Ele agarra o nosso filho com força quando este desobedece.	1	2	3	4	5
20. Ele diz ao nosso filho que o castiga e depois não cumpre.	1	2	3	4	5
21. Ele mostra respeito pelas opiniões do nosso filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
22. Ele permite que o nosso filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
23. Ele repreende e critica o nosso filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
24. Ele estraga o nosso filho com mimos.	1	2	3	4	5
25. Ele explica ao nosso filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
26. Ele usa ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
27. Ele passa momentos especiais e de afecto com o nosso filho.	1	2	3	4	5
28. Ele castiga o nosso filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
29. Ele ajuda o nosso filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
30. Ele repreende ou critica o nosso filho quando este não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
31. Ele explica as consequências do comportamento do nosso filho.	1	2	3	4	5
32. Ele dá uma bofetada ao nosso filho quando este se comporta mal.	1	2	3	4	5

Obrigado pela sua colaboração.

Anexo K



Questionário de Dimensões e Estilos Parentais (QDEP)

Autor: Robinson, Mandleco, Olsen & Hart, 1995
Versão Portuguesa: Elsa Carapito, Marta Pedro & M. Teresa Ribeiro, 2007

Instruções

O presente questionário avalia com que frequência e de que modo actua com o/a seu/sua filho(a) e com que frequência e de que modo a sua esposa/companheira actua com o(a) seu/sua filho(a).

Por favor leia cada frase do questionário e pense com que frequência actua deste modo com o(a) seu/sua filho(a). Coloque a sua resposta do lado direito da frase como no exemplo abaixo indicado.

Exemplo

2. Deixo que o meu filho(a) escolha a roupa que leva para a escola.

Depois pense com que frequência a sua esposa/companheira actua com o(a) seu/sua filho(a). Coloque a sua resposta do lado direito da frase como no exemplo abaixo indicado.

Exemplo

2. Ela deixa que o nosso filho(a) escolha a roupa que leva para a escola.

Por favor, para cada frase diga com que frequência actua da maneira apresentada com o seu filho.

	Nunca	Algumas vezes	A metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
33. Sou sensível às necessidades e sentimentos do meu filho.	1	2	3	4	5
34. Castigo fisicamente o meu filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
35. Tenho em conta os desejos do meu filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
36. Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer digo-lhe "porque eu disse" ou "porque sou tua mãe e quero que o faças".	1	2	3	4	5
37. Explico ao meu filho como me sinto quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
38. Bato ao meu filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
39. Encorajo o meu filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
40. Acho difícil disciplinar o meu filho.	1	2	3	4	5
41. Encorajo o meu filho a expressar-se livremente mesmo quando ele não concorda comigo.	1	2	3	4	5
42. Castigo o meu filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
43. Realço os motivos das regras.	1	2	3	4	5
44. Conforto e sou compreensiva quando o meu filho está em baixo.	1	2	3	4	5
45. Quando o meu filho se comporta mal falo alto ou grito.	1	2	3	4	5
46. Elogio o meu filho quando ele se comporta bem.	1	2	3	4	5
47. Eu cedo quando o meu filho faz birra.	1	2	3	4	5
48. Tenho explosões de raiva com o meu filho.	1	2	3	4	5
49. Ameaço o meu filho com castigos mais vezes do que o castigo efectivamente.	1	2	3	4	5
50. Tenho em conta as preferências do meu filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
51. Agarro o meu filho com força quando ele desobedece.	1	2	3	4	5
52. Digo ao meu filho que o castigo e depois não cumpro.	1	2	3	4	5
53. Mostro respeito pelas opiniões do meu filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
54. Permito que o meu filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
55. Repreendo e critico o meu filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
56. Estrago o meu filho com mimos.	1	2	3	4	5
57. Explico ao meu filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
58. Uso ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicação.	1	2	3	4	5
59. Passo momentos especiais e de afecto com o meu filho.	1	2	3	4	5
60. Castigo o meu filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
61. Ajudo o meu filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
62. Repreendo ou critico o meu filho quando ele não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
63. Explico as consequências do comportamento do meu filho.	1	2	3	4	5
64. Dou uma bofetada ao meu filho quando ele se comporta mal.	1	2	3	4	5

Agora, para cada frase, diga com que frequência a sua esposa/companheira actua da forma apresentada com o(a) seu/sua filho(a).

	Nunca	Algumas vezes	A metade das vezes	Muitas vezes	Sempre
33. Ela é sensível às necessidades e sentimentos do nosso filho.	1	2	3	4	5
34. Ela castiga fisicamente o nosso filho para o disciplinar.	1	2	3	4	5
35. Ela tem em conta os desejos do nosso filho, antes de lhe pedir que faça algo.	1	2	3	4	5
36. Quando o meu filho pergunta por que tem de obedecer, ela diz-lhe: "porque eu disse" ou "porque sou tua mãe e quero que o faças".	1	2	3	4	5
37. Ela explica ao nosso filho como se sente quando ele se comporta bem e quando se comporta mal.	1	2	3	4	5
38. Ela bate ao nosso filho quando ele é desobediente.	1	2	3	4	5
39. Ela encoraja o nosso filho a falar dos seus problemas.	1	2	3	4	5
40. Ela acha difícil disciplinar o nosso filho.	1	2	3	4	5
41. Ela encoraja o nosso filho a expressar-se livremente mesmo quando este não concorda com ela.	1	2	3	4	5
42. Ela castiga o nosso filho retirando-lhe privilégios, com poucas ou nenhuma explicações.	1	2	3	4	5
43. Ela realça os motivos das regras.	1	2	3	4	5
44. Ela conforta e é compreensiva quando o nosso filho está "em baixo".	1	2	3	4	5
45. Quando o nosso filho se comporta mal ela fala alto ou grita.	1	2	3	4	5
46. Ela elogia o nosso filho quando este se comporta bem.	1	2	3	4	5
47. Ela cede quando o nosso filho faz birra.	1	2	3	4	5
48. Ela tem explosões de raiva com o nosso filho.	1	2	3	4	5
49. Ela ameaça o nosso filho com castigos mais vezes do que o castiga efectivamente.	1	2	3	4	5
50. Ela tem em conta as preferências do nosso filho quando se fazem planos para a família.	1	2	3	4	5
51. Ela agarra o nosso filho com força quando este desobedece.	1	2	3	4	5
52. Ela diz ao nosso filho que o castiga e depois não cumpre.	1	2	3	4	5
53. Ela mostra respeito pelas opiniões do nosso filho, encorajando-o a expressá-las.	1	2	3	4	5
54. Ela permite que o nosso filho dê a sua opinião sobre as regras familiares.	1	2	3	4	5
55. Ela repreende e critica o nosso filho para o bem dele.	1	2	3	4	5
56. Ela estraga o nosso filho com mimos.	1	2	3	4	5
57. Ela explica ao nosso filho os motivos porque deve cumprir as regras.	1	2	3	4	5
58. Ela usa ameaças como castigos dando poucas ou nenhuma explicações.	1	2	3	4	5
59. Ela passa momentos especiais e de afecto com o nosso filho.	1	2	3	4	5
60. Ela castiga o nosso filho deixando-o sozinho e dando-lhe poucas explicações.	1	2	3	4	5
61. Ela ajuda o nosso filho a compreender o impacto do seu comportamento, encorajando-o a falar sobre as consequências das suas acções.	1	2	3	4	5
62. Ela repreende ou critica o nosso filho quando este não se comporta como nós esperamos.	1	2	3	4	5
63. Ela explica as consequências do comportamento do nosso filho.	1	2	3	4	5
64. Ela dá uma bofetada ao nosso filho quando este se comporta mal.	1	2	3	4	5

Obrigado pela sua colaboração.

Questionário de coparentalidade

Autores: Gayla M., Elana B. G. & Richard S. J., 2001
Versão Portuguesa: Marta Pedro & Teresa Ribeiro, 2008

Instruções:

Por favor, leia cada frase do questionário e pense com que frequência o seu marido/companheiro ou a sua mulher/companheira actua deste modo consigo. Depois de escolher a sua resposta, assinale-a com um círculo.

O meu marido / companheiro ...

ou

A minha mulher / companheira...

	Nunca	Raramente	Às vezes	Normalmente	Sempre
1. ... conta-me muitas coisas acerca do nosso filho.	1	2	3	4	5
2. ... põe-me a par de tudo o que acontece durante o dia-a-dia do nosso filho.	1	2	3	4	5
3. ... fala muito bem de mim ao nosso filho.	1	2	3	4	5
4. ... pergunta a minha opinião sobre assuntos relacionados com o ser pai/ser mãe.	1	2	3	4	5
5. ... participa na resolução dos problemas disciplinares relacionados com o nosso filho.	1	2	3	4	5
6. ... diz coisas cruéis acerca de mim, ou que me magoam, em frente do nosso filho.	1	2	3	4	5
7. ... usa o nosso filho contra mim.	1	2	3	4	5
8. ... quando discutimos, tenta manipular o nosso filho para que este tome o partido de um de nós.	1	2	3	4	5
9. ... envia-me mensagens pelo nosso filho em vez de falar directamente comigo.	1	2	3	4	5
10.... e eu temos regras diferentes no que diz respeito à alimentação, rotinas diárias, hora de deitar ou trabalhos de casa do nosso filho.	1	2	3	4	5
11.... e eu temos níveis diferentes de exigência relativamente ao comportamento do nosso filho.	1	2	3	4	5
12.... discute comigo por causa do nosso filho.	1	2	3	4	5
13.... concorda com as minhas decisões relativas à disciplina do nosso filho.	1	2	3	4	5
14. ... enfraquece, pouco a pouco, a minha posição de pai/mãe.	1	2	3	4	5

Obrigado pela sua colaboração.

Anexo M



Escala de Preocupações Parentais

Autores: Algarvio e Leal, 2004

As questões que se seguem pedem-lhe a sua opinião acerca do que a/o preocupa actualmente em relação ao seu filho/a. Responda, por favor, a cada uma das questões marcando com uma cruz (x) na opção que considera mais adequada à sua situação. Se não tiver a certeza de como responder a qualquer uma das questões, responda o melhor que puder e faça um comentário no espaço livre na margem direita da página. Se achar que a questão não lhe diz respeito devido à idade da criança ou por qualquer outra razão, ponha uma cruz na opção "não se aplica".

Idade da criança: _____ anos _____ meses

Sexo da criança: Masculino Feminino

	Muitíssimo	Bastante	Razoavelmente	Pouco	Nada	Não se aplica
1. Preocupa-me o meu filho não dar atenção ao que lhe digo	1	2	3	4	5	6
2. Preocupa-me o meu filho ter pesadelos	1	2	3	4	5	6
3. Preocupa-me o meu filho controlar dificilmente os seus comportamentos	1	2	3	4	5	6
4. Preocupa-me, em caso de separação dos pais, quem deve ficar com a custódia da criança	1	2	3	4	5	6
5. Preocupa-me o meu filho não me obedecer	1	2	3	4	5	6
6. Preocupa-me o que o meu filho deve comer	1	2	3	4	5	6
7. Preocupa-me o meu filho comer pouco	1	2	3	4	5	6
8. Preocupa-me os pais não estarem de acordo quanto às regras e disciplina	1	2	3	4	5	6
9. Preocupa-me o meu filho ter medo de animais	1	2	3	4	5	6
10. Preocupa-me se o meu filho tem o que precisa na escola	1	2	3	4	5	6
11. Preocupa-me saber como preparar o meu filho para mudar de casa	1	2	3	4	5	6
12. Preocupa-me o meu filho entender o que é a morte	1	2	3	4	5	6
13. Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de cabeça	1	2	3	4	5	6
14. Preocupa-me o meu filho ter o sono agitado	1	2	3	4	5	6
15. Preocupa-me o meu filho sujar-se muito	1	2	3	4	5	6
16. Preocupa-me o meu filho fazer birras	1	2	3	4	5	6
17. Preocupa-me a educadora/professora entender o meu filho	1	2	3	4	5	6
18. Preocupa-me os pais discutirem muito	1	2	3	4	5	6
19. Preocupa-me o meu filho não gostar de partilhar	1	2	3	4	5	6
20. Preocupa-me o meu filho ter medo do escuro	1	2	3	4	5	6
21. Preocupa-me o meu filho não querer ir para a cama	1	2	3	4	5	6
22. Preocupa-me o meu filho ser mandão e exigente	1	2	3	4	5	6
23. Preocupa-me o meu filho não assumir responsabilidades	1	2	3	4	5	6
24. Preocupa-me o meu filho chorar e/ou gritar muito	1	2	3	4	5	6
25. Preocupa-me o meu filho ser sujeito a maus tratos	1	2	3	4	5	6
26. Preocupa-me o meu filho mentir	1	2	3	4	5	6
27. Preocupa-me o que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais	1	2	3	4	5	6
28. Preocupa-me o meu filho ter medos	1	2	3	4	5	6
29. Preocupa-me o meu filho queixar-se muito	1	2	3	4	5	6
30. Preocupa-me o meu filho queixar-se de dores de barriga	1	2	3	4	5	6
31. Preocupa-me o meu filho entender a morte de alguém próximo	1	2	3	4	5	6
32. Preocupa-me se o meu filho está preparado para ir para a escola	1	2	3	4	5	6
33. Preocupa-me o meu filho ter dificuldade em adormecer	1	2	3	4	5	6
34. Preocupa-me o meu filho ser muito dependente	1	2	3	4	5	6
35. Preocupa-me o meu filho não comer certos alimentos	1	2	3	4	5	6
36. Preocupa-me o meu filho ter medo do papão ou de monstros	1	2	3	4	5	6
37. Preocupa-me o meu filho ser muito activo	1	2	3	4	5	6

Obrigado pela sua colaboração.

Anexo N

Práticas Parentais – Questionário

PROJECTO "OS ANOS INCRÍVEIS" - University of Washington-Parenting Clinic

(Versão Portuguesa de M. Gaspar & P. Santos, 2008)

Este questionário contém questões sobre as diferentes formas de educar as crianças e ensiná-las a distinguir entre o bem e o mal. Por favor marque com uma cruz o número que corresponde à sua resposta. Pense no seu filho/filha em relação ao qual lhe pedirem que preenchesse este questionário. Se ninguém lhe pediu pense no seu filho/filha cujo comportamento mais o preocupa.

Qual a idade do seu filho/filha no qual vai pensar para preencher este questionário? _____ (anos)
É rapaz ou rapariga? _____

1. Apresentamos de seguida uma lista das coisas que os pais nos disseram que fazem quando os seus filhos/filhas têm um comportamento que não devem ter. Em geral, quantas vezes faz cada uma das seguintes coisas quando o seu filho/filha faz algo que não devia fazer?

	Nunca	Rara-mente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
a. Repara mas não faz nada.	1	2	3	4	5
b. Levanta a voz (ralha ou grita).	1	2	3	4	5
c. Faz com que o seu filho/a corrija o problema ou compense o mal que fez.	1	2	3	4	5
d. Ameaça castigá-lo/a (mas não castiga realmente).	1	2	3	4	5
e. Dá-lhe um tempo (para ele/a pensar).	1	2	3	4	5
f. Castiga o seu filho/a.	1	2	3	4	5
g. Tira-lhe privilégios, coisas que ele/a gosta de fazer (como ver televisão ou brincar com os amigos).	1	2	3	4	5
h. Bate-lhe.	1	2	3	4	5
i. Dá-lhe uma palmada.	1	2	3	4	5
j. Dá ao seu filho/a tarefas para ele/a fazer como castigo.	1	2	3	4	5
k. Discute o problema com ele/a ou faz-lhe perguntas sobre o que aconteceu.	1	2	3	4	5

2. Se o seu filho/filha bater noutra criança, quantas vezes faz cada uma das seguintes coisas?

	Nunca	Rara-mente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
a. Repara mas não faz nada.	1	2	3	4	5
b. Levanta a voz (ralha ou grita).	1	2	3	4	5
c. Faz com que o seu filho/a corrija o problema ou compense o mal que fez.	1	2	3	4	5
d. Ameaça castigá-lo/a (mas não castiga realmente).	1	2	3	4	5
e. Dá-lhe um tempo (para ele/a pensar).	1	2	3	4	5
f. Castiga o seu filho/a.	1	2	3	4	5
g. Tira-lhe privilégios, coisas que ele/a gosta de fazer (como ver televisão ou brincar com os amigos).	1	2	3	4	5
h. Bate-lhe.	1	2	3	4	5
i. Dá-lhe uma palmada.	1	2	3	4	5
j. Dá ao seu filho/a tarefas para ele/a fazer como castigo.	1	2	3	4	5
k. Discute o problema com ele/a ou faz-lhe perguntas sobre o que aconteceu.	1	2	3	4	5

3. Se o seu filho/filha se recusou fazer algo que o/a mandou fazer, quantas vezes faz cada uma das seguintes coisas?

	Nunca	Rara-mente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
a. Repara mas não faz nada.	1	2	3	4	5
b. Levanta a voz (ralha ou grita).	1	2	3	4	5
c. Faz com que o seu filho/a corrija o problema ou compense o mal que fez.	1	2	3	4	5
d. Ameaça castigá-lo/a (mas não castiga realmente).	1	2	3	4	5
e. Dá-lhe um tempo (para ele/a pensar).	1	2	3	4	5
f. Castiga o seu filho/a.	1	2	3	4	5
g. Tira-lhe privilégios, coisas que ele/a gosta de fazer (como ver televisão ou brincar com os amigos).	1	2	3	4	5
h. Bate-lhe.	1	2	3	4	5
i. Dá-lhe uma palmada.	1	2	3	4	5
j. Dá ao seu filho/a tarefas para ele/a fazer como castigo.	1	2	3	4	5
k. Discute o problema com ele/a ou faz-lhe perguntas sobre o que aconteceu.	1	2	3	4	5

4. Quanto é que concorda ou discorda com as seguintes afirmações?

	Concordo Totalmente	Concordo	Não concordo Nem discordo	Discordo	Discordo Totalmente
a. Às vezes é preciso zangarmo-nos a sério com os nossos filhos para os ensinarmos a comportarem-se.	1	2	3	4	5
b. As crianças aprendem melhor quando não sabem qual o castigo que os espera pelo seu mau comportamento.	1	2	3	4	5
c. A melhor maneira de evitar um grande problema é disciplinar a criança quando o problema ainda é pequeno.	1	2	3	4	5
d. Não há problema em não castigar as crianças por pequenas coisas – devemos é centrar-nos em problemas sérios de comportamento.	1	2	3	4	5
e. Disciplinar de forma consistente (sempre) é mais importante do que aplicar grandes castigos por maus comportamentos.	1	2	3	4	5

5. Em geral, quantas vezes lhe acontece cada uma das seguintes coisas?

	Nunca	Rara-mente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
a. Se pedir ao seu filho/a para fazer algo e ele/a não fizer, quantas vezes desiste de tentar que ele/a o faça?	1	2	3	4	5
b. Se prevenir o seu filho/a que o/a castigará se ele/a não o fizer o que o manda fazer, quantas vezes é que o castiga realmente se ele/a não o fizer?	1	2	3	4	5
c. Quantas é que o seu filho/a não é castigado/a por coisas que sente que ele/a devia ter sido castigado/a?	1	2	3	4	5
d. Se decidiu castigar o seu filho/a, quantas vezes é que muda de ideias em função das explicações e desculpas que ele/a lhe dá?	1	2	3	4	5
e. Quantas vezes é que se mostra zangado/a quando disciplina o seu filho/a?	1	2	3	4	5
f. Quantas vezes é que as discussões com o seu filho/a se tornam feias e faz ou diz coisas que não queria?	1	2	3	4	5
g. Quantas vezes é que o seu filho/a dá a volta às regras que estabeleceu para ele/a?	1	2	3	4	5
h. Quantas vezes é que o tipo de castigo que dá ao seu filho/a depende do seu estado de espírito na altura?	1	2	3	4	5

6. Esta é uma lista das coisas que os pais podem fazer quando o seu filho/filha se porta bem ou faz um bom trabalho. Em geral, quantas vezes faz cada uma das seguintes coisas quando o seu filho/filha se porta bem ou faz um bom trabalho em casa ou na escola?

	Nunca	Rara-mente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
a. Repara mas não faz nada.	1	2	3	4	5
b. Elogia e dá os parabéns ao seu filho/a.	1	2	3	4	5
c. Dá ao seu filho/a um abraço, um beijo, uma festa ou usa outra expressão física para lhe mostrar como está satisfeito com ele/a.	1	2	3	4	5
d. Compra-lhe algo (para comer ou brincar) ou dá-lhe dinheiro pelo bom comportamento.	1	2	3	4	5
e. Deixa-o fazer coisas que ele/a gosta (por exemplo, ir ao cinema, brincar ou ver TV mais tempo).	1	2	3	4	5
f. Dá-lhe pontos ou cola-lhe autocolantes numa tabela.	1	2	3	4	5
g. Nem repara.	1	2	3	4	5

7. Numa semana normal, quantas vezes elogia ou dá prémios ao seu filho/filha por ele/a ter feito um bom trabalho em casa ou na escola?

Menos de 1 vez por semana	Cerca de 1 vez por semana	Algumas vezes mas não todos os dias	Cerca de 1 vez por dia	2 a 5 vezes por dia	6 a 10 vezes por dia	Mais de 10 vezes por dia
1	2	3	4	5	6	7

8. Nos últimos 2 dias, quantas vezes (se não esteve com o seu filho/filha nos últimos dois dias pense nos últimos dois dias que esteve com ele):

a) Elogiou o seu filho/filha por algo que ele/a fez bem?

Nunca	1 vez nos dois dias	2 vezes nos dois dias	3 vezes nos dois dias	4 a 5 vezes nos dois dias	6 a 7 vezes nos dois dias	mais 7 vezes nos dois dias
1	2	3	4	5	6	7

b) Deu ao seu filho/filha uma coisa (como por exemplo uma prenda pequena) ou deixou-o fazer algo (como por exemplo brincar mais, ver mais TV ou fazer uma coisa especial consigo) por algo que ele/a fez bem?

Nunca	1 vez nos dois dias	2 vezes nos dois dias	3 vezes nos dois dias	4 a 5 vezes nos dois dias	6 a 7 vezes nos dois dias	mais 7 vezes nos dois dias
1	2	3	4	5	6	7

9. Por favor diga-nos quanto é que concorda ou discorda com cada uma das seguintes afirmações.

	Concordo Totalmente	Concordo	Não concordo Nem discordo	Discordo	Discordo Totalmente
a. Dar a uma criança um prémio por bom comportamento é suborno.	1	2	3	4	5
b. Eu não devo ter de premiar os meus filhos para que eles façam aquilo que é suposto fazerem.	1	2	3	4	5
c. Eu acredito no uso de prémios para ensinar o meu filho/a a comportar-se.	1	2	3	4	5
d. É importante elogiar as crianças quando elas fazem algo bem.	1	2	3	4	5
e. Eu gostava de elogiar o meu filho/a mais vezes do que o critico, mas é difícil encontrar comportamentos a elogiar.	1	2	3	4	5
f. Se eu elogiar e premiar o meu filho/a para encorajar um bom comportamento, ele vai passar a exigir prémios por tudo.	1	2	3	4	5
g. Se uma criança estiver a ter dificuldades em fazer uma coisa que a mandaram (como por exemplo ir para a cama ou arrumar os brinquedos), é uma boa ideia dizer-lhe (e depois dar-lhe) que se ela o fizer terá uma recompensa (uma coisa ou fazer algo que gosta).	1	2	3	4	5

10. Por favor diga-nos quanto é que concorda ou discorda com cada uma das seguintes afirmações.

	Concordo Totalmente	Concordo	Não concordo Nem discordo	Discordo	Discordo Totalmente
a. Eu defini de forma clara as regras e o que espero do meu filho/a quanto às tarefas que ele tem de fazer.	1	2	3	4	5
b. Eu defini de forma clara as regras e o que espero do meu filho/a no que respeita a não lutar, roubar e mentir.	1	2	3	4	5
c. Eu defini de forma clara as regras e o que espero do meu filho/a sobre as horas de ida para a cama e de levantar.	1	2	3	4	5

11. Por favor diga quantas vezes acontece cada uma das seguintes situações:

	Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
a. Quando o seu filho/a termina as tarefas dele, quantas vezes o elogia ou recompensa?	1	2	3	4	5
b. Quando o seu filho/a NÃO termina as tarefas dele, quantas vezes o castiga (por exemplo não o deixando fazer uma coisa ou pô-lo de castigo)?	1	2	3	4	5
c. Quando o seu filho/a luta, rouba ou mente, quantas vezes o castiga?	1	2	3	4	5
d. Quando o seu filho/a vai para a cama quando o manda ou se levanta a horas, quantas vezes o elogia?	1	2	3	4	5
e. Quando o seu filho/a NÃO vai para a cama quando o manda ou NÃO se levanta a horas, quantas vezes o castiga?	1	2	3	4	5

12. Quantas horas é que o seu filho/filha ficou em casa sem a presença de um adulto nas últimas 24 horas (se o seu filho não esteve em casa pense no último dia em que ele esteve em casa)?

Nenhuma	Menos de 1 hora	1 hora	2 horas	3 horas	4 horas	Mais de 4 h
1	2	3	4	5	6	7

13. Nos últimos 2 dias, cerca de quantas horas, no total, esteve o seu filho/filha fora de casa sem a presença de um adulto?

Nenhuma	Menos de 1 hora	1 hora	2 horas	3 horas	4 horas	Mais de 4 h
1	2	3	4	5	6	7

14. Responda por favor às seguintes questões, tendo em conta quantas vezes acontece cada uma das seguintes situações:

	Nunca	Raramente	Algumas Vezes	Muitas Vezes	Sempre
a. Quantas vezes sabe onde está o seu filho/ a quando ele não está consigo?	1	2	3	4	5
b. Quantas vezes sabe exactamente o que o seu filho/a está a fazer quando não está consigo?	1	2	3	4	5

c. Quantos amigos/as do seu filho conhece bem?

Nenhum	Muito poucos	Alguns	Muitos	Todos
1	2	3	4	5

15. Quanto é que concorda ou discorda das seguintes afirmações?

	Concordo Totalmente	Concordo	Não concordo Nem discordo	Discordo	Discordo Totalmente
a. É muito importante para mim saber onde está o meu filho/a quando não está comigo.	1	2	3	4	5
b. Os pais que controlam como é que o seu filho/a se comporta em casa de amigos dele são demasiado preocupados em relação ao filho.	1	2	3	4	5
c. Dar às crianças muito tempo livre sem um adulto a controlar ajuda-os a aprender a ser mais responsáveis.	1	2	3	4	5
d. As crianças que não são controladas por um adulto têm mais possibilidades de desenvolver problemas de comportamento.	1	2	3	4	5

Data: _____.

Quem respondeu ao questionário:

O Pai () A mãe () Outra pessoa (diga quem): _____

Muito obrigado pela sua colaboração

Anexo O

EMBU-Crianças 6-12

(Versão Original de J. Castro, 1993)

Código criança:

Agora vamos falar um pouco sobre as coisas que acontecem em tua casa. Vais explicar-me como é que te sentes, o que dizem e o que fazem os teus pais, se às vezes se aborrecem contigo, se te fazem surpresas, oferecem prendas, etc.

Aqui estão algumas perguntas a que tu vais responder dizendo se o que te é perguntado não acontece NUNCA, se acontece ALGUMAS VEZES, se acontece MUITAS VEZES, ou se acontece SEMPRE.

Vamos ver como tu respondes:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Pai ▶ Os teus pais dão-te um beijo antes de te deitares?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Pai ▶ 1. Os teus pais dizem-te que gostam de ti e abraçam-te ou beijam-te?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 2. Sentes-te triste quando os teus pais não te dão o que queres?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 3. Se fazes algo mal, podes resolver a situação se pedires desculpa aos teus pais?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 4. Os teus pais dizem-te como te deves vestir, pentear...?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 5. Os teus pais proíbem-te de fazer coisas que os teus amigos podem fazer, por medo que te aconteça algo de mal?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 6. Os teus pais preocupam-se em saber o que fazes quando saís da escola, quando saís com algum amigo, etc.?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 7. Se as coisas te correm mal, achas que os teus pais te tentam compreender e ajudar?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 8. Quando fazes algo mal, os teus pais ficam tão tristes que te fazem sentir culpado?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 9. Achas que os teus pais te ajudam quando tens que fazer algo difícil?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 10. Tratam-te como o "mau da história" e deitam-te as culpas de tudo o que acontece em tua casa?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 11. Os teus pais gostavam que te parecesses com outra criança?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 12. Os teus pais demostram-te que estão contentes contigo?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 13. Achas que os teus pais confiam em ti e te deixam decidir coisas por tua conta?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 14. Achas que os teus pais te escutam e têm em conta as tuas opiniões?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4

		Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
15. Os teus pais querem que lhes contes os teus segredos?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
16. Achas que os teus pais querem ajudar-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
17. Achas que os teus pais são "forretas" e "duros" contigo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
18. Os teus pais dizem-te coisas como esta: "Se fazes isto, vou ficar muito triste"?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
19. Ao chegar a casa tens que contar aos teus pais o que fizeste?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
20. Os teus pais fazem alguma coisa para que te divirtas e aprendas coisas (por exemplo comprar livros, procurar que saias num passeio, etc.)?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
21. Os teus pais dizem-te que te portas bem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
22. Os teus pais dizem-te que não te compram algo para que não sejas um menino mimado?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
23. Sentes-te culpado quando não te comportas como os teus pais querem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
24. Quando estás triste os teus pais consolam-te e animam-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
25. Os teus pais dizem que não gostam da maneira como te comportas em casa?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
26. Os teus pais zangam-se ou chamam-te de preguiçoso à frente de outras pessoas?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
27. Os teus pais gostam de ti como és?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
28. Os teus pais batem-te sem motivo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
29. Os teus pais jogam contigo e participam nas tuas diversões?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
30. Os teus pais têm demasiado medo que te aconteça algo de mal?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
31. Os teus pais ficam tristes ou aborrecidos contigo sem te dizerem a razão?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
32. Se os teus pais estão contentes contigo, demonstram-te com abraços, beijos, carícias, etc.?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4

Anexo P

Family Relations Test

Descrição das mensagens que compõem a forma B do Teste das Relações Familiares (Children's Version) utilizada na presente investigação

1. Sentimentos *emitidos* pela criança em relação às pessoas que considera família:

- *Afectos levemente positivos (afectuosos) (Outgoing mild positive feelings)*

00. Esta pessoa da minha família é muito simpática.
01. Esta pessoa da minha família é muito alegre.
02. Esta pessoa da minha família ajuda sempre os outros.
03. Esta pessoa da minha família tem muito bom feitio.
04. Esta pessoa da minha família apoia-me sempre.
05. Esta pessoa da minha família tem imensa graça.
06. Esta pessoa da minha família merece um presente bonito.
07. Esta pessoa da minha família é mesmo boa pessoa.
08. É muito bom brincar com esta pessoa da família.
09. Esta pessoa da minha família é muito bondosa.

- *Afectos fortemente positivos (afectuosos/erotizados) (Outgoing strong positive feelings)*

10. Gosto de fazer festas a esta pessoa da família.
11. Gosto que esta pessoa da minha família me dê beijinhos.
12. Às vezes gostava de poder dormir na mesma cama com esta pessoa da minha família.
13. Gostava que esta pessoa da minha família estivesse sempre ao pé de mim.
14. Gostava que esta pessoa da minha família gostasse mais de mim do que dos outros.
15. Quando me casar gostava que fosse com uma pessoa parecida com esta pessoa da minha família.
16. Gosto que esta pessoa da minha família me faça cócegas.
17. Gosto de dar abraços a esta pessoa da minha família.

- *Afectos levemente negativos (de desagrado) (Outgoing mild negative feelings)*

20. Esta pessoa da minha família, às vezes é demasiado picuinhas.
21. Às vezes esta pessoa da minha família é muito chata.
22. Esta pessoa da minha família é desmancha-prazeres.
23. Esta pessoa da minha família por vezes irrita-se muito depressa.
24. Esta pessoa da minha família por vezes tem mau feitio.
25. Esta pessoa da minha família, por vezes, queixa-se demais.
26. Esta pessoa da minha família fica chateada sem ter razão para isso.
27. Esta pessoa da minha família nunca está satisfeita.
28. Esta pessoa da minha família por vezes não tem muita paciência.
29. Esta pessoa da minha família às vezes fica zangada demais.

- *Afectos fortemente negativos (agressivos) (Outgoing strong negative feelings)*

30. Às vezes apetecia-me matar esta pessoa da minha família.
31. Às vezes até gostava que esta pessoa da minha família se fosse embora.
32. Às vezes sinto que odeio esta pessoa da minha família.
33. Às vezes apetece-me bater nesta pessoa da minha família.
34. Às vezes acho que era mais feliz se esta pessoa não fosse da minha família.
35. Às vezes, sinto-me farto desta pessoa da minha família.

36. Às vezes, apetece-me fazer coisas só para aborrecer esta pessoa da minha família.
37. Esta pessoa da minha família consegue fazer sentir-me muito zangado.

2. Sentimentos *recebidos* pela criança das pessoas que considera da família:

-Afectos levemente positivos (afectuosos) (incoming mild positive feelings)

40. Esta pessoa da minha família é muito carinhosa para mim.
41. Esta pessoa da minha família é muito boa para mim.
42. Esta pessoa da minha família gosta muito de mim.
43. Esta pessoa da minha família presta-me muita atenção.
44. Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar.
45. Esta pessoa da minha família gosta de brincar comigo.
46. Esta pessoa da minha família compreende-me mesmo.
47. Esta pessoa da minha família ouve o que tenho para dizer.

- Afectos fortemente positivos (afectuosos/ erotizados)

50. Esta pessoa da minha família gosta de me dar beijinhos.
51. Esta pessoa da minha família gosta de me abraçar.
52. Esta pessoa da minha família gosta de me dar festinhas.
53. Esta pessoa da minha família gosta de me ajudar quando estou a tomar banho.
54. Esta pessoa da minha família gosta de me fazer cócegas.
55. Esta pessoa da minha família gosta de estar na cama comigo.
56. Esta pessoa da minha família quer estar sempre ao pé de mim.
57. Esta pessoa da minha família gosta mais de mim do que qualquer outra pessoa no mundo.

- Afectos levemente negativos (de desagrado) que a criança sente que recebe dos vários elementos da sua família (incoming mild negative feelings)

60. Às vezes, esta pessoa da minha família mostra-me uma cara zangada.
61. Esta pessoa da minha família gosta de me arreliar de propósito.
62. Esta pessoa da minha família às vezes ralha comigo.
63. Esta pessoa da minha família não brinca comigo quando lhe peço.
64. Esta pessoa da minha família nem sempre me ajuda quando estou aflito.
65. Esta pessoa da minha família é chata para mim.
66. Esta pessoa da minha família às vezes fica zangada comigo.
67. Esta pessoa da minha família está demasiado ocupada e não tem tempo para mim.

- Afectos levemente negativos (agressivos) que a criança sente que recebe dos vários elementos da sua família (incoming strong negative feelings)

70. Esta pessoa da minha família bate-me muito.
71. Esta pessoa da minha família castiga-me muito.
72. Esta pessoa da minha família faz-me sentir burro.
73. Esta pessoa da minha família mete-me medo.
74. Esta pessoa da minha família é má para mim.
75. Esta pessoa da minha família às vezes faz-me sentir infeliz.
76. Esta da minha família está sempre a queixar-se de mim.
77. Esta pessoa da minha família não gosta o suficiente de mim.

- Sentimentos de sobre protecção materna (Maternal Overprotection)

80. A minha mãe preocupa-se que esta pessoa da família se constipe.
81. A minha mãe preocupa-se que esta pessoa da família possa adoecer.

82. A minha mãe preocupa-se que esta pessoa da família possa ser atropelada.
83. A minha mãe preocupa-se que esta pessoa da família se possa magoar.
84. A minha mãe preocupa-se que possa acontecer uma coisa a esta pessoa da família.
85. A minha mãe preocupa-se que esta pessoa da minha família ande à solta por aí.
86. A minha mãe tem medo que esta pessoa da minha família brinque com meninos brutos.
87. A minha mãe preocupa-se que esta pessoa da minha família não coma o suficiente.

-Sentimentos de sobreindulgência do pai (Paternal Overindulgence)

90. O pai acha que esta pessoa da família é a mais simpática de todas.
91. O pai dá atenção demais a esta pessoa da minha família.
92. O pai dá mimos demais a esta pessoa da minha família.
93. O pai passa tempo demais com esta pessoa da minha família.
94. Esta é a pessoa da minha família de quem o pai gosta mais.

- Sentimentos de sobreindulgência da mãe (Maternal Overindulgence)

95. Esta é a pessoa da minha família que a mãe acha a mais simpática de todas.
96. A mãe dá atenção demais a esta pessoa da minha família.
97. A mãe dá mimos demais a esta pessoa da minha família.
98. A mãe passa tempo de mais com esta pessoa da minha família.
99. Esta é a pessoa da minha família de quem a mãe gosta mais.

Anexo Q

Análise dos Casos

Caso Afonso

História clínica

Afonso vem à Unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia de Orta referenciado pelo Serviço de Pediatria Geral, realizando-se a primeira consulta de pedopsiquiatria em Junho de 2009, na altura com 7 anos e 3 meses, por alterações do comportamento com agressividade e dificuldades de aprendizagem.

Em termos do desenvolvimento psico-motor, na recolha anamnésica dos dados a mãe indica que a criança começou a andar aos 11 meses. No que concerne à linguagem, esta refere que se verificaram muitas dificuldades, inclusive só aos três anos é que os adultos começaram a perceber o que Afonso dizia. O controlo esfinteriano ter-se-á dado aos 24 meses. O sono da criança é descrito como agitado, e a mãe indica três episódios de enurese nocturna no mesmo mês. Afonso dorme sozinho e em quarto próprio.

Desde o nascimento e até aos 24 meses Afonso ficou aos cuidados da mãe, tendo ido nessa altura para uma creche. Relativamente a doenças do foro orgânico ou somático a mãe indica que a criança tem asma desde os 5 meses de idade, condição acompanhada até ao momento no mesmo hospital, e para a qual faz medicação diária (Flixotide, 125, e Ventilan em S.O.S.), porém actualmente os sintomas encontram-se em remissão.

No que diz respeito ao relacionamento com os pais, a mãe refere que Afonso este “tem muito respeito pelo pai, porta-se melhor quando ele está presente”, sendo que o pai adopta como estratégias “ameaça bater de cinto mas nunca bateu, eu é que por vezes lhe bato”. Da mesma forma, a mãe rapa-lhe o cabelo como castigo (descrição sádica), já que outros castigos não parecem resultar.

Quanto às circunstâncias de encontro dos pais esta conta que se conheceram e começaram a namorar no mesmo dia e foram viver juntos no dia seguinte (“ele fazia-me feliz, eu nunca tinha sido feliz”). Em termos de antecedentes familiares, verifica-se a presença de alcoolismo (do lado paterno) e toxicod dependência (irmã da mãe). A mãe refere história de maus-tratos por parte dos pais e agressões entre o casal parental, perpetuados, na sua maioria, pelo cônjuge.

Nas primeiras consultas, aos 7 anos de idade de Afonso, a mãe descreve graves alterações de comportamento, com manifestação de agressividade, intensa, verbalizada e agida. “Está sempre a falar em matar e matar-se” e terá ameaçado atirar-se da janela - “estou farto desta vida,

desta casa, vou arranjar outros pais”. A mãe refere também a baixa tolerância à frustração que nota em Afonso, e aquilo que pode ser designado por enviesamentos cognitivos de carácter persecutório (atribuições de “gozo” ou pejorativas, por parte de pares, familiares e estranhos, quando as situações não tinham essa conotação). Face às alterações de comportamento é medicado, nessa altura, com Risperidona (0,5mg, de manhã e à noite). Concomitantemente, no início das consultas pedopsiquiátricas a mãe menciona que a criança tem dificuldade em separar-se de si (“antes andava sempre atrás de mim”, “fica em pânico se não encontra a mãe”). Com a introdução da medicação, na escola apresenta melhorias ao nível da concentração e da irrequietude psicomotora (consegue acompanhar melhor as tarefas), contudo em casa a situação mantém-se.

Em termos de situações de perdas na infância de Afonso, a mãe destaca que o avô paterno faleceu em Março de 2009 (próximo do início do seu acompanhamento pedopsiquiátrico), sendo que a criança era muito chegada a este familiar, tendo vivido muito proximamente a doença do avô (já que viviam juntos), de quem manifesta ter muitas saudades.

No que concerne às preocupações evocadas pela mãe nas primeiras consultas, esta refere as grandes dificuldades sentidas ao nível da sua própria regulação emocional face aos comportamentos mais disruptivos da criança (“consegue tirar-me do sério”), dizendo que se o manda parar ele ainda se comporta pior, e que, quando tais situações acontecem, dada a impotência sentida pela mãe, esta contacta o pai a quem Afonso obedece mais facilmente. Sem precisar uma data, a mãe esteve uma semana na qual esteve sem falar, na sequência de conflitos com o marido, quando Afonso era pequenino. Aproximadamente nessa data (2006) é medicada com Fluoxetina através da consulta de neurologia, queixando-se que se sentia triste e vazia, muito nervosa, não suportando ouvir gritos - responsabiliza Afonso pelo “esgotamento”. Quando Afonso se portava mal, por vezes a mãe chorava, ficava nervosa (“gagá”), gritava e dizia ao filho que a deixasse em paz, revelando-se incapaz de conter e regular a tonalidade emocional da criança. Dizia, no início do acompanhamento, que o filho tinha “atitudes diabólicas” (“filho do Diabo”), tais como pegar numa faca e tentar matar a irmã (a qual por esta razão não conseguia dormir). Conta, igualmente, que sentia medo de Afonso, já que ele lhe terá apertado o pescoço. Verificam-se algumas idiossincrasias comportamentais de Afonso, designadamente a mãe diz que ele “odiava cortar as unhas” (“grita que parece que estou a matá-lo”). Afonso mostra-se particularmente agressivo com a irmã mais velha, porém os pais encontraram-no a dar pontapés à bebé quando esta lhe mordida. “Os medos dominam-no um bocado, sai à mãe e ao pai”.

No contacto é descrito pela pedopsiquiatria como uma criança simpática, que adere de imediato à relação, globalmente imaturo (“parece um bebé crescido, desperta sentimentos de

cuidado/holding”), manifestando movimentos de identificação, desejo de agradar (quase colagem em resultado da afeição relacional) e grande curiosidade acerca dos desenhos de outros meninos, ainda que se distraia facilmente, não conseguindo dedicar muito tempo à mesma tarefa, muitas vezes por demonstrar cumulativamente sentimentos de incapacidade (“não sei, não consigo”).

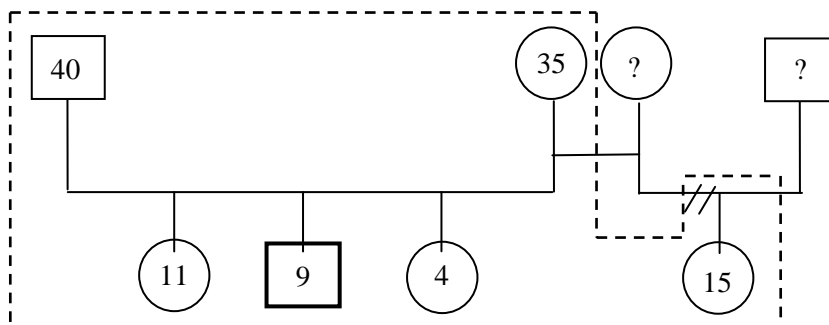
Em Outubro de 2009 é introduzida Ritalina (20mg), contudo na consulta seguinte, embora a mãe o descreva como muito mais calmo, verificam-se episódios de choro e isolamento e novas ameaças de suicídio. Diz que é burro, não quer estudar, não quer ser ninguém. No início de 2010 a medicação é aumentada (tanto a ritalina como a risperidona). Na mesma ocasião verificam-se algumas regressões (quer a chucha da irmã, quer que a mãe lhe corte a comida e o alimento).

Na escola são descritas dificuldades de aprendizagem e agressividade junto de colegas, funcionários e professores. A professora indica “oscilações do humor e do comportamento e baixa auto-estima”, e que, apesar das dificuldades, a criança acaba por realizar as tarefas na presença de reforço positivo, e em particularmente num contexto de relação dual. Em termos académicos as maiores dificuldades de Afonso prendiam-se com a área de língua portuguesa, mais propriamente na leitura e na escrita, concomitantes com perturbações na dicção - o que não facilitaria o desenvolvimento da linguagem escrita. Por outro lado, as potencialidades escolares da criança prendiam-se com as áreas de matemática e de estudo do meio, onde se mostrava mais interessado e acompanhava mais facilmente os colegas. Ainda assim, nas Actividades de Enriquecimento Curricular (a decorrer no período da tarde) Afonso manifestava comportamentos mais desajustados e inadequados, sendo conflituoso com colegas e professores, não permanecendo quieto nem cooperante, não se concentrando e recusando-se muitas vezes a realizar as actividades propostas – situações que se mantêm até ao momento.

No relatório de avaliação psicológica, elaborado em 2010 a pedido da pedopsiquiatra que acompanha a criança são indicadas as seguintes informações: “alterações do comportamento, caracterizadas por dificuldade no controlo dos impulsos e condutas de oposição com repercussões a nível pessoal, no contexto escolar e no relacionamento interpessoal. Simultaneamente a criança manifesta dificuldades de aprendizagem que condicionam o aproveitamento escolar e influenciam a sua auto-estima. A partir dos resultados das provas emocionais destaca-se a imaturidade psico-afectiva e a diminuta autonomia que condiciona os processos de aprendizagem, com repercussões ao nível do rendimento escolar. Na aplicação da WISC-III verifica-se uma eficiência intelectual que o situa na média esperada para o grupo normativo, ainda que os resultados revelem heterogeneidade, com valores mais elevados na Escala de Realização do que na Verbal, dando conta de dificuldades ao nível da aquisição de

aprendizagens e na compreensão das normas e do funcionamento social que parecem relacionar-se com a imaturidade dos processos psico-afectivos. Por outro lado, as dificuldades de organização perceptiva e espacial parecem remeter, do ponto de vista do desenvolvimento, para uma dificuldade na integração do esquema corporal com a representação espacial e a acção motora, com consequências ao nível do processo simbólico. De igual forma, verificam-se dificuldades instrumentais precoces ao nível da organização visuo-motora, espacial, gráfica e perceptiva, compatíveis com um quadro de dislexia que tem vindo a dificultar as aquisições iniciais de leitura e escrita, bem como lentificação dos processos cognitivos pela presença de dificuldades ao nível da atenção mantida/concentração e resistência à fadiga que poderão interferir no desempenho escolar. Considera-se pertinente a integração ao abrigo do decreto-lei 3/2008 para que a criança beneficie de apoios educativos especializados e educações curriculares adaptadas às suas necessidades individuais.”. Na sequência da referida avaliação, a criança iniciou uma modalidade psicoterapêutica semanal no âmbito do Projecto Área de Dia, para crianças com alterações de comportamento, no qual participa em dois ateliers, de expressão livre e de psicomotricidade.

Genograma



Observação geral

Afonso é um menino de 9 anos, com um desenvolvimento estado-ponderal adequado à idade cronológica, podendo ser descrito como uma criança harmónica, enérgica, simpática e apelativa ao contacto. É o segundo irmão de uma fratria de três, o único do sexo masculino, e reside com os pais, as duas irmãs (de 11 e 5 anos) e uma prima por eles acolhida há cerca de dois anos (com 15 anos de idade). A sua apresentação é limpa e cuidada, sendo a criança autónoma na escolha do vestuário e na realização das tarefas que se reportam ao seu cuidado e higiene.

O seu contacto é agradável, principalmente em contextos de relação dual, e no caso particular da investigadora a interacção é prontamente estabelecida e natural, sendo a contra-

atitude caracterizada como positiva ao longo das várias sessões de recolha de dados, dada relação de proximidade para com esta. Afonso realiza contacto visual, de uma forma segura e interessada, e mostra-se cooperante e participativo em todo o processo de avaliação, com um comportamento adequado e implicado nas tarefas, ainda que com alguma irrequietude psicomotora. A atenção é captável mas facilmente dispersa pelos estímulos presentes nas salas onde decorreram as avaliações. O humor da criança é positivo e face à presença nas entrevistas de avaliação Afonso encontra-se expectante e disponível, adoptando estratégias para protelar o término das sessões ou o aumento do número das mesmas. Exibe um bom nível de compreensão, uma verbalização clara e bem articulada, ainda que ligeiramente particular no pronunciamento fonético de algumas vocalizações, e um discurso organizado e coerente, espontâneo e expressivo. Afonso vem às consultas de avaliação sempre acompanhado pela mãe, sendo a relação entre os dois na sala de espera próxima e cúmplice, quase fraterna.

Entrevista

Para Greenspan e Greenspan (1993), a entrevista clínica com a criança permite um acesso singular ao seu mundo altamente individual bem como às suas experiências sociais. Deste modo, o clínico deve ter a capacidade de observar e estar atento às várias dimensões da comunicação a que a criança recorre: as crianças comunicam através do modo como olham (ou evitam o contacto ocular), pela forma como se relacionam, pelos seus gestos, humor, pelas emoções que manifestam, pela forma como negociam o espaço do ambiente da entrevista, pelos temas que desenvolvem nos jogos e no diálogo (Greenspan & Greenspan, 1993).

Na entrevista Afonso revela-se espontâneo, cooperante e bastante disponível, parecendo entusiasmado com o contacto com a investigadora. Diz-se que gosta de fazer ginástica, jogar *Bayblades*, berlindes e à bola e andar de skate. Conta-me que a mãe é cozinheira e o pai soldador e que tem duas irmãs, respectivamente de 14 e quatro anos., com as quais brinca e vê filmes mas diz ter conflitos (“andamos às turras, às vezes provocam-me e eu também”), e que residem com uma prima de 15 anos que o pai adoptou quando esta tinha oito anos. Na escola conta-me que as coisas correm “mais ou menos”, e que as suas disciplinas favoritas são educação física e educação musical, ao paço que as que menos gosta são língua portuguesa, matemática, teatro e inglês. Diz-me que tem muito amigos e enumera uma série de nomes, não conseguindo especificar um de quem se sinta mais próximo. Quando for grande diz querer ser astronauta ou futebolista. Dorme bem, sozinho e em quarto próprio, e conta ter pesadelos quando vê filmes de terror. Quando questionado acerca de medos ou fobias diz-me não ter medo de nada, ainda que não goste de escaravelhos porque “podem morder o dedo”. Ao longo de toda a entrevista o seu

comportamento revela grande irrequietude, olhando em muitas ocasiões em volta, pelo que quando lhe é solicitado que faça um desenho recorre a um dos disponíveis na sala.

Desenho livre



História

“Era uma vez dois carros que eram inimigos, que foram treinar e depois eles fizeram uma corrida para ver quem chegava à meta e empataram. E depois passou dias e dias e eles foram para casa. E chegou o dia da corrida, que ‘tavam lá tantos carros que eles ficaram assustados e depois eles começaram-se a meter em fila para começar a corrida e o carro deu a partida. Depois eles passaram carros, fizeram tantas curvas e foram mudar de pneus. E eles já ‘tavam tão perto da meta que empataram e ficaram amigos. Já ‘tá.”

Análise psicodinâmica

Na realização do desenho evidencia-se a procura de suporte, no outro, na realidade, com destaque da função de anáclise do objecto, parece-nos que por dificuldade em reunir ou encontrar recursos internos suficientes para dar sentido e responder à realidade experiencial e emocional – realiza o desenho por imitação de um dos desenhos que se encontram expostos no gabinete. A necessidade de suporte visual para o desenho é patente na execução do mesmo, como se não houvesse riqueza simbólica e fantasmática interior suficiente, o que remete para a dificuldade da criança de expressão projectiva. A figura que reproduz revela noções estéticas, porém sem preocupações com os limites, excedendo o espaço da folha ou o contorno das figuras que desenha, o que também pode remeter para a dificuldade de Afonso em lidar com a frustração e com a imposição de limites/regras. Da mesma forma verifica-se alguma sobreposição das imagens/formas, como se eu e outro não estivessem bem delimitados, diferenciados e integrados, revelando a porosidade dos limites do envelope psíquico (Anzieu, 1995). Em termos do conteúdo, a produção de dois carros em situação de colisão parece remeter para uma representação de conflitualidade, confronto. Por outro lado, e em termos da qualidade gráfica, o traço da criança é forte, intencional e determinado.

1º Desenho da Figura Humana



Questionamento:

1. Quem é, que idade tem e o está a fazer?

“É o avô, chama-se Diogo e tem mais ou menos 67 anos. Está a fazer um filme.”

2. Qual foi o dia mais feliz da sua vida?

“Sei lá, foi quando saiu-lhe o Euro Milhões”

3. E o mais triste?”

“Foi quando a mãe dele morreu.”

4. Qual o seu maior desejo?

“Ser rico.”

5. Qual a parte mais bem desenhada?

“A orelha.” (*corrige*)

6. E a menos?

“Os dentes.”

7. Conta-me uma boa recordação.

“Não sei.”

8. E uma má.

“Também não. Não falo assim muito com ele.”

9. Ele é feliz?

“É.”

10. E saudável?

“Também.”

11. Mudavas alguma parte do desenho?

“Mudava. A boca.”

12. Conta-me uma história sobre ele.

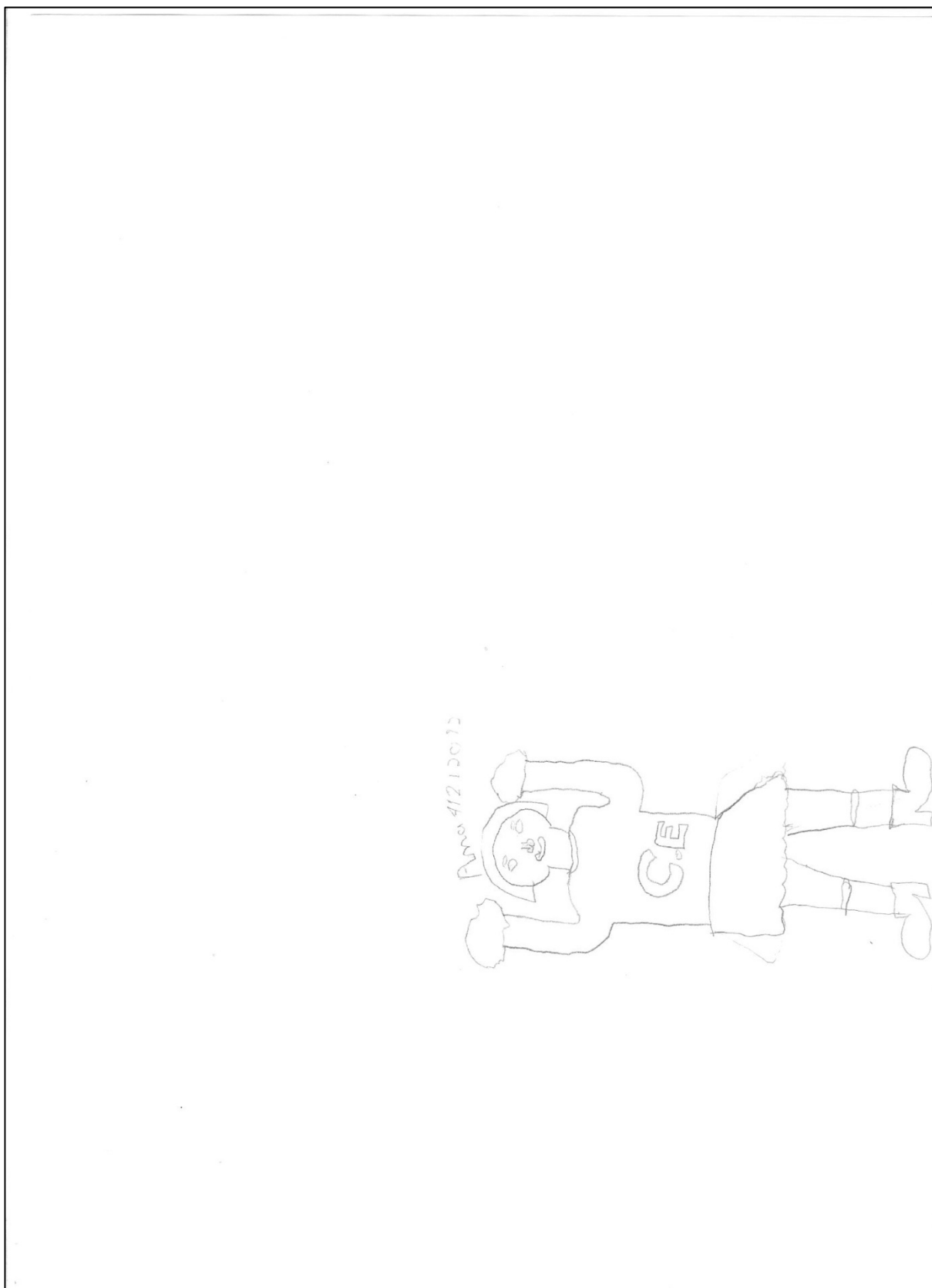
“Era uma vez o Diogo que vivia com a Cinda. E depois eles tiveram uma menina chamada Paula. (E mais?) E depois eles tiveram outra filha chamada Xana. E depois a Paula fez anos e fizeram uma grande festa muito grande, foram ao cinema, foram ao Sul, e foram...ao Oceanário. E depois ‘tava de noite e eles foram-se deitar e já passados muitos anos, a Paula e a Xana já viviam sozinhas e a Paula foi a uma discoteca e conheceu o Mário. E acabou. Eles casaram e viveram felizes para sempre.”

Análise psicodinâmica

O desenho de uma pessoa é útil, enquanto forma de expressão emocional e simbólica dos conflitos e afectos preponderantes na realidade afectiva da criança que desenha, podendo

inclusivamente informar quanto ao autoconceito, na medida em que algumas das características das figuras humanas tendem expressar através do mecanismo projectivo, a forma como o próprio se percebe (Osten, & Gould, 1978). Neste sentido, o Desenho da Figura Humana de Afonso foi realizado novamente com recurso a um suporte visual, o que nos faz pensar na existência de alguma imobilização simbólica que impede uma produção espontânea e projectiva. Ainda assim, a narrativa que acompanha a produção, totalmente elaborada a partir de referências familiares, remete para dimensões importantes de perda, as quais evocam o afecto depressivo e revelam a ressonância afectiva dele decorrente, remetendo para uma angústia de desamparo. Relativamente aos aspectos gráficos, a produção assume um aspecto algo bizarro e desarmónico, sendo o traçado amplo e forte sinal de uma tendência à abertura e extroversão (Corman, 2003), associada, por outro lado, à rapidez e à impulsividade de execução, revelando a força emergente das pulsões, as quais não estão contidas e mas sim projectadas.

2º Desenho da figura humana feminina



Questionamento:

1. Quem é esta pessoa/personagem, que idade tem e o está a fazer?

“Não sei o nome dela.” (*olha para mim e ri-se*) “Ana, tem 16 anos e ‘tá a fazer claque de basquetebol.”

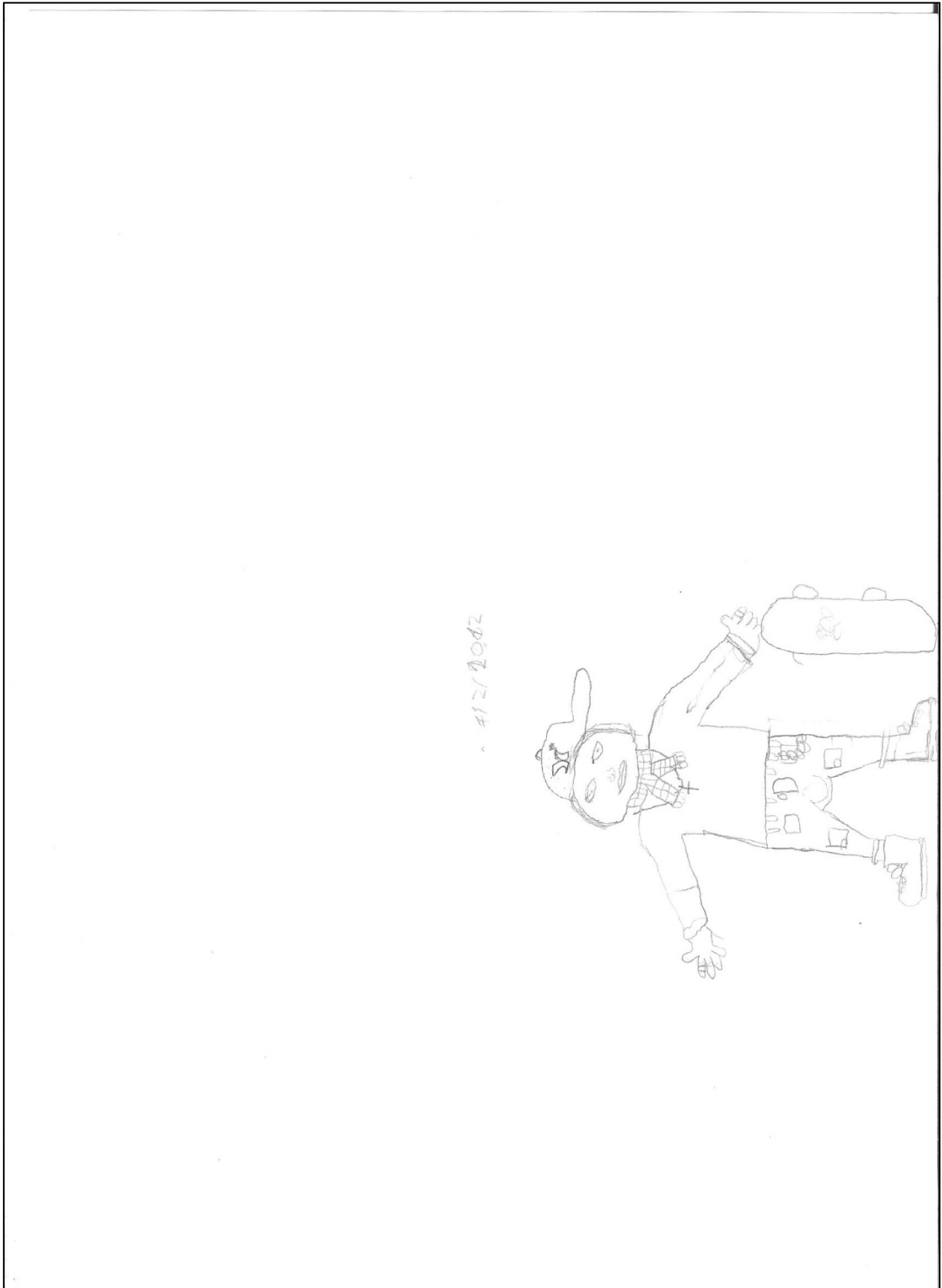
2. Conta-me uma história sobre ela.

“Era uma vez uma menina que ‘tava a treinar para a claque e depois veio um senhor para ela ir fazer outra coisa e ela não quis, quis fazer claque de basquetebol e andou à porrada e foram os dois presos e no fim morreram. E ficaram tristes para sempre. Eu inventei uma história agressiva.”

Análise psicodinâmica

No caso do desenho da figura humana relativo ao sexo oposto, a personagem representada é elaborada de forma menos investida, o que parece remeter para a inquietação face à solicitação latente relacionada com o feminino e por conseguinte o materno. Da mesma forma, a narrativa que acompanha a produção revela a intensidade pulsional agressiva face a esta temática. Relativamente à expressão gráfica, parece existir alguma inibição e retracção, o que sublinha a angústia relacionada com o feminino, provavelmente razão pela qual o tempo de execução tenha sido consideravelmente inferior.

Auto-retrato



Questionamento:

1. Quem é, que idade tem e o está a fazer?

“É o Afonso, tem 9 anos e ‘tá a andar de skate.”

2. Qual foi o dia mais feliz da sua vida?

“Foi o dia (*data*) porque ele fez anos.”

3. E o mais triste?”

“Foi quando caiu a andar de skate.”

4. Quando for grande o que quer ser?

“Skater. Porque gosta de andar de skate.”

5. Qual a parte mais bem desenhada?

“O fio.”

6. E a menos?

“A cara.”

7. Conta-me uma boa recordação.

“Foi quando ele fez anos, a mãe ofereceu-lhe uma Playstation 3.”

8. E uma má.

“Foi quando a avó dele morreu e avô sentiu-se triste.”

9. Ele é feliz?

“É. Porque tem tudo o que quer quando se porta bem.”

10. E saudável?

“Mais ou menos. Há dias que come chocolate e há dias que come coisas saudáveis.”

11. Mudavas alguma parte do desenho?

“Não.”

12. Conta-me uma história sobre ele.

“Era uma vez um menino chamado Afonso que ‘tava sempre a sonhar que era Skater. E ele treinava, treinava skate. E houve um dia que um senhor que trabalhava numa coisa de skates viu ele a andar de skate e viu ele e falou com ele para fazer uma corrida e uns truques. E foi falar com o pai e a mãe e eles aceitaram. E houve o dia da competição, houve o dia que ele foi fazer truques. E ele ganhou, e ganhou o cheque de 500 milhões de Euros. Isso é tanto, não é? E ele foi mostrar o cheque aos pais e ele e os pais viveram felizes para sempre.”

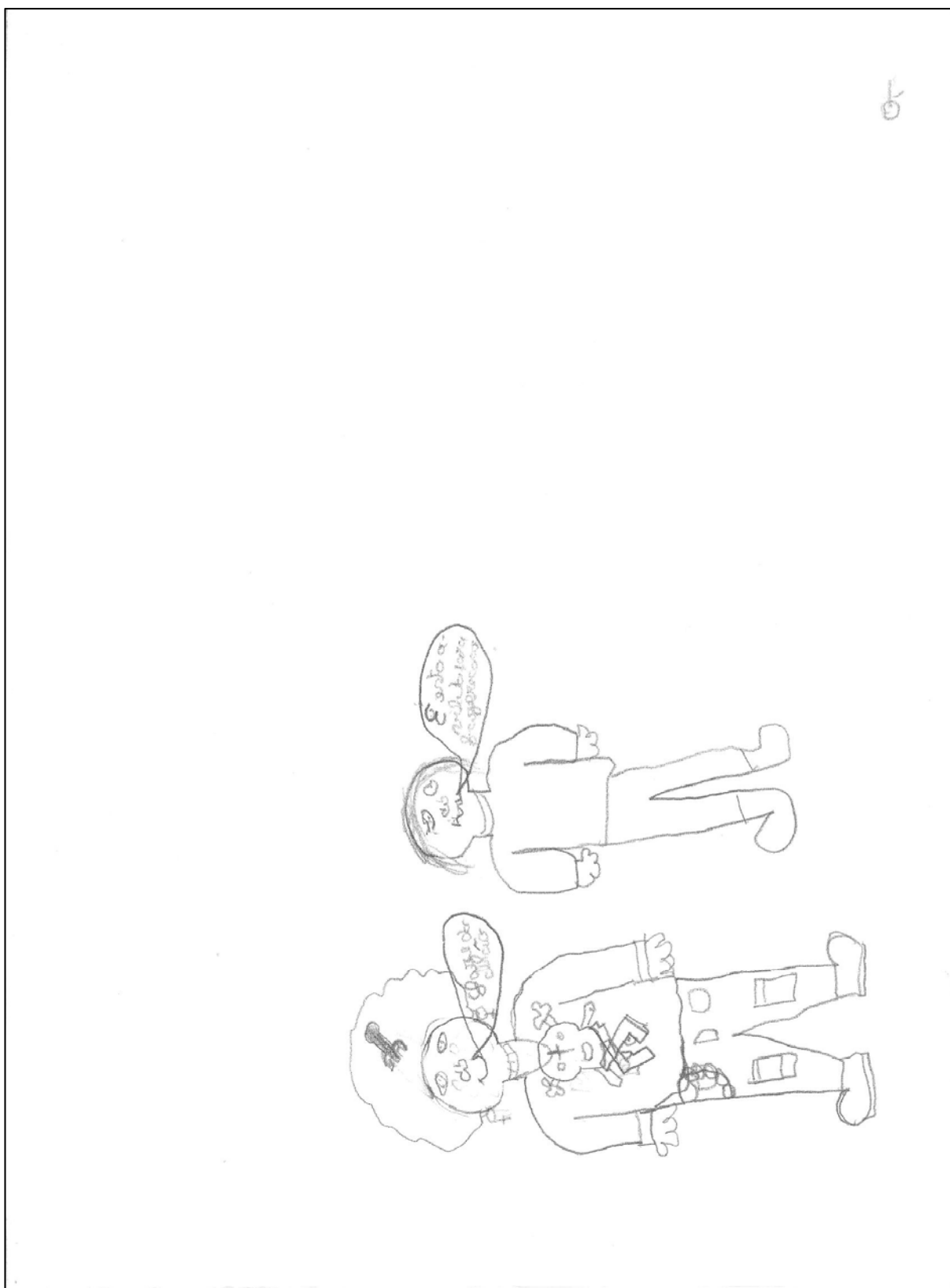
Análise psicodinâmica

A produção gráfica é muito investida na presente prova, sendo o ritmo mais pausado, revelando o da criança interesse na mesma. Na figura são incluídos elementos que lhe conferem expressão identitária, no sentido da afirmação de uma certa irreverência e de uma masculinidade que Afonso pretende atribuir à própria projecção. O traçado é mais leve e inseguro o que, concomitante com o posicionamento da figura na base da folha, e já que se trata do auto-retrato, nos parece indicar não só a sua fragilidade da criança como a sua necessidade regressiva de uma base segura que lhe forneça suporte e protecção. Pode referir-se que Afonso se projecta em termos de imagem e esquema corporal e representa uma figura concordante com a sua faixa etária.

A narrativa evoca novamente elementos relativos a uma representação de perda do objecto de amor, os quais remetem novamente para uma angústia de desamparo. São evocados elementos de tipo narcísico, como forma superficial de realizar a leitura da realidade e de compensação das importantes falhas afectivas que se verificam. Verifica-se um desejo de proximidade emocional com os representantes dos imagos parentais. Por outro lado, o discurso apresenta algumas nuances características de uma dimensão de onnipotência infantil, as quais testemunham as suas necessidades precoces de cuidado, afecto e protecção.

Desenho da família segundo Corman

Família imaginária



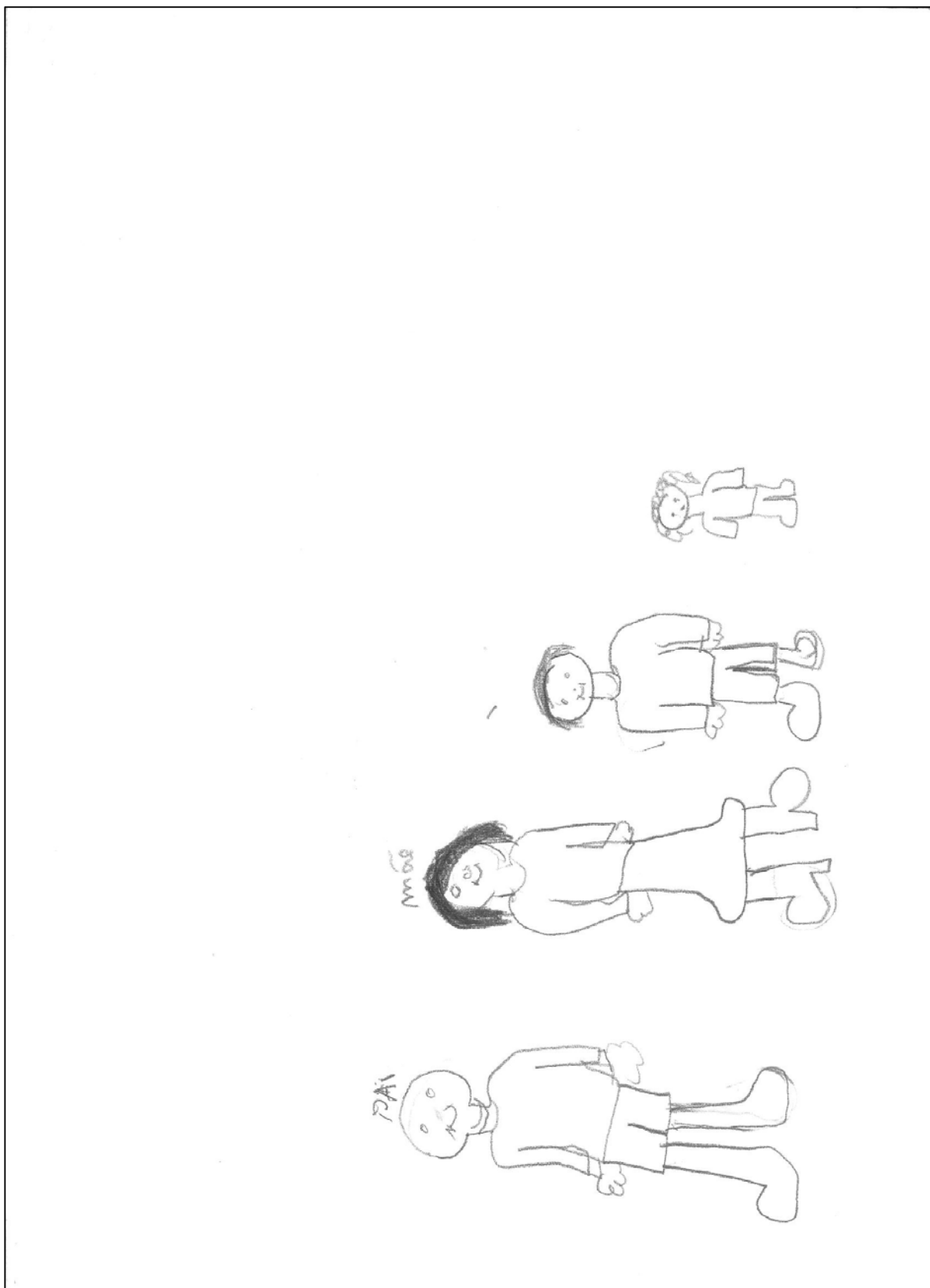
Questionamento:

1. Quem são estas personagens? Como se chamam e que idade têm?
“É o Leandro, tem 18 anos e é o pai. Esta é a Rute, tem 14 anos e é a mãe.”
2. O que está a acontecer? Porquê?
“Estão a aparecer no desenho. Estão a jogar andebol porque é o desporto preferido deles.”
3. Quem é o mais feliz e o menos feliz? Porquê?
“O mais feliz é o homem. Porque é mais bonito.
O menos feliz é a mulher, porque 'tá sempre mal disposta.” (desenha o balão de diálogo na figura feminina)
4. Quem é o mais simpático e o menos simpático? Porquê?
“O mais simpático é o homem, porque ele diz bom dia às pessoas, respeita e isso, e ela não.”
5. Quem manda mais e quem manda menos? Porquê?
“É o homem, ‘pera aí, porque têm-lhe respeito. Quem manda menos é ela, porque ela não respeita ninguém e as pessoas também não lhe respeitam.”
6. Se pudesses escolher, quem destas personagens gostarias de ser? Porquê?
“O homem claro, porque é o mais charmoso.”
7. Se pudesses mudar alguma coisa neste desenho, o que mudavas? Porquê?
“Não.”
8. Se todos fossem dar um passeio de carro e um deles não coubesse, quem ficaria de fora?
“Era ela porque ele é que tem carta.”
9. Se uma das crianças se portasse mal, qual delas seria? Como seria castigada? Por quem?
“Era ela, porque ‘tava sempre a dizer asneiras, ela era mesmo má. Não via televisão, arrumava a casa sozinha e não jogava computador. É às vezes o que o mau pai faz.”
10. História
“Era uma vez um homem chamado Leandro que tinha muito estilo e ia sempre às discotecas e apaixonou-se pela Rute numa discoteca. E depois apaixonaram-se, foram falar...e chegaram-se a apaixonar. Depois começaram a namorar e depois casaram-se. E eles que eram pobres só compraram um carro de um lugar e um tem que ficar sempre em casa. E houve um dia que a mulher não sabia conduzir, foi conduzir o carro. “Teve um acidente e morreu. E o Leandro arranjou uma chamada Solange e depois eles viveram felizes para sempre.”

Análise psicodinâmica

Na produção mais livre e projectiva da constelação familiar destaca-se a grande desvalorização com que é elaborada a figura feminina, apresentando menor qualidade expressiva, maior imaturidade gráfica e menores dimensões, colocada numa posição de total subalternidade e

humilhação face à figura masculina, muito mais investida e idealizada, sendo esta tendência reflectida igualmente na narrativa que acompanha a produção. Defensivamente, enquanto realiza a produção, na primeira realização da figura masculina, esta encontra-se a chorar, porém Afonso exclama em voz alta «Não, no meu desenho ninguém chora!», apagando de imediato e colocando-lhe um sorriso, negando o afecto depressivo que espontaneamente é evocado. No mesmo sentido, investe a figura de elementos agressivos, os quais vêm a conferir uma aparência delinquencial e bizarro à personagem.



Questionamento:

1. Quem são estas personagens? Como se chamam e que idade têm?
“Este é o pai, chama-se Mário e tem 40 anos. Esta é a mãe, chama-se Paula, tem 35 anos. Este é o Afonso, tem dez anos e esta é a R que tem quatro, três anos. São os filhos.”
2. O que está a acontecer? Porquê?
“Não sei... “Tão dentro de casa para a filha tirar fotos.”
3. Quem é o mais feliz e o menos feliz? Porquê?
“O mais feliz é o Afonso, porque é o filho mais velho. O menos feliz é o Mário. Porque ‘tá a ficar velho.”
4. Quem é o mais simpático e o menos simpático? Porquê?
“O mais simpático é o Mário, porque fala a todas as pessoas. E menos é o Afonso. Porque não fala a quase nenhuma pessoas.”
5. Quem manda mais e quem manda menos? Porquê?
“É o Mário. Porque é o pai. Menos é a R porque é a mais pequena.”
6. Se pudesses escolher, quem destas personagens gostarias de ser? Porquê?
“O pai, por causa que queria ser o mais velho de todos.”
7. Se pudesses mudar alguma coisa neste desenho, o que mudavas? Porquê?
“Não.”
8. Se todos fossem dar um passeio de carro e um deles não coubesse, quem ficaria de fora?
“O Afonso. Porque gosta de andar a pé.”
9. Se uma das crianças se portasse mal, qual delas seria? Como seria castigada? Por quem?
“A R. Ia para o quarto sem ver televisão. Partiu a máquina do café.”
10. História
“É... Era uma vez um homem chamado Mário que viveu com uma mulher chamada Paula. Depois eles tiveram um menino chamado Afonso e depois passado 9 meses tiveram uma menina chamada R. E eles saíram no carro de três, pensavam que não iam ter muitos filhos, e um teve que ficar em casa, ficou a mãe porque eles eram muito pequenos. Depois eles já tinham muito dinheiro e compraram um carro para quatro. E foram felizes para sempre. Vitória, vitória, acabou-se a história.”

Análise psicodinâmica

O desenho da família é utilizado principalmente enquanto forma de discernir algumas características da percepção da criança em relação ao seu contexto familiar, e à sua inclusão no mesmo (Osten, & Gould, 1978), o que é particularmente relevante para o estudo da organização

borderline na infância, cuja natureza afectiva e relacional tem vindo a ser sistematicamente sustentada na literatura psicanalítica.

Sendo comum, normal e constituindo-se por um dos mais importantes propulsores do desenvolvimento infantil (Corman, 2003), a rivalidade fraterna parece ser um dos movimentos assinaláveis no desenho da família de Afonso, sendo inclusivamente uma das irmãs escotomizada (com a qual Afonso mantém uma relação de maior conflitualidade, sendo o maior alvo das suas projecções agressivas), parecendo-nos que esta se encontra relacionada com a necessidade que a criança tem da exclusividade da relação dual com os imagos parentais. A percepção dos laços familiares parece ser concomitante com uma representação de fragilidade, desprotecção e distanciamento (patente na grande retracção das figuras e na ausência de contacto entre elas) – até mesmo o posicionamento das figuras no espaço da folha nos faz pensar na possibilidade da existência de uma angústia de abandono, de queda ou perda do amor do objecto.

Se considerarmos que a primeira personagem desenhada é quase sempre a mais importante aos olhos da criança (Corman, 2003), tomamos aqui em consideração o lugar primordial que o pai ocupa na dinâmica interna da criança, sendo a personagem mais investida e valorizada, tanto na produção como na narrativa que a acompanha, podendo tanto revelar alguma idealização como o desejo edipiano de ocupar o seu lugar. A personagem representativa da figura materna encontra-se, por sua vez, consideravelmente desvalorizada, e ainda, que mais próxima das figuras infantis, remete para uma representação de ausência e indisponibilidade.

Salienta-se, igualmente, a predominância de uma temática relativa à dicotomia cheio/vazio, a qual parece reportar-se aos processos de clivagem operante, mas também aos sentimentos de incompletude e esvaziamento. Assinala-se, ainda assim, que, a partir da presente produção, Afonso parece ter integrada a noção de estrutura familiar bem como das diferenças etárias e de género. Salienta-se, porém, a pobreza simbólica e a imaturidade gráfica da produção.

Children's Apperception Test – animal version

1.

“ Era uma vez um galo e uma galinha e o galo engravidou a galinha e saiu três ovos. Depois ela chocava, chocava, chocava todos os ovos que houve um dia que ela ouviu os ovos a estalar e disse: «Oh galo, oh galo, olha os ovos ‘tão-se a partir!». E depois o galo ficou a olhar e saiu três pintainhos. E depois eles ficaram tão felizes com os filhos e deram nomes aos filhos. O galo mais bonito era o galão e o menos bonito era o calão, não, era galinha. E o mais preguiçoso chamava-se calão. E a mãe chamava-se galinha. E o galo chamava-se campeão e era a hora do almoço e da conversa; conversaram tanto e chegou à hora do almoço e os pintainhos comeram puré e o galo e a galinha comeram bife e batatas. E houve um dia que um lobo apanhou um pintainho e foi lá o campeão (porque todos têm medo do campeão) e ele chegou lá e ele deslargo o pintainho. E foi à enfermeira para ver se o galo ‘tava bem. E ele ‘tava bem e viveram felizes para sempre.”

Análise qualitativa:

O presente cartão remete para a relação com o imago materno ao nível das representações relacionadas com a oralidade, e com um conjunto de representações inconscientes de gratificação ou de frustração (Boekholt, 2000), isto é, o quanto a criança se sente alimentada por um ou outro progenitor - podendo a comida ser percebida como recompensa e a sua ausência como castigo -, e ainda solicitando temas de competição no seio da fratria. Perante tal significação latente, a criança elabora uma narrativa bastante rica do ponto de vista simbólico, construída com recurso a personagens que não figuram na imagem, e introduzindo uma dinâmica relacional que vai para além do representado no cartão. Efectivamente, Afonso evoca a representação de uma constelação familiar, desde a sua génese (o que poderia remeter para uma certa curiosidade acerca da cena primitiva e da natureza da relação heterossexual entre o casal parental), passando pelo nascimento das personagens-criança (podendo relacionar-se com o lado mais regressivo da criança e até mesmo com questões ao nível da identidade, evidentes na escolha dos nomes), até à dinâmica subjacente à vivência familiar por si representada. Sublinha-se a tonalidade afectiva implícita na narrativa, patente na vertente de idealização da situação familiar através do investimento parental ligado a uma necessidade de cuidado e protecção, mas fundamentalmente na idealização da figura paterna (o herói da narrativa, apresentado de forma algo onipotente), ao passo que o imago materno parece ser evocado de uma forma ambivalente, entre uma dimensão funcional, sem ressonância afectiva, e um lado não-protector. Parece verificar-se alguma identificação a um dos pintainhos, o narcisicamente mais valorizado

(“o mais bonito”), o qual é, também, mais investido, ainda que possamos pensar que se trata de um movimento de reparação, reflexo da dualidade (dois lados de Afonso) na percepção de si, entre um lado mais investido, em falso-self, e um lado mais genuíno de maior fragilidade, fruto das falhas narcísicas que apresenta. No entanto, na construção da história parece-nos que é necessário que este mesmo pintainho se encontre numa situação de perigo e vulnerabilidade para ser alvo de atenção por parte dos imagos parentais, designadamente o paterno. Efectivamente, verificamos uma certa angústia de desamparo, visto que ainda que a personagem seja resgatada pelo correspondente paterno, parece encontrar-se permeável à invasão, e a ameaças externas representativas de perigo, sendo, portanto, notória uma certa desprotecção. Esta desprotecção evocada, resolvida de forma algo onnipotente, é reparada por uma figura externa que oferece protecção e cuidado (a enfermeira que poderá, também, revelar um movimento transferencial para o acompanhamento psicoterapêutico que Afonso tem mantido). A tónica da narrativa é colocada na constante acção dos personagens, num discurso consideravelmente impulsivo e quase verborreico, acompanhado de alguma instabilidade psicomotora, o que nos parece revelar a inquietação interna evocada pela conflitualidade latente.

Procedimentos fundamentais:

- IF7 – fabulação longe do cartão;
- IF3 – importância dada às interacções, transparência das mensagens simbólicas;
- IF1 – introdução de personagens que não figuram na história;
- IF6 – insistência nas representações de acção;
- RE5 – sobreinvestimento na qualidade do objecto (valência narcísica positiva).

2.

“Ah, são os ursos a jogarem à corda. Não sei histórias para isso. Houve um dia que ... os ursos receberam uma corda para o jogo da corda. E eles foram comer e começaram a treinar. E eles treinaram tanto e tanto que não deram pela hora, ficaram acordados todo o dia e toda a noite. E o seguinte dia era o dia do campeonato, e eles ‘tavam cheios de sono e foram, e o urso que era sempre o campeão daquilo ganhou e eles enervaram-se e do outro campeonato eles ganharam a todos e ganharam a taça mundial da corda. Vitória, vitória, acabou-se a história!”

Análise qualitativa:

No presente cartão, o qual reenvia para a relação triangular progenitores-filho num contexto agressivo e /ou libidinal (Boekholt, 2000), a narrativa elaborada parece distante das

solicitações latentes, já que Afonso coloca a tónica em representações de acção que parecem remeter para alguma inquietação interna e que surgem como recursos defensivos, impedindo o confronto. De facto, não se verifica a evocação do conflito edipiano, por impossibilidade em aceder e representar a experiência da triangulação relacional, salientando-se, ainda, a emergência de mecanismos mais arcaicos, tais como a onipotência e o *acting out*. Neste sentido, a relação entre os personagens na sua vertente de triangulação não é reconhecida, desempenhando os protagonistas a mesma actividade, sem diferenciação que não pela força, ligada a uma certa onipotência, e portanto sem a dialéctica edipiana que subjaz o cartão entre grande-pequeno, progenitor-filho. Ainda assim, parece verificar-se uma vez mais uma certa identificação ao herói, o “campeão”, representado como o mais forte, o que, já que se torna uma conteúdo repetitivo, nos parece revelar as fragilidades narcísicas da criança. Refere-se, ainda, que são evocadas necessidades regressivas na ordem da oralidade, reveladoras de uma certa avidez relacional, resolvida pela funcionalidade da alimentação.

Procedimentos fundamentais:

- IF6 – insistência nas representações de acção;
- RE5 – sobreinvestimento na qualidade do objecto (valência narcísica positiva);
- RE2 – recurso aos lugares-comuns da vida quotidiana, importância dada ao concreto, ao fazer;
- RA1 – expressão verbalizada de afectos;
- EI1 – tendência à recusa.

3.

“Era uma vez dois ratos, ‘tavam a correr a selva. E o rato que era mais corajoso passava por tudo e o outro que era menos corajoso. E ele passou por uma coisa com muito pêlo, pensou que era uma rocha, e depois ele levantou-se e começa a fazer urahhhh e a rressonar. E o rato corajoso foi-se esconder atrás de uma rocha. E depois o leão foi passear e foi apanhado por um caçador. E ‘tava dentro de uma rede de corda e ele chamou o rato para roer aquilo, e o rato tinha medo dele, não foi capaz. E depois todos gozaram com ele e depois ele chegou lá, roeu a corda e salvou o leão. E eles foram os melhores amigos para sempre. Vitória, vitória, acabou-se a história.”

Análise qualitativa:

Pela saturação de elementos significativos através da presença do próprio bestiário e seus atributos fálicos e dominantes, as narrativas elaboradas neste cartão podem ser associadas quer à

imagem paterna quer à materna, ainda que mais frequentemente possibilitem a evocação de um imago paterno. No caso de Afonso, os atributos de força e poder aparentemente relativos à imagem paterna são desvalorizados, inclusivamente escotomizados. Parece-nos que se verifica alguma nuance edipiana, pela anulação do poder à figura paterna, a qual deveria encontrar-se relacionada com uma imagem de potência fálica, retirando-lhe a força e o domínio, associada à identificação a um personagem que serve como elemento de auxílio, invertendo-se os papéis dominador/dominado, podendo ainda indicar algum desejo de aproximação ao masculino-paterno (“e foram os melhores amigos para sempre”), ambivalente com uma representação de medo. Relativamente aos processos identificatórios, parece-nos que a criança estabelece uma identificação com o ratinho, o personagem que, em vez de ser descrito como imaturo e impotente, é investido, de um modo algo onnipotente, de poder, através, designadamente de um mecanismo de formação reactiva. Ainda assim, e neste sentido, verifica-se uma certa ambivalência entre coragem e medo/incapacidade, a qual pode remeter para o conflito crescimento/autonomia e dependência. Refere-se, ainda, que as questões narcísicas identitárias surgem, uma vez mais, desta vez pela vergonha face à situação de ser humilhado, gozado, por outros animais.

Procedimentos fundamentais:

- IF1 – introdução de personagens que não figuram na história;
- IF7 – fabulação longe do cartão;
- IF3 – importância dada às interações, transparência das mensagens simbólicas;
- OC3 – elementos de formação reactiva (dever de auxílio);
- OC9 – perturbações da sintaxe;
- OC8 – escotomas.

4.

“Era uma vez uma família de cangurus...que a canguru levou os cangurus à escola e eles, e o filho, a andar de bicicleta, tropeçou numa rampa, caiu e partiu uma perna. E a mãe levou ele ao colo e eles chegaram atrasados à escola, e quando chegaram a escola ‘tava fechada, e era o primeiro dia de aulas, vê só! Depois a mãe começou a refilar com ele: «Porque é que partiste a perna canguru?! E era o teu primeiro dia de aulas. Agora vais chegar atrasado e a professora vai se zangar!». E no outro dia eles conseguiram chegar rápido à escola e a mãe ficou muito feliz com ele e ele e a mãe viveram felizes para sempre porque ele já sabia ler. Vitória, vitória, acabou-se a história! E o padre morreu e a igreja fechou.”

Análise qualitativa:

O presente cartão remete para a relação com a imagem materna, podendo suscitar temas de rivalidade fraterna e conflitos de autonomia/dependência. As vicissitudes no processo de separação-individuação desta criança parecem tornar-se evidentes na narrativa elaborada face ao estímulo latente neste cartão, através da ambivalência evocada face à representação do imago materno, no qual se sublinha a dimensão da falta de cuidados parentais, de culpabilização da própria criança, da ambivalência entre cuidar num nível mais regressivo e autonomizar a criança. Neste sentido, a separação parece ser percebida como algo perigoso. O foco do imago materno ser, não o bem-estar da criança, mas a adequação (superficial) às normas sociais – superego externo (a professora). Destaca-se a ligação excessivamente próxima com o representante da figura materna (“e viveram felizes para sempre”). Uma vez mais, Afonso evoca uma representação do imago materno desprovida de afecto, reduzida à sua dimensão instrumental e funcional, privilegiando um contexto dual e exclusivo da relação mãe-filho, o que revela as suas necessidades a esse nível. No mesmo sentido da primeira prancha não há referência à relação contentora e protectora vivida com o imago materno. A sintaxe, invadida porventura pelas angústias internas e pelo processo primário de pensamento, torna-se progressivamente mais desorganizada e sem sentido.

Procedimentos fundamentais:

- OC9 – perturbações da sintaxe;
- IF6 – insistência nas representações de acção;
- IF3 – importância dada às interações, encenações, diálogos;
- OC5 – isolamento de personagens;
- OC3 – elementos de tipo formação reactiva;
- RE2 – recurso aos lugares-comuns da vida quotidiana, importância dada ao concreto, ao fazer.

5.

“Eu sei lá quem é que ‘tá na cama?! (...) Era uma vez um menino que tinha nascido há pouco tempo e fizeram uma cama para ele e ...ele não gostou da cama, e começou a chorar, a chorar e só chamava: «Mãe! Pail»...e eles não conseguiram dormir e tiveram que ir buscar ele...e ele ainda começou a chorar na cama dos pais, e os pais acordaram cheios de dores de cabeça e dores de costas e tiveram que ir comprar uma cama nova, para o bebé, e ele conseguiu dormir bem e os

pais também e viveram felizes para sempre. Vitória, vitória, acabou-se a história. E o pai morreu e a missa acabou. Fim.”

Procedimentos fundamentais:

- IF3 – importância dada às interações, encenações, diálogos;
- IF6 – insistência nas representações de acção;
- RE3 – insistência no enquadramento, nas delimitações e nos suportes (em falta);
- RE5 – sobreinvestimento na qualidade do objecto.

Análise qualitativa:

Ainda que o presente cartão remeta para a curiosidade sexual infantil e para os fantasmas da cena primitiva, a narrativa elaborada por Afonso parece distanciar-se das solicitações latentes, dando um enfoque nas necessidades regressivas da personagem-bebé, que necessita de cuidado, atenção e contenção, e portanto de uma relação mais dual, escotomizando o outro personagem infantil presente na imagem (podendo tratar-se neste caso, também, de dificuldade do ponto de vista da individuação dos dois ursinhos, considerados como um só). A elaboração depressiva, segundo Boekholt (2000) concomitante com o conteúdo latente do cartão, parece impossível, já que o registo edípiano expectável não se torna evidente, sendo evocados sentimentos de desprotecção, de desagrado face ao material-contidente, a cama, eventualmente representativa do primeiro continente, o materno. Fundamentalmente, e num primeiro tempo, os imagos parentais parecem impotentes face à angústia da criança, não contingentes face às suas necessidades (expressas com alguma onipotência infantil), apenas satisfeitas *a posteriori*, não pelas capacidades parentais dos progenitores, mas por próteses em objectos externos (compensação narcísica).

6.

“Gruta, já sei! «O que é que vamos fazer? Vamos fazer uma cama nova para nós e quero arranjar uma gruta sem humidade.». «Filho, mas essa é a única gruta que existe em Portugal.». E o filho vira-se: «Não, não é pai. Então vamos para outro país. Há grutas em Algarve, em Lisboa, em Setúbal, porque não podemos ir para uma dessas?» e o pai disse: «Oh filho, mas essa é mais perto de onde os ursos têm família! Por isso temos de ficar nessa, senão os ursos vêm atrás de nós e atacam-nos. E nós podemos morrer.». A mãe ainda não apareceu aqui. E depois a mãe chamou para ir comer e eles tiveram uma confusão na mesa e os pais chatearam-se. E o urso e a ursa andaram à porrada, e a ursa, que não pertencia à família dos ursos, chamou o filho para ir para outra gruta. E o filho foi todo contente a bater palmas e perguntou à mãe: «Oh mãe, mas ali não

há morcegos e humidade?». «As grutas são todas iguais meu filho.» e o urso que era o chefe daquilo tudo mandou atacar eles, e eles estavam bem escondidos, conseguiam ir buscar eles pelo cheiro da roupa e o urso prendeu-os a uma corda e era para os mandar para uma piscina cheia de crocodilos. E apareceu o super-herói, todos não gostavam dele, e salvou a urso e levou a urso ao colo e depois levou para a sua caverna, e o urso virou-se para ela: «Tás bem?» e ela disse assim «Eu ‘tou, mas o meu filho não deve ‘tar», e ele foi lá outra vez, muito cuidadinho para não ter pistas...e conseguiu ver ele, ‘tava preso numa jaula, a morrer à fome e ele foi lá falar com ele e o urso mais pequenino virou-se “Aquele homem não é o meu pai, aquele homem fez uma plástica a imitar o meu pai!” e eles foram salvar o pai, e foram salvar todos e os ursos viveram felizes para sempre. Vitória, vitória, acabou-se a história.”

Procedimentos fundamentais:

- IF8 – expressões cruas ligadas a uma temática agressiva;
- IF3 – encenações, diálogos, importância dada às interações;
- IF7 – fabulação longe do cartão;
- OC9 – perturbações da sintaxe;
- IF1 – introdução de personagens que não figuram na história.

Análise qualitativa:

Remetendo novamente para as representações acerca da curiosidade sexual, da cena primitiva e da relação entre os progenitores, na narrativa de Afonso no presente cartão parece-nos saliente a desarmonia em torno da relação parental, na qual parece permanentemente existir um desencontro, não conseguindo ambas as figuras estar integradas numa relação adequada, culminando sempre em situações de conflito, perigo e agressividade. Neste sentido, parece-nos que a criança não consegue integrar os dois elementos do casal parental em conjunto (a narrativa é constituída por partes nas quais o urso bebé ora interage com um ora com outro dos pais, e portanto maioritariamente em relações diádicas), o que inviabiliza a sua capacidade de representar simbolicamente a relação triangular edipiana. Predomina a delimitação dos espaços internos e externos, investidos positiva e negativamente. Parece, igualmente, ser evocada uma representação ambivalente face a um imago paterno, o qual tanto é percebido de forma agressiva, com algum grau de desconfiança e desconhecimento associado, como idealizado. Perante o conteúdo latente subjacente a este cartão, a inquietação solicitada parece reflectir novamente uma problemática de abandono e perda de objecto, a par de um contexto de anuidade, pela conotação agressiva da narrativa e pela representação do espaço continente/gruta (equivalente materno), o qual, em vez

de tranquilizador, afectuoso, e diferenciador face ao exterior, se apresenta como precário, pouco seguro, vulnerável a ameaças externas.

7.

“Um tigre e um macaco e acabei. (...) Era uma vez um tigre que ‘tava a viver, a dormir sossegado e o macaco amandou-se para cima dele, e ele enerva-se e vai atrás do macaco. Depois o macaco, agressivo, agressivo, foi chamar o gorila que matou o tigre e os macacos viveram felizes para sempre. Fim.”

Procedimentos fundamentais:

- IF8 – expressões cruas ligadas a uma temática agressiva;
- EI1 – tendência à restrição;
- RA2 – dramatização, exagero, labilidade emocional;
- RA4 – afectos maciços;
- IF1 - introdução de personagens que não figuram na imagem.

Análise qualitativa:

A temática da agressividade parece causar grande inquietação (patente na tendência inicial à restrição e à recusa) e ansiedade na criança, a qual constrói uma narrativa pouco integrada ou adequada, pelo que nos parece que as pulsões agressivas não se encontram internamente bem integradas e organizadas. Efectivamente, perante as dificuldades de mentalização, parecem faltar mecanismos secundários para elaborar e integrar as pulsões agressivas, já que o discurso inclui conteúdos consideravelmente crus e reveladores de agressividade, emergindo um importante lado impulsivo. Verifica-se uma inversão dos papéis agressor-agredido. Aquele que deveria ser o personagem dominante acaba por ser a vítima do conflito, não o tendo motivado, sendo que é introduzido um personagem que não figura na imagem, uma figura externa de poder e agressividade, o qual resolve negativamente o conflito.

8.

“Era uma vez que uma família de macacos foram caçar bananas e a macaca mais velha tropeçou num pau e partiu uma perna e eles levaram ela para casa para tratar e, e, depois ela ‘tava tão agressiva que deram remédios para acalmar e tudo mas ela acabou por morrer, e viveram tristes para sempre. Vitória, vitória, acabou-se a história.”

Procedimentos fundamentais:

- RA2 – dramatização, exagero;
- RA4 – afectos maciços;
- IF7 – fabulação longe do cartão;
- EI3 – evitamentos específicos.

Análise qualitativa:

Parece-nos existir alguma contaminação do pensamento, a qual começa no sexto cartão, e se prolonga até ao final da prova, não sendo esta excepção. Efectivamente, Afonso elabora uma história que se afasta do conteúdo manifesto do cartão, construindo uma narrativa com uma intensa agressividade face a uma figura feminina. Uma vez que o presente cartão remete, em termos do seu simbolismo latente, para a representação da constelação familiar, podemos pensar que para a criança estes ímagos compreendem elementos de confusão e perda, concomitantes com uma dimensão de agressividade relativamente ao feminino, a qual parece remeter para um ímago materno, associado a uma percepção de fragilidade e incapacidade.

9.

“Era uma vez um coelho que vivia sozinho em casa e queria ter uma mãe e apareceu uma macaca que ficou com ele e chamou-lhe Tarzan e a mãe gostava muito de dançar Kuduro e meteu o filho a dançar e o gorila não gostava naaaaaada dele. E meteu ele na rua porque ele ‘tava sempre a dançar e a cantar e ele desapareceu e ela procurou ele dez anos, cinquenta anos, vinte anos, todo o tempo que era preciso e ele não apareceu, e ele ‘tava atrás da ponte, morto, esmagado e a urso viveu triste para sempre. Fim.”

Procedimentos fundamentais:

- IF8 – expressões cruas ligadas a uma temática agressiva;
- OC9 – perturbações da organização temporal;
- OC10 - ligações arbitrárias.

Análise qualitativa:

No cartão que remete para a elaboração da posição depressiva verificamos que Afonso associa o estímulo apresentado a uma dimensão de abandono, perda, desencontro (mãe-filho) e solidão, uma angústia de perda do objecto tão intensa que torna a narrativa pouco coerente (ao nível da sintaxe e da organização espaço-temporal, nomeadamente) e invadida pelo processo

primário de pensamento, como se a perda implicasse a falência dos recursos defensivos do funcionamento mental. Face à impossibilidade em confrontar-se com a solidão, a ausência do objecto, introduz uma figura materna (que parece relacionada com a narrativa do cartão anterior, reparando a mãe anterior indisponível e face à qual demonstrou grande agressividade), parecendo sentir prazer na relação mas que se torna impossível e tragicamente destruída, encontrando-se, aqui, presente um enorme desamparo. Esta impossibilidade de acesso ao materno parece, por outro lado, ligada à presença de um terceiro elemento bastante agressivo. Parece verificar-se um sentimento de que a relação com um materno gratificante e idealizado é violentamente interrompida, podendo também relacionar-se com as falhas precoces na introjecção de um objecto interno securizante e protector e na constância objectal, restando a representação de que a separação implica necessariamente a perda (morte). Afonso parece sensível ao afecto depressivo, ligado a um nível mais regressivo, pelo receio da perda, sendo solicitados o cuidado e a atenção de cuidados parentais, o que nos remete para as fragilidades ao nível das relações precoces; não sendo, contudo, elaborada a posição depressiva.

10.

“Logo o mais difícil! Era uma vez dois cães que gostavam muito de ir à sanita para beber a água da sanita. E o dono viu ele ali, deu-lhe tanta porrada que ele chegou a morrer e o pai dele que era um pitbull e acabou por matar o dono, e o pitbull teve outro filho e foi feliz para sempre. Fim.”

Procedimentos fundamentais:

- IF8 – expressões cruas ligadas a uma temática agressiva;
- RC3 – crítica ao material;
- RA4 – afectos inadequados, maciços.

Análise qualitativa:

Os imagos parentais parecem aqui evocados, por um lado na figura de uma personagem externa que nos parece remeter a princípio para uma referência à instância de regulação superegógica, e por outro na evocação de uma figura paterna idealizada. Uma vez mais a narrativa elaborada faz recurso a um colorido agressivo bastante intenso, levando-nos novamente a pensar na constelação familiar como algo que para a criança é representado como extremamente ambivalente e inconstante, oscilando entre um afecto mal balanceado com hostilidade e agressividade física e psicológica, na qual a fragilidade dos laços familiares é evidente, numa desregulação que traz imensa instabilidade psico-afectiva a Afonso.

Prova das escolhas:

+: 2 – “Porque o que ‘tava a jogar à corda sozinho ganhou.”

10 – “Porque o cão deu um mergulho dentro da sanita para ir buscar a bola.”

-: 5 – “Porque não tinha nada para eu contar a história e ‘tava-me sempre a atrapalhar.”

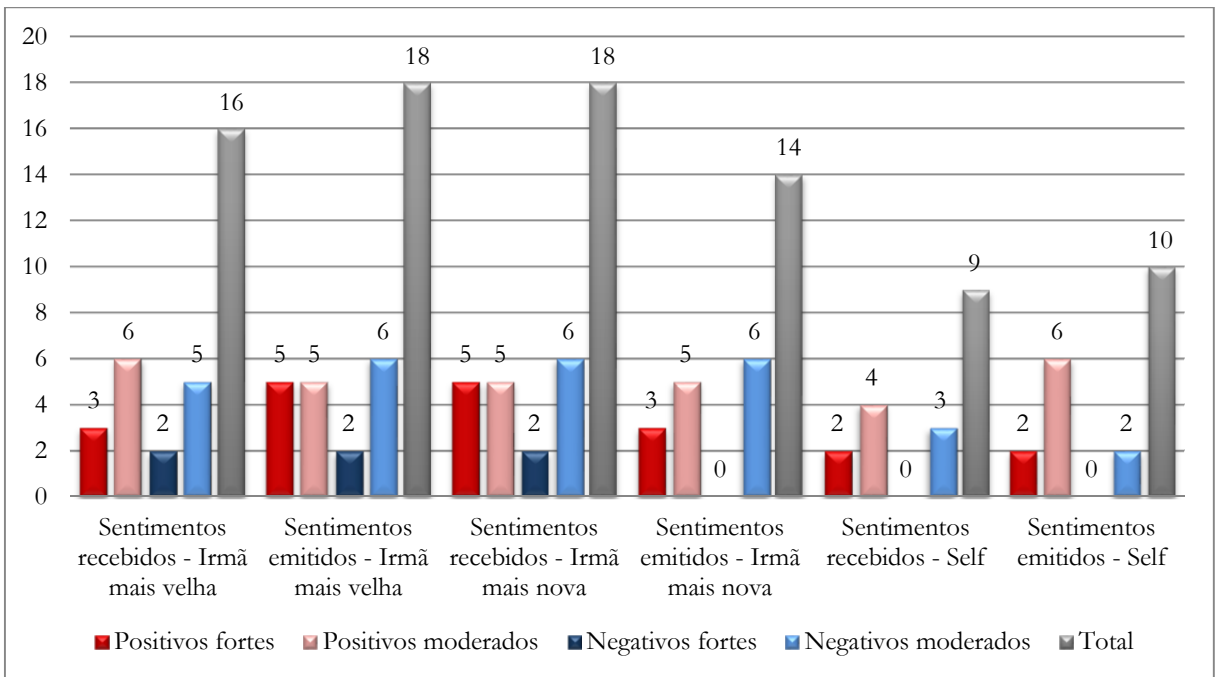
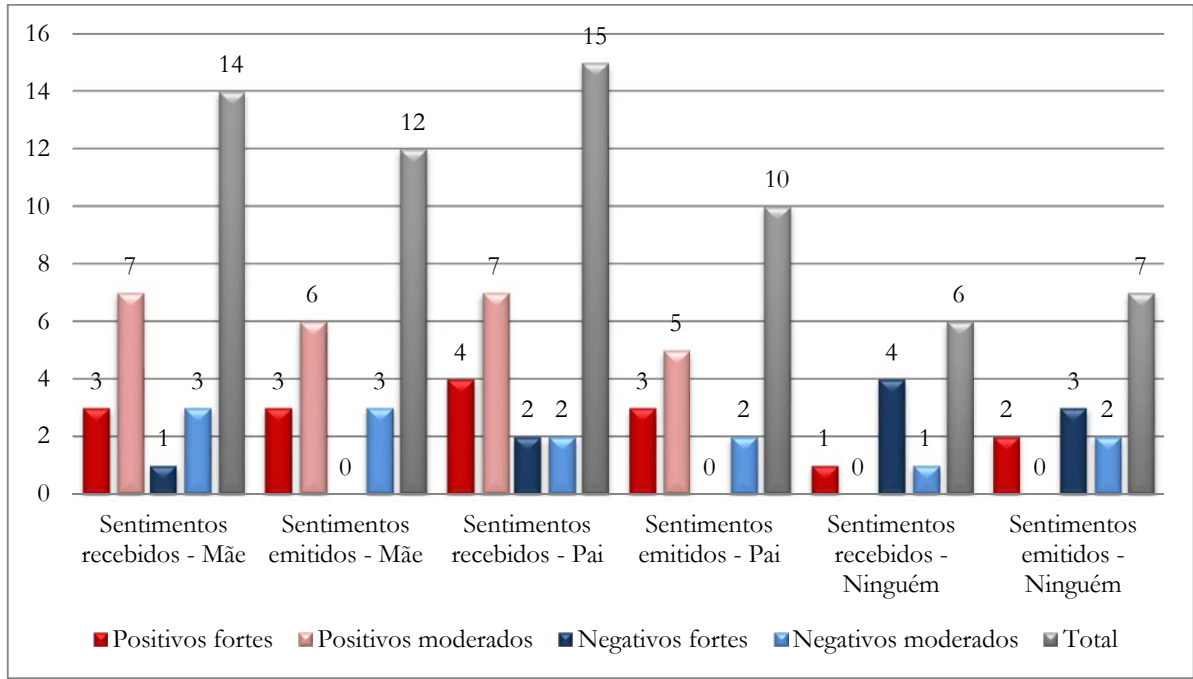
8 – “É porque a história era muito secante.”

Análise do protocolo de C.A.T. -A.

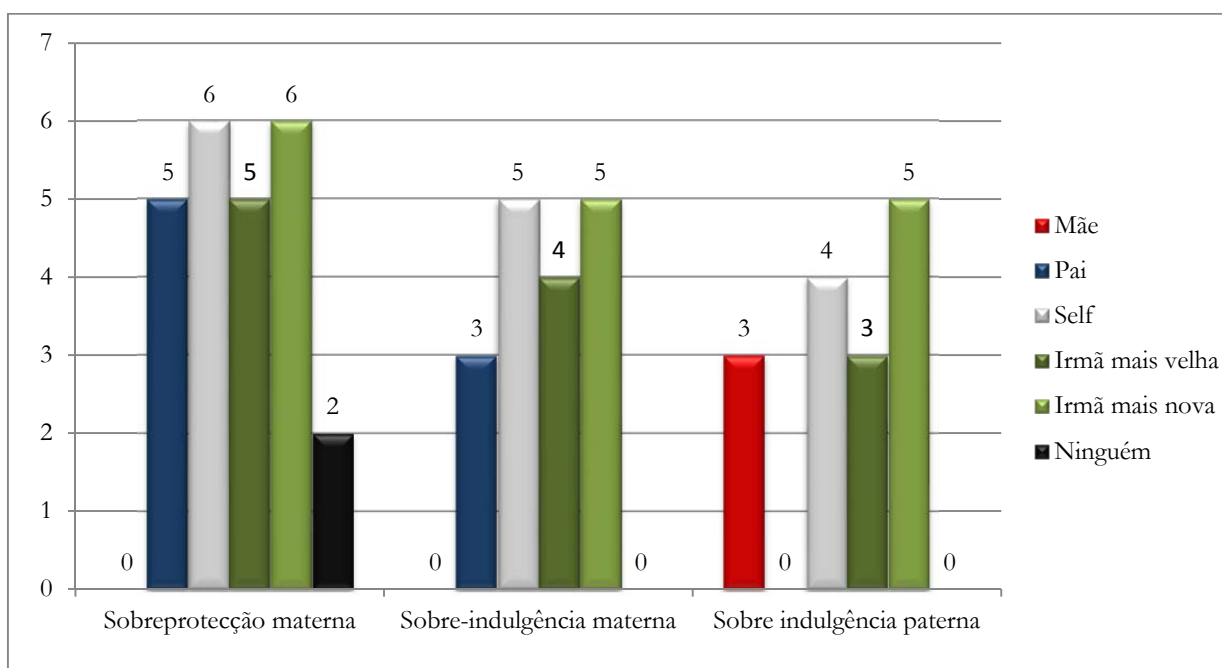
Nas narrativas construídas no protocolo de CAT-A de Afonso verifica-se a representação de uma relação familiar hostil, confusa, ambivalente, inconsistente e pouco contingente face às necessidades percebidas pela criança. Encontra-se presente uma dimensão mais regressiva ligada à primeira infância, a qual se revela a partir da necessidade de cuidado e protecção numa relação dual. As representações do imago materno são significativamente ausentes, porém quando evocadas parecem assentes numa dimensão funcional, sem afecto e de desprotecção, encontrando-se patente uma representação ligada à necessidade, à avidez relacional. Por outro lado, verifica-se uma intensa ambivalência face à representação do imago paterno, o qual é evocado tanto de uma forma idealizada como agressiva, poderosa e dominante. A triangulação edipiana não é integrada e nem adequadamente resolvida, verificando-se muitas dificuldades inerentes aos cartões que abordam o tema do conflito edipiano e da cena primitiva, não sendo o conflito abordado (ou apenas abordado de forma muito superficial) e dando lugar a temas mais regressivos. Verificam-se importantes dificuldades ao nível das pulsões agressivas, as quais não parecem organizadas e integradas, sendo expressas de uma forma intensa e crua e em narrativas desorganizadas, pouco contidas e invadidas pelo processo primário do pensamento. Ainda que o afecto depressivo seja evocado parece, ainda, existir dificuldade em mobilizar recursos internos adequados que permitam a resolução dos conflitos latentes, pelo que são utilizados recursos defensivos de natureza mais arcaica, através da onipotência, da projecção e do *acting out*, - pela corporalidade -, patente na irrequietude do comportamento e na impulsividade e desorganização do discurso, as quais revelam importantes dificuldades em mentalizar e representar simbolicamente as dinâmicas intrapsíquicas. Salienta-se, também, que se encontra patente uma tonalidade depressiva, a par de uma angústia predominante de abandono, desamparo e perda de objecto. Neste sentido são evidentes núcleos de maior fragilidade, nos quais se verifica a necessidade da criança de apoio, de suporte, de uma relação securizante e contentora, e o seu desejo de ser (afectivamente) cuidado e protegido, remetendo para falhas anteriores na relação com uma figura de referência protectora e contentora.

Teste das relações familiares

Resultados de envolvimento percebido pela criança em relação a cada elemento da família (sentimentos positivos fortes e moderados e sentimentos negativos fortes e moderados).



Resultados de sobreprotecção materna e sobre indulgência materna e paterna percebidos pela criança.



Pudemos verificar, no contexto da aplicação desta prova, que o Teste das Relações Familiares (FRT-revised) (Bene & Anthony, 1978) se revelou um instrumento projectivo extremamente rico, e com potencialidades clínicas e de investigação muito interessantes, uma vez que consegue aceder à realidade idiossincrática da criança, particularmente no que concerne às suas representações familiares e às dinâmicas internas, conflituais ou a-conflituais. Cumpre-nos, igualmente, salientar que alguns dos itens da prova nos parecem desactualizados, dado que o tipo de linguagem empregue está relativamente distante do necessário para que a compreensão do seu conteúdo seja perfeita, situação que foi notória na aplicação a todos os meninos da amostra. Neste sentido, revelou-se necessário esclarecer, por diversas vezes, o significado de um determinado item para que as crianças conseguissem fazer a escolha de forma autêntica e parcimoniosa.

Posto isto, segue-se a interpretação dos resultados de Afonso no Teste das Relações Familiares (Bene, & Anthony, 1985), em relação aos aspectos clínicos mais pertinentes para a compreensão do seu caso. Em primeiro lugar, em relação ao envolvimento total (afectividade consciente e inconsciente, tal como avaliada pela prova) do Afonso com os elementos que compõem o seu círculo familiar subjectivo, importa referir que a criança reporta um hiperinvestimento afectivo (tanto positivo como negativo) nas irmãs, as pessoas que parecem revelar-

se mais significativas na sua vida afectiva familiar, imediatamente seguidas dos pais. Em termos do envolvimento familiar ao nível dos sentimentos positivos percebidos como recebidos destacam-se as figuras materna e paterna, em igual proporção, logo seguidas das irmãs, igualmente com resultados semelhantes. Relativamente ao envolvimento percebido ao nível dos sentimentos recebidos negativos, a situação inverte-se, já que as figuras representativas das irmãs da criança assumem um lugar de destaque na distribuição dos itens, de uma forma muito semelhante, quer numa dimensão negativa forte como moderada. No que se refere ao investimento familiar relativo aos sentimentos emitidos pela criança de forma positiva podem ser destacadas as figuras dos pais e irmãs, em proporções muito semelhantes, com valores que quase não revelam qualquer distinção entre os membros da família. Ainda relativo à dimensão de envolvimento familiar percebido, no caso dos sentimentos emitidos negativos por Afonso, verifica-se que as figuras alvo de maior investimento são as irmãs, respectivamente a irmã mais velha, seguida da mais nova, principalmente nos sentimentos negativos moderados, seguidas do Sr. Ninguém. Efectivamente, a grande diferença entre a representação das duas irmãs prende-se com o facto de, apesar de Afonso reportar receber sentimentos negativos de ambas, só são emitidos por si sentimentos negativos fortes em relação à irmã mais velha, com a qual parece existir uma conflitualidade e uma hostilidade particulares.

Destacamos, ainda, que a figura representativa da criança (Self) é a figura menos investida por si próprio, parecendo verificar-se uma certa tendência à auto-depreciação, ainda que os itens positivos ultrapassem ligeiramente os negativos.

Em segundo lugar, parece verificar-se alguma discrepância geral em relação aos sentimentos emitidos e recebidos pela criança, particularmente no que concerne à atribuição de itens positivos ou negativos aos elementos da família. Esta tendência revela-se de forma mais expressiva no caso das figuras representativas dos pais, sendo (tanto no caso geral como neste caso concreto) distribuídos mais itens positivos dos que negativos, e mais moderados do que fortes, evitando, assim, a conflitualidade latente ao conteúdo das mensagens. Não obstante, e ainda que de forma menos significativa, verifica-se que a criança reporta receber maior envolvimento familiar do que aquele que investe nos elementos da sua família.

Em terceiro lugar, e no que se refere aos mecanismos defensivos empregues, mesmo que as figuras relativas ao pai e à mãe sejam investidas de uma forma bastante semelhante, parece verificar-se uma certa idealização da figura paterna - o que se revela congruente com os resultados manifestos nas restantes provas -, a qual parece ser o maior alvo e objecto de sentimentos positivos e portanto do amor da criança. No entanto, os resultados verificados parecem indicar que esta relação, parecendo próxima e idealizada, não deixa, todavia, de conter

em si uma dimensão de agressividade, sentida pela criança como proveniente do pai. Por outro lado, os valores pouco expressivos empregues na descrição da relação materna podem revelar alguma desvalorização deste imago, sendo inclusivamente, emitidos sentimentos negativos em relação a esta figura - o que não acontece no caso da figura paterna -, bem como percebidos como recebidos pela criança por parte da mãe. Verifica-se, igualmente, uma negação parcial do afecto negativo (de hostilidade e agressividade) - sendo a figura do Sr. Ninguém quem recebe o maior número de itens desta natureza -, particularmente se atendermos ao facto de a criança não atribuir a si própria sentimentos negativos fortes (nem enquanto recebidos nem enquanto emitidos), e assumindo apenas de forma muito ligeira os sentimentos negativos moderados, o que pode revelar algum efeito do recalçamento sobre as pulsões agressivas, com as quais Afonso parece sentir alguma inquietação. Neste sentido, a agressividade encontra-se projectada maioritariamente nas figuras da fratria, em particular na irmã mais velha. Nas escalas de sobreprotecção e sobre-indulgência maternas assinala-se, também um deslocamento dos sentimentos de dependência para os vários elementos da família (fratria completa e pai), ainda que o Afonso e a irmã mais nova pareçam ser as figuras que mais beneficiam do cuidado e protecção maternas. Este deslocamento, ainda que permita revelar uma dimensão mais regressiva de Afonso, parece, igualmente, indicar alguma indiferenciação nos limites geracionais, já que progenitores e crianças parecem encontrar-se muitas vezes em igualdade de circunstâncias na dinâmica familiar do presente caso.

Por último, em termos da escala de Inibição/Desinibição, ainda que os valores nas respectivas subescalas, tanto na negativa quanto positiva, não sejam muito reveladores de inibição (2 pontos numa escala de 1 a 5, o que revelaria uma inibição moderada perante a prova), parece-nos pertinente assinalar que, se considerarmos os resultados globais, se verifica uma forte desinibição relativamente à caracterização da dinâmica relacional da fratria, sendo estas as figuras mais investida na prova, manifesta quer pela deposição de itens positivos quer negativos, imediatamente seguida pelas figuras representativas dos pais, a qual, segundo os autores (Bene & Anthony, 1985), poderá ser encontrada em crianças com problemáticas ao nível da externalização (alterações do comportamento, com ou sem agressividade), como é o caso de Afonso.

Escala de percepção da criança sobre o estilo educativo dos pais

Através do presente instrumento salienta-se o facto de Afonso não ter reportado qualquer tipo de diferenciação na percepção do estilo educativo parental entre os progenitores, não parecendo conseguir distinguir as práticas educativas utilizadas por cada um dos pais. Em termos dos resultados apresentados pela criança, e atendendo ao índice factorial tripartido mencionado

anteriormente, verifica-se que o aspecto mais positivamente assinalado se trata do factor *Suporte Emocional* ($\mu=3,14$), seguido do factor *Tentativa de Controlo* ($\mu=2,1$), o qual precede o último factor, *Rejeição* ($\mu=1,87$).

Análise da entrevista com os pais

Na entrevista realizada com os pais de Afonso procurou-se obter informação relativa à infância da criança, em termos não só dos aspectos desenvolvimentais mais relevantes, mas também da dinâmica familiar na qual ela se insere. A entrevista decorreu com um clima emocional positivo, revelando-se os pais bastante acessíveis e disponíveis. Posto isto, parece-nos pertinente destacar alguns dos conteúdos mais relevantes que foram reportados para os pais, em termos da pertinência clínica e de investigação. A entrevista teve início com os temas da gravidez e nascimento da criança, nos quais destacamos a falta de um planeamento em torno desta gravidez, que só vem a ser descoberta aos 4 meses de gestação, o que não significando a falta do desejo por um bebé, já que o casal manifestava vontade de constituir um projecto de família com filhos, implica a existência de quatro meses de um vazio fantasmático, um desconhecimento na ressonância íntima que ocupava o lugar de um bebé que precisava de ser desejado, querido e de ganhar um lugar, um espaço de elaboração e de afecto. Podemos, então, considerar, este, o primeiro vazio da criança, o vazio da primeira existência. A gravidez foi de risco, com ameaças de parto recorrentes desde os 5 meses, e uma instabilidade reconhecida no bebé que parece, numa leitura posterior da mãe, extremamente inquietante e o primeiro indício do temperamento de Afonso cuja impulsividade e pressa para ver o mundo fez nascer antes do tempo, aos 8 meses. Indicam que ficaram felizes por ser um rapaz, embora quando questionados refiram não ter expectativas de maior, já que “era mais um”. A mãe permaneceu sozinha no momento do parto (“ele não vai assistir, não tem coragem”), circunstâncias recordadas como de intenso sofrimento físico.

Em relação à escolha do nome, trata-se da terceira geração masculina, pelo lado paterno, com o mesmo nome, um pedido da avó paterna aceite pela mãe, embora releve que não seria a sua preferência. No que concerne a acontecimentos significativos na infância de Afonso, os pais destacam a perda a avó paterna aos três anos, situação que a criança diz recordar mas que os pais relativizam e dizem não ser possível (“ele ouve-nos a falar e vai construindo”), bem como a perda do avô aos sete anos de quem a criança era muito próxima e com quem viviam, essa sim sentida pelos pais como mais difícil para Afonso.

Os pais abordam diversas vezes a dinâmica da fratria, estabelecendo comparações em diversas ocasiões, particularmente com a filha mais velha. Indicam que esta sempre foi muito

protectora e cuidadosa para com o irmão, tendo uma diferença de 18 meses de Afonso, dizendo várias vezes “vocês não ouvem o vosso filho chorar?”, e sendo ela quem conseguia conter o irmão-bebé quando este chorava, dando-lhe o seu boneco, o seu objecto transitivo. Porém, é precisamente com esta irmã que se verifica a relação de maior conflitualidade no contexto familiar, relatada através de diversas situações de agressividade e hostilidade. Com a mais nova, os pais indicam existir maior proximidade e identificação, segundo os mesmos, dada a imaturidade de Afonso. Afirmam que a relação com a mãe, se bem que mais próxima devido às por vezes prolongadas ausências paternas, é também mais difícil, indicando a mãe que não consegue que Afonso cumpra as regras que impõe nem encontrar estratégias mais adequadas de lidar com a criança, batendo-lhe por vezes quando sente que perde o controlo das situações. Verificamos que a onipotência infantil descrita em muitos dos comportamentos de Afonso é reforçada pelo pai (“tu é que é que mandas filho”), o que, a par da idealização da figura paterna e da sua identificação ao masculino, tem conduzido a situações de grande agressividade em relação ao feminino. Relatam uma grande preocupação com a filha mais velha aquando do nascimento do irmão (“a gente dava mais atenção à L para ela não sentir e o Afonso ainda não percebia o que era a vida”), a qual parece ter desempenhado um papel compensatório, mas acentuando inconscientemente as diferenças entre ambos os irmãos.

Os pais realizam diversas atribuições negativas em relação ao Afonso-bebé, de quem destacam um temperamento negativo *a priori* (“virava o ovo”, “puxava o fio do ferro de engomar”, “partiu tudo quando começou a andar”). As atribuições mais negativas, normalmente expressas pela mãe, mesmo que menos carga projectiva do que as observadas na história clínica, aquando do início do acompanhamento, são entrecortadas com alguns movimentos de identificação materna e de desculpabilização paterna. Parece-nos subjacente ao discurso da mãe uma certa nuance de culpabilidade e de insuficiência na sua função materna (“o meu leite era fraco para ele, precisava de um reforço”). Por outro lado, verificamos alguma idealização por parte do pai deste filho, por quem ficou tão feliz após saber que era um rapaz (“é um espectáculo, é o filho que todo o pai queria”), a par de uma desvalorização do papel da mãe.

Os pais sublinham que o desenvolvimento psicomotor decorreu nas etapas expectáveis, excepto no caso da linguagem, a qual aconteceu de forma tardia e idiossincrática, sendo de difícil compreensão. Relatam alguma avidez alimentar, a qual parece remeter para a avidez relacional da criança e as suas necessidades regressivas de ser cuidado e contido.

O desejo de crescer e os movimentos de identificação ao masculino-paterno parecem ser alguns dos aspectos mais apresentados pela criança e actuar em simultâneo, sendo processos

intrinsecamente ligados (“julga-se adulto”, “«Pai, já ‘tou a crescer, ‘tou a ficar um homem!»”), reforçados igualmente pelas mudanças pubertárias que se encontram a ocorrer.

Os pais destacam algumas características da criança, positivas e negativas. Dizem, por um lado, que se trata de uma criança meiga, solidária, atenciosa e preocupada, não exigente mas que precisa muito de atenção e afecto. Referem, no entanto, que Afonso é um menino muito impulsivo, muito irrequieto, que não aceita regras nem ser corrigido em frente de outros, com uma instabilidade transversal a vários domínios (relações com adultos e pares e desempenho de actividades/tarefas) que indicam ser constitucional da criança, e agressivo, ainda que justifiquem actualmente os comportamentos agressivos do filho com factores externos (escola, colegas, provocações), sem se evidenciar qualquer tipo de *insight* ou ressonância acerca do seu papel parental e das suas implicações na regulação dos comportamentos da criança. É, também, mencionada pelos pais a necessidade de Afonso de ser elogiado e reforçado, concomitante com sentimentos de insegurança e de auto-depreciação, os quais revelam as já conhecidas e importantes falhas narcísicas. Indicam que Afonso sente uma intensa ansiedade em situações nas quais se encontra fechado num espaço, independentemente da presença dos pais, ficando geralmente em pânico e com falta de ar (angústia claustrofóbica que pode ser encontrada em indivíduos com funcionamento limite (Sá, 2009)). Como estratégias educativas, os pais indicam que preferem adoptar os castigos do que as punições físicas, porém o pai revela que se a mãe batesse mais nos filhos conseguiria maior respeito. A mãe, por outro lado, diz sentir-se impotente perante a criança, acreditando que o pai tem maior controlo e autoridade sobre os seus comportamentos, demonstrando também dificuldades em delimitar as fronteiras geracionais, entre ela e os filhos.

São mencionadas dificuldades precoces grafo-motoras e do ponto de vista simbólico (“não sabia desenhar, não fazia uma bola”), a par de uma aparentemente dificuldade da criança em fantasmizar (“ele não gosta de fantasias, gosta mais de viver a realidade”). Os comportamentos hetero-agressivos severos parecem ter começado durante a pré-primária, nomeadamente para com os colegas e familiares próximos, crianças e adultos. Depois de questionados, os pais atribuíram primeiramente a disruptividade destes comportamentos ao local de residência, mas posteriormente ao temperamento da própria criança.

Entrevista com os pais

Ψ: “Olá boa tarde. Eu queria começar por perguntar-vos alguns dados relativos à primeira infância do Afonso, nomeadamente se ele é filho único ou se existem mais irmãos?”

Mãe: “Não, o Afonso tem mais a L, a R e a S que é adoptiva que é uma sobrinha que a gente foi buscar ao colégio.”

Ψ: “Mas que vive convosco?”

Mãe: “Sim, vive com a gente já há um ano e dois meses.”

Ψ: “E qual a idade das irmãs? Portanto o Afonso veio em que ordem?”

Mãe: “O Afonso é o segundo; é a L com 11, o Afonso com 9 e a R com 4. E a S tem 15.”

Ψ: “E relativamente ao vosso projecto de família, tinham planeado ter filhos?”

Mãe: “A do Afonso não foi...”

Pai: “Nem a da R...”

Mãe: “Nem a da R, a única que foi, foi a L. Foi a primeira que a gente até já ia começar a fazer um tratamento para começar a ter filhos, que eu não conseguia engravidar.”

Ψ: “Portanto já tinham planeado ter filhos...”

Mãe: “Sim, mas não conseguíamos, não conseguíamos, até tínhamos ido a uma consulta e íamos começar, eu ia começar a fazer uns tratamentos quando deu-me uma dor de barriga enorme e pronto... porque eu tive hepatite aos 11 anos e, aí a papeira aos 11 anos, e ela recolheu-me aos ovários e os médicos disseram que eu não podia mais ter filhos, então mas olhe... Do Afonso eu tinha a menstruação e a gente descobriu que eu ‘tava grávida aos quatro meses, aos quatro meses e quando ele disse, disse que era um mioma que eu tinha numa eco que fizeram nunca disseram que eu tinha, que era um bebé.”

Ψ: “Portanto, souberam que estava grávida aos quatro meses de gestação...”

Mãe: “Aos quatro meses, aos quatro, aqui no Garcia de Orta. Deu-me uma dor de barriga, que dá-me sempre dores de barriga quando estou grávida.”

Pai: “Desta vez deu mesmo que fazer, ela teve ‘pa morrer...”

Mãe: “Da R tive...”

Pai: “Foi muito complicado.”

Mãe: “Do Afonso também tive uma gravidez de alto risco porque o Afonso não sei o que é que lhe deu aos quatro meses e meio deu a volta. Ele ameaçou aos 5 meses, ameaçou aos 6, aos 7 meses já tive que levar a injeção para não ter ele – já ‘tava com dois dedos de dilatação – foi no fim de ano, no dia 31, fim de ano.”

Ψ: “Mas havia algum antecedente, algum factor de risco associado à gravidez, ou alguma condição da mãe...”

Mãe: “Não, foi ele que deu a volta mais cedo, e não podia mesmo fazer nada, nem andar, nem...tinha que ficar de repouso absoluto mesmo por causa do Afonso. O Afonso depois nasceu às 36 semanas, ainda foi aos 8. Mas pronto foi...quando a gente soube aos 4 meses que era um rapaz a gente ficou contente.”

Ψ: “E tiveram a notícia quando souberam que iam ter um bebé...”

Mãe: “Foi, mas também foi aquele pânico porque a gente olhava ‘pa L e a L ainda tão bebé, era muito pequenina...”

Pai: “ E nós não podíamos pensar nisso...”

Ψ: “A diferença é pequenina...”

Pai: “É, é, era muito pequenina.”

Mãe: “É...18 meses. Ele ia trabalhar, eu tinha que andar com a R, com o Afonso, no carro ou no colo e às vezes a L coitadinha pedia colo e às vezes lá tinha que andar com os dois...”

Pai: “Foi preocupante...”

Mãe: “É, foi difícil... Mas digo-lhe uma coisa, custou-me mais agora a criar a R do que a criar aqueles dois...”

Pai: “Aqueles dois juntos...”

Mãe: “É... porque as coisas todas que a gente comprava p’ra L era unisexo, lá de vez em quando comprávamos uma saíinha ou um vestidinho, mas de resto era tudo...eu guardava. Agora onde é que eu guardo roupa de 11 anos para 4 anos?”

Ψ: “Então quando dizem que custou mais está a referir-se...”

Mãe: “Às condições...”

Pai: “ Às condições de vida...”

Mãe: “Tudo, porque...às vezes eu vejo os pais «Ai agora eu tenho um pequenino e engravidei...» e às vezes eu digo logo, por experiência própria, que custou-me mais a ter esta que os outros dois.”

Pai: “ É... Porque normalmente saía de um para outro.”

Mãe: “A R foi mesmo...a gente diz que a R é fora de horas...”

Pai: “ A R já não ’távamos a espera mesmo, ‘tava fora de planos mesmo.”

Ψ: “E voltando ao Afonso, como é que viveram essa gravidez?”

Mãe: “Oh...Ficámos felizes porque era um menino...”

Pai: “Lutámos por mais ele...”

Mãe: “Foi mais um...”

Pai: “Com muita luta eles andam aí, graças a Deus...”

Ψ: “Mas tinham alguma expectativa com a chegada dele?”

Mãe: “Era sempre aquela ansiedade que a gente também teve do primeiro, isso...”

Ψ: “Hum, hum...”

Mãe: “Isso também...”

Pai: “P’ra mulher foi o mesmo, do segundo, do terceiro...”

Mãe: “P’ra ele é que foi mais...pior, porque quando que fui ter ele ao hospital ele teve que ficar com a pequenina...” (*riem-se*)

Ψ: “E portanto a mãe esteve sozinha durante o parto?”

Mãe: “Tive...tive porque ele não gosta...”

Pai: “Eu não fui assistir ao parto, mas ela ‘tava bem guardada!”

Mãe: “Ele ‘tava comigo, ele ‘tava lá, não quis foi assistir.”

Pai: “E ‘tava com um irmão meu...”

Mãe: “Não, isso foi da L.”

Pai: “Não, foi do Afonso.”

Mãe: “Do Afonso ficou tu e a S.”

Pai: “Foi, foi, foi isso...”

Mãe: “Ele não vai assistir, ele não tem coragem.” (*riem-se*)

Ψ: “E como é que correu o parto?”

Mãe: “É assim, foi muito...eu ‘tava com dores p’a ter mas não tinha dilatação. Mas como eu pensava que sabia mais do que eles e só faço é asneiras...” (*riem-se*)

Ψ: “Provavelmente porque já não era a primeira vez...”

Mãe: “Também não era a primeira vez, da L fiquei com vontade – como se diz – de fazer cocó, a nossa dor mesmo quando temos um bebé é essa mesmo, é aquela dor mesmo que é como a

vontade de ir à casa de banho, comecei a fazer força, podia-me ter matado, a mim e ao Afonso, porque ele nasceu sem dilatação e podia ter...”

Pai: “Sufocado.”

Mãe: “Sufocado-me a mim e a ele, mas não, correu bem... Ele rasgou-me foi toda.”

Ψ: “Era um bebé grande...”

Mãe: “Hum...tinha 49 cm , com 3,375kg . A L nasceu com um centímetro a menos.”

Ψ: “E em relação à escolha do nome?”

Mãe: “Ah isto é assim, a escolha do nome foi a minha sogra que pediu, queria que fosse o nome do pai dele, que era Afonso, que ele também é Afonso. E depois eu gostava de pôr Afonso Júnior, mas ficou só Afonso porque eu depois...eu penso, sou maluca, penso no futuro, porque a L é só L e depois se o Afonso tivesse mais um nome ainda dizia «eu tenho mais um nome, eu sou mais importante», porque ela é só L [*apelidos*] e ele é Afonso [*apelidos*], mas eu queria por Afonso Júnior, porque o avô era Afonso, o pai é Afonso e ele ficava o Afonso Júnior.”

Ψ: “Mas foi uma decisão conjunta, dos dois?”

Pai: “Sim, sim, sim.”

Mãe: “Sim, foi. A avó pediu, a avó pediu. Se não pusesse Afonso punha J que eu já tinha dito, mas pronto, a minha sogra pediu-me e eu também gosto do nome Afonso, ficou Afonso.”

Ψ: “Já que falam nisso, relativamente à família extensiva, para além da vossa família nuclear, existe suporte familiar?”

Mãe: “Sim, o Afonso da parte do pai só teve a avó até aos três anos, que ela faleceu...não tem muita...”

Pai: “Ele não tem muita lembrança...”

Mãe: “Pronto, ele diz que se lembra da avó...mas não.”

Mãe: “Não, não...”

Pai: “Eu não me acredito, com três anos e meio lembra-se assim tanto da avó como ele diz...”

Mãe: “Ele ouve-nos a falar...”

Pai: “Ouve-nos a falar, ouve a L... E vai construindo.”

Mãe: “E vai construindo. Agora com o avô, que o avô morreu há dois anos, e ele também passou muito com o avô, que até o avô morrer sofreu muito e ele acompanhou o avô até ao fim. Nos vivíamos com eles. E ele até quando o avô morreu ele quis ir ao velório, ao velório, que ao enterro a gente não deixou ele ir. Não mas ele queria ir, a gente é que disse que não...”

Pai: “Fez birra mesmo!”

Mãe: “Porque ele... A L também quis ir ver o avô no caixão mas depois fugiu. O Afonso não, o Afonso ficou ali, até ao fim a ver o avô. Até teve mais coiso que a L. Ou ele é daqueles que acha-se que é forte...”

Pai: “Não é... Eu acho que o Afonso gosta mais de viver a realidade, não gosta de fantasias, gosta mesmo de viver a realidade. Nós se lhe formos dizer que aquilo não é aquilo, essa resposta para ele não serve. O Afonso tem que viver mesmo a realidade, ele não...se lhe tiverem a mentir ele fica com o pé atrás, e aí começam as brigas com os colegas. Os outros a gozar, e a querer emendar os erros dele e ele fica assim «será que eu ‘tou a falar mal ou a falar bem» e ele depois parte para a ignorância por causa disso, o erro do Afonso é esse. É viver a realidade, julga-se adulto. Não vês hoje de manhã? ‘Tava na casa de banho, ‘tava-me a lavar, chega-se lá ele ao pé de mim «pai, já ‘tou a ficar um homem, hã?», «pai, já ‘tou a crescer!».”

Mãe: “É, é, ele agora é que já perdeu, mas antes cada pelinho mais escuro que tinha vinha-me sempre «oh mãe, oh mãe, anda cá, anda cá, anda ver que já tenho!», era todos os dias, todos os dias... Ele já vai fazer agora 10 anos, este domingo, não...não é este, é para o outro domingo.”

Pai: “É para o outro, dia 12.”

Mãe: “Já vai fazer 10 anos.”

Ψ: “Falando ainda dos primeiros dias com ele, como é que foi o regresso a casa?”

Pai: “Foi uma grande felicidade mesmo.”

Mãe: “A L...”

Pai: “Foi um momento de felicidade...porque era um homem,..”

Mãe: “Foi uma felicidade mesmo. A gente achava imensa piada porque o Afonso chorava e a L dizia «oh vocês não ouvem o vosso filho chorar?!».”

Pai: “Ele era muito preocupada com o irmão, muito.”

Mãe: “Ia pôr a chucha ...e depois a L meteu-lhe o vício, que a L tinha um boneco que era o «Dódó», que saiu nas fraldas *Dodot* e ela atão punha-o – chamava-lhe o ranhoso – ela ainda hoje tem o boneco.”

Pai: “A gente não conseguia lavar aquilo, não lho tirávamos de maneira nenhuma, aquilo chegava a ficar encardido...aquilo tem o cheiro.”

Mãe: “E atão ela tinha o segundo e então meteu o vício ao irmão.”

Pai: “Não pôs assim...porque o irmão ‘tava a chorar no berço, ela pegou no Dódó e pôs ao lado dele.”

Mãe: “Houve um dia que o Afonso chorava-me tanto, tanto, tanto, que a gente mudava a fralda, mudava a roupa, ela chega, vai buscar o Dódó, mete ao lado dele e ele calou-se.”

Pai: “Calou-se... E quando ela fazia birra, queria que a mãe o pusesse ao colo era mesmo para ‘tar a fazer assim ao bebe (*gesto com os braços a embalar o bebé*)...a embalá-lo.”

Mãe: “É, ela sempre foi, ainda hoje a L é muito cuidadosa com o irmão...”

Pai: “Eles são, são...muito unidos eles.”

Mãe: “Muito unidos. É muito cuidadosa...muito refilona com ele, mas ele também massacrou muito a L, na fase mais difícil... ele queria espetar facas, ele mandava-lhe martelos, fazia-lhe muita coisa a ela. Agora não, agora já acalmou.”

Pai: “Já acalmou já não...”

Mãe: “A L chegou ao ponto de não me conseguir dormir de noite, tive que andar quase um ano a dormir com ela...não foi brincadeira. A L passou muito com ele, mas a L é assim, a L quando vê que o irmão ta assim também já não diz nada. No sábado ele foi para a avó e elas foram passear lá para [*localidade*] e ela disse «Ah, se tivesse aqui o Afonso a gente ainda passava melhor o tempo». O Afonso é assim, faz aquelas macacadas...”

Pai: “Faz Aquelas brincadeiras...”

Mãe: “Pronto...o Afonso é o homem, e ele acha-se homem e quer mandar nelas.”

Pai: “E depois eu meto-me assim para ele «Na ausência do pai tu é que mandas filho! Toma conta delas.»”

Mãe: “É, mas a gente não lhe pode dizer isso, ainda da outra vez nos saímos e deixámos o telemóvel – que a gente quando sai deixa sempre o telemóvel «Vá Afonso se elas se portarem mal...» olhe, foi de 5 em 5 minutos, ‘tava-nos a ligar «Oh mãe! Oh pai, a L ta a fazer isto! Oh pai!» e a gente «Tá bem Afonso.»”

Ψ: “E como é que caracterizam o Afonso em bebé?”

Mãe: “Muito rabino! O Afonso com seis meses virava-me o ovo ao contrário!”

Pai: “Pois é...”

Mãe: “Eu passava a ferro...eu não podia deixar o Afonso no ovo enquanto ‘tava a passar a ferro que ele puxava-me o fio.”

Pai: “O ovo, ele dava uma cambalhota que virava-o assim...”

Mãe: “E eu tinha sempre a mania para eles não ‘tarem sempre presos tinha a mania de por o cinto aqui pela cintura para prendê-los, mas com o Afonso não, tinha que por mesmo! O Afonso balançava aquilo tudo duma maneira que...pumba!”

Pai: “Virava o ovo.”

Mãe: “Virava o ovo! E o Afonso quando começou a andar...minha nossa senhora!”

Ψ: “E quando é que ele começou a andar?”

Mãe: “Tinha para aí 11 meses, 11, 12 meses. Não gatinharam, nem um nem outro, foi logo.”

Pai: “Começaram logo a andar.”

Mãe: “O Afonso partiu-me tudo em casa, eu até dizia «tu onde metes a mãe lixas-me tudo», partiu-me tudo, tudo, tudo mesmo.”

Pai: “Mas foi só ele, elas não destruíram nada.”

Mãe: “A L não e a R também não. Eu tinha porcelaninhas, bonequinhos de porcelana e o Afonso partiu-me tudo.”

Pai: “Mas o Afonso sempre foi bom a desmanchar tudo. Eu tenho lá um busca-pólos para quando há alguma coisa, para desapertar. Ele vai me buscar aquilo...brinquedos, tudo. Eu vou e digo-lhe «oh filho, o que é que tas a fazer?» «oh pai, tou a arranjar»...desmancha tudo.” (*riem*)

Mãe: “Uma vez como dois anos ficou tudo parvo com ele...”

Pai: “Ele é muito esperto mesmo...”

Mãe: “Tinha dois anos, foi buscar uma chave de fendas, uma chave inglesa...”

Pai: “Uma chave de fendas.”

Mãe: “Não foi? Para desapertar uma porca de uma torneira. A torneira ‘tava lá no chão, o meu sogro juntava a sucatazinha nas caixas para depois vender e então ele pegou nas chaves e...”

Pai: “O meu filho, desculpe, é...”

Mãe: “Foi lá para tentar desapertar...”

Pai: “O meu filho, ele vê fazer e vai, faz igual. Ele já me arranjou furos das bicicletas, desmontava e arranjava. Se furar a bicicleta e tiver lá as coisas à mão, ele vai buscar, tira o pneu fora, remenda o pneu e mete a bicicleta a andar.”

Mãe: “o Afonso é uma criança que sabe se virar sozinho, como se diz...não é daqueles meninos que vê um furinho, começa logo «oh pai, oh pai!», não...”

Pai: “A corrente sai, ele mete a corrente, se for preciso trocar a roda ele troca a roda.”

Ψ: “E a alimentação como é que era?”

Mãe: “Sempre boa. É assim, ele amamentou até aos 2 meses, e depois ele precisava de...”

Pai: “Um reforço...”

Mãe: “Um reforçozinho, porque o meu leite era um bocadinho fraco para ele.”

Pai: “Ele tinha apetite?”

Mãe: “Sempre teve, até hoje.”

Pai: “E depois nunca mais quis nada com a mama.”

Mãe: “Não quis mais...”

Ψ: “E a partir daí a base da alimentação passou a ser o biberão?”

Mãe: “Sim, sim, só aos seis meses é que eu dei de vaca. Eu mudei por minha autoria, que levei nas orelhas da médica, mas mudei. Também as vidas às vezes não dá... A gente antigamente éramos criados com os leites de vacas e ‘tamos aqui são e salvos...eu não ligo! Eles tão bem criados.”

Ψ: “E depois introduziu os outros alimentos...”

Mãe: “Sim, aos 4 meses começou com a sopinha, carninha, tudo...”

Pai: “Na alimentação sempre teve bem.”

Mãe: “Ele é um bom prato. O Afonso come bem, come bem...”

Pai: “Chi!”

Mãe: “E agora ‘tá, ou é o crescimento ou a adolescência, ele é que diz «oh mãe, tenho que começar a fazer dieta».”

Pai: “Oh mãe» ele é assim «oh mãe, porra...nunca mais faço a minha dieta». “Tou sempre a dizer para fazeres a minha dieta e tu nunca me fazes a minha dieta!» e eu digo-lhe assim «oh filho, tu é que tens de te controlar a ti próprio», «Tá bem pai, já não quero mais».”

Mãe: “Ele come «Mãe, posso repetir?» «Então, podes, ainda há, repete.», depois começa a olhar para os pratos delas ...”

Pai: “Ele come bem...”

Mãe: “Para ver se sobra. Se sobrar lá vai ele rapar tudo.”

Pai: “Ele come bem.”

Mãe: “Às vezes até ralhamos, porque é assim, à noite a gente por volta das nove e meia ‘tá tudo a dormir. Mas ele também não para, desde que come até ir para a cama, não pára. Ele só sossega quando ‘tá mesmo com aquele sono.”

Pai: “E quando a gente lhe diz que ele vai ficar gordo. Mas ele consome muito...”

Mãe: “O Afonso, acho que o que come não dá para alimentar a genica que ele tem...ele não pára. Parece que tem pilhas.”

Pai: “O Afonso é aquele tipo de criança que quer fazer tudo mas não se agarra a nada, nada, nada... Faz, se for preciso faz mil e uma coisas, mas não se agarra a nada.”

Ψ: “Não dedica muito tempo a uma actividade...”

Pai: “É isso mesmo.”

Mãe: “O Afonso tem playstation cansa-se, pede o portátil à irmã, «ah, não quero», «vou andar de bicicleta»...”

Pai: “Se for preciso desce a escada de bicicleta e volta a subir tudo com a bicicleta...já não vai.”

Mãe: “«Oh Afonso vai jogar à bola!», «Não quero.» .”

Ψ: “Mas ele tem alguma actividade preferencial?”

Mãe: “Não, não tem nada!”

Pai: “Ele gosta de tudo mas...”

Mãe: “Ele gosta de tudo mas não consegue fixar-se a nada.”

Pai: “A gente pôs o Afonso no futebol...”

Mãe: “Largou.”

Mãe: “Não quer ir, não quer não quer.”

Pai: “Diz que o treinador manada vir muito com ele.”

Mãe: “É, diz que manda vir com ele e já não quer ir.”

Pai: “Aí está o problema, o Afonso não gosta de ser mandado! “

Mãe: “Agora comprámos um skate...”

Pai: “Tá encostado.”

Mãe: “Tá encostado! Não liga! É só o primeiro dia!”

Pai: “Depois mete tudo para um canto.”

Mãe: “Não é daquelas crianças que tem um desporto ou alguma coisa...”

Pai: “Atão bicicletas faço ideia...”

Mãe: “Bicicletas a gente já perdeu a conta à quantidade. Passado um dia ou dois, ‘tá arrumada. O Afonso tem três bicicletas e não pega em nenhuma...não pega mesmo. Às vezes a gente tem assim uma oportunidade e pensa assim que vai aproveitar para comprar o melhor jogo que ele gosta, pega um dia! «Ah, já ‘tou cansado.»”

Ψ: “Ainda relativamente à infância do Afonso, ele teve alguma doença?”

Mãe: “Asmático. Apareceu aos 5 meses e teve a lombriga do glúten. Ainda hoje ela existe no organismo do Afonso. Não pode comer coisas à base de farinhas com glúten, essas coisas não pode comer. De seis em seis meses tem de ser desparasitado. Ele agora da asma já teve alta. O Afonso com um ano e meio tomava o flexotan 250mg – o dele era o 125 e ele já tomava o 250. Também o sítio que a gente mora e isso que é lá na [localidade] é muito húmido, ao pé do mar, e aquilo dava cabo dele. De resto só teve varicela...e agora a doença da chapada.”

Pai: “Da bofetada.”

Ψ: “E a relação do casal, como é que ficou depois do nascimento do Afonso?”

Pai: “Foi igual... Tivemos que trabalhar mais...”

Mãe: “Mais trabalho, que eram duas crianças. Às vezes a L chorava num lado e o Afonso chorava noutra, dividíamos «vais tu para um, e eu vou para outro». A gente também não queria pôr o Afonso muito de parte, mas tínhamos de dar mais atenção à L para ela não ver que...como quem diz «o Afonso ‘tá cá e agora sou rejeitada» .”

Pai: “Porque ela na altura percebia melhor que ele que era bebé, ele era recém-nascido e ela não.
“

Mãe: “E então a gente dava um bocadinho mais de atenção à L para ela não sentir tanto.”

Pai: “Nessa altura dávamos mais atenção a L que ao próprio Afonso, que ainda não percebia o que era a vida. A L com 18 meses se a gente pegasse no Afonso ela ficava assim a olhar, ‘tá a perceber? Então a gente dava mais atenção a ela do que a ele que ainda era bebé. Depois já ela não passava cartão, já era ela que queria dar os mimos todos ao irmão, mais do que a gente próprios. A L punha-se assim: subia para a cama e depois dizia assim: «pai, mete aqui», p’ a pegar nele. ”

Ψ: “Portanto em termos do casal organizaram-se em função daqueles dois meninos.”

Os dois: “Sim, sim.”

Pai: “E depois veio o terceiro e olhe...até hoje, graças a Deus.”

Ψ: “E na fase posterior, com quem é que o Afonso ficou?”

Mãe: “Ficou com a mãe, até aos dois anos e meio ficou comigo. A mana foi aos quatro p’ra pré e o Afonso p’ra creche p’ra Santa Casa que eu fui tirar um curso de cozinheira, aproveitei essa oportunidade, e ganhar também...”

Pai: “As coisas ‘tavam complicadas.”

Ψ: “E como foi a adaptação do Afonso à creche?”

Mãe: “Ele foi bem. O Afonso sempre teve aquele problema na fala, eu dizia que o Afonso era uma criança muito remexida.”

Ψ: “Mas quando se refere à fala, quando é que o Afonso começou a falar?”

Mãe: “O Afonso não falou.”

Ψ: “Até quando?”

Mãe: “Até aos dois anos...”

Pai: “Era muito complicado mesmo...”

Mãe: “Nada! O Afonso não dizia uma frase correcta. Não dizia pai, não dizia água, ai como é que era? Aga, aga.”

Ψ: “Mas o Afonso mostrava intenção de comunicar?”

Pai: “Sim, sim.”

Mãe: “Comunicava à maneira dele...”

Pai: “E a gente percebia o que ele queria.”

Mãe: “Sim, a gente entendia.”

Ψ: “Então o que os pais estão a dizer é que o Afonso não articulava bem as palavras é isso?”

Os dois: “Sim, sim.”

Pai: “Isso mesmo.”

Mãe: “E quando ele não sabia explicar apontava e se a gente não conseguisse detectar o que ele queria lá ia ele.”

Ψ: “Portanto, quando ele entrou na creche ainda tinha essa questão da fala?”

Mãe: “Sim, sim tinha bastante, que eu até me queixava bastante que o Afonso ainda ‘tava assim, a ver se ele ia para uma consulta de desenvolvimento.”

Ψ: “E o que é que as educadoras pensavam disso?”

Mãe: “Diziam que a mãe é que tinha pancada.”

Ψ: “Não estranharam o menino não falar?”

Mãe: “Não, não, diziam que era normal, a mãe é que tem um bocado de deficiência. Como o Afonso andava a ser seguido no hospital a médica achava espesso porque o Afonso não falava e...ela achava espesso que quando ele ‘tava na sala e ela fechava a porta para auscultá-lo ele virava bicho, não parava, em pânico...”

Pai: “Assustava-se.”

Mãe: “Ela abria, o Afonso calava-se e ela já conseguia fazer as coisas.”

Ψ: “E notava diferença quando a mãe estava presente?”

Mãe: “Não, não, independentemente de eu estar presente.”

Pai: “Ainda hoje. Independentemente dos pais estarem presentes ele se se fechar sozinho numa divisão ele entra em pânico, fica aflito e diz que já lhe ‘tá a faltar o ar e tudo.’”

Ψ: “Mas é costume em espaços fechados é isso?”

Os dois: “É, é.”

Pai: “O Afonso é.”

Mãe: “Então ela passou uma carta para a consulta do desenvolvimento. Foi rápido, aos três anos já ‘tava lá. Puseram ele logo na terapia da fala, tudo no hospital. O Afonso ‘tá desde os três anos nestas consultas, do desenvolvimento e depois do desenvolvimento é que passou para a pedopsiquiatria, desde os três anos, não é brincadeira... e a Dr.^a do desenvolvimento achava espesso que o Afonso não sabia desenhar. Com 4 anos não sabia desenhar. Com 5 anos não sabia desenhar.”

Ψ: “E ele começou a demonstrar melhorias com a terapia da fala?”

Mãe: “Sim, sim. Começou a dizer os R’s, os L’s. Mas ele não sabia fazer um quadrado, uma bola, pronto; e ele lá andava com as consultas com a psicóloga e eu pedi à Santa Casa para também fazer sessões de psicóloga com ele, e elas diziam que ele não precisava, que a mãe é que punha mais lareira...”

Pai: “Lenha na lareira.”

Mãe: “Lenha na fogueira, porque o Afonso não era aquilo que a mãe dizia.”

Ψ: “Como é que o descreviam então?”

Mãe: “Que era um menino calmo e que ‘tava sempre sentado no chão. Atão o Afonso passava o tempo todo sentado, ‘tava sempre de castigo.”

Pai: “Não lhe passavam cartão...”

Mãe: “Porque o Afonso fazia um disparate «Afonso assenta-te», passava o tempo assim. Entretanto não havia melhorias, recusaram a psicóloga três vezes então a Dr.^a escreveu uma carta se até esta data o Afonso não ter uma psicóloga vamos tomar outras medidas e pediu para mudar o Afonso de escola, logo, naquele momento. O Afonso saiu, foi p’rá pré e ali em seis meses melhorou.”

Pai: “A atenção das funcionárias valeu tudo...”

Mãe: “Ele continuava com a terapia no Garcia, e elas mandavam relatórios acerca do Afonso, que tinha vestígios de dislexia, muita dificuldade no desenho, na pintura, ainda hoje tem aquela dificuldade, mas na primeira classe os riscos saiam todos p’ra fora, mas agora ‘tá melhor. Mas elas começaram a ensinar e tudo e em seis meses o Afonso (*estala os dedos*)...diferente. Foi nessa altura que a Dr.^a começou a preocupar-se porque o Afonso virava-se aos colegas.”

Ψ: “E aí começaram as alterações de comportamento?”

Mãe: “Do comportamento sim, aos quatro, cinco anos. Começou a revoltar-se com os colegas, a apontar facas à irmã, a mandar tudo o que encontrava no chão aos primos, partiu a cabeça ao primo duas vezes.”

Pai: “Ele não tem noção do perigo.”

Mãe: “Como quem diz «és meu até ao fim», ele não media.”

Ψ: “Não havia meio termo...”

Mãe: “Não, e depois não tem noção.”

Ψ: “Portanto os pais aperceberam-se ao mesmo tempo que a escola, fazia esses comportamentos em casa e na escola?”

Os dois: “Sim.”

Ψ: “E os que é que os pais achavam disto? Que ideias é que iam formulando acerca do que se estava a passar com o Afonso?”

Mãe: “Às vezes a gente pensava «Será que é da gente morar aqui no bairro?», mas não, era mesmo do Afonso, até porque mesmo com os adultos ele era assim, com cinco anos atirou um machado ao meu sobrinho de dezassete anos que ‘tava a gozar com a maneira dele falar.”

Pai: “Mas o Afonso agora ‘tá muito melhor.”

Mãe: “E então o Afonso começou a agredir os colegas e as auxiliares e as educadoras. No desenvolvimento começaram a dar a Ritalina, não, a Risperidona, em xarope, em gotinhas, mas o Afonso não reagia àquilo. Foi quando em reunião com a pedopsiquiatria falaram do caso do Afonso, que o Afonso era uma criança muito violenta, muito agressiva, que se virava aos adultos, não tinha...ele regras tinha mas não queria assumir as regras, porque lá na escola explicaram que ele tinha as regras todas ele é que não queria saber, em casa também tinha, ele é que não queira, porque as professoras um dia chamaram-nos ordinários, que tínhamos um filho ordinário e que os pais também eram ordinários como o filho, e eu fui logo lá, ninguém me conhece para dizer que eu sou ordinária! E foi quando eu disse que o meu filho pode ser assim mas a minha filha não é, que a L andava lá no terceiro ano e eu até hoje não tenho queixas da minha filha, ela quando soube quem era a minha filha ficou de boca aberta.”

Pai: “Disse logo que era impossível.”

Mãe: “Que ela era uma menina tão santinha, ela não abre a boca...”

Pai: “E o mesmo com a mais nova, ela é uma santa.”

Mãe: “É assim, ela tem as duas personalidades, tanto é rabina como o Afonso, como ‘tá sossegada como a L.”

Pai: “Mas o Afonso também é assim. Se não o chatearem ele fica assim... O Afonso tira a roupa se alguém precisar, dá tudo, mas não lhe chateiem a cabeça nem lhe passem a perna senão ‘tá tudo estragado.”

Mãe: “Ele não mede, passa logo à acção! “

Pai: “O mal é esse.”

Ψ: “E que estratégias é que os pais utilizavam nessa altura para lidar com o Afonso? Ou mesmo actualmente?”

Mãe: “Metemos ele de castigo, nós não batemos, vai logo de castigo. Às vezes fico envergonhada e de boca aberta...”

Pai: “Às vezes a gente fica sem saber o que é que há-de fazer. Porque eu penso assim: «Bem, o Afonso ‘tava sossegado, eles é que o provocaram, eles já sabem como é que o Afonso é, vão à procura de chatices». Ele nem olha, parece que cega naqueles momentos.”

Mãe: “Ele responde às pessoas, seja adulto, seja criança, e depois é que vê «Eh, já fiz asneira!».”

Pai: “Então não foi ameaçar o professor comigo?!”

Mãe: “Pois foi. O professor de apoio. «Ah eu não posso contigo, mas vem cá o meu pai e parte-te todo!»». E o professor foi ter como ele. «Olhe, o Sr. é que é o pai do Afonso?. «Sou sim.».”

Pai: “E eu fui pedir desculpa, então o que é que havia de fazer?! Porque eles também não sabem o comportamento do Afonso.”

Mãe: “Eles não mostram os relatórios do Afonso!”

Pai: “Eles entram lá na escola e não lhes dão conhecimento do problema do Afonso. “

Ψ: “E é importante que isso aconteça, não para justificar mas para ajudar a compreender...”

Pai: “Para ajudar a compreender o Afonso. Às vezes o Afonso ‘tá a comportar-se que nem um bicho e eles não sabem os pormenores do comportamento dele, do porquê que ele faz isso.”

Mãe: “O Afonso se for levado com atenção e com carinho têm tudo dele.”

Pai: “Quem souber levar o Afonso tem ali um...”

Mãe: “A professora de inglês sofreu muito com ele. Como ela era muito gorda era gozada com ele a torto e a direito. «Gorda!». E então ela veio-me dizer: «Ai a sua L é tão diferente! Não tem nada a ver com o Afonso e eu não sei o que hei-de fazer ao Afonso, o Afonso dá-me doida». E eu tive-lhe a explicar que o Afonso é assim, o Afonso, dê-lhe um bocadinho de atenção, dê-lhe um carinho. Ela passou duas semana veio-me dizer: «Ai o Afonso é um amor nas minhas aulas». Mudou radicalmente.”

Pai: “O Afonso é uma criança que gosta de ser mimada. Se vê que lhe tão a passar a perna... Se for muito amiga do Afonso e depois vem outra pessoa o Afonso já se ta a sentir inferior, «oh, já não presto.”

Mãe: “É isso e chamar a atenção a ele à frente de outros, aí então ‘tão tramados.’”

Pai: “Ele não gosta de ser corrigido a frente dos outros. «Oh pai, elas põem-se a gozar à frente dos meus colegas todos e depois eu enervo-me, eles gozam comigo.»”

Mãe: “Ele empurra mesmo, ele bate mesmo à professora...”

Pai: “«Se ela chamasse à parte e falasse comigo...».”

Mãe: “Ele entendia.”

Pai: “É, mas não. Elas se calhar p’ra rebaixá-lo envergonham-no a frente dos colegas.”

Mãe: “Ele começa logo aos pontapés, enerva-se, atira as cadeiras...”

Pai: “E depois chora.”

Mãe: “Eu já disse a eles, quando virem o Afonso aos pontapés às coisas, deixem ele, não vão lá, porque elas vão ter com ele, ele ‘tá enervado, pumba, dá logo.”

Pai: “Ele chora, vai corrigi-lo e se se sentir muito em baixo chora, fica nervoso...”

Mãe: “Fica muito vermelho, a tremer, nervoso e começa a chorar...”

Pai: “É a raiva dele.”

Mãe: “Faz aquelas coisas da loucura, não pensa...”

Pai: “Não pensa...”

Mãe: “Ele da outra vez queria saltar do primeiro andar, foi cadeiras, foi mesas, ainda agrediu a professora.”

Ψ: “E depois os pais falam com ele sobre isso, sobre o que se passou?”

Os dois: “Falamos!”

Mãe: “Falamos pois.”

Ψ: “E o que é que ele diz, o que acha que aconteceu?”

Mãe: “Ele não...eu acho que ele não tem noção.”

Pai: “Ele diz aquilo que a gente ‘tá a falar, que chamam ele à atenção, ou a professora aponta-o e ele tem razão. É isso que eu ‘tou a dizer: se ele tem razão ele enfrenta qualquer um, ele enerva-se, e vai-se prejudicar. Se ele não tem culpa, e é outro que tem e ele é que fica de castigo, ele vira-se contra os professores.”

Ψ: “E ele em casa percebe quando está a ser castigado?”

Mãe: “É assim, quando ‘tá só a mãe é de dar em maluca...”

Pai: “Não é bem assim, não é bem assim, é assim...”

Mãe: “É sim, porque ele a mim sente-se como «tu falas, falas, refilas, mas não fazes nada»...”

Pai: “É verdade.”

Mãe: “Ele lá é, bate a uma, bate à outra, vem a R e dá-lhe com a vassoura, tão sempre assim, às turras.”

Pai: “Mas isso é das mães mesmo, as mães prometem, prometem mas depois não fazem nada. Eu não toco nos meus filhos, basta dizer assim: «Afonso, vai pró quarto. Só sais de lá quando eu disser.»”

Mãe: “Ele abre os olhos...”

Pai: “Ele depois diz lá do quarto: «pai, já posso?», «não, ainda não». Depois passado assim um bocadinho: «Afonso, já podes vir p’ra sala». Eu não bato nos meus filhos, basta olhar para eles que eles vêm logo que estou chateado com eles.”

Mãe: “É muito raro, muito raro. Eu já sou mais de bater, dar uma palmada ou assim...”

Pai: “Bater? Se batesses eles tinham-te mais respeito. Ela manda vir, manda vir mas não faz nada.”

(Riem)

Mãe: “Ele dá-me em maluca. É isso e os trabalhos da escola. Eu e ele não combinamos com os trabalhos da escola, é sempre a irmã.”

Ψ: “É a irmã que o acompanha nos trabalhos...”

Mãe: “É porque a irmã só diz «Olha, vou fazer queixa ao pai.»” *(riem)*

Ψ: “E que aspectos positivos podem referir acerca do Afonso?”

Pai: “É tudo, é tudo...”

Mãe: “É uma criança muito meiga, gosta de mimos, gosta de dar mimos, é atencioso, é muito preocupado...”

Pai: “E de que maneira.”

Mãe: “Eu as vezes estou doente e ele fica todo coisinho. De aspecto da outra, da L...”

Pai: “A L isso... não tem nada a ver.”

Mãe: “A L já não gosta de beijos, já não gosta de carinho, quando ela vem para o colo a gente diz logo «hum, já tas a tramar alguma coisa, já». “

Pai: “Não faz nada por interesse...”

Mãe: “O Afonso é uma criança que pede isto ou aquilo, a gente explica que não pode agora ou assim e ele diz «então está bem, quando puderes.»”

Pai: “A L já não, já fica assim com um pé atrás «se calhar não me querem comprar». O Afonso não, ele entende mesmo.”

Mãe: “E cada vez ‘tá a fazer mais progressos, na escolinha, já sabe ler, com as dificultadezinhas dele, mas já sabe, tenta fazer um esforço, que ele só começou a ler na terceira classe.”

Pai: “Não é para me gabar mas isto é assim: não é por ser meu filho mas se não fossem esses problemas da hiperactividade que ele tem, esses tratamentos, eu acho que ele é o filho que todo o pai queria, é um espectáculo mesmo.”

Mãe: “É, é...”

Ψ: “E a relação com os pais, com o pai, já que pegou nesse assunto, como é?”

Pai: “Ele convive mais com a mãe, que eu ‘tou sempre fora a trabalhar. Ele ‘tá mais tempo com a mãe, ta menos horas comigo. Mas o pouco tempo que passa comigo...fazemos tudo, para onde eu vou eu levo-o, por exemplo que vou mexer num carro ele gosta de vir comigo para ver como é que é. Eu gosto de ir passear para a feira da ladra e ele adora vir comigo, delira.”

Mãe: “Para ver as velharias...”

Pai: “Eu adoro, gosto mesmo, aquilo é muito giro lá, vê-se de tudo um pouco, ricos, pobres, ali vê-se de tudo. Eu compro muita coisa lá.”

Ψ: “E com a mãe? O que é que vocês costumam fazer em conjunto...”

Mãe: “Oh, jogamos playstation,” (*riem-se*).

Pai: “Pois é, só serve p’ra isso mesmo.”

Mãe: “Não, brincamos...”

Pai: “Jogamos playstation, depois jogamos playstation, a seguir jogamos playstation ...”

Mãe: (*ri-se*) “Eu, o Afonso e a L fazemos concursos com aquilo, a gente gosta de jogar. Às nove e meia o Afonso está na cama, a R às oito horas já está a dizer «Oh mãe, vou só descansar os olhos.»”

Ψ: “E ele dorme sozinho?”

Os dois: “Sozinho.”

Mãe: “No seu quarto, tem o quarto dele.”

Pai: “Elas tem o quarto delas, dividem, tem que ser.”

Mãe: “O Afonso dorme sozinho, no quarto próprio, desde que nasceu a R.”

Pai: “Antes dormia num beliche com a L.”

Mãe: “Dormiu com a gente, na caminha dele, até ao ano e tal, um ano e três meses, depois foi para a caminha dele. Depois quando nasceu a R tivemos que modificar a casa...”

Pai: “Fizemos obras à casa...pusemos os quartos mais pequenos.”

Mãe: “E fizemos um quartinho para ele. Pronto, há quatro anos dorme ali, sozinho. Dorme bem...”

Pai: “Ele já sabe. Às vezes a gente prolonga assim um bocadinho, por exemplo à sexta, ele pede p’ra ficar mais um bocadinho e diz que depois acorda cedo à mesma...”

Mãe: “É o primeiro a acordar no dia seguinte.” (*riem-se*)

Ψ: “E que tipo de acontecimentos é que os pais acham que marcaram a infância do Afonso?”

Mãe: “Quando ele começou a andar, as primeiras falas, as primeiras gracinhas, não me lembro mesmo da primeira palavra porque o Afonso era difícil de compreender, as gracinhas deles...”

Pai: “Porque ele sempre foi cómico...”

Mãe: “As traquinices dele...”

Pai: “Ainda hoje...o Afonso é muita cómico...”

Mãe: “Parece um palhacito autêntico...”

Pai: “Na mesa só se levantam quando eu acabar de comer, nem que leve três horas.”

Mãe: “Mas o Afonso não consegue ficar muito tempo na mesa, vai à casa de banho, depois diz que se esqueceu de lavar as mãos, depois dói-lhe a barriga, só p’ra não estar na mesa, sempre foi assim, desde pequenininho...”

Pai: “Não consegue ‘tar quieto no mesmo sítio.”

Mãe: “E eu antes andava sempre atrás dele com o prato para lhe dar de comer.”

Pai: “Aquilo é um espectáculo, é mesmo um espectáculo.”

Mãe: “Tem, pronto, o estilo dele...”

Pai: “Mas é assim, a gente também lhe faz um pouco as vontades, agora não quer cortar o cabelo, mas ele também tem um cabelo bonito. Quando ele diz assim: «Pai, elas andam todas atrás de mim», «Filho, tens que arranjar uma namorada certa, senão depois acabas por não ter nenhuma.»” (*ri-se*)

Mãe: “O Afonso é mesmo...ele tem uma coisa e diz «vou conseguir». Por exemplo, ontem estudou e disse «mãe, vais me elogiar à frente delas?», e eu «claro que vou!».”

Ψ: “Delas, das manas?”

Mãe: “Sim, sim, porque elas tiveram negas e eu disse «oh, meninas, suas burras, o vosso irmão esforçou-se, tem mais dificuldades e tirou um satisfaz bastante! Já viram?! Quem é agora o inteligente?».”

Pai: “E ele fica todo de papo cheio claro.”

Mãe: “Porque a L sempre foi menina de excelentes, agora com a mudança do 5º para o 6º, primeiro teve tudo satisfaz bastante mas agora lixou-se, não quis estudar. Então ele ontem ‘tava todo coiso, «sou mais inteligente que elas» (*prima e irmã mais velha*). E nós claro que ficámos contentes. Fiquei muito triste quando vi a nota dele a português, não satisfaz. Porque é assim, os testes dele, ‘tá ali tudo, porque ele faz o teste por cruces, e ‘tá lá a resposta certa e a errada.”

Ψ: “Por estar ao abrigo do Ensino Especial, é isso?”

Mãe: “Sim. Se o Afonso ler o texto com atenção e se precisar de ajuda, eu disse-lhe mesmo à frente da professora, que ele tem que pedir ajuda, tem que falar. A professora ‘tá lá, só tem é que ajudar. A professora serve é para isso, é paga para isso, mais nada.”

Ψ: “E com as irmãs, como é que é o relacionamento entre eles?”

Mãe: “Ele com a mais velha tem aquelas turras, com a R, ui! A R faz tudo o que ele quer.”

Pai: “Ele fecha-se no quarto com a irmã e passam o tempo todo a brincar, ele tem televisão no quarto e a playstation 2, e ele mete-se no quarto mais a R a ver um filme, faz uma cabana lá no quarto... E tão ali entretidos os dois.”

Mãe: “Ele dá-se muito bem com ela. O Afonso é um bocadinho ainda muito criança, então como ele ainda é muito infantil dá-se melhor com a R. Mas ele não consegue fazer muito farinha com a R. No outro dia andavam os dois à chapada.”

Pai: “A R também vai ser rabina, tanto que ela tem um pouco dos dois.”

Mãe: “O Afonso já não, o Afonso faz as avarias e culpa-se logo...”

Pai: “Ele não tem problemas em dizer que foi ele.”

Ψ: “O Afonso tem algum amigo preferencial?”

Mãe: “O Afonso tem o seu grupo de amigos, mas o Afonso é uma criança que é assim: se vê um menino que não ‘tá ninguém a brincar com ele, ele vai ter com ele. Há lá um menino deficiente que ele vai sempre ter com ele...”

Pai: “Ele dá muita atenção a essas pessoas. O Afonso dá mais atenção às pessoas que têm mais dificuldades. Amigos ele tem muitos, que ele dá-se bem com toda a gente, pode ‘tar à bulha de manhã e de tarde já são amigos, e toda a gente lá gosta dele. Depois tem aquele grupo...”

Mãe: “Os terríveis...”

Pai: “Porque preferência de um ele não tem, brinca com todos. Melhores amigos ele não tem, porque hoje podem ser amigos e amanhã já não, por isso ele não consegue ter assim só um amigo. O Afonso é assim, fracções de segundos, ora tá bem, ora não ‘tá. Não tem rancor a ninguém. É uma criança de se levar bem, e de se dar bem com toda a gente.”

Mãe: “A única coisa é que ele diz que não consegue...é o defeito dele, «não sei, não consigo».”

Pai: “«Oh pai não sei, oh pai não consigo»...”

Mãe: “Diz logo que não consegue e bate naquela até ao fim.”

Ψ: “E se tiver algum reforço, consegue?”

Os dois: “A gente ajuda...”

Pai: “Pai: “E com reforço ele acaba por fazer.”

Mãe: “É desconfiado se falam mal dele...”

Pai: “É isso das atitudes... Eu acho que o Afonso não tem capacidade para ter desconfianças de ninguém, não consegue analisar isso.”

Mãe: “É como nós, se virmos um grupinho a olhar e a falar já vamos achar que ‘tão a falar mal de nós.”

Pai: “Ele só consegue tirar provas se tiver a falar consigo e você o puser de lado, é aí que ele parte para as parvoíces dele. É isso só, mais nada, de resto ele não tem maldade nenhuma. **Mãe:** “Não pensa p’ a ter maldade.”

Mãe: “A gente só nota que o Afonso tá pior quando o Afonso veste o casaco e não tira o carapuço.”

Pai: “A gente aí vê que há qualquer coisa que não tá bem. Abafa-se mesmo, a ele próprio.”

Ψ: “É a vossa maneira de reconhecer quando o Afonso não está bem...”

Mãe: “Sim, até na escola e tudo, ele mete o carapuço e não tira.”

Pai: “É quando ‘tá a guardar alguma coisa que não quer contar à gente, ele faz isso, protege, abafa-se. Aí eu já sei.”

Mãe: “O Afonso é aquela criança que sempre que eu vou à escola fazem-me queixas do Afonso. E a preocupação dele «Não vais dizer ao pai, pois não?», digo-lhe que não, mas depois conto ao pai e digo-lhe p’ra não dizer nada que eu prometi-lhe que não dizia.”

Pai: “Mas eu já sei que não posso ‘tar lá que senão ta a professora ou a funcionária a falar e ele começa a chorar, fica nervoso só com a minha presença lá.”

Mãe: “O Afonso quando ‘tá mais nervoso morde as mangas ou a camisola ou então na gola da blusa. Vê o pai, fica vermelho, muda logo, como quem diz «já ‘tou tramado». Bem, ele agora vai ‘tar com a Dr.^a não é?”

Ψ: “É sim. Ficamos então por aqui, muito obrigado pela vossa presença aqui hoje, foi muito importante terem participado nesta entrevista.”

Mãe: “De nada.”

Resultados individuais – Statistical Package for Social Sciences (versão 19)

Dados sociodemográficos:

- Nível de Graffar: 4;
- Escolaridade dos pais: Mãe – Ensino Básico Preparatório, Pai – Ensino Primário;
- Antecedentes psiquiátricos: Mãe – acompanhamento anterior;
- Situação relacional parental: Casados;
- Situação profissional parental: Mãe – empregada, Pai – desempregado.

Nota: Refere-se que o reduzido número de participantes não permitiu conduzir testes estatísticos que indiquem se as diferenças manifestas são ou não significativas, pelo que a análise realizada aos dados obtidos é meramente descritiva.

Resultados na Escala de Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo dos Pais - EMBU-C

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
EMBU_Suporte Emocional_Mãe	1	3,14	3,14	3,1429	.
EMBU_Rejeição_Mãe	1	1,88	1,88	1,8750	.
EMBU_Tentativa de Controlo_Mãe	1	2,10	2,10	2,1000	.
EMBU_Suporte Emocional_Pai	1	3,14	3,14	3,1429	.
EMBU_Rejeição_Pai	1	1,88	1,88	1,8750	.
EMBU_Tentativa de Controlo_Pai	1	2,10	2,10	2,1000	.
Valid N	1				

Resultados no Questionário de Coparentalidade – percepção do pai

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Coparentalidade_Cooperaçã o_Pai	1	4,00	4,00	4,0000	.
Coparentalidade_Triangulaçã o_Pai	1	1,25	1,25	1,2500	.
Coparentalidade_Conflito_P ai	1	1,80	1,80	1,8000	.
Valid N	1				

Resultados no Questionário de Coparentalidade – percepção da mãe

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Coparentalidade_Cooperaçã o_Mãe	1	4,40	4,40	4,4000	.
Coparentalidade_Triangulaçã o_Mãe	1	1,00	1,00	1,0000	.
Coparentalidade_Conflito_ Mãe	1	3,80	3,80	3,8000	.
Valid N	1				

Análise

As respostas dos pais de Afonso ao Questionário de Coparentalidade revelam uma tendência semelhante no padrão das dimensões assinaladas. Assim, a dimensão de *Cooperação* (μ = mãe: 4,4; pai: 4) é a mais assinalada por ambos, ainda que com valores mais expressivos no caso da mãe, reflectindo o quanto os pais afirmam apoiar-se, valorizar-se e respeitar-se um ao outro enquanto tal. A dimensão de *Conflito* (μ = mãe: 3,8; pai: 1,8), a frequência com que os pais discutem ou estão em desacordo acerca do filho e se menosprezam enquanto pais, segue-se na avaliação dos cônjuges e a dimensão de *Triangulação* (μ = mãe: 1; pai: 1,25), o grau em que um dos pais cria uma aliança com o filho, excluindo o outro progenitor, é a menos destacada.

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção da mãe sobre si própria

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Mãe_Mãe	1	3,20	3,20	3,2000	.
Estilo autoritário Mãe_Mãe	1	2,08	2,08	2,0833	.
Estilo permissivo Mãe_Mãe	1	2,00	2,00	2,0000	.
Valid N	1				

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção da mãe sobre o pai

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Mãe_Pai	1	2,80	2,80	2,8000	.
Estilo autoritário Mãe_Pai	1	1,50	1,50	1,5000	.
Estilo permissivo Mãe_Pai	1	1,60	1,60	1,6000	.
Valid N	1				

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais - percepção do pai sobre si próprio

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Pai_Pai	1	3,13	3,13	3,1333	.
Estilo autoritário Pai_Pai	1	1,42	1,42	1,4167	.
Estilo permissivo Pai_Pai	1	1,40	1,40	1,4000	.
Valid N	1				

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção do pai sobre a mãe

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Pai_Mãe	1	2,73	2,73	2,7333	.
Estilo autoritário Pai_Mãe	1	1,50	1,50	1,5000	.
Estilo permissivo Pai_Mãe	1	1,60	1,60	1,6000	.
Valid N	1				

Análise

O estilo parental com o qual a mãe de Afonso parece rever-se trata-se daquele que se prende com um registo autoritativo ($\mu= 3,2$), assim como o estilo que reconhece no seu cônjuge ($\mu= 2,8$), o qual, segundo Baumrind (1966), se traduz no estabelecimento de regras e limites, reforçados de forma consistente, e na monitorização dos comportamentos da criança, de forma a corrigir os negativos e a gratificar os positivos. De igual forma, o pai percebe-se a si próprio como sendo fundamentalmente autoritativo ($\mu= 3,13$), bem como a sua esposa ($\mu= 2,73$). No entanto, nestes resultados parece-nos que há a salientar que o pai tende a reconhecer a mãe como mais permissiva do que autoritária, contrariamente ao que afirma em relação a si próprio, resultados interessantes se observarmos igualmente a análise que a mãe de Afonso faz do estilo parental do marido, na medida em que indica que este é mais permissivo do que autoritário (contrariando a avaliação que o pai faz de si mesmo), e que a própria age de uma forma mais autoritária do que permissiva. Em suma, parece-nos que, para estes pais, aquilo que para si são comportamentos congruentes com um estilo autoritário são percebidos pelo cônjuge como permissivos, mas também que os pais de Afonso mais facilmente assumem ser autoritários (dimensão porventura mais valorizada no contexto social e cultural em que se encontram) do que permissivos.

Resultados da Escala de Preocupações Parentais

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
PP_Problemas familiares e preocupações escolares	1	2,75	2,75	2,7500	.
PP_Desenvolvimento Infantil	1	2,13	2,13	2,1250	.
PP_Comportamentos negativos	1	2,57	2,57	2,5714	.
PP_Preparação	1	2,67	2,67	2,6667	.
PP_Medos	1	2,75	2,75	2,7500	.
Valid N	1				

Análise

Os pais de Afonso parecem assumir de forma bastante homogênea as preocupações que sentem relativamente ao filho, pelo que os resultados nas diferentes dimensões não diferem substancialmente. Ainda assim, os respondentes definem como seus principais focos de apreensão as questões relacionadas com a existência de problemas familiares e o impacto que estes possam ter no bem-estar da criança com a aprendizagem e o rendimento escolar ($\mu=2,75$), e, por outro lado, a existência de medos e focos de inquietação fóbica na criança (medo do escuro, de animais diversos, entre outros) ($\mu=2,75$).

Resultados do Questionário de Práticas Parentais

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_ Disciplina Rígida	1	2,21	2,21	2,2143	.
Práticas Parentais_ Disciplina Rígida para a Idade	1	3,00	3,00	3,0000	.
Práticas Parentais_ Disciplina Inconsistente	1	1,83	1,83	1,8333	.
Práticas Parentais_ Apropriada	1	3,19	3,19	3,1875	.
Práticas Parentais_ Expectativas Claras	1	1,00	1,00	1,0000	.
Práticas Parentais_ Parentalidade Positiva	1	3,20	3,20	3,2000	.
Práticas Parentais_ Monitorização	1	2,89	2,89	2,8889	.
Valid N	1				

Análise

As estratégias a que os pais de Afonso admitem recorrer com mais frequência no sentido de gerir o comportamento da criança tratam-se das práticas que reflectem uma *Parentalidade Positiva* – “quando a criança se porta bem ou faz um bom trabalho elogia-a, dá-lhe os parabéns ou dá-lhe um beijo ou um abraço” - ($\mu=3,2$), com valores muito próximos das práticas *Apropriadas de Disciplina* – “quando a criança faz algo que não deve fazer com que corrija o comportamento ou compense o mal que fez” - ($\mu=3,18$), ainda que a par da aplicação de *Disciplina Rígida para a Idade* - quando a criança faz algo que não deve castiga-a” - ($\mu=3$).

Caso João

História clínica

João vem à Unidade de pedopsiquiatria do Hospital Garcia de Orta, referenciado pela consulta de pediatria geral do mesmo hospital na qual foram assinalados obesidade e alterações de comportamento (com comportamentos agressivos) em Abril de 2010. Tem a primeira consulta em Agosto de 2010, na altura com 10 anos.

Das origens biológicas da criança sabe-se que é o segundo filho de uma mãe adolescente de 16 anos (cuja primeira gravidez terá ocorrido aos 14 anos), fruto de uma gravidez não planeada nem vigiada, no âmbito de uma situação social considerada grave. Por volta dos três anos de idade, por ordem do Tribunal da área de residência, João foi retirado à família de origem e institucionalizado por denúncia de maus-tratos severos, permanecendo numa instituição local durante cerca de três anos, ainda que em situação inconstante já que a avó materna, terá, entretanto, ido buscá-lo. No entanto, dada a continuidade da situação gravosa para o bem-estar da criança, João volta a ser institucionalizado, vindo a ser adoptado no início da escolaridade básica, com aproximadamente cinco anos.

Na altura da adopção a mãe adoptiva encontrava-se com 48 anos (reformada) e o pai com 52 (bate-chapas). Os pais estiveram seis anos enquanto candidatos à adopção, já que não lhes era possível terem um filho biológico por infertilidade da mulher, razão pela qual encetaram diversos tratamentos sem sucesso com técnicas de procriação medicamente assistida, nomeadamente através de fertilização *in vitro*.

Referem que João “veio na pior altura”, já que pouco tempo após o acolhimento da criança a mãe adoptiva entrou em programa de hemodiálise, mas acharam que “ele já tinha sofrido muito”. Relativamente às motivações do casal para adoptar João em particular, a mãe diz que “leu o processo e sem olhar para ele”, tendo decidido que iriam ficar com a criança “por tudo o que ele já tinha passado”.

Esta refere que inicialmente “lhe fazia todas as vontades mas que desde há um ano isso não acontece” por considerar que não seria adequado ao desenvolvimento do filho. Na mesma consulta a mãe conta que João é um menino “que passou muito”, referindo situações de privação alimentar e maus tratos físicos e psicológicos (indica que a criança esteve “amarrada à cama durante dois anos”, que era alvo de queimaduras de cigarros, que fazia as necessidades no mesmo local onde se encontrava, sendo lambido por cães) e diz que este se lembra das situações enunciadas. A mãe refere que João “veio com maus costumes e sem regras” e que se sente “muito revoltado com a mãe adoptiva” – “massacra-a, faz birras, amua”, apresentando agressividade verbal e física quando é contrariado – razão pela qual mencionam que no início da

transição para a família adoptante João teve algum acompanhamento psicológico (através de uma clínica privada) mas ao momento não se verificava por razões económicas.

Acerca do filho contam, igualmente, que este nunca está quieto, que não se concentra na escola, embora tenha transitado sempre de ano. Ingressou no primeiro ano ainda na instituição onde se encontrava, contudo mudou de escola no final do ano lectivo, altura em que foi adoptado, revelando boa adaptação, segundo os pais. Ainda assim, a mãe diz que perceberam “que ele era nervoso e que os colegas o picavam”, motivo pelo qual tinham lugar alguns conflitos com pares. Os pais continuam referindo que nessas circunstâncias João era sempre o culpado, sendo a presença da mãe solicitada à escola constantemente, até que esta começou a ir espreitar os intervalos e a filmá-los durante o 4º ano lectivo para depois reunir com a professora. “João é muito provocador, também responde, onde há confusão está sempre lá. Não obedece à mãe. Não tem noção do perigo e é bastante desastrado.” Com ao pai, continua a relatar a mãe, “tem mais respeito; ele dava-lhe palmadas porque o João me faltava ao respeito, chamava-me porca”. A mãe refere na consulta que “faz ver ao João que tem tudo, que lhe dão tudo” e pergunta-lhe porque é que é assim, repetindo, frequentemente, que é a mãe dele.

Ainda nas consultas de pedopsiquiatria os pais referem considerar que, quando crescer, João pode querer ver a mãe biológica, e por isso guardam o processo da criança para ele ver e decidir se realmente a quer ver. No mesmo sentido indicam que o filho tem uma irmã, actualmente com 10 anos, da qual foi separado uma vez que não foi possível que fossem adoptados juntos, e que João fala muito na irmã, porém os pais adoptivos desta não permitem o contacto da fratria.

Os pais indicam que, na altura da adopção, a criança tinha medo de estar sozinha, acordava muitas vezes e tinha muitos pesadelos (recorrendo na altura ao pai para que estivesse junto dele), e que ainda hoje, apesar de dormir bem e adormecer rapidamente, chama a mãe várias vezes para o adormecer. A mãe conta um sonho de João, próximo da data da consulta, em que segundo a criança “entravam pela janela e queriam roubá-lo. Sempre teve a preocupação de fechar bem a janela à noite”.

No que concerne à alimentação, a mãe diz que a criança come bem, “de tudo”, e que já emagreceu desde que frequenta a consulta de obesidade. Quando foi viver com os pais, a mãe conta que João engordou 20 quilos, e que tem o hábito de abrir o frigorífico “100 vezes ao dia”, e que por isso não podem ter “docinhos porque ele é muito guloso”. Mãe diz que quando João fica nervoso “a tendência é logo para ir comer” e que, no início, a criança ia comer para debaixo da cama.

Quando foi adoptado, aos seis anos, a criança usava fralda uma vez que mantinha enurese nocturna, mas os pais referem que a remoção da mesma revelou-se fácil.

Relativamente ao comportamento do filho indicam que quando faz alguma asneira e os pais ralham ou batem, João abraça-os e pede desculpa, dizendo que não volta a fazer. “Vai com toda agente, é muito dado, mete conversa na praia, arranja logo amigos. Depois de as pessoas o conhecerem dizem que João os enganou”, relata a mãe. Ainda neste sentido, esta refere que nos primeiros anos de escolaridade o filho “dava tesouradas no cabelo”. Ao descrever a criança os pais indicam que “é muito obstinado e irrequieto”, fazendo por vezes algumas birras, referindo que em relação ao pai João é “mais obediente”. Indicam que o filho róí muito as unhas, mente – “as desculpas saem-lhe como se fosse a verdade” -, não mostrando os testes e dizendo que não tem TPC’s, interrompe as conversas dos pais porque tem que dizer algo naquele momento senão esquece-se, está sempre a pedir coisas, e faz chantagem. O pai emociona-se diversas vezes durante a consulta (quando diz que o João é meigo e quando conta que lhe bate) e diz que “castigar o João lhe dói mais a ele do que ao João”.

Revela autonomia em termos dos hábitos de higiene e veste-se sozinho, ainda que, segundo a mãe, tenha tendência para pedir aos pais para fazerem as coisas por ele (e.g. atar os atacadores). Em termos da dinâmica familiar, a mãe conta que João gosta muito de estar com o pai e manifesta muitas solicitações afectivas, tais como “pedir muitos beijinhos”, ainda que continue dizendo que a criança seja “muito agarrada aos pais -cola-se muito”.

A mãe passava-lhe trabalhos de casa adicionais, até que a directora de turma lhe disse que estava a “massacrar” o João. Em termos da rede social de suporte, os pais referem que esta é extensa e presente, nomeadamente em termos da disponibilidade da família paterna (geograficamente mais próxima) para, por exemplo, levar e ir buscar o João à escola (“a avó faz-lhe todas as vontades”). O pai indica ter um bom relacionamento com a família de origem. Sempre quis ter filhos, “gosta muito de crianças”. Juntos “praticamente criaram” uma sobrinha, e têm muito convívio com os sobrinhos.

Na primeira consulta de pedopsiquiatria os pais indicam que João tem bom aproveitamento escolar (sem, contudo, conseguir ler nem escrever no final do primeiro ano de escolaridade), e mencionam como principal preocupação as dificuldades de relacionamento com a mãe.

A mãe fazia hemodiálise por insuficiência renal e foi recentemente transplantada (os irmãos, por motivo de doença não puderam doar-lhe um rim). O marido tem rim compatível mas não quiseram essa opção por medo que este morra e por “protecção do João no futuro”. João dizia que queria ser médico para dar um rim à mãe. A criança tem medo que a mãe morra, mas

também que entrem ladrões no seu quarto à noite, lhe tirem órgãos, o matem ou lhe cortem o cabelo e ele depois não ser reconhecido pelos pais. Afirma que “quando a mãe morrer fica com o pai, quando o pai morrer fica com a avó e quando a avó morrer fica com a tia”.

Em termos de antecedentes psiquiátricos na família refere-se a indicação de Depressão no irmão da mãe, mas também que esta, durante um período, tomou Diazepam em S.O.S, Triticum para dormir e Valdoxan, com acompanhamento psiquiátrico e psicológico (quinzenal), que actualmente não mantém.

Em Setembro de 2010 o pai indica numa consulta “está há quatro anos connosco e ainda não lhe consegui tirar o teimoso, o mentiroso e o guloso!”. Nesta altura começa a apresentar grande desvalorização pessoal (dizendo frequentemente “ninguém gosta de mim”) e a ser chamado de gay, por ser a única criança a levar sapatilhas para a aula de ginástica e “calção e blusinha” – “depois é um miúdo que se revolta”. A impressão da pedopsiquiatra é a de que se tratam de “pais muito descontentes com este filho que pensam ter salvo da instituição. Devolvem permanentemente a imagem de um mau filho, que não corresponde às suas expectativas e que não os recompensa pelo bem que lhe fizeram, que é um mau menino – João acredita nisto tudo. A criança não sente segurança nesta família nem amor incondicional - mensagens (directas e indirectas) alusivas a viver na instituição”.

Em Março de 2011, verificam-se sérias alterações de comportamento na escola - implicava com os colegas, atirava pedras, picou o pescoço de uma colega com o lápis, ainda que os pais refiram que João é muito provocado pelos pares – mas também em casa - muito impulsivo, sai de casa sem dizer nada. É introduzida terapêutica farmacológica através do Invega (3mg). Em Novembro de 2011 começa a tomar Metilfenidato (Ritalina, 20mg). Em Setembro de 2011, na consulta de pediatria (11 anos) aumentou muito de peso (9 kg em 7 meses), o que os pais atribuem à medicação. A mãe refere, nessa altura, a hipótese de colocar João num colégio “onde tenha de se portar bem” e diz que este se porta melhor com professores do que com professoras. É orientado para a consulta de psicologia do Hospital Garcia de Orta, onde mantém seguimento quinzenal. Em contacto com a professora esta conta que a criança ameaçou atirar-se da janela, grita na sala de aula, perturba o funcionamento da turma e exhibe comportamentos de grande violência com os pares. Na mesma altura, a família indica à pedopsiquiatra que confronta o João com documentos anteriores à adopção por reforçarem a chantagem que exercem sobre o filho e ameaças de retorno à instituição, concomitantes com situações de punição física. João refere que a mãe lhe bate com o cinto, manda-o sentar na cama e bate-lhe nas costas, com o cabo da vassoura e com o mata-moscas. A criança fica com marcas no corpo e “depois a mãe põe uma pomada”, conta João. A mãe diz que ele é verbalmente extremamente agressivo consigo, acha

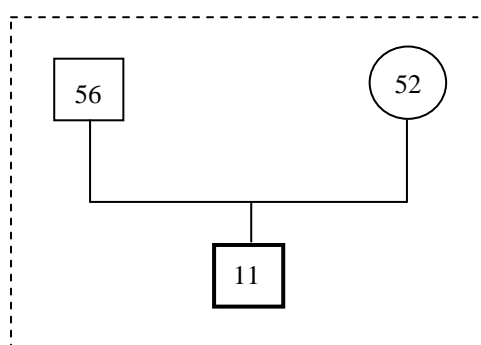
convictamente que ele é mau, que tem de lhe fazer todas as vontades, caso o frustrar torna-se agressivo, pelo que o relacionamento com a mãe se revela particularmente conflituoso. Verifica-se que a criança se mantém em processo de negação “está tudo bem” – diz que desde que a pedopsiquiatra falou com a mãe que ela já não bate, dá castigos. Em 2012 é introduzido Topiramato (150mg).

Na consulta de pedopsiquiatria é observada agitação/instabilidade psicomotora, solicitação de vários objectos para levar para casa, discurso organizado mas por vezes confuso e com defesas pouco eficazes face à angústia (pensamento em processo primário, por vezes fragmentado), descrições cruas relativas a situações agressivas e angustiantes. Salienta-se, também, e no que diz respeito ao discurso da mãe, a utilização de frases pautadas por uma conotação negativa em relação à criança (“estou desiludida contigo”, “só fazes asneiras”, “só te portas mal”) e que remetem para os tempos de institucionalização (“fui-te buscar à instituição e é assim que tu agradeces?!”). A mãe afirma que muitas vezes tem de lhe bater para que ele a respeite, já que o filho “estraga tudo, muitas vezes com maldade”.

Um relatório escolar relativo ao ano lectivo 2010/11, no 5º ano de escolaridade refere que João apresenta “dificuldades significativas de integração à escola e à turma. São feitos relatos sistemáticos de conflitos, comportamentos desadequados, recusa em aceitar a autoridade dos adultos, e diversas ocorrências com vários professores que só não registam as faltas disciplinares por consideração à sua história de vida. Faltas constantes por atrasos, por vezes superiores a 35 minutos, faltas de material, não realização dos TPC’s e comportamentos incorrectos em sala de aula. Quando confrontado acerca das motivações para os seus comportamentos, reage alegando sintomas orgânicos preocupantes, tais como dores no coração, dificuldades significativas em respirar, dores intensas no corpo, pedindo para ir para casa. Contudo, caso os professores não aceitem de imediato as suas queixas e falarem com ele, João acede em ficar na aula e trabalhar, sem mais queixas. Grande alheamento quanto ao espaço e ao tempo – quando toca e os colegas se dirigem à sala, João continua a brincar despreocupadamente, sem maturidade suficiente para reconhecer prioridades. Dificuldades em gerir os seus sentimentos e postura de desafio face às contrariedades condicionam a socialização, e o relacionamento com os pares, constantes desacatos físicos e verbais com os pares, particularmente com colegas do 9º ano. Quanto à turma não houve aceitação e integração imediatas, tendo sido rejeitado. Não apresenta dificuldades significativas de perceber e de interpretar os conteúdos leccionados, mas como a sua capacidade de concentração tem períodos mínimos, é-lhe difícil acompanhar os 90 minutos de aula.” No presente ano lectivo, a criança encontra-se ao abrigo do decreto-lei 3/2008 referente ao regime de Ensino Especial.

Refere-se, ainda, que através da aplicação da Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças (WISC-III), os resultados obtidos nas provas que avaliam as competências cognitivas de João permitiram concluir, em avaliação realizada recentemente, que a sua capacidade intelectual global se situa num nível muito inferior ao esperado para a sua faixa etária, apresentando um perfil cognitivo homogéneo, pelo que as competências verbais e de realização se encontram-se igualmente desenvolvidas abaixo da média para a idade.

Genograma

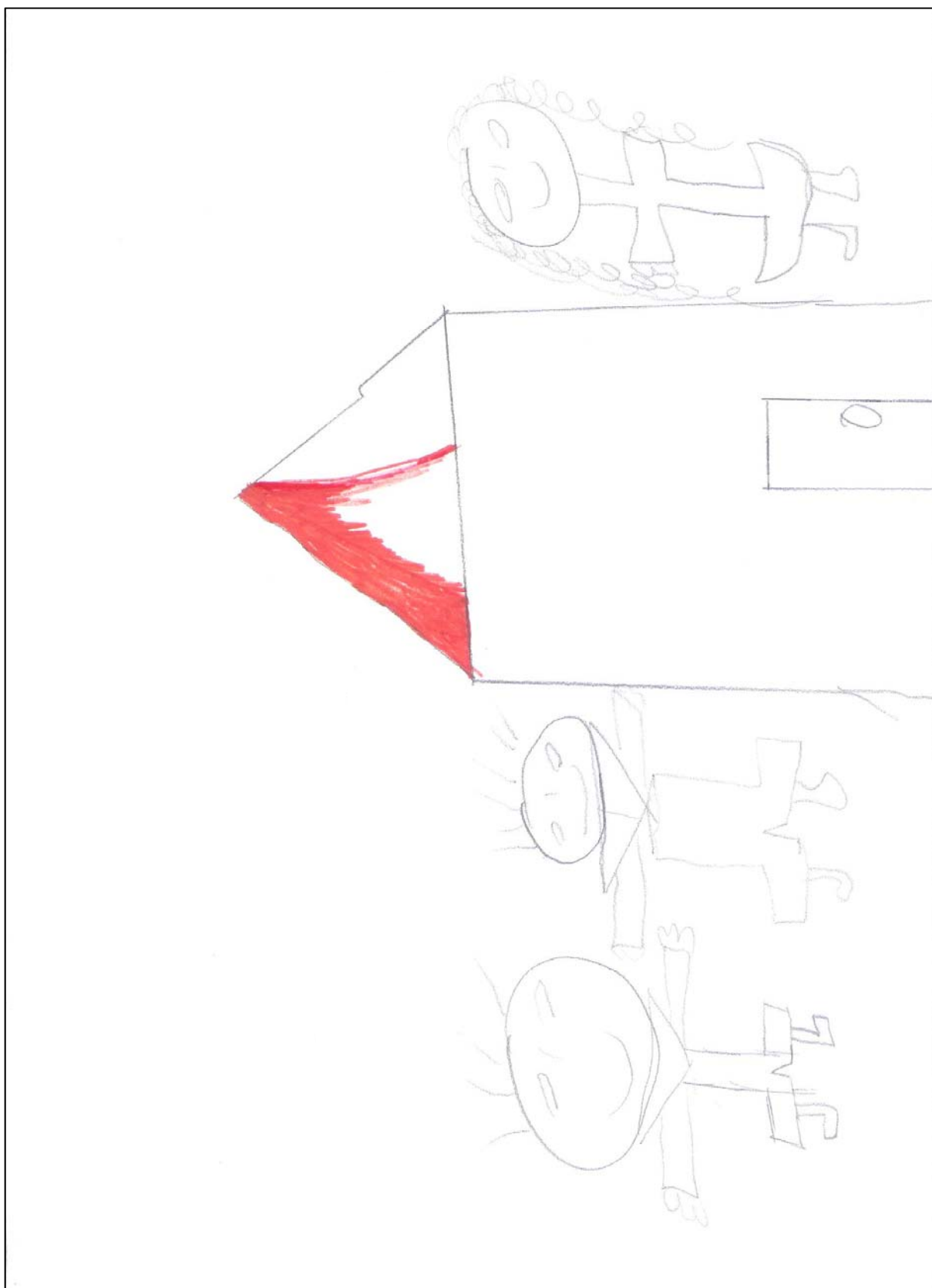


Observação geral

João, 11 anos de idade, é um rapaz com um desenvolvimento estato-ponderal superior relativamente à sua idade cronológica e reside com os pais. Fisicamente pode ser descrito como um jovem alto e de estrutura larga, cabelo e olhos castanhos, apresentando no rosto diversas marcas que parecem provir de maus-tratos recorrentes, consequência das relações precoces com a família de origem/biológica. A sua apresentação é simples e pouco investida, ainda que asseada. No contacto inicial revela-se algo inibido, porém rapidamente passa a ser saliente uma criança carente, afável, apelativa, ávida de relação. A criança realiza contacto visual, de forma constante mas muito insegura, quase tímida, ainda que por vezes observe atentamente a investigadora, num olhar que parece perscrutar. Na evolução do contacto, e apesar da reserva inicial, João estabelece uma interacção natural e próxima na relação com a investigadora, sendo a contra-atitude caracterizada como positiva ao longo das várias sessões de recolha de dados. O rapaz mostra-se cooperante e participativo em todo o processo de avaliação, com um comportamento adequado e implicado nas tarefas, ainda que com alguma irrequietude psicomotora, evidenciando particularmente algumas particularidades posturais – reclina-se para os lados no sentido das cadeiras, ou para a frente, ficando com a parte superior do corpo pousada na secretária. A atenção é captável e constante.

Entrevista

João inicia a entrevista indicando alguns dados relativos à sua identificação, referindo a sua idade, o local onde reside e a escola que frequenta. Quando questionado acerca de como correm as coisas na escola, indica que “correm bem, com os professores todos”, que se encontra no 5º ano, “porque chumbei, só tive positiva a Educação Física mas a minha preferida é História”. Relativamente à socialização com pares a criança refere “dou-me bem com os colegas todos”, e diz que tem um amigo preferencial, um vizinho da sua idade. A criança refere gostar de jogar ténis de mesa e futebol e que quando crescer quer ser médico para ajudar as pessoas. Fala na sua irmã, que já não vê há sete anos e de quem diz ter saudades. Espontaneamente vem a contar que é adoptado, e que reside com “esta família desde os seis anos”. Acerca do sono indica que dorme sozinho, em quarto próprio, no “quarto cor de laranja” e que por vezes sonha com ladrões. Acerca da relação com os pais, João diz que se dá bem com a mãe mas “às vezes estico-me, porque ela chateia-se com coisas que eu não faço, acusa-me”, e com o pai refere que “gosto muito dele, abraço-o e dou-lhe beijinhos”. João afirma não ter quaisquer medos – “não tenho medos nem nada”.



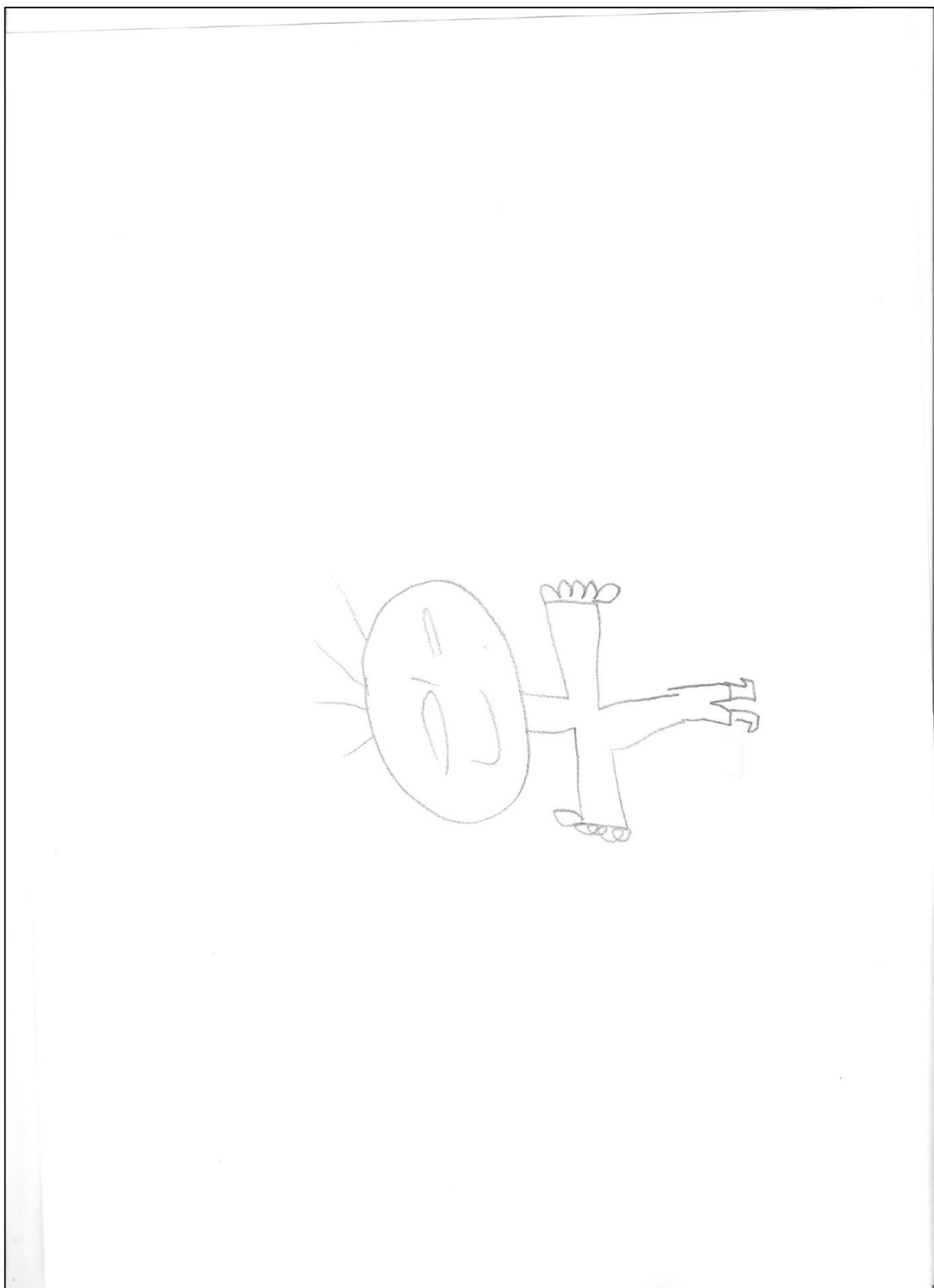
História

“Este sou eu... Este tem de ter uma cabecinha pequenina, é o meu pai. (*escreve os nomes por cima das figuras*) Agora é a minha mãe. Era uma vez o João que ia para casa buscar a mala para ir para a escola e o pai e a mãe do João iam com ele e iam levá-lo para a escola. Mas aconteceu uma coisa no carro que o carro avariou-se. Não havia mais gasolina. Não havia mais gasolina. E o João teve que ligar para o primo a dizer que era preciso ir buscar mais gasolina. E depois foram falar com o tio. E depois...já não me lembro. E depois o primo foi buscar gasolina à bomba e veio trazer ao tio. E depois lá foi levar à escola. Vitória, vitória, acabou-se a história.”

Análise psicodinâmica

Perante a solicitação de que realize um desenho à sua vontade, João decide elaborar uma produção alusiva à família e a uma situação quotidiana. Efectivamente, com um traçado inseguro, pouco firme e graficamente imaturo, João inclui a representação de uma figura masculina – o pai -, pela qual começa, o que nos parece indicar o alvo de maior investimento afectivo da criança, seguido de uma figura que o representa a si, encontrando-se ambos significativamente perto, e por fim uma figura feminina representativa da mãe, separada por uma casa. Esta separação entre os personagens parece simbolicamente indicar uma representação de distanciamento associada ao imago materno. As figuras encontram-se como que a flutuar, parecendo efectivamente desamparadas, o que remete para uma representação de falta de suporte e segurança. A casa-lar parece-nos, por outro lado, extremamente fechada (destaca-se a ausência de janelas) e desinvestida, tendo ficado inacabada, fazendo-nos, neste caso, pensar na indisponibilidade e na falta de segurança, afecto e conforto provenientes da fantasmática associada ao lar e a uma representação contentora ligada ao imago materno. Parece-nos, ainda, importante referir a ausência de uma diferenciação dos personagens em termos geracionais, e uma representação de um enorme vazio (interno, afectivo e relacional) que a produção evoca.

1º Desenho da figura humana



Questionamento:

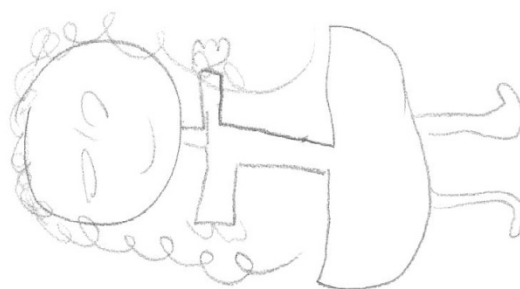
1. Quem é, que idade tem e o está a fazer?
“Sou eu. Sou o João e tenho 11 anos. Aqui estou a jogar à bola.”
2. Qual foi o dia mais feliz da sua vida?
“Foi quando marquei o golo.”
3. E o mais triste?
“Não sei... Quando mandei a bola à barra.”
4. Quando for grande o que quer ser?
“Médico para ajudar as pessoas.”
5. Qual a parte mais bem desenhada?
“A cara, mais ou menos.”
6. E a menos?
“Os pés...’tão sempre a crescer.”
7. Conta-me uma boa recordação.
“Os meus antigos jogadores de futebol, colegas.”
8. E uma má.
“Foi não os voltar a ver mais.”
9. Ele é feliz?
“É.”
10. E saudável?
“É.”
11. Mudavas alguma parte do desenho?
“Não.”
12. Conta-me uma história sobre ele.
“Era uma vez o João que ‘tava no banco de suplentes mas o mister ‘tava tão irritado que disse: «João, vai aquecer.», chamou-me e eu entrei. Marquei um golo e ganhámos um jogo. E acabou a história.”

Análise psicodinâmica

Na narrativa que acompanha a produção parece ser evocados conteúdos ligados a uma angústia de perda do objecto, e ao afecto depressivo a ela associada, e uma representação de insuficiência narcísica, patente em sentimentos de insegurança e auto-depreciação e no desejo de ser amado e admirado. Na produção relativa à figura humana, João realiza uma figura representativa de si, projectando-se adequadamente em termos da identificação ao sexo de

pertença. Relativamente às características gráficas, trata-se, uma vez mais, de uma figura graficamente imatura e de uma pobreza simbólica significativa, sendo, em termos do conteúdo, uma produção que evidencia representações de vazio e de desamparo muito substanciais.

2º Desenho da figura humana - sexo oposto



Questionamento:

1. Quem é, que idade tem e o está a fazer?

“É a minha mãe, a A. “Tá a dançar ballet.”

2. Conta-me uma história sobre ela.

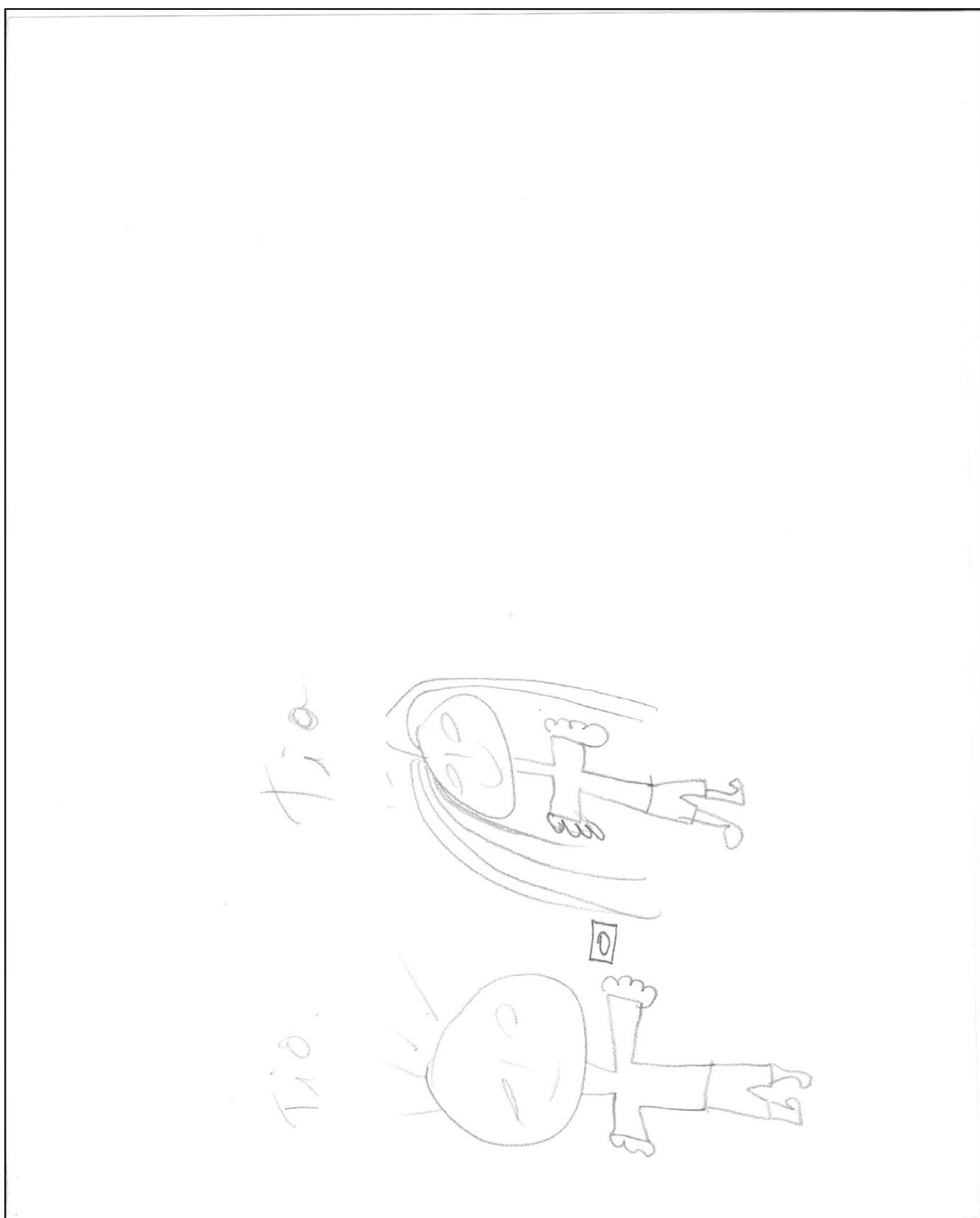
“(…) Não sei nenhuma.”

Análise psicodinâmica

A produção relativa ao desenho de uma figura humana feminina evoca na criança o desejo de realizar uma personagem representativa da mãe, parecendo-nos que poderá tratar-se de um movimento de idealização do imago materno. Em termos gráficos é, novamente, uma produção plana, com pouco dinamismo e imatura, localizada no meio da página e portanto totalmente desamparada e sem qualquer suporte.

Desenho da família segundo Corman

Imaginária



Questionamento:

1. Quem são estas personagens? Como se chamam e que idade têm?
“É tio R, não sei quantos anos tem e a tia I, tem 50 anos. É a irmã do pai e ele é o marido dela.”
2. O que está a acontecer? Porquê?
“Eles vão-se casar. É o tio R que vai dar a aliança de casamento à tia I.”
3. Quem é o mais feliz e o menos feliz? Porquê?
“Mais feliz são os dois. A tia I. Porque sim, não consigo explicar. Menos é o tio R porque é muito rabugento e ralha muito com a tia I.”
4. Quem é o mais simpático e o menos simpático? Porquê?
“Mais é a tia I. Porque não ralha muito nem grita muito e ele grita muito.”
5. Quem manda mais e quem manda menos? Porquê?
“Quem manda mais são os dois. *(Se tivesses que escolher mesmo só uma pessoa?)* O tio R. Não sei explicar. A tia I é quem manda menos, porque tem mais respeito pelo tio R.”
6. Se pudesses escolher, quem destas personagens gostarias de ser? Porquê?
“A tia I. Porque é mais simpática.”
7. Se pudesses mudar alguma coisa neste desenho, o que mudavas? Porquê?
“O comportamento do tio R. É muito rabugento e ralha muito com a tia I.”
8. Se todos fossem dar um passeio de carro e um deles não coubesse, quem ficaria de fora?
“A tia I. Não, o tio R. O tio R é que vai sempre a conduzir o carro.”
9. Se uma das crianças se portasse mal, qual delas seria? Como seria castigada? Por quem?
“O tio R. Não sei o que tinha feito mas o castigo era correr muito.”
10. História
“Era uma vez o tio R. Era para ir ao casamento. E deixou a tia I no espaldar, no altar e ela ficou muito zangada. Ele vestiu-se, foi para o casamento e casaram. Vitória, vitória, acabou-se a história. E ficaram felizes para sempre.”

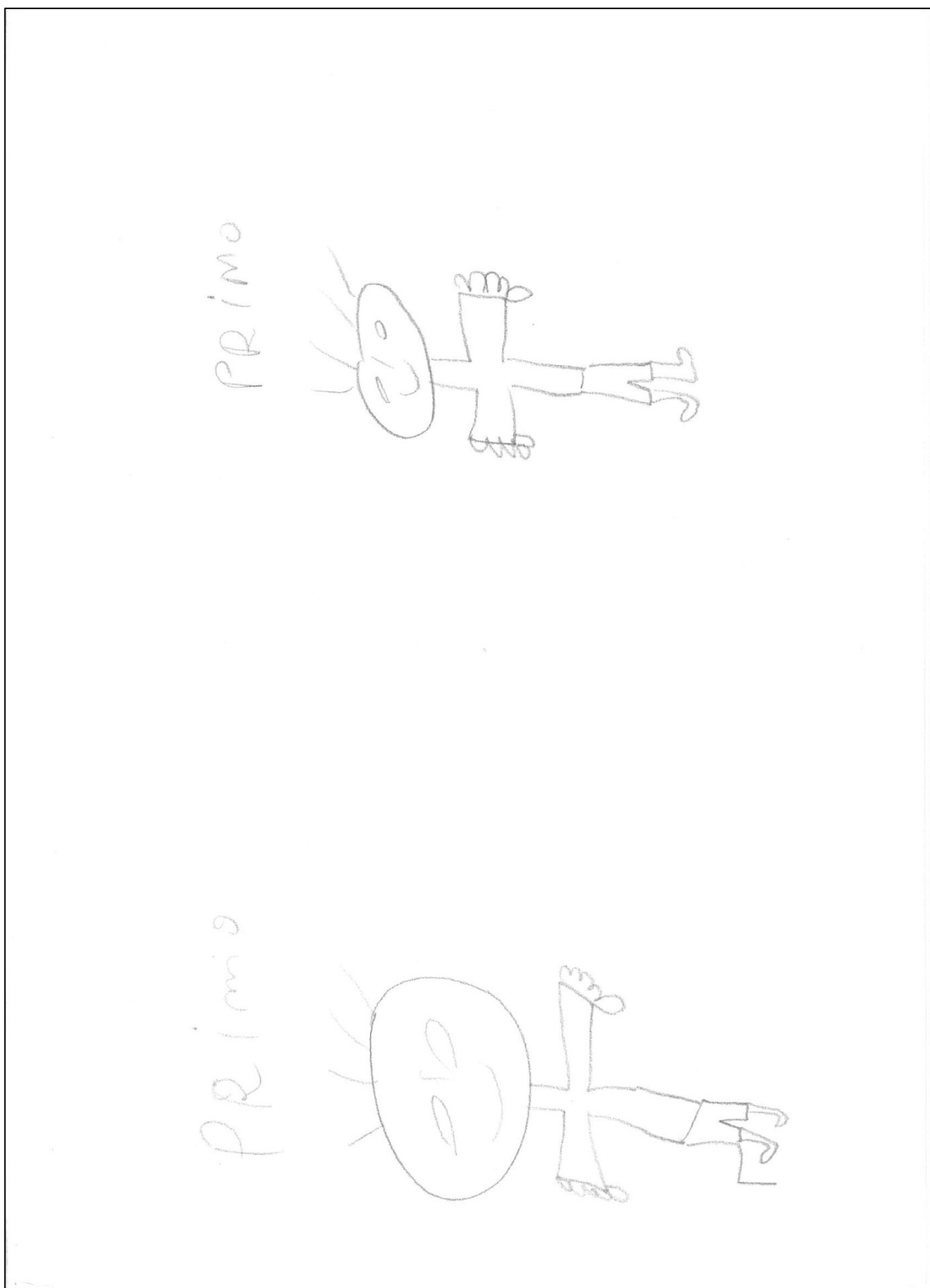
Análise psicodinâmica

Quando lhe é solicitado que desenhe uma família, apesar de anteriormente ter feito uma representação da sua família nuclear actual aquando do Desenho Livre, João realiza uma produção graficamente muito semelhante às anteriores, que inclui um casal da sua família adoptiva. Neste sentido, nas respostas que se seguem ao questionamento a criança revela conteúdos auto-biográficos, por referência à sua realidade familiar, e por isso muito pobres do ponto de vista simbólico e fantasmático. Ainda assim, ao nível do conteúdo, salienta-se a

representação de desencontro com que percebe o casal heterossexual, não se encontrando o masculino internamente numa dinâmica de conciliação.

Desenho da família segundo Corman

Real



Questionamento:

1. Quem são estas personagens? Como se chamam e que idade têm?

“É o primo M, tem 20 anos, e o primo R que tem 24 anos.”

2. O que está a acontecer? Porquê?

“O primo M não faz nada. O primo M ‘tá agarrado ao computador, é o que ele faz sempre. E o primo R ‘tá a trabalhar.”

3. Quem é o mais feliz e o menos feliz? Porquê?

“O mais feliz é o primo R, porque o primo M é mais alvoroço. O menos feliz é o primo M, já se sabe porquê.”

4. Quem é o mais simpático e o menos simpático? Porquê?

“Mais é o primo R porque a falar parece psicólogo. Menos é o primo M. É muito...muito chato.”

5. Quem manda mais e quem manda menos? Porquê?

“O primo R é mais velho. O primo M manda menos porque é o mais novo.”

6. Se pudesses escolher, quem destas personagens gostarias de ser? Porquê?

“O primo R porque é o melhor comportado.”

7. Se pudesses mudar alguma coisa neste desenho, o que mudavas? Porquê?

“O primo R porque porta-se melhor, gosto muito dele. Do primo M também mas só às vezes, chateia-me.”

8. Se todos fossem dar um passeio de carro e um deles não coubesse, quem ficaria de fora?

“Ta o primo R, o primo M ficava de fora.”

9. Se uma das crianças se portasse mal, qual delas seria? Como seria castigada? Por quem?

“O primo M, seria castigado a não ir ao computador. “Tá todo o dia no computador.”

10. História

“Era uma vez o primo M, ‘tava agarrado ao computador e a tia I mandou largar o computador. Ele não largou e a tia I deu-lhe uma chapada e castigou-lhe não ir mais ao computador.”

Análise psicodinâmica

A partir da solicitação para que realize a sua família, a criança vai executar uma produção que graficamente segue o mesmo sentido das restantes e que representa dois primos, o que nos coloca algumas questões relativamente à dinâmica interna da criança face à temática proposta já que a compreensão inicial do enunciado proposto pareceu verificar-se. Na narrativa que se segue

ao questionamento podemos verificar que existe uma percepção clivada dos personagens, com idealização de um deles e desvalorização do outro. Efectivamente a proximidade afectiva que parece existir em relação a um dos personagens é notória não só na narrativa como também na expressão gráfica da produção, na qual um deles se encontra numa posição de menor distanciamento e maior dimensão que o outro. Salienta-se, ainda, a presença de elementos no discurso que parecem reveladores da existência de um superego externo (e portanto superficial e não integrado) que configura uma atitude moralizadora entre as figuras.

Children's Apperception Test – animal version

1.

“Uns pintainhos. Era uma vez uma galinha que foi dar comer aos seus filhotes. Mas não tinha minhocas... E daí tiveram de comer papas de aveia.”

Procedimentos fundamentais:

- RE1 – recurso à evidência, apego ao conteúdo manifesto;
- RE2 – recurso aos lugares-comuns da vida quotidiana, importância dada ao concreto, ao fazer, ao conformismo, referências à realidade ambiente;
- RE3 – insistência nos suportes (em falta);
- EI1 – restrição.

Análise da narrativa:

No presente cartão, o qual remete para a representação da relação com o imago materno num contexto de oralidade, ainda que se verifique uma tonalidade afectiva positiva, a representação do imago materno evocada na narrativa é apresentada como pouco gratificante, sendo associada à falta, à necessidade e à carência. Ainda assim, salienta-se o carácter reparador que é atribuído posteriormente ao imago, sendo a falta suprimida mesmo que por um objecto menos nutriente, remetendo para uma representação de substituição.

2.

“O jogo da corda. Era uma vez o urso que estava a jogar o jogo da corda. E ‘tavam a fazer uma aposta. O urso polar (*aponta para o urso do lado esquerdo*) apostou: se perdesse dava a sua casa aos outros e o urso polar e o urso pequenino se perdessem davam tudo o que tinham ao urso polar. E daí quem ganhou foi o urso polar. Vitória, vitória, acabou-se a história.”

Procedimentos fundamentais:

- OC5 – isolamento de personagens (“urso polar”);
- EI1 – tendência à restrição;
- IF3 – importância dada às interacções.

Análise da narrativa:

A narrativa elaborada por João no presente cartão não evoca o seu conteúdo latente, o qual remete para a relação triangular progenitor-filho, expressa num contexto libidinal e/ou agressivo (Boekholt, 2000). Efectivamente, é apresentada uma representação de perda, de precariedade e vulnerabilidade associada à noção de lar, a qual remete para a fragilidade ou mesmo a falta do continente materno, encontrando-se o personagem infantil numa situação de desprotecção.

3.

“O rei leão. Era uma vez um rei que se armava muito que conseguia derrotar todos; conseguia derrotar cobras, conseguia derrotar dragões. Até que um dia um dragão chegou ao palácio dele e disse: «Não me vences!». «Atão vamos ver». E daí ele perdeu a batalha e disse que vencia todos. E o dragão conseguiu vencer toda a gente. Ponto final.”

Procedimentos fundamentais:

- OC8 - escotoma (personagem rato);
- IF1 - introdução de personagens que não figuram na imagem;
- IF3 – encenações, diálogos, importância dada às interacções.

Análise da narrativa:

Na presente narrativa, o personagem que deveria encontrar-se associado a uma figura de força e poder fálico, e portanto evocar a representação do imago paterno, é representada como desvitalizada, derrotada e impotente perante um personagem externo que é introduzido no discurso, o qual é configurado com capacidades de onipotência mágica.

4.

“Era o canguru. A mãe canguru e os seus filhos. Era uma vez a mãe canguru que ia de bicicleta com os filhos, Tomás e João, às compras. Ia comprar pão, etc... Mas a mãe canguru encontrou um dragão no bosque que a assustou muito e deixou o seu dinheiro lá e a comida lá e já não havia nada com que comer. Vitória, vitória, acabou-se a história.”

Procedimentos fundamentais:

- RE3 – insistência nos suportes em falta;
- IF1 - introdução de personagens que não figuram na imagem;

- RA1 – expressão verbalizada de afectos.

Análise da narrativa:

No cartão que evoca a relação com a imagem materna, eventualmente num contexto de rivalidade fraterna, a narrativa de João apresenta uma representação do imago materno associado às funções instrumentais do cuidado, ou seja, através da alimentação, com a qual não se verifica qualquer ressonância afectiva. Neste sentido, verifica-se que o imago materno é representado como incapaz de proteger as crianças, revelando-se igualmente vulnerável e desprotegida. Perante a introdução de uma personagem que não consta do cartão, a qual representa uma fonte externa de ameaça, é manifesta uma angústia de perda do objecto, através das representações de desprotecção, desamparo, carência e falta. Salienta-se, ainda, a clara identificação estabelecida por João a um dos personagens infantis constantes na imagem

5.

“O quarto. Era uma vez um quarto da menina Julieta e da sua irmã Marta, que um dia foram às compras juntas, comprar roupa, roupa para irem à escola, para irem agasalhadas. Compraram um cachecol, uma saia, umas luvas, um barrete e umas collants e uma blusa.”

Procedimentos fundamentais:

- RE2 – recurso aos lugares-comuns da vida quotidiana;
- EI2 – razões dos conflitos não evocadas, banalização do discurso;
- OC8 – escotoma.

Análise da narrativa:

No presente cartão, o qual remete para as fantasias elaboradas acerca da cena primitiva e a curiosidade sexual, a narrativa elaborada por João não evoca as solicitações latentes, verificando-se a ausência da triangulação, manifesta a partir da escotomização dos elementos referentes à fantasmática da cena primitiva. Por outro lado, a referência implícita a uma noção de frio, poderá não só remeter para o afecto depressivo (sem contudo se verificar elaboração da posição correspondente) como remete, igualmente, para a necessidade de contenção pelo contacto e a sensorialidade (“agasalhadas”), remetendo para as falhas precoces na função materna de *holding*. Desta forma, a presença de elementos sensoriais e de suporte permitem considerar uma vez mais a intensidade de uma angústia de perda de objecto.

6.

“Uma gruta. Era uma vez uma gruta muito, muito escura, ninguém conseguia entrar lá dentro, só com uma lanterna. Se alguém entrasse lá dentro nunca mais saía de lá. Há lá ursos, ursos muito assustadores, terríveis e perigosos.”

Procedimentos fundamentais:

- RE3 – insistência no enquadramento, nas delimitações e nos suportes;
- RE4 – insistência nas qualidades sensoriais do material;
- RA1 – expressão verbalizada de afectos.

Análise da narrativa:

Na presente narrativa, a situação relacional edipiana latente ao cartão não é de todo percebida. Efectivamente, a triangulação não é evocada, predominando a delimitação dos espaços internos e externos (Boekholt, 2000), no caso investida negativamente. Verifica-se novamente a ausência da triangulação edipiana, colocando a narrativa num nível pré-genital. Neste sentido, a narrativa é elaborada com uma tonalidade fantasmática muito intensa, reveladora de uma considerável angústia interna, designadamente associada a uma representação de forma-continente-conteúdo com características de medo, perigo, ameaça e desprotecção, a qual parece remeter para o continente materno. Torna-se evidente a necessidade de apoio, de suporte e de uma relação contentora e securizante que permita apaziguar a angústia de desamparo, solidão e abandono.

7.

“Um tigre na selva. Era uma vez um tigre muito perigoso. Ninguém o conseguia caçar. Mas havia uma poção que se metia no tigre e ele enfraquecia e o caçavam e depois metiam-no numa jaula. E depois aí ele é morto e nunca mais volta a viver na selva... Só.”

Procedimentos fundamentais:

- IF6 – insistência nas representações de acção;
- OC8 – escotoma;
- EI2 – anonimato, banalização, razões dos conflitos não esclarecidas;
- OC5 – isolamento de personagens.

Análise da narrativa:

No cartão cujo simbolismo latente remete para a expressão da agressividade, verifica-se efectivamente a evocação da relação agressiva com recurso a mecanismos defensivos arcaicos como a onipotência e a idealização primitiva, mas também à inversão das posições atribuíveis a agressor/agredido, dominante/submisso, parecendo faltar a João mecanismos secundários para elaborar e integrar adequadamente as pulsões agressivas, o que evidencia as suas dificuldades de mentalização.

8.

“Os macacos em casa. Era uma vez a D. Palmira que foi beber chá com o Sr. José... O Sr. José ‘tava-lhe a fazer cócegas nas pernas. ‘Tavam a falar os dois e a beber chá sossegados. Não sei mais nada.”

Procedimentos fundamentais:

- EI2 – banalização, razões dos conflitos não esclarecidas;
- RE2 – recurso aos lugares-comuns da vida quotidiana, importância dada ao concreto, ao conformismo;
- RE1 – recurso à evidência, apego ao conteúdo manifesto;
- OC8 – escotoma (da relação em destaque mãe-filho).

Análise da narrativa:

No cartão que convida a criança a evocar a percepção da dinâmica familiar, as diferenças geracionais e a culpabilidade associada à curiosidade e à transgressão na relação pais-filhos (Boekholt, 2000), a narrativa de João revela a inquietação causada pelo conteúdo (manifesto e latente) do estímulo, o que implica que a criança evite abordar a temática da família nuclear, alargando a relação e a narrativa a personagens periféricos da constelação familiar, aos quais é conferida particular importância.

9.

“O coelhinho na cama. Era uma vez um coelhinho muito doente e não conseguia sair da cama, tinha que tomar muitos comprimidos. Mas houve um certo dia que ele ‘tava a ser operado e aí deixou de tomar comprimidos. E viveram felizes para sempre. (*Quem?*) Os donos do coelho e o coelho também.”

Procedimentos fundamentais:

- RA3 – acentuação da tradução corporal dos afectos.

Análise da narrativa:

A narrativa de João no cartão que remete para uma problemática de abandono e/ou solidão evidencia a expressão da perda de objecto passou tanto directamente pela representação de vulnerabilidade e fragilidade como indirectamente através da intervenção de estratégias defensivas que actuam como modalidades antidepressivas, designadamente na fuga ao sofrimento interno e na possibilidade de alcançar uma reparação do mesmo. Por conseguinte, ainda que se verifique o reconhecimento do afecto depressivo, a elaboração da posição correspondente não parece ser possível.

10.

“Os cãesinhos. Era uma vez os cãesinhos que foram passear até à praia e viram uma concha, alevantaram e era um caranguejo e mordeu no nariz... Depois foram para casa tratar o nariz com betadine, meteram um penso. Ponto final e acabou a história.”

Procedimentos fundamentais:

- RE2 – recurso aos lugares-comuns da vida quotidiana, ao concreto;
- RE1 – recurso à evidência, apego ao conteúdo manifesto;
- IF6 – insistência nas representações de acção.

Análise da narrativa:

A temática latente presente no último cartão da prova, o qual remete para a relação agressiva progenitor/filho num contexto de analidade (Boekholt, 2000), não parece ser abordada, nem tão pouco é estabelecida qualquer relação entre os personagens. A precariedade do investimento narcísico é uma vez mais evidenciada, no caso a partir da necessidade patente de cuidado e protecção, num contexto de contacto e proximidade corporal, cuja representação parece encontra-se ligada à reactivação de perturbações significativas no *handling* materno e de falhas anteriores na relação com uma figura de referência protectora, contentora e cuidadora.

Prova das escolhas:

Cartões +:

II – “Porque, por causa que gosto do jogo da corda e isso.”

VIII – “Foi engraçado ele a fazer cócegas nas pernas, foi engraçado.”

Cartões -:

VII – “Porque é muito violento.”

III - E o do tigre também, este aqui, o do rei. Por causa do dragão. Ele pensa que é muito bom mas depois não é.”

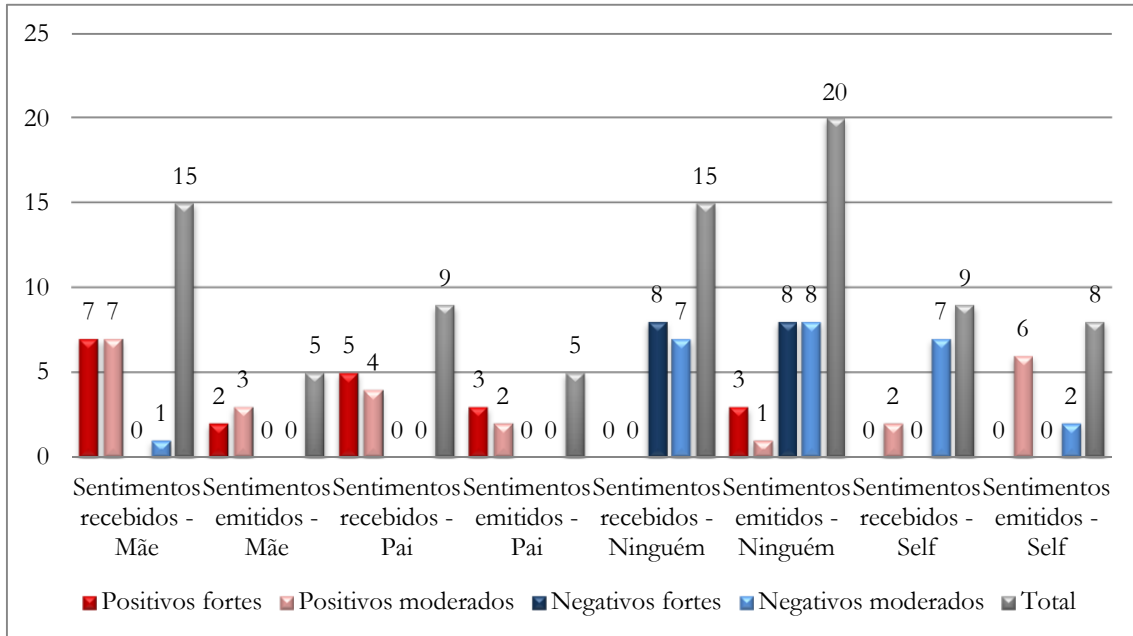
Análise do C.A.T.-A

Atendendo às narrativas construídas no protocolo de C.A.T.-A de João verifica-se que predomina uma temática de desprotecção e de vulnerabilidade, concomitantes com uma representação da relação de objecto interna pouco securizante, protectora, contentora. Estão patentes importantes lacunas precoces na construção da relação e da representação objectal contentora, apaziguadora e que fortaleça a estrutura egóica. De igual forma, encontra-se presente um recorrente sentimento de ameaça - através da introdução de elementos externos que representam a fonte de perigo, o qual perante a debilidade da estrutura, invade e compromete o self (o bom objecto) - face à qual não dispõe de recursos internos para enfrentar. Ainda que a posição correspondente não seja elaborada, verificam-se importantes núcleos depressivos, os quais remetem para uma falha primitiva da estrutura básica, sendo a temática da perda muito presente. Neste sentido, a angústia dominante parece ser de desamparo e perda de objecto (a qual parece associada a falhas importantes ao nível da relação mais precoce). São evidentes núcleos de maior fragilidade, nos quais se verifica a necessidade da criança de apoio, de suporte, de uma relação securizante e contentora, e o seu desejo de ser (afectivamente) cuidada e protegida. As representações de relações são na sua maioria duais, sem evocação e integração do conflito edipiano, sendo as representações do imago paterno ausentes e do imago materno significativamente reduzidas e quando apresentadas reduzidas a funções instrumentais, pela funcionalidade e pela ausência de afecto, surgindo nas histórias da prova temática temas relativos à oralidade e ao cuidado pela alimentação.

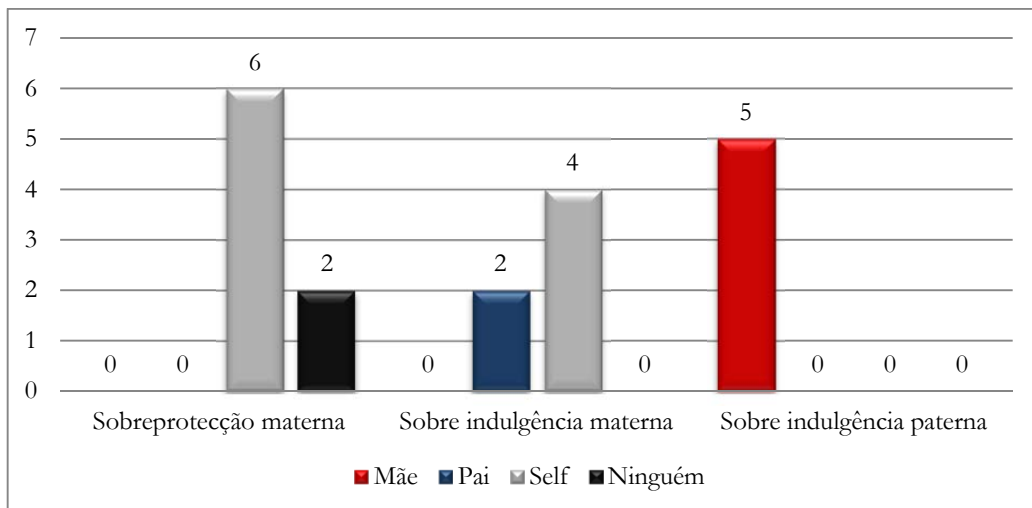
Do ponto de vista simbólico as narrativas são construídas com algum grau de restrição e com recurso ao conteúdo manifesto dos cartões e portanto pouco elaboradas, o que, a par dos mecanismos defensivos empregues (projectão, omnipotência), parece remeter para a existência de algumas dificuldades em mentalizar e representar simbolicamente as dinâmicas conflituais intrapsíquicas. Ainda assim, a sua aproximação frequente a temas do contexto quotidiano e relacional parece indicar uma tentativa, ainda que superficial, de se adaptar à realidade.

Teste das relações familiares

Resultados de envolvimento percebido pela criança em relação a cada elemento da família (sentimentos positivos fortes e moderados e sentimentos negativos fortes e moderados).



Resultados de sobreprotecção materna e sobre indulgência materna e paterna percebidos pela criança.



Segue-se a interpretação dos resultados de João no Teste das Relações Familiares, em relação aos aspectos clínicos mais pertinentes para a compreensão do seu caso. Em primeiro

lugar, em relação ao envolvimento total (afectividade consciente e inconsciente, tal como avaliada pela prova) da criança com os elementos que compõem o seu círculo familiar subjectivo, importa referir que a criança reporta uma maior atribuição de itens globais à figura do Sr. Ninguém, revelando a forte retracção exibida no decurso da prova, a qual parece cumprir o propósito de evitar defensivamente o confronto com angústias e conflitualidades latentes à temática em questão, nomeadamente à representação da dinâmica familiar. Ainda assim, e excluindo a figura do Sr. Ninguém, a figura com a qual João reporta maior envolvimento refere-se à representação do imago materno. Efectivamente, verificamos que a mãe de João é eleita na sua realidade afectiva como a maior fonte de amor e como o mais significativo objecto de amor. Por outro lado, João, na caracterização do seu investimento afectivo na relação com a mãe, omite quase por completo a expressão de afectos negativos, algo que revela uma tendência pouco sanígena para o funcionamento psico-afectivo da criança, na qual a agressividade e a negatividade (naturais, típicas de uma relação ambivalente e matura) são negadas e/ou recalcadas. Relativamente ao envolvimento percebido no que concerne aos sentidos positivos reportados como recebidos pela criança destaca-se a figura materna, com igual proporção de itens fortes e moderados, seguida da paterna, com mais moderados do que fortes, e do próprio (Self). Em relação ao envolvimento relacionado com os sentimentos negativos percebidos como recebidos pela criança estes são, como pudemos verificar, praticamente ausentes no caso da representação materna e totalmente rejeitados no caso da figura paterna, encontrando-se, porém, presentes em termos da agressividade moderada no Self e maciçamente presentes, tanto intensa como moderadamente, na figura do Sr. Ninguém. Em termos do envolvimento percebido face aos sentimentos positivos emitidos pela criança em relação aos membros da sua família, os pais foram as figuras preferenciais para receber o afecto representacional de João, quer a um nível forte como moderado, seguidos da figura do próprio, revelando, neste último caso, um importante lado carencial e as suas intensas necessidades afectivas de ser cuidado e acarinhado. Por último, em termos do envolvimento relativo aos sentimentos negativos reportados como emitidos pela criança, estes encontram-se totalmente ausentes nas figuras parentais, muito suprimidos no Self e totalmente deslocados para o Sr. Ninguém, a figura do recalçamento, ou seja, do espaço inconsciente de retenção e não-elaboração dos conteúdos inaceitáveis numa dimensão consciente, no caso, pela sua natureza negativa e agressiva, a qual não é suportada.

No que concerne às escalas relativas à representação de dependência intrafamiliar, verifica-se que João indica ser o maior alvo de sobreprotecção materna, sendo esta atribuição de sentimentos “auto-dirigidos” ou egocêntricos reveladora das importantes falhas ao nível da relação mais precoce. Concomitantemente, a atribuição de itens na escala de sobreprotecção

materna na figura do Sr. Ninguém parece expressar a carência afectiva da criança, como se inconscientemente sentisse que a mãe lhe poderia dar mais atenção, afecto, carinho e protecção. Refere-se, ainda, que a sobre-indulgência materna se encontra dividida entre a figura da criança e a do pai, e que a sobre-indulgência paterna se destina unicamente à relação com a mãe.

Por outro lado, verifica-se uma clara discrepância entre a atribuição de itens positivos e negativos, os quais se encontram quase totalmente atribuídos à figura do ninguém, aspecto que poderá dever-se à intensa culpabilidade em expressar a agressividade.

Relativamente aos mecanismos defensivos empregues na representação da dinâmica familiar, destaca-se o recurso à negação, no caso da agressividade, principalmente face às figuras paternas, a qual é intensamente deslocada para a figura do Sr. Ninguém, não sendo portanto saudavelmente integrada e elaborada e sim recalçada ou deslocada para outras fontes. Destacamos, também, a idealização da figura materna, a qual recebe numerosos itens positivos, principalmente no que se refere ao afecto que a criança reporta receber. Esta necessidade de idealização da figura materna parece encontrar-se relacionada com a existência de angústias mais primitivas de separação, de perda do amor do objecto, e do próprio objecto. Verificamos, ainda, alguma tendência regressiva, maioritariamente expressa na relação com a mãe, resultados que remetem para as intensas necessidades de afecto, cuidado e protecção maternas.

Por último, a análise da escala de Inibição/Desinibição permite aferir que se verifica uma inibição moderada (2 valores em ambas as escalas, positiva e negativa), a qual se revela particularmente significativa no caso dos itens negativos, já que a culpabilidade ligada à expressão da agressividade parece ligar-se ao medo de perder afectiva e efectivamente os objectos parentais, a qual nos parece substancialmente ligada à história de vida da criança, marcada por perdas, desprotecção, violência e abandono, às suas angústias internas de desamparo e separação, ao tipo de relações que estabelece (de natureza anaclítica, por não perceber o objecto como total e ambivalente, mas sim clivado, e pela grande dependência afectiva que denota), e às defesas que emprega (idealização primitiva, clivagem do self e do objecto e negação).

Escala de percepção da criança sobre o estilo educativo dos pais – EMBU-C

Através do presente instrumento salienta-se o facto de João não ter reportado qualquer tipo de diferenciação na percepção do estilo educativo parental entre os progenitores, facto que poderá dever-se à sua dificuldade em conseguir distinguir as práticas educativas utilizadas por cada um dos pais, mas também à tendência para a deseabilidade e para revelar resultados social e moralmente adequados (não se comprometendo defensivamente com os itens constituintes da prova). Em termos dos resultados apresentados pela criança, e atendendo ao índice factorial

tripartido mencionado anteriormente, verifica-se que o aspecto mais positivamente assinalado se trata do factor *Suporte Emocional* ($\mu=3,5$), seguido do factor *Tentativa de Controlo* ($\mu=2,9$), o qual precede o último factor, *Rejeição* ($\mu=1,9$).

Análise da entrevista com os pais

Num primeiro momento a entrevista realizada aos pais de João, e procurando obter alguma informação acerca da infância da criança, as questões colocadas nesse sentido revelaram uma quase ausência representacional dos primeiros anos de vida, o que seria porventura compreensível dado o processo de parentalidade adoptiva, mas não deixando, contudo de nos deixar sensíveis a um quase total vazio simbólico infantil (desconhecimento acerca das etapas desenvolvimentais da criança, designadamente do desenvolvimento psicomotor). As referências ao passado – emocionalmente ainda tão presente – da criança restringem-se a um relato duro e cruel de alguns episódios que marcaram negativamente os primeiros anos de vida (maus tratos severos, abandonos e intercorrências de cuidadores sucessivos, inconsistência e alternância do ambiente, separações bruscas e violentas, rostos anónimos e indiferenciados como alternativa institucional a uma família hostil e maltratante).

No decurso da entrevista, por outro lado, os pais referem que João se recorda dos maus-tratos de que foi vítima, ainda que actualmente não queira falar desse assunto, contrariamente ao que acontecia nos primeiros tempos que se seguiram à adopção, o que se tratava de um processo natural já que a criança sente necessidade de falar da sua depressão, raiva e revolta, de início provavelmente não por palavras, já que não consegue ter ideias claras sobre isso, mas sim por comportamentos. Estas alterações de comportamento, por vezes acompanhadas de grande agressividade, são o reflexo de intensas angústias internas que originam movimentos inconscientes de clivagem e projecção, não compreendidas pelos pais, os quais não conseguem efectuar uma leitura emocional, simbólica e contentora. Neste sentido, este passado parece extremamente presente, consciente e inconscientemente, para a criança, já que os pais fazem por vezes referência aos maus-tratos e ao abandono (perguntando se um dia vai querer conhecer os pais biológicos, mencionando que estes os maltratavam e o abandonaram, que o salvaram da Instituição, entre outros comentários), desvalorizando a família de origem (o que cria uma clivagem artificial muito prejudicial), culpabilizando a criança, oferecendo um amor condicional ao comportamento da criança e reagindo com algum sadismo no que concerne a deixar entreaberta a porta de saída da vida destes pais com um retorno implícito ao ambiente institucional.

O desejo da parentalidade adoptiva, e perante a impossibilidade biológica de terem um filho, não era inicialmente partilhado por ambos os pais, e foi resultante de circunstâncias muito particulares, não se constituindo como um projecto familiar de mútuo envolvimento emocional, pelo que as próprias motivações para a adopção devem ser alvo de uma leitura parcimoniosa, já que parecem cumprir propósitos de compensação emocional do casal (“sempre fomos felizes, fomos buscar o João para completar a nossa felicidade”). Tratando-se de uma adopção legal, e segundo nos parece de uma adopção psicológica, já que configura a projecção sobre a criança, não sendo biologicamente sua filha, dos conteúdos psicológicos que originaram e organizaram o desejo do filho, não nos parece, ainda assim, que se trate de uma verdadeira filiação simbólica a qual deveria assentar em momentos partilhados de bem-estar, um sentimento de prazer transmitido pelos pais. Ora, as descrições dos pais de João não nos parecem revelar uma experiência parental de gratificação, facto que poderá dever-se às expectativas que, apesar de negarem conscientemente ter estabelecido, não viram cumpridas nesta criança que os desaponta, em virtude da severidade do funcionamento psicopatológico – do qual dizem não ter sido avisados –, sendo o balanço entre os cuidados empregues e o investimento percebido e as gratificações daí resultantes sentido como desequilibrado (“se fosse outro casal não tinha ficado com ele por causa do comportamento”). Efectivamente, ainda que indiquem também algo afectuosamente que se trata de uma criança bonita, meiga e extremamente carente, os pais referem em diversos momentos que João é um menino agressivo, impulsivo, irrequieto, provocador, mentiroso, com alterações de humor, ciumento, e inseguro. Indicam, igualmente, que a criança tem importantes dificuldades de socialização e de concentração.

Em termos da dinâmica das relações intrafamiliares salienta-se, na entrevista, a diferença na tomada de posições em relação à percepção dos comportamentos da criança e às estratégias de intervenção e educação parental. De facto, se a mãe afirma sentir maior agressividade por parte da criança, o seu discurso, por outro lado, denota alguma desculpabilização do filho, quer por factores atribuídos às violentas experiências anteriores, quer por factores externos, como provocações de colegas, a incompreensão de alguns professores. O pai, por sua vez, ainda que claramente investido nesta criança, revela-se menos tolerante e mais agressivo em relação a João, assumindo que as estratégias a que frequentemente recorre para lidar com a criança passam pela violência física (“domesticar um animal”). Em qualquer dos casos, em ambos é evidente a dificuldade em efectuar uma leitura dos estados emocionais da criança e a falta de contingência entre as suas necessidades e as respostas parentais, bem como uma falta de implicação nos acontecimentos e no estado actual da criança. Relativamente às mudanças que a chegada de João trouxe ao casal os pais admitem que a adopção veio uni-los ainda mais. Destacam importantes

diferenças entre o relacionamento com o pai e com a mãe, o qual é sentido como mais conflitual e agressivo, facto que associam à relação diferenciada que João estabelece entre pessoas do sexo masculino e feminino (“o comportamento dele com mulheres, com a parte feminina, é pior, é revoltante para ele”), segundo os pais devido às suas representações maternas maltratantes.

Salientamos, igualmente, que, relativamente às circunstâncias do conhecimento de João, os pais consideraram algo de positivo o contacto indiferenciado que a criança estabeleceu à partida (“ligou-se logo a nós”), quando sabemos que é necessário dar tempo para que a criança possa projectar sobre aquelas pessoas os afectos ligados à sua vivência pessoal de pai e de mãe, de forma a poder designá-los posteriormente por esse nome.

Entrevista com os pais

Ψ: “Vamos então dar início à entrevista. Uma vez que os senhores estão com o João desde os seis anos de idade, gostaria de saber o que é que...”

Mãe: “Quer dizer desde os seis anos, veio ainda um mês antes de fazer os seis anos.”

Ψ: “Muito bem. Então que ideia têm acerca do que foi a infância do João?”

Mãe: “Eu tenho lá o relatório dele, era p’ra trazer. Ele foi maltratado pela mãe, foi queimado com pontas de cigarro, era atado a uma cama, comia pão com bolor, tinha cães, foi um menino maltratado.

Ψ: “E portanto não sei se os senhores têm conhecimento da família biológica ou se souberam destas informações através do Serviço de Adopção...”

Pai: “Não, não, a gente não conhece os pais...”

Mãe: “Sabemos só que a mãe se chama P e o pai T, mais nada.”

Ψ: “Aquilo que os senhores sabem foi o que vos foi dito pelos técnicos e que constava nos relatórios...”

Pai: “Sim, sim. Nos relatórios que a Segurança Social facultou à gente do passado do João, eu tenho tudo. Quando o João foi retirado é que se passou a saber o que se tinha passado com ele.”

Ψ: “E ele tem recordação, fala convosco sobre a sua história?”

Pai: “Conta, conta...”

Mãe: “A princípio contava muito”

Pai: “Mas agora não quer falar sobre isso...”

Mãe: “Ele diz que a família somos nós e a irmã M.”

Ψ: “Porque é que eu coloco estas questões? Uma vez que era importante termos algumas informações acerca do desenvolvimento do João, o andar, o falar, acerca da primeira infância dele...”

Pai: “Não, não...”

Mãe: “Isso não, não, não sabemos nada... Ele com três aninhos já andava que me disseram lá na instituição, que com três aninhos ele ‘tava lá.”

Ψ: “Foi quando o João foi institucionalizado?”

Mãe: “Foi quando a família foi lá roubar ele. O João ‘teve na casa da mãe até ao um ano e picos...”

Pai: “A marta é mais nova que ele...”

Mãe: “Praticamente até aos dois anos ‘teve na casa da mãe, aos dois anos ainda veio para a instituição, que os vizinhos estranhavam que ela tinha mais filhos e só andava com a mais nova, que nunca mais o viam, e foi a participação das vizinhas que...”

Pai: “A Marta tem menos dois anos que o João. Mas depois ou foi a mãe ou foi a avó que o foram sacar de lá [da Instituição] ele voltou para casa...”

Mãe: “‘Teve lá até aos três anos.”

Pai: “E nesse período voltou a ter ligação com a irmã. Tanto que a ideia dele na irmã é desta altura em que regressou para a família...”

Mãe: “Porque até o Tribunal tirar e não tirar levou até aos três anos veja lá. Foi raptado aos dois. E depois aos três volta a ser colocado na Instituição.”

Ψ: “Foi na mesma Instituição?”

Os dois: “Na mesma Instituição.”

Mãe: “O pai do João só o foi ver uma vez e a mãe foi umas duas vezes ou três, e a avó é que foi mais. Mas foram ver a casa e tudo, ‘tava uma desgraça...”

Ψ: “Mas sabem se era uma família nuclear?”

Mãe: “Sei, foi um grande erro da Segurança Social, embora ele ainda não saiba e possa a vir uma dia ser revoltado por causa disso, mas é assim, o João, os pais moram no [localidade], e eu moro na [localidade muito próxima da anterior]. Eu já fui abordada a princípio no Jumbo...”

Pai: “Até porque eu já ‘tive com o João praticamente quase no sítio em que ele habitou e ele não tem ideia, não se lembrou de nada, não sabia de nada.”

Ψ: “E ele morava com quem nessa altura?”

Mãe: “Com a avó, com a mãe, mas ele era fechado num quarto.”

Ψ: “E existiam irmãos antes dele?”

Pai: “Há, há. Só não percebi como é que uma mãe tão jovem tinha tantos filhos?!”

Ψ: “Era uma mãe jovem portanto.”

Pai: “Tinha 16 anos.”

Mãe: “Mas era má...muita má. Ele fazia os xixis, fazia os cocós, tanto que ao principio ele não se chegava ao pé de um cão. E ele agora gosta é de cães pequeninos, que cães grandes, ui, tem medo, põe-se ao longe.”

Ψ: “Então se calhar podemos começar por antes, de onde é que vem esta vontade de adoptar?”

Mãe: “Ele não queria, digo já, ele nunca quis...”

Pai: “A minha mulher é açoriana e partiu de, de...”

Mãe: “De uma visita que a minha prima fez surpresa.”

Pai: “Portanto, fomos passar umas férias e houve uma visita a uma instituição onde havia crianças e portanto, nessa altura houve uma criança que...”

Mãe: “Se agarrou a ele...”

Pai: “E eu fiquei sensibilizado com aquilo...”

Mãe: “Foi lhe pedir chocolates.”

Pai: “Era a J, e a minha intenção era ir lá e tentar trazê-la.”

Ψ: “Foi, portanto nessa altura, em que surgiu a ideia de adoptarem uma criança.”

Mãe: “Foi, que eu até andei às voltas para trazer a menina. Eu ao tempo que andava a pensar adoptar. Ele não, porque ele teve um colega que teve uma menina, já tinha um quartinho e tudo, e depois foram lá e tiraram a menina, mas também não ‘tava legal. Não tinha cabimento nenhum terem a menina sem estar legal. Isso nunca se faz. Apanha-se amor à criança...”

Pai: “Depois, vim p’ra cá, mesmo cá ainda tentei trazer a menina porque ela tem família lá, falei até com o padre que era o director da instituição e ele começou a pôr problemas...”

Mãe: “Não, ele disse «Por mim a criança ia já.»”

Pai: “Mas começaram a pôr muitos problemas por causa da família e tudo. E eu acabei por desistir.”

Mãe: “Eu ainda liguei para lá, mas os Doutores ‘tavam a passar férias aqui, e eles disseram que era impossível porque eu não morava lá, era uma estupidez e passado um mês saiu a lei que já se podia adoptar em qualquer sítio. Eu então aí recebi uma carta que tinha lá um menino, tinha que ser também um menino.”

Ψ: “E tinham preferência, entre um menino e uma menina?”

Os dois: “Não, não.”

Pai: “Era indiferente.”

Mãe: “Ele tinha medo, mas foi porque a minha prima fez-me esta surpresa de ir ver meninos a uma instituição e aquela menina se agarrou a ele e era muito bonita, cabelo lindo, olhos pretos, loirinha, era muito gira e agarrou-se a ele e pediu-lhe chocolates e ele foi buscar.”

Pai: “E foi a partir daí.”

Mãe: “Foi. Depois quando eu cheguei....”

Pai: “Vimos p’ra cá, fomos à Segurança Social inscrever-se. E depois, ao final de seis anos, depois de tanta espera, de tanta procura, de tantas entrevistas, já ‘tava naquela, já nem...”

Mãe: “Já nem acreditava...”

Pai: “Acabou. E um dia tocou o telefone e pronto, era o João.”

Ψ: “E na altura o que é que vos disseram do João?”

Mãe: “Disseram que era um menino, para nós irmos lá e depois fechado numa sala, assim, deram-me a fotografia...”

Pai: “Não...”

Mãe: “Não, não me deram a fotografia e mandaram-nos ler o processo do João e nós lemos tudo, e até foi ele primeiro, e eu até fiquei espantada com ele porque ele não queria e não sei quê, olhou p’ra mim e disse: «Custe o que custar, vamos fazer tudo para ficar com esta criança» e eu disse «E eu ‘tou contigo». Por causa do que ele tinha passado, nem vi fotografia nem nada, só quis saber se ele era perfeito, porque é assim se fosse meu, eu tinha que me aguentar, mas já que eu ia buscar um menino, ‘tá a perceber, Deus me perdoe, mas eu também não tinha assim aquela vida, se eu fosse riquíssima digo-lhe já, eu não sei...”

Ψ: “E portanto viram o processo dele...”

Pai: “Falamos com a Segurança Social e fez-se uma proposta que foi esta: «Vão adoptar o menino, mas ele não pode ser recusado de maneira nenhuma.»

Mãe: “Mas ela errou, ela para mim errou, nunca me disseram que o João era difícil...”

Pai: “Ele era difícil...”

Mãe: “Disseram-nos que ele não tinha nada, que era um menino bem comportado, e mentiram-me. Mas eu também não recusava que eu dizia, seja o que Deus quiser, estamos cá, nós fazemos tudo por ele, tanto na escola como aqui e estou a fazer tudo por ele, eu e o meu marido.”

Pai: “Nós aceitámos o desafio...”

Mãe: “Pois, mas podiam dizer a verdade, não é? Eu digo-lhe sinceramente, ele não andava bem na escola e os professores até deram um conselho de o pôr num colégio. O meu marido que diga o que foi naquela casa naquele dia, eu já não jantei, eu já não dormi, eu chorei tanto que no outro dia ‘tava toda inchada e era o menino a chorar, tadinho, «eu não quero ir, eu não quero ir». E eu disse ao meu marido «os professores não têm nada que te ligar para te dar esses conselhos». Então se eu fui buscar a criança a uma Instituição, que passou tanto, ia agora fazer uma coisa dessas? Atão mas o que é isto?! O miúdo não sai daqui, há-de ser o que Deus quiser, nem admito a mais ninguém que me diga isso!

Ψ: “E como é que foi o primeiro contacto, quando conheceram o João?”

Mãe: “Não passou muito tempo...”

Pai: “Não, foi logo.”

Mãe: “Depois de ver a fotografia e tudo...”

Pai: “Marcámos um encontro e o encontro foi no Fórum.”

Mãe: “O encontro foi lá, com elas.”

Pai: “Fomos fazer uma visita ao Fórum com ele. Depois, ele gostou, considerou-nos logo os pais, começou a logo chamar e tudo...”

Mãe: “Foi logo no primeiro dia. Pai. Ele até disse quando chegou à Instituição, «Quando é que vêm os meus pais novos?». Este viu logo quem era, porque viu-o a espreitar mais a Dr.^a. Eu não, pensei que fosse uma das crianças que ‘tava a comer na mesa. E ele já ‘tava despachadinho e tudo. Parece que o ‘tou a ver, sempre ‘teve aquele jeitinho, deitado no sofá e a gente foi logo lá ter.”

Pai: “Ele veio para nós no dia 25 de Abril e depois fui lá levá-lo à noite. E no dia 27 de Abril recebo um telefonema. No dia 27 de Abril passou o dia connosco.”

Ψ: “De qualquer das formas o importante é como se sentiram nessa altura...”

Mãe: “Ah, foi uma alegria. Ele é um menino muito bonito...”

Pai: “Foi logo um encanto à primeira vista.”

Ψ: “Tinham idealizado algum tipo de criança?”

Mãe: “Não, não, por causa disso é que muitos pais estão tanto tempo à espera.”

Ψ: “Quando decidiram adoptar o que é que tinham em mente?”

Mãe: “Eu pedi um menino ou uma menina, o que viesse, mas que viesse com saúde, pronto, podia ser russa, inglesa, portuguesa, o que fosse.”

Ψ: “E na sua imaginação, o que é que lá estava?”

Mãe: *(sorri)* “Na minha imaginação, sem ver a fotografia nem nada, só de ler o processo, pensei: «Este menino já passou tanto, não merece ter uns pais? Oh pá, vai ser o que Deus quiser.». E estávamos os dois um com o outro, sempre fomos felizes. Fomos buscar o João para completar a felicidade. O João veio para mim, começou a comer debaixo da cama, fugia para debaixo da cama.”

Ψ: “E como é que estava o João em termos do desenvolvimento, da locomoção, da fala?”

Mãe: “Sim, sim, normal. Era só a maneira de ser dele...”

Pai: “O comportamento...”

Mãe: “Sim, o comportamento.”

Pai: “O comportamento dele não é, não é...100%...”

Mãe: “Mas digo-lhe uma coisa, seis anos que o João ‘tá comigo, o João ao fim de uma semana se fosse preciso já não ‘tava com outro casal.”

Ψ: “Acha que ele se apegou logo muito a vocês, é isso?”

Mãe: “Ele apegou-se muito a nós, mas nem é por isso. Eu conheço uma senhora que adoptou uns irmãos, e eles no início ‘tavam assim, muito agitados e isso. Ao fim de uma semana não ficou mais com eles...”

Pai: “Não suportaram, não é?”

Mãe: “Foram-se embora, ela meteu-os lá. Eu não sou assim.”

Ψ: “E existiu essa hipótese, de terem adoptado os dois irmãos?”

Mãe: “Não, não, porque é assim... E daí, se fosse possível, a gente se calhar até trazia. Só que quando nós fomos buscar o João já a irmã do João tinha sido adoptada por um casal de [*Concelho distante*], que e já liguei para eles, ela perguntou como é que eu sabia o nome deles e eu disse-lhe que visse no processo da menina que deviam estar os meus dados assim como eu tinha os dela no processo do João, para os irmãos poderem comunicar.”

Ψ: “E eles mostraram-se receptivos a essa ideia?”

Mãe: “Não.”

Pai: “Eu já tentei ligar e eles não...e o João de vez em quando dá-me isso em cara.”

Mãe: “O João dá-me isso em cara: «Vocês não querem que eu veja a minha irmã». eu acho que isso é chantagem...”

Pai: “Eu digo-lhe que um dia vamos conseguir, um dia vamos conseguir. Eu digo-lhe sempre: «O pai já te disse o que é que se passou, aconteceu isto assim, assim... Agora o que é que tu fazias? Eu não sei onde é que eles moram, tenho muitas portas p’ra bater»...”

Mãe: “Eu ainda quero ir a [*localidade*], e um dia destes vou, só que em vez de ligar de casa, não, e se tiver a morada deles, ponho-me à porta e ligo para aquele número.”

Pai: “Um dia, nas férias, quem sabe... Vamos dar uma voltinha e pode ser que apareçamos de surpresa.”

Ψ: “E que modificações é que o João trouxe à vossa dinâmica familiar, à vossa relação como casal, às vossas rotinas?”

Mãe: “Ah, foi uma volta de 500, 800 graus para mim, mudou a nossa vida. Nós sempre saímos muito, agora não sou capaz de ir a algum lado sem o meu filho, eu e o meu marido. Eu, por exemplo, se fizer anos de casada, sei lá, às vezes precisamos de ter o nosso espaço, um com o outro, ir jantar fora, eu não sou capaz de deixar o meu filho, não sou, vai connosco. Atão a gente vai buscá-lo para ele ficar com outros?!”

Pai: “A diferença foi que parece que nos unimos ainda mais (*riem-se*)...”

Mãe: “Agora é tudo p’ró filho, tudo p’ró filho, abrimos uma conta p’ra ele, mas o João não mexe sem ordem minha.”

Pai: “O abono vai para lá, é dele.”

Mãe: “O abono e mais dinheiro que a gente põe. Pronto, a gente somos unidos, somos, mas pronto, mudou um bocadinho, há sempre aquela coisa, somos muito felizes, graças a Deus, mas o João tem-nos dado tanta ralação, tanta ralação.”

Pai: “Mas ele comigo dá-se muito bem, eu para ele sou, sou... Com a mãe é diferente, talvez porque foi a mãe que lhe fez mal.”

Mãe: “Mas para pedir alguma coisa ou assim é comigo, o pai não lhe faz as vontades como eu... Ele também me abraça muito...”

Ψ: “E em termos de suporte social, de família extensiva por exemplo, os senhores têm família por perto?”

Pai: “Temos, temos... É tudo perto.”

Mãe: “Oh sim, o João tem tudo. Aos sábados e domingos, a minha sogra 'tá numa quinta e nós vamos para lá todo o dia, comer e beber.”

Pai: “E ele 'tá sempre a perguntar: «Quando é que vamos à avó, quando é que vamos à tia?».”

Ψ: “E como é que foi com o João e esta família nova?”

Mãe: “Foi logo, foi logo. Com a minha sogra foi avó, logo no primeiro dia: «Olá avó.».”

Pai: “É uma família.”

Mãe: “E a reacção deles a mesma coisa. Com os primos então... O meu sobrinho, primo dele, tem 20 anos, é tal e qual o João, e o outro primo, é professor de educação física, é como se fosse psicólogo dele. É muito calmo, fala com ele: «eu não quero que faças mal à minha tia, não quero que a enerves, porque eu nunca fiz mal à minha tia, nem eu nem o meu irmão, e tu, 'tás a fazer isso à tua mãe». Que eu fazia-lhe as vontades todas, comprava-lhe tudo como se fosse um filho, agora não, mas também já tem 24 anos.”

Pai: “Somos mesmo uma família!”

Mãe: “Desculpe lá, mas há uma coisa que nós temos que, eu já disse ao meu marido, que eu já reparei, o João é muito meigo, é a verdade, o João é muito meigo, mas é reguila, só que eu acho que o mal todo que 'tá com o João é com a escola e é comigo. Quando vai p'ra qualquer lado, se eu comprar uma peça de roupa para mim, tenho que comprar para ele, se eu comprar uns sapatos p'ra mim, tenho que comprar para ele, mas é só comigo, pede-me tudo a mim, e eu tenho-lhe feito sempre as vontades, 'tá aqui ele que diga. E o pai não faz um quarto.”

Pai: “O João até na escola, o comportamento dele com mulheres, com a parte feminina, é pior, é revoltante p'ra ele...”

Mãe: “Agora já 'tá melhor...”

Pai: “Eu já apresentei isso aos professores e eles concordaram comigo...”

Mãe: “Mas 'tá melhor.”

Pai: “O comportamento dele com professoras é pior...”

Mãe: “Ele veio p'ra nós 'tava na primeira classe, lá na Instituição, mas não fazia nada, a professora metia-o a um canto...”

Ψ: “E já fez o último período convosco, noutra escola...”

Os dois: “Sim.”

Pai: “O pouco tempo que ele 'teve com o professor notou-se logo...”

Mãe: “Nem sabia fazer o A, o U, nem nada. Ele também era péssimo, livros rasgados, tudo, mas sentia-se desprezado. Em vez de o apoiarem, não, puseram-no a um canto.”

Pai: “Ela não tinha capacidade para lidar com ele...”

Mãe: “Não tinha mesmo...”

Pai: “E eu digo-lhe mesmo, quando o João veio, era difícil qualquer pessoa lidar com ele. O João ao princípio deu-nos um trabalhão! O João fazia-me passar dos carretos, nem imagina. Era mesmo de desistir, mas eu disse «não», eu aceitei este desafio, ele não há-de ser mais teimoso do que eu!”

Mãe: “Ao princípio chorámos lágrimas de sangue com ele.”

Pai: “Eu não tenho vergonha de dizer: bater no João tive que lhe bater, não ia lá de outra maneira, não ia lá com palavras, e castigar o João, mas ele não aceitava os castigos, foi muito difícil...mas, tenho meia luta ganha.”

Mãe: “Mas ainda hoje, o João não gosta muito de regras. Se eu disser: «João, não vai ao computador.», eu saio e ele já ‘tá no computador. Chegou-me a empurrar, eu cheguei a ‘tar negra porque o João, era braços e pernas.”

Ψ: “E é diferente em relação à mãe e ao pai?”

Pai: “Sim, sim, a diferença é no comportamento.”

Mãe: “No comportamento havia.”

Ψ: “E quando ele veio para casa, tinham um quarto pronto para ele...”

Mãe: “De início não tínhamos, mas depois as Dr.^{as} não se calavam «tem que ter um quarto, tem que ter um quarto», mas eu vi que tinha que tirar o móvel da sala, que era tão gira a minha sala, p’ra fazer um quarto p’ó João, e ficou muita giro, é maior que esta sala.”

Pai: “E também não demorou muito...”

Mãe: “Não, foi um mês, e depois compramos a mobília dele, foi logo, teve tudo.”

Ψ: “E o que é que ele achou do quarto?”

Mãe: “Ficou todo contente. Depois meti lá o computador. Ele aprende sozinho, o João é inteligente. Eu continuo a dizer, o problema que eu tenho no João é ele não gostar de regras e queria que ele se aplicasse à escola e não faltasse às aulas, e por mim o João ‘ta curado!”

Ψ: “São as suas maiores preocupações...”

Mãe: “É.”

Ψ: “E o pai?”

Pai: “O João ainda na semana passada faltou a duas aulas. É que ele vai à escola mas não vai às aulas...”

Mãe: “Ele tem o Ensino Especial.”

Pai: “Eu também digo aos professores, o que é que os pais podem fazer? Eu não estou lá, eu não posso deixar de trabalhar para ir tomar conta do João, pegar no braço do meu filho e levá-lo às aulas. O João ‘tá no Ensino Especial, depois de muitas reuniões, porque o João não tem nenhum atraso, mas o Ensino Especial não é só para meninos atrasados. O João como era adiantado, era avançado demais, que o João não parava, também tem que ter o Ensino Especial. Houve lá uma

situação com uma professora, que o João agrediu um colega, e a professora não os conseguiu separar, e ela queria que eu fosse imediatamente...”

Mãe: “Ele cega, o João cega...”

Pai: “E eu disse-lhe: «Oh minha Sr.^a, a Sr.^a sabe onde eu estou para me dizer uma coisa dessas? Desculpe lá, mas a Sr.^a não tem capacidade para ser professora»...”

Mãe: “Foi há coisa de três meses, antes do Ensino Especial.”

Pai: “Eu levo duas horas a chegar aqui, que eu não tenho transporte próprio, «Tou-lhe a dizer que a Sr.^a já me está a enervar, a Sr.^a não tem capacidade para ser professora. São vocês professores a fazer alguma coisa, não sou eu.». Depois lá me pediu desculpa, eu também lhe pedi desculpa que ela enervou-me. Depois, sentamo-nos todos, reunimos, e lá acharam que devia ter o Ensino Especial, que eu já tinha dito que ele precisava de qualquer coisa. Ele teve um psicólogo, ao fim de três meses eu achei que ele ‘tava mais ou menos...”

Mãe: “Foi a pagar, particular...”

Pai: “Deixa-me concluir. Teve um psicólogo na escola, e enquanto andou lá no psicólogo achei que fazia menos avarias, mas acabou o contrato e ele teve que ir embora. E a partir daí, desmoronou, ficou muito pior do que o que estava, o João sentiu-se. É como quando estamos a domesticar um animal, depois ele ainda não ‘tá domesticado, damos-lhe liberdade ele fica ainda mais selvagem do que o que estava.”

Mãe: “E prometeram-nos mundos e fundos...”

Pai: “Na escola. «Ah e vai haver, vai haver.», nunca houve. E eu disse: «Meus amigos, ou o João entra num sistema aqui na escola, ou então, vocês não o seguram, eu não o seguro...», tinha que se fazer alguma coisa.”

Mãe: “Isto foi já no quinto ano, que eu ‘tava transplantada, não podia sair de casa...”

Pai: “Ele repetiu o quinto ano.”

Ψ: “Então como vieram parar à Unidade, o que vos fez procurar ajuda?”

Mãe: “Porque foi assim: ele andava numa consulta pelo particular, uma psicóloga que era espectacular, mas era 70 e tal euros e a gente não podia. E eu marquei uma consulta para o hospital para o João, para a obesidade, que o João engordou muito.”

Ψ: “E desculpe interromper, mas quando procuraram essa psicóloga, foi por vossa iniciativa...”

Mãe: “Foi, foi, quer dizer, a minha cunhada que é cabeleireira e disse-me para ir lá por causa dos comportamentos do João, que ela conhecia a Dr.^a. Foi a partir do Garcia da Orta, da obesidade, que eu procurei à Dr.^a uma consulta de psiquiatria ou de psicologia que ele ‘tava a precisar e não tinha um acompanhamento de semana a semana. E ela disse: «Deixe lá que a gente vai já tratar de marcar isso.», e foi assim. Marcaram para aqui, e eu falei com esta pedopsiquiatra porque na escola disseram que ele não tinha direito ao Ensino Especial, mas a Dr.^a disse que sim, que ele tinha direito, que ele era um menino adoptado, que já trazia problemas de maus-tratos. Ele era um menino muito meiguinho, mas tinha um problema, dizia aos meninos todos que era adoptado. E eu dizia-lhe sempre: «Oh João, tu não estejas sempre a dizer que és adoptado, porque eles depois começam-te a tratar como inferior». Mas ele dizia, coitadinho. Então ele jurou que...os outros começavam a insultar e a provocá-lo, e a chamar nomes aos pais dele, e a professora castigava-o a ele, que ele chorou tanto na razão dele, que disse: «Tu vais pagá-las». O

João ‘tá no Karaté, o João não mede as forças que tem, esperou por ele, rebentou-lhe a boca toda, «Agora vai dizer ao teu pai porque é que eu te deixei assim. Chamaste nomes à minha mãe, e eu não admito». E ele não admite mesmo. Ainda no outro dia houve um que agarrou nele, atirou-o ao chão e começou-lhe a dar pontapés na cabeça. Ora, eu não posso correr por causa do coração, eu saio disparada pela porta, ceguei. Agarrei no miúdo, ele espalhou-se logo. É que eu vi tudo! «Se tu mais tocas no João, ‘tás feito comigo! Não é comigo, é com o pai dele!».

Ψ: “E como é em relação aos amigos, o João tem amigos preferenciais?”

Pai: “O João...”

Mãe: “O João tem, mas provocam-no...”

Pai: “Mas o João também tem um problema, é um bocadinho provocador. Entra muitas vezes numa de gozo. Eu conheço o João. O João é muito provocador, e por vezes na escola é natural que haja essas coisas, e não é só o João, os miúdos são assim...”

Mãe: “São cruéis...”

Pai: “São mal-educados...”

Mãe: “Preferência em amigos ele já não tem...”

Pai: “Ele não tem amigos na escola.”

Mãe: “É que além dele ser muito provocador, ele foi muito maltratado, e depois o João tem que se defender, ele é que é o mau da fita...que eu vou ver o meu filho à escola sem ele saber. E os professores também têm muita culpa, porque eles sabem que é que começa. O João com os professores não tem nada, é com as professoras que não têm categoria para lidar com o João.”

Ψ: “Ele está a fazer algum tipo de medicação?”

Mãe: “‘Tá, ‘tá, que a Dr.^a receitou uns comprimidos que ele já ‘tá a fazer.”

Ψ: “E ele é receptivo à medicação, ele sabe porque é que está a tomar?”

Pai: “Sim, ele toma tudo.”

Mãe: “Sabe, sabe... Mas coitadinho, ele paga muito sem ter feito nada.”

Pai: “Mas ele já está referenciado, é mais fácil...”

Ψ: “Em termos das rotinas, quem é que o costuma acompanhar, como se organizam em função do João?”

Mãe: “Sou eu, vou pô-lo e vou buscá-lo. Ele depois tem o Futebol e o Karaté...”

Ψ: “Portanto ele tem algumas actividades extracurriculares durante a semana.”

Pai: “Tem porque eu tive mesmo que o ocupar. Ao fim de semana às vezes tem os jogos de futebol, anda de bicicleta.”

Mãe: “Ele gosta muito de sair, ir ao parque... Estamos com a família ao domingo, esta rotina também é cansativa, mas também precisa de ter tempo para ele. Ele também nunca teve nada disso. Ir passear, ir a um parque...”

Pai: “Mas ele também não pode ter tudo, tem que ser coisas devagar. É muito fácil as coisas caírem do céu sem ter o menor esforço. Ele é chantagista, eu também sou, «portaste-te mal, vais ser castigado».”

Ψ: “O que é que ele mais gosta de fazer?”

Mãe: “Se ‘tiver em casa é computador, se eu tiro há guerra, chora, pontapeia sozinho...porque ele também não pode estar sempre naquilo.”

Ψ: “O João teve ou tem alguma doença física?”

Mãe: “Não, não...”

Pai: “Não, é um menino saudável. Pelo menos connosco nunca teve.”

Mãe: “O problema do João é concentração e de resto, ‘ta tudo bem p’ra mim. «Tu estuda, tem boas notas, tens tudo, tem consola, tens Wii, tens tudo e não brincas com nada, é triste não é João?». Ele agora diz que tem lá um jogo, mas eu acho que ele ‘tá a mentir.”

Pai: “Ele é muito mentiroso, é muito.”

Mãe: “Ele já joga com os professores e comigo. Que eu já avisei os professores, e eu não tenho problemas que os professores lhe dêem um puxão de orelhas. Eles é que ‘tão o dia inteiro com ele na escola.”

Pai: “O João é capaz do melhor e do pior também.”

Mãe: “E em termos da alimentação come, eu é que tenho de lhe cortar, come tudo!”

Pai: “O João é muito guloso. O João não é esquisito no comer. Tem muito apetite.”

Mãe: “Eu acho que quando ele se enerva mais ele come.”

Ψ: “Para terminarmos então...”

Pai: “O João tem fases, em temos do estado de espírito. E é muito ciumento...”

Mãe: “Agarra-se a mim, abraça-se a nós «eu amo-vos muito, vamos ser felizes?», «vamos ser felizes filho». Eu acho que o João tem partes que é muito criança e partes que é mais adulto.”

Pai: “Tem partes em que ‘tá muito desenvolvido até...”

Mãe: “Naquela coisa da puberdade... Até já está a criar um bigodezinho.” *(sorri)* “Eu às vezes digo: «Oh João, tu um dia vais querer conhecer os teus pais?», «Não, o meu pai deixou-me, este é que é o meu pai». «Oh João, o teu pai ficou com pena de ti na altura mas também nunca quis saber de ti. Se o teu pai fosse um pai verdadeiro tu hoje estavas com ele.». O João tem muitos mimos. Eu para mim o mimo não tem nada a ver com o comportamento dele. Então um menino que já foi tão maltratado.”

Pai: “Tenho lá os meus vizinhos, eles sabem dar o valor àquilo que temos sofrido, não tem sido fácil. Mas a luta compensa. Eu só quero que quando crescer diga: «Se eu hoje sou homem, posso agradecer aos meus pais.». Isso já é bom, e chega.”

Ψ: “Pronto, ficamos então por aqui. Muito obrigado por terem aceite participar e pela vossa disponibilidade.”

Resultados individuais - Statistical Package for Social Sciences (versão 19)

Dados sociodemográficos:

- Nível de Graffar: 3;
- Escolaridade dos pais: Mãe – Ensino Básico Preparatório, Pai – Ensino Primário;
- Antecedentes psiquiátricos: Mãe – acompanhamento anterior;
- Situação relacional parental: Casados;
- Situação profissional parental: Mãe – reformada, Pai – empregado.

Nota: Refere-se que o reduzido número de participantes não permitiu conduzir testes estatísticos que indiquem se as diferenças manifestas são ou não significativas, pelo que a análise realizada aos dados obtidos é meramente descritiva.

Resultados da Escala de Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo dos pais - EMBU-C

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
EMBU_Suporte Emocional_Mãe	1	3,50	3,50	3,5000	.
EMBU_Rejeição_Mãe	1	1,88	1,88	1,8750	.
EMBU_Tentativa de Controlo_Mãe	1	2,90	2,90	2,9000	.
EMBU_Suporte Emocional_Pai	1	3,50	3,50	3,5000	.
EMBU_Rejeição_Pai	1	1,88	1,88	1,8750	.
EMBU_Tentativa de Controlo_Pai	1	2,90	2,90	2,9000	.
Valid N (listwise)	1				

Resultados do Questionário de Coparentalidade – percepção do pai

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Coparentalidade_Cooperaçã o_Pai	1	4,80	4,80	4,8000	.
Coparentalidade_Triangulaçã o_Pai	1	1,00	1,00	1,0000	.
Coparentalidade_Conflito_P ai	1	2,40	2,40	2,4000	.
Valid N (listwise)	1				

Resultados de Coparentalidade – percepção da mãe

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Coparentalidade_Cooperaçã o_Mãe	1	4,80	4,80	4,8000	.
Coparentalidade_Triangulaçã o_Mãe	1	1,00	1,00	1,0000	.
Coparentalidade_Conflito_ Mãe	1	2,20	2,20	2,2000	.
Valid N (listwise)	1				

Análise

Os resultados do Questionário de Coparentalidade dos pais de João reflectem a mesma tendência dos anteriormente analisados em Afonso, já que tanto a mãe como o pai indicam que a dimensão de *Cooperação* é a que mais se salienta na sua relação parental conjugal (mãe: 4,8; pai: 4,8), seguida da dimensão de *Conflito* (mãe: 2,2; pai: 2,2), a qual precede a última e menos valorizada, *Triangulação* (mãe: 1,0; pai: 1,0). Neste sentido, estes pais indicam sentir existir respeito mútuo enquanto tal, valorizando-se e aceitando-se um ao outro, ainda que paradoxalmente admitam também com alguma relevância a existência de conflitos conjugais em torno da parentalidade, nomeadamente no que concerne à frequência com que os pais discutem ou estão em desacordo acerca do filho, aspecto que nos pareceu bastante evidente na entrevista com os pais, na qual as divergências eram consideráveis.

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção da mãe sobre si própria

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Mãe_Mãe	1	4,53	4,53	4,5333	.
Estilo autoritário Mãe_Mãe	1	2,83	2,83	2,8333	.
Estilo permissivo Mãe_Mãe	1	2,60	2,60	2,6000	.
Valid N (listwise)	1				

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção da mãe sobre o pai

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Mãe_Pai	1	4,60	4,60	4,6000	.
Estilo autoritário Mãe_Pai	1	2,50	2,50	2,5000	.
Estilo permissivo Mãe_Pai	1	2,80	2,80	2,8000	.
Valid N (listwise)	1				

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção do pai sobre si próprio

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Pai_Pai	1	4,60	4,60	4,6000	.
Estilo autoritário Pai_Pai	1	2,83	2,83	2,8333	.
Estilo permissivo Pai_Pai	1	2,20	2,20	2,2000	.
Valid N (listwise)	1				

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção do pai sobre a mãe

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Pai_Mãe	1	4,87	4,87	4,8667	.
Estilo autoritário Pai_Mãe	1	2,33	2,33	2,3333	.
Estilo permissivo Pai_Mãe	1	2,80	2,80	2,8000	.
Valid N (listwise)	1				

Análise

A partir da observação das respostas dos pais de João ao Questionário de Dimensões e Estilos Parentais, os resultados da percepção do pai e da mãe sobre si próprios revelam valores muito expressivos na dimensão *Autoritativo* (μ = pai: 4,60; mãe: 4,53), bem como a percepção que estes têm sobre o estilo parental do seu cônjuge (μ = pai sobre a mãe: 4,86; mãe sobre o pai: 4,60). Ainda de referir é o facto de o pai perceber a esposa como mais permissiva (μ = 2,8) do que autoritária (μ = 2,33), contrariamente ao que percebe acerca do seu próprio estilo parental. Curiosamente, a mãe parece rever-se mais num registo autoritário (μ = 2,83) do que permissivo (μ = 2,60), avaliando, por outro lado, o seu cônjuge como mais permissivo (μ = 2,8) do que autoritário (μ = 2,5).

Resultados da Escala de Preocupações Parentais

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
PP_Problemas familiares e preocupações escolares	1	5,13	5,13	5,1250	.
PP_Desenvolvimento Infantil	1	4,00	4,00	4,0000	.
PP_Comportamentos negativos	1	3,50	3,50	3,5000	.
PP_Preparação	1	6,00	6,00	6,0000	.
PP_Medos	1	5,00	5,00	5,0000	.
Valid N (listwise)	1				

Análise

Atendendo aos resultados na Escala de Preocupações Parentais, as preocupações mais evidenciadas pelos pais de João são as que remetem para o grau de *Preparação* ($\mu= 6$) do seu filho para situações do quotidiano escolar e familiar, a par das apreensões que demonstram relativamente à existência de *Problemas Familiares e Dificuldades Escolares* ($\mu= 5,12$) - ainda que nos pareça que esta elevação se deva maioritariamente às respostas no índice de dificuldades escolares.

Resultados do Questionário de Práticas Parentais

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_ Disciplina Rígida	1	3,00	3,00	3,0000	.
Práticas Parentais_ Disciplina Rígida para a Idade	1	3,33	3,33	3,3333	.
Práticas Parentais_ Disciplina Inconsistente	1	2,67	2,67	2,6667	.
Práticas Parentais_ Apropriada	1	4,38	4,38	4,3750	.
Práticas Parentais_ Expectativas Claras	1	2,00	2,00	2,0000	.
Práticas Parentais_ Monitorização	1	2,78	2,78	2,7778	.
Práticas Parentais_ Parentalidade Positiva	1	2,80	2,80	2,8000	.
Valid N (listwise)	1				

Análise

Ao serem questionados acerca de quais as estratégias e práticas a que mais recorrem no desempenho do seu papel parental, os pais de João admitem que privilegiam a utilização de *Disciplina Apropriada* ($\mu= 4,37$), a qual inclui discutir com o filho um comportamento desadequado da criança, tentando perceber o motivo pelo qual aconteceu, ainda que utilizando, também, comportamentos tipificados como constituintes de um regime de *Disciplina Rígida para a Idade* ($\mu= 3,33$), entre os quais se encontram os comportamentos expresso nas afirmações “Às vezes é preciso zangarmo-nos a sério com os nossos filhos para os ensinarmos a comportarem-se.” ou “As crianças aprendem melhor quando não sabem qual o castigo que os espera pelo seu mau comportamento.”.

Caso Tomás

História clínica

Tomás, actualmente com oito anos e três meses, vem à unidade de Pedopsiquiatria do Hospital Garcia de Orta, referenciado pela Creche, tendo iniciado acompanhamento pedopsiquiátrico desde meados de 2010, permanecendo actualmente em acompanhamento psicológico semanal desde Dezembro de 2010.

Na origem do pedido efectuado pela escola, aos 5 anos, encontravam-se importantes dificuldades ao nível do desenvolvimento grafo-expressivo bem como grande imaturidade e inquietude psicomotora.

Neste sentido, no ensino pré-primário, e por sugestão da educadora, aos 5 anos de idade, Tomás realizou uma avaliação clínica já que foram identificadas dificuldades diversas ao nível das competências pessoais e sociais. Era descrito pela educadora como uma criança reservada que revelava uma baixa auto-estima, contudo participativa e colaborante, ainda que com dificuldades ao nível da memorização, da atenção, concentração e representação e expressão gráficas, já que a criança não conseguia escrever o próprio nome nem se ingressava por tarefas que incluíssem a produção gráfica (e.g. desenhos).

Foi referenciado pela escola que frequenta desde o primeiro ano de escolaridade para o Grupo de Educação Especial para observação e avaliação, sendo na altura caracterizado pela professora como uma criança “imatura”, “muito infantil”, com dificuldades em termos da autonomia e responsabilidade, e com um discurso “pouco perceptível”, recorrendo sistematicamente à docente na procura de suporte, caso contrário “dispersa-se e começa assobiar, perturbando os outros colegas”. A área onde revela maior comprometimento é Língua Portuguesa, visto que o Tomás apresentava “muitas dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita”, ao nível da articulação e “pouca maturidade para as aprendizagens”. Na altura foram adoptadas estratégias de ensino individualizado com recurso a matérias mais lúdicas que permitissem captar a atenção da criança.

Os dados anamnésicos indicam que se tratou de uma gravidez de risco, vigiada, porém não planeada, com a duração de trinta e oito semanas, nascendo a criança com 2,960 quilogramas e 47 centímetros de comprimento.

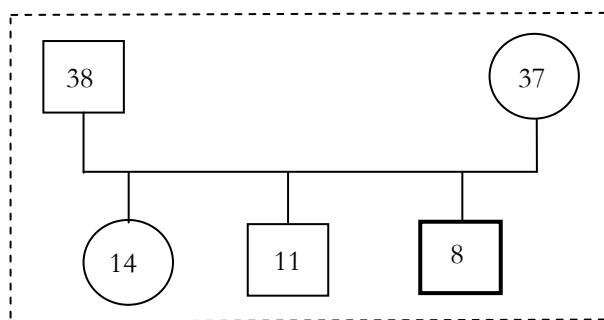
De acordo com informações mencionadas pela mãe, o funcionamento familiar é condicionado por grandes períodos de ausência paterna, por motivos profissionais (motorista de autocarros turísticos). Relativamente ao desenvolvimento psicomotor da criança verifica-se que, em termos das competências motoras, a locomoção foi conseguida no tempo expectável (entre um ano e um ano e meio de idade), porém destacam-se importantes dificuldades na articulação

das palavras, tendo a criança começado a falar tardiamente (pais não mencionam com certeza a idade em que tal aconteceu) e no controlo esfíncteriano, com enurese nocturna que se prolongou até ao primeiro ano de escolaridade (aproximadamente seis anos).

Relativamente à dinâmica familiar, Tomás é o filho mais novo de uma fratria de três, tendo uma irmã de 15 anos e um irmão de 12, os quais, segundo o processo clínico da criança, por questões de ordem temperamental, comportamental e dificuldades escolares, são igualmente acompanhados na Unidade de Pedopsiquiatria. Tomás esteve aos cuidados da mãe até ao primeiro ano de vida, e até aos cinco anos ao cuidado da avó paterna, momento em que ingressou no ensino pré-escolar, segundo a mãe com boa adaptação. O pai concluiu o segundo ciclo de escolaridade e a mãe o terceiro ciclo.

Em avaliação cognitiva realizada recentemente verificou-se que, atendendo aos resultados obtidos na Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças (WISC-III), Tomás apresenta um perfil cognitivo heterogéneo e bastante desarmónico, com resultados globais que o situam muito abaixo da média esperada para o grupo etário, verificando-se alguma discrepância entre os resultados da escala verbal (com valores muito inferiores à média etária) e da escala de realização (com valores no limite inferior da média para a idade).

Genograma



Observação geral

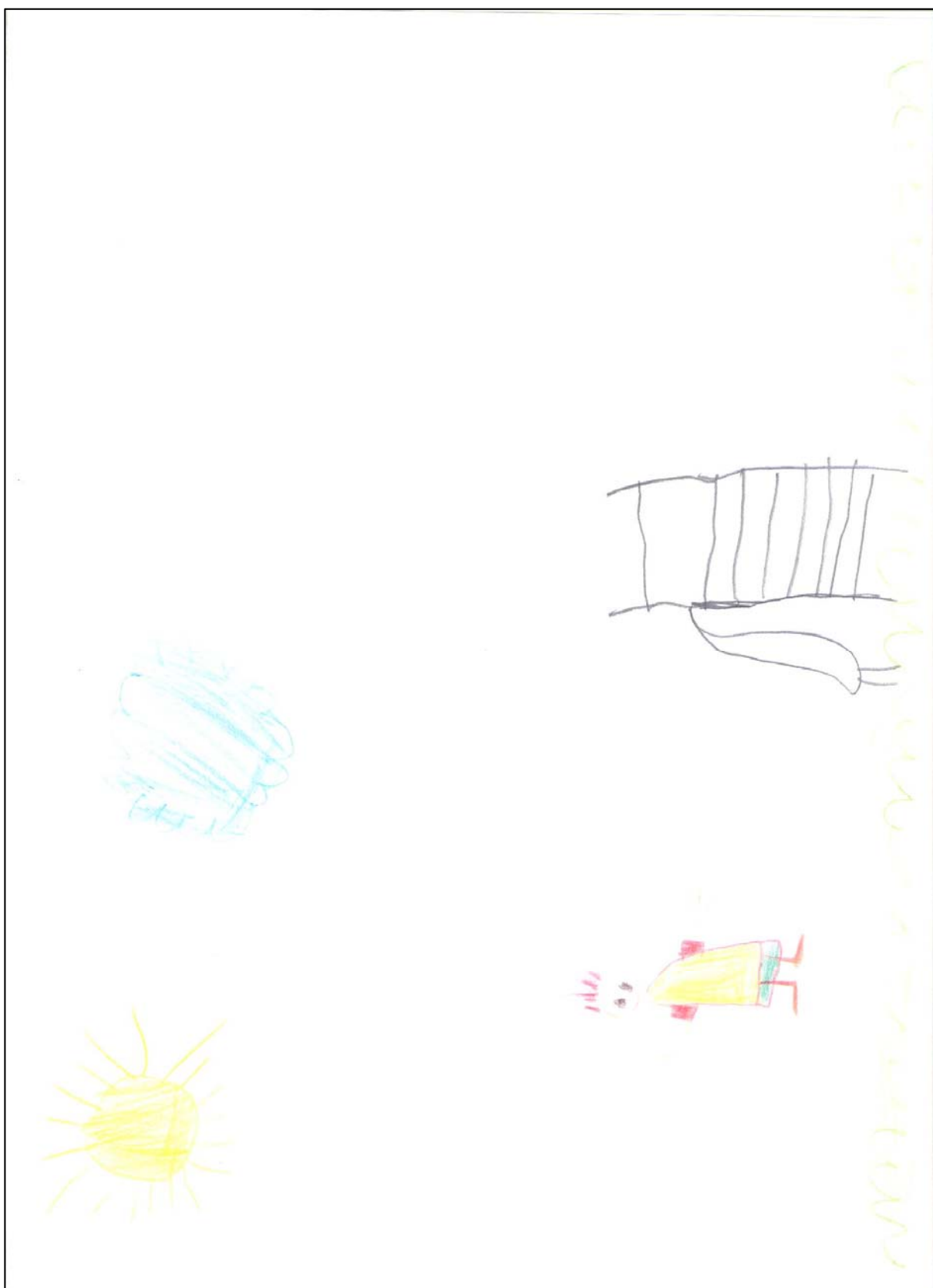
Trata-se de uma criança com um desenvolvimento estato-ponderal concordante com a sua idade cronológica, de apresentação cuidada e contacto agradável, simpático, expressivo, comunicativo e apelativo. Estabelece um contacto algo indiferenciado e exhibe um nível de compreensão e uma verbalização significativamente imaturos, com um discurso espontâneo, porém por vezes de difícil compreensão e um pouco idiossincrático, dada a grande imaturidade apresentada e as dificuldades articatórias ao nível da linguagem. Durante o período de avaliação Tomás revelou-se interessado e cooperante, com uma atenção captável e um comportamento adequado, ainda que com alguma irrequietude psicomotora, particularmente perante situações de

insucesso nas quais se deparava com dificuldades ao nível da realização das mesmas, sendo necessário reforçar as suas competências para que prossiga e sinta menos ansiedade.

Entrevista

Na entrevista procurou-se deixar a criança o mais confortável e tranquila possível, para que pudesse falar um pouco de si antes da recolha dos dados para a investigação. Começa por contar-me que na escola “é muito bom, ‘tôu a fazer a letras bem, às vezes ainda faço a letra grande. Não tenho ‘tividades e isso”, indicando que Matemática é a sua disciplina favorita, bem como Estudo do Meio. Quando procuro que fale um pouco acerca dos seus amigos refere que são agressivos consigo, “dão-me porrada, alguns são maus e outros não, deram-me um pontapé e vomitei na escola”. Conta que tem uma namorada, que foi ao seu lanche de aniversário, com a sua família. Em casa indica que “as coisas correm assim-assim”, mas não consegue explicar porquê, referindo apenas as cores associadas a cada comportamento. Refere-se ao pai dizendo que se encontra de castigo porque estragou o comando da televisão, e à mãe indicando que “às vezes chateia-me e depois ela deixa-me fazer tudo, tudo, tudo.”. Quando for grande Tomás diz que gostaria de ser bombeiro, polícia, doutor (“poque gosto de ajudar as pessoas”), professor e numa obra (“arranja-se, monta-se tudo”). Indica que dorme bem mas tenho “pobema no naiz, então sorrono”, contando-me um sonho: “Há muito tempo eu sonhei que ‘tava monstros, vi uma mão na janela, as calças do mano parecia pena goda, mortos-vivos, múmia, muito assustador.”. Neste sentido diz ter medo de filmes de terror, “já fiz xixi na cama muito tempo, após os filmes, e já vomitei após comer muita coisa”. O que Tomás indica como actividades preferenciais jogar “os jogos meus, poque o meu irmão agora os tempos não deixa, poque ele é egoísta, muito egoísta”.

Desenho livre



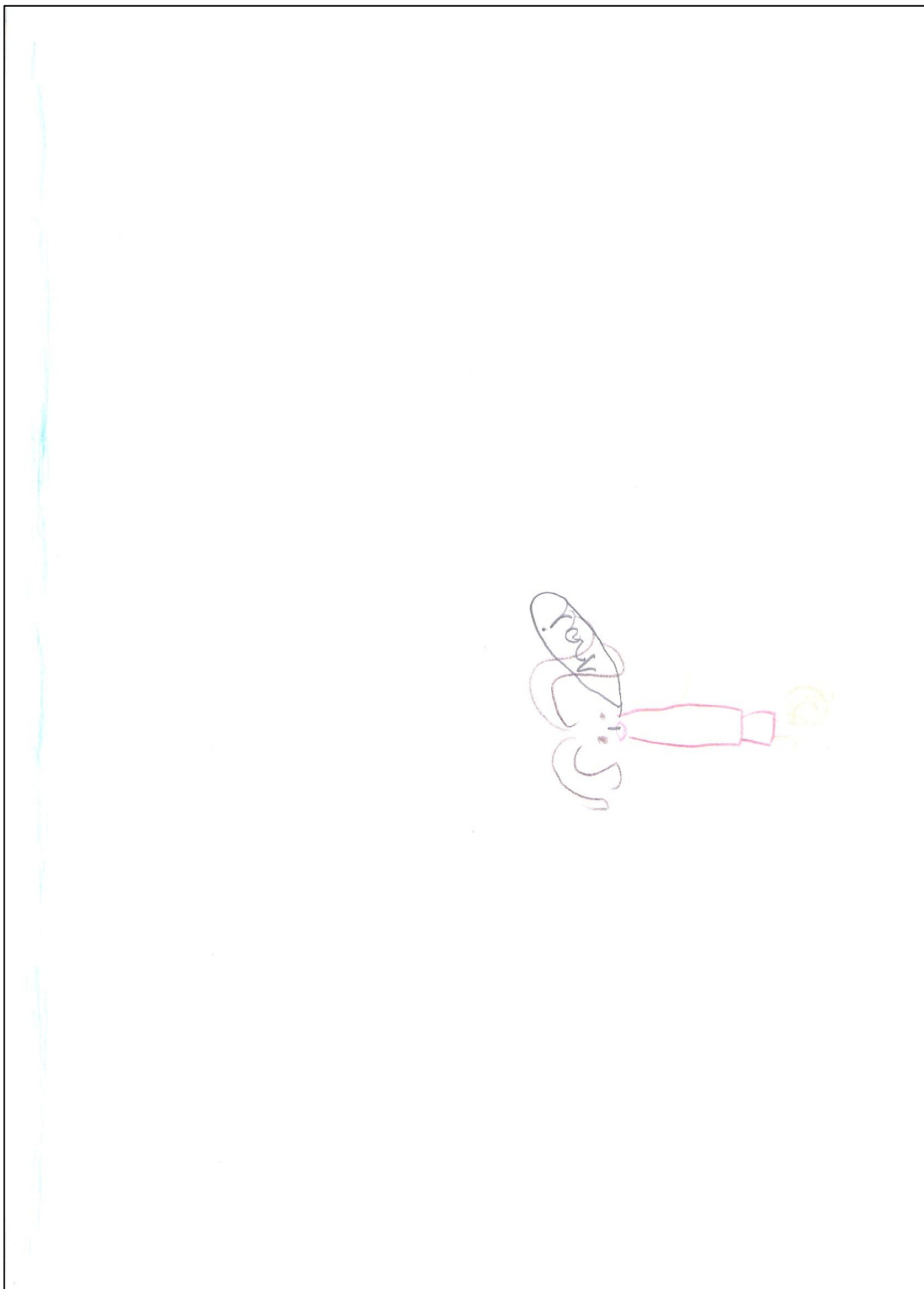
História

“Sou eu, ‘tou a ver a relva, as nuvens e o sol, o sol não pode ver, faz mal aos olhos, só a lua, o parque, sóooo, e falta uma coisa: vingança, umas escadas e depois um ‘correga.”

Análise psicodinâmica

O desenho livre realizado por Tomás trata-se de uma produção de traço inibido e imaturo, destacando-se, no entanto, pelo carácter dinâmico e alegre que as cores lhe conferem. A criança recorre espontaneamente à cor e atribui uma tonalidade emocional expressiva e positiva à produção, realizando imagens adaptadas, organizadas e de natureza lúdica. Realizando uma produção na qual se representa, parece-nos, também, importante que a criança projecte adequadamente a sua identificação ao sexo de pertença, através de uma figura humana harmónica e na sua maioria proporcional. Contudo parece verificar-se de um modo significativo uma dicotomia cheio/vazio a partir da utilização do preenchimento das figuras incluídas na produção.

1º Desenho da figura humana (feminina)



“Vou fazer a mim ou a ti, pode ser?”

Questionamento:

1. Quem é, que idade tem e o está a fazer?

“É a Ana, tem um ano. Ela ‘tá a ver o céu é isso...’tou a pintar.”

2. Qual foi o dia mais feliz da sua vida?

“É ser doutora.”

3. E o mais triste?”

“É ser construtora.”

4. Quando for grande o que quer ser?

“Ser doutora.”

5. Qual a parte mais bem desenhada?

“Toda.”

6. E a menos?

“As pe’nas”

7. Conta-me uma boa recordação.

“De um menino que ela ‘tá ao pé agora e ela ‘tá a conversar com ele e a esquecer muito bem.”

8. E uma má.

“Deixa ver... Duma caneta que ela levou para a escola e depois guardou dentro da mochila e o menino roubou e ele foi lá. Deu estalada, tirou a caneta, foi p’a casa e almoçou.”

9. Ela é feliz?

“É.”

10. E saudável?

“É, ela come piza às vezes, ela come fruta, pêro, laranja e banana tudo junto.”

11. Mudavas alguma parte do desenho?

“Eu punha um sol e umas ‘penas maiores e eu vou pô isto, oia, o teu pé, ‘tá aleijado, tens uma bubulha. ‘Tou elétrico, tenho as pilhas novas, pus ontem e agora ‘tou a usar elas, ‘tão novinhas em folha, as outas explodiram.”

12. Conta-me uma história sobre ela.

“Era uma vez uma menina, tinha duas bubulhas e eram chatas. Ela ‘tava cheia de comichão, ao abaixar-se ‘pa coçar elas ela ficou com mais, mais comichão. E toda a gente gozava porque pensava que aquelas bubulhas eram os pés dela. «Pés gandes, ah, ah, ah!». E mais a menina abaixava-se ‘pa coçar via-se as cuecas e eles gozavam. E os pais dela levaram e foram ao hospital e o doutor disse: «Oh, oh, isto gande pobema, precisa de ficar 1000 dias no hospital». E passaram

esses dois, 1000 dias e depois o doutor disse precisava de ficar 500 mais 500 mais 500, mais 1000 em casa e a pessorã ficou chata. E depois ela nunca voltou à escola. Fim.”

Análise psicodinâmica

Na narrativa que acompanha a produção são evidentes as fragilidades narcísicas, bem como o desejo transferencial de estabelecer uma relação de proximidade com a investigadora, oscilando entre aspectos mais projectivos e mais biográficos, nos quais fala claramente de si. Tomás expressa, igualmente, através do conteúdo do discurso, a existência de necessidades regressivas de ser cuidado e protegido, num contexto de contenção parental, e o desejo de aproximação a uma dimensão do paterno (balão com a indicação “pai” no desenho). Em termos gráficos trata-se, uma vez mais, de uma produção significativamente imatura, destacando-se o posicionamento da figura na folha, a qual parece remeter para uma representação de desamparo, e o intenso espaço em branco em torno da mesma, um vazio representativo, porventura, do sentimento de vazio interno da criança.

2º Desenho da figura humana (masculina)



Questionamento:

1. Quem é esta pessoa/personagem, que idade tem e o está a fazer?

“É o ‘morado da minha irmã, chama-se Ruben, é quescido, muito, muito, muito, tem 1000 anos, é a inventar e já morreu. ‘Tá a cair p’ó chão. Ele chama-se o Monstro, o Monstro Bolacha. Uns baços gandes p’a ele agarrar melhor!”

2. Conta-me uma história sobre ele.

“É o Ruben, ainda ‘tá novo, tem 10 anos. Ele ‘tá a comer as pessoas, ‘tá muito mauzão. Chegou a casa, fez um buraco, foi lá p’a dentro. A mãe dele diz: «Já trouxeste comida?», «Não, esqueci-me da comida que eu ‘tava a comer.». Depois foi lá p’a fora, apanhou pessoas, pôs dentro de um saco, muitas lá p’a dentro. Tirou todas as pessoas, todas, todas, todas, e ficou tudo vazio. Foi lá p’a dentro e deu a comida à mãe p’a ela fazer a comida. Cortou a cabeça e comia, o resto era p’ó filho. Ele foi apanhar uma couve e essa couve era a palmeira, pôs lá dentro a couve p’a jantar. Acabou. Fim da história.”

Análise psicodinâmica

Relativamente às características grafo-expressivas, a produção de Tomás perante a solicitação de uma figura humana masculina parece conter uma intensa inquietação. Efectivamente, ainda que mantendo as características de imaturidade com que realizou os desenhos anteriores, a violência do traçado que confere à figura parece denotar a intensidade da angústia interna, também comunicada através da narrativa, de desamparo, voltando a verificar-se a dicotomia cheio/vazio. O sol, que parecia comportar calor e uma conotação positiva e agradável, é bruscamente riscado, parecendo o desenho invadido pela força pulsional não mentalizada. O discurso, por outro lado, perde a sua coerência, tornando-se desorganizado e contaminado pelo processo primário de pensamento, incluindo conteúdos arcaicos de uma agressividade oral. Refere-se, ainda, que a partir da narrativa parecem-nos existir zonas de alguma confusão do pensamento, não só quase como se fosse para si expectável que o outro percebesse o que ele está a pensar (o que revela a fragilidade das fronteiras que delimitam Eu/Outro, dentro/fora), mas também a contaminação entre os conteúdos provenientes do mundo fantasmático e da realidade.

Desenho da família segundo Corman

Família Real



“Hoje não ‘tou bem, hoje vomitei, escola e carro. Eu como muito e depois ando de carro e depois aquilo vira muito e a estrada abana muito.” Desenha uma figura. “Posso dizer o nome? [*diç o seu nome completo*]. O nome dele no fim é Pinóquio. Não sei se consigo... A mãe...vai ficar cinzenta, toda. O pai. A minha imã, e meu irmão, ele é o mais maior de mim.”

Questionamento:

1. Quem são estas personagens? Como se chamam e que idade têm?

“Pai, M., tem 71 anos. A mana, N., 15 anos. O mano, A., tem 11 ou 12 anos. O Tomás tem 8 anos. E a mãe, F., 12 anos.”

2. O que está a acontecer? Porquê?

“Tão a bincar comigo, ali a paia.”

3. Quem é o mais feliz e o menos feliz? Porquê?

“Mais feliz sou eu, poque eu gosto de tudo. Menos feliz é a minha irmã e o meu irmão, poque eles pensavam que era só os dois e nasceu mais um, que era eu. ”

4. Quem é o mais simpático e o menos simpático? Porquê?

“Mais simpático? Ninguém. Só a mãe poque o pai é mau, é assim-assim, a mana é muito, muito, muito má, o A. é bom, mais ou menos mau. O pai é o menos simpático. Poque ele, eu ‘tou castigo e não posso jogar no fim.”

5. Quem manda mais e quem manda menos? Porquê?

“O pai manda mais poque ele é um totó. A mãe manda menos, ela é esperta e é linda, compa tudo.”

6. Se todos fossem dar um passeio de carro e um deles não coubesse, quem ficaria de fora?

“A N., ela fica sempre em casa.”

7. Se uma das crianças se portasse mal, qual delas seria? Como seria castigada? Por quem?

“O meu irmão, a minha imã e eu. Eu sou pior de todos, poque falo, falo, falo, fazer o dedo. Castigo...ficar o quarto e não saí de lá mais. Eu já fiquei esse castigo e fiz xixi nas calças.”

8. História

“Era uma vez uma família...mais? Uma família feliz, assim-assim e zangada. Eles no primeiro dia que disseram olá a uma pessoa zangaram-se. Eu ‘tava ali e parei a zangada deles e eu salvei o dia. Acabou a história.”

Análise psicodinâmica

A análise da maneira como a criança se projecta no desenho da família fornece importantes dados acerca da sua personalidade, da estrutura do Id, do Ego e do Superego, sobre o conflito entre essas instâncias, bem como sobre o modo como esta percebe as relações da sua constelação familiar (Corman, 2003). Neste sentido, verificamos que a figura mais investida, já que colocada numa posição central, a única com recurso à cor (pelo que reflecte maior expressividade) e a que Tomás realiza em primeiro lugar, trata-se de uma representação de si, sendo este investimento revelador das suas necessidades narcísicas de valorização, atenção e afecto pelos restantes membros da família. No mesmo sentido, uma vez que os laços que a criança estabelece entre as personagens, na sua projecção gráfica, revelam o modo como inconscientemente percebe as relações intrafamiliares, parece verificar-se uma desvalorização do irmão, colocado na produção abaixo das restantes figuras, levando-nos a ponderar que a criança mantém um relacionamento pelo menos difícil com esta figura. Efectivamente, sendo comum, normal e constituindo-se por um dos mais importantes propulsores do desenvolvimento infantil (Corman, 2003), a rivalidade fraterna parece um dos movimentos assinaláveis no desenho da família de Tomás. A nosso entender esta parece relacionar-se com a necessidade que a criança tem da exclusividade da relação dual com o objecto materno.

Por outro lado, na distribuição das figuras pelo espaço disponível, o distanciamento dos pais parece-nos evidente, sendo colocados em lados opostos da folha, quer podendo revelar a existência de conflito entre ambos, quer corresponder ao desejo inconsciente de separar o casal, reflectindo a rivalidade edípica. Na produção é, igualmente, perceptível o desamparo, a fragilidade, a falta de uma base que confira suporte, protecção e segurança, através da distribuição das figuras na folha. Assinala-se, ainda assim, que Tomás parece ter integrada a noção de estrutura familiar bem como das diferenças de género, o mesmo não sucedendo com a diferenciação geracional.

Na narrativa destaca-se a representação de que veio perturbar a harmonia da dinâmica familiar, designadamente na fratria, com o seu nascimento. De igual modo, a criança parece perceber a existência de conflitualidade no contexto familiar, a qual é magicamente resolvida por si. Referem-se, ainda, os movimentos de idealização da mãe e de hostilidade para com o pai, e a existência de sentimentos de auto-depreciação, indicadores de importantes falhas narcísicas.

Children's Apperception Test – animal version

1.

“Era uma vez uma galinha. E ela ‘tava a aquecer três ovos e depois eles partiram-se e vieram dois pintainhos e depois um não partiu-se e depois a galinha ‘tava a ver que o ovo não ‘tava a pati-se. Esperou, esperou, esperou... O ovo ainda não continuou a pati-se. O primeiro dia novo viu-se a galinha viu o ovo e ‘tava com uma racha. E ficou com mais três rachas, ficou mais quatro rachas e essas rachas abriram o ovo. E depois saiu o pintainho mais feio e toda a gente viu o pintainho mais feio e gozavam com ele, e picavam... E depois ele fugiu da quinta e viu uma casa, longe da quinta. Ele foi a correr, correr, correr, e chegou à casa. Viu a casa com fumo e pensou assim: «Tão fazer comida!». Ele foi lá, bateu à porta, abriram a porta e viu um homem e o homem disse assim: «Quem é você? Estás aonde?». E o pintainho disse assim: «Eu ‘tou aqui em baixo!». E o homem disse assim: «Ah, és um pintainho, fugiste da quinta. Não vaias para o frio, vai aqui p’ra dentro.». E depois o pintainho foi lá p’ra dentro e viu um frango. «Hum...» disse assim o pintainho «isto é bom!». Chegou ao pé do frango e só viram as pessoas todas, ele a correr, a comer aquilo tudo. E as pessoas viram o frango já ‘tava todo limpo. E disseram assim: «Ah, este pintainho está cheio de fomes!». E depois puseram ele em cima de uma cama e depois só viram ele a dormir e cheio de arrotos. Viram só ele a tirar bué da comida e sair da casa, voltar para a quinta. Chegou lá a mãe dele e disse: «Fostes aonde? ‘Tava sempre a chamar por ti.». À volta da quinta chegaram os outros irmãos e disseram assim: «Tens o quê dentro desse saco?». E disse assim ele, o pintainho «Tenho tanta comida vocês ficam com a barriga cheia!». E eles disseram «Põe aqui neste prato, vamos comer os três.». «Tá bem, vou pôr nesta caneca e vamos comer toooodos, vamos fazer uma festa!». «Festa, festa, festa, festa, festa!». E depois fizeram festa. Toda a gente ‘tava a comer tantos bolos, tantos frangos e depois acabou a festa e viram o pintainho mais feio e disseram assim «Espera lá! Ele agora é grande!». Como ele ficou tão grande e olhou para o espelho e viu ele próprio: «Oh não, grandes batatas cozidas, eu agora ‘tou grande». E fim!”

Procedimentos fundamentais:

- IF1 – introdução de personagens que não figuram na imagem;
- IF7 – fabulação longe do cartão;
- RE3 – insistência nos suportes (em falta);
- IF3 – encenações, diálogos, importância dada às interações.

Análise da narrativa:

No cartão que remete para uma relação com a imagem materna da ordem da oralidade, Tomás recorre a um tema do imaginário infantil, porém construindo a sua própria narrativa, na qual se verifica que a criança evoca a representação de um imago materno que não cuida e não protege, não se encontrando a ela associada qualquer ressonância afectiva. Efectivamente, a personagem com a qual Tomás parece identificar-se trata-se de um pintainho sozinho, vulnerável, desprotegido e excessivamente autónomo. A gratificação alimentar que deveria encontrar-se associada a uma representação materna provém de uma figura masculina externa à imagem e à dinâmica familiar - procura o alimento, e simbolicamente a protecção, a gratificação e a contenção fora do contexto familiar. Destaca-se, por outro lado, a grande avidez alimentar e por conseguinte relacional demonstrada pelo personagem pintainho. Verificam-se importantes falhas narcísicas, manifestas a partir da identificação ao pintainho mais feio, mais desinvestido, menos cuidado e humilhado pelos restantes. A narrativa reflecte a percepção de um ambiente familiar pouco contentor e afectuoso, o qual leva o personagem pintainho a fugir. Parecem igualmente constar referências a núcleos depressivos e de maior fragilidade (frio, solidão) e também questões relacionadas com a rivalidade no contexto da fratria. A criança evoca, ainda, questões relacionadas com o crescimento, funcionando este como forma de reparação narcísica. Verificam-se dificuldades no processo de autonomia e crescimento – deixar a fase regressiva (deixar o ovo), na relação precoce, desejo de se autonomizar mas necessidades regressivas. A criança evidencia um movimento de gratificação familiar, do materno e do fraterno designadamente, como forma de se narcisar aos seus olhos.

2.

(...) “Era uma vez três lobos: um rapaz, uma rapariga e um menino. Eles ‘tavam sempre a tirar a corda aos outros e a quererem ficar com ela. Então o rapaz disse: «Vamos fazer uma luta da corda! Vamos buscar as outras cordas e ver quem ganha, raptar mais homens, mais ursos da tua equipa. E tu tentas tirar mais homens teus!». E eles disseram «Tá bem.» e foram buscar mais homens. Viram uma coisa: tanta água em cima dos pés deles. E viram a água ‘tava tanto a crescer que eles ‘tavam quase a ficar sem ar. E depois pararam, a menina já ‘tava a ficar sem ar e o menino ‘tava a ficar pior. O urso maior não ‘tava a ficar com pouca água e depois o lobo foi lá, puxou, puxou, puxou, puxou, puxou, puxou e conseguiu! Conseguiu e a água ‘tava a descer, a descer, e a menina viu-se a morrer e o menino ainda ‘tava um bocadinho vivo. Ele viram quem ganhou: quem ganhou foi o urso maior e o menino caiu ao chão. O menino depois morreu e o

urso ficou feliz porque já não havia mais conversa com eles. Os homens da menina e do menino morreram todos. Os do menino viveram só três. E depois fim.”

Procedimentos fundamentais:

- IF7 – fabulação longe do cartão;
- IF3 – encenações, diálogos, importância dada às interações;
- OC9 – perturbações da sintaxe, perturbações da organização temporal;
- IF9 – confusão identitária;
- IF8 – expressões cruas ligadas a uma temática agressiva.

Análise da narrativa:

Na presente narrativa verifica-se que Tomás não efectua os movimentos de triangulação edipiana subjacentes à temática latente do cartão, não conseguindo criar laços entre os diversos personagens. Efectivamente, poderíamos considerar que a intensa inquietação que se verifica no discurso elaborado, sendo tal que perturba o processo associativo o qual é invado pelo processo primário de pensamento, dever-se-ia precisamente ao confronto com a conflitualidade ligada à relação triangular pais-filhos já que a criança dota os personagens de identidade de género e de alguma diferenciação pela sua dimensão. Porém, verifica-se que a angústia parece encontrar-se ligada a fantasmas destrutivos, de tal forma que surgem representações relacionadas com a morte e a destruição dos percebidos como mais fracos.

3.

“Era uma vez um rei, chamava-se o rei capitão. Ele depois viu um rato e pensou assim: «Ah, espera lá, este rato ‘tá-me sempre a chatear!». E depois foi apanhá-lo, o rato. Bateu com a cabeça a uma menina. A menina era tão gira que o coração dele bateu tanto, tanto. E essa menina vai ser a rainha e eles viveram felizes e fim. (*Quem gostaria de ser?*) O rato porque ele é pequenino e pode sair por buraquinhos.”

Procedimentos fundamentais:

- IF3 – encenações, diálogos, importância dada às interações;
- OC9 – perturbações da sintaxe, perturbações da organização temporal;
- OC10 – ligações arbitrárias, associações curtas.

Análise da narrativa:

No presente cartão, o qual é geralmente associado à representação do imago paterno, dada a saturação de elementos fálicos, a narrativa de Tomás parece abordar o conflito edipiano com o progenitor do mesmo sexo, sendo reconhecida a impossibilidade de rivalizar e a superioridade da autoridade paterna. Efectivamente, a nuance edipiana materializa-se na presença de uma personagem feminina que não figura na imagem e que vem a ser a rainha do leão-pai que é rei e que eliminou o rival, reconhecidamente imaturo, rato. Refere-se, ainda, que o personagem rato é eleito como figura de identificação. O confronto da relação rato e leão parece tê-lo desorganizado, e sempre que se verifica um conflito Tomás não parece ter recursos para se confrontar e os resolver. Destaca-se a necessidade de gratificar o materno, uma forma de compensação narcísica do filho e a dificuldade em aceder ao paterno.

4.

“Era um lindo dia, a mãezinha com o filho e com a bebé. A mãe tinha um saquinho, compou coisas. A bebé tinha um balão. O filho tinha uma bike. Eles estavam a andar e foram para casa. No meio do caminho apareceu um lobo. O lobo era bom. Eles disseram: «Então lobo, o que é que estás aqui a fazer?». E o lobo disse «Eu ‘tou à procura de comida». «Então toma lá uma sandes.». O lobo foi embora e eles foram para casa, a porta ‘tava aberta e ‘tava só o pai a comer tanta coisa.”

Procedimentos fundamentais:

- IFI – introdução de personagens que não figuram na imagem;
- RE1 – recurso à evidência, apego ao conteúdo manifesto;
- OC1 – descrição com apego aos pormenores;
- IF3 – encenações, diálogos, importância dada às interacções.

Análise da narrativa: oralidade na mãe,

Remetendo para a relação com a imagem materna e eventualmente para a conflitualidade relativa à rivalidade fraterna, no presente cartão a narrativa elaborada por Tomás encontra-se num nível mais descritivo, através da enumeração dos personagens e dos seus atributos. No entanto, através das personagens que são mencionadas no discurso sem fazerem parte da imagem, a temática da oralidade vem novamente a ser evocada. Por outro lado, a narrativa evoca uma representação de um imago paterno insatisfeito, à semelhança dos restantes elementos da família, os quais são evocados sem ressonância afectiva.

5.

(...) *suspira*

Os dois bebés. Os dois bebés estavam sozinhos, ninguém ‘tava lá. Então a casa deles era só para eles! Então eles foram buscar comida. Então disseram «Espera aí, precisamos o leite!». «Boa ideia, vamos buscar o leite!». Chegaram ao leite, buscaram e foram dar, puseram os chereais e despejaram o leite. Eles acabaram de comer os chereais, chegaram à cama e disseram assim os dois: «Eu vou fazer uma sesta! Eu bambém!». Já ‘tá.”

Procedimentos fundamentais:

- OC8 – escotoma;
- OC6 – denegação;
- IF3 – encenações, diálogos, importância dada às interações;
- IF6 – insistência nas representações de acção.

Análise da narrativa:

Para defensivamente não se confrontar e não evocar representações relacionadas com a temática da relação parental e com a cena primitiva, a narrativa elaborada por Tomás escotomiza a presença do casal parental. Por outro lado, a criança evoca uma representação dos personagens bebés enquanto sozinhos e demasiado autónomos para a sua condição. Salienta-se, ainda, a repetida referência a temáticas relativas às necessidades orais de gratificação.

6.

“Hum... Hoje era bom dia. A urso mamã foi lá fora e viu ‘tava bom, bom, bom, bom dia! O bebé foi atrás dela e foram à loja. Chegaram à loja e foram comparar ceiais. Chagaram à loja, à casa, e dormiram outra soneca. E acabaram essa soneca, foram comer os ceiais. E fim.”

Procedimentos fundamentais:

- EI1 - restrição do discurso;
- RE2 – recurso aos lugares-comuns da vida quotidiana, importância dada ao concreto, ao fazer;
- OC8 – escotoma.

Análise da narrativa:

A elaboração da conflitualidade edipiana parece completamente secundária à evidência de necessidades regressivas expressas na descrição de uma relação dual e exclusiva mãe-filho, pautada pela alimentação e o cuidado.

7.

“Hum, é boa. Era bom dia, o tigre ia buscar comida. A comida dele era fempe carne e macacos. *(aponta para o macaco)* Ele foi buscar; havia taaantos macacos por aí! Ele foi e foi para cima de uma árvore. Ele foi e encontrou dois macacos e ele foi apanhá-los. Encontrou um e depois foi atrás e apanhou-o. Foi para casa e o macaco morto e comeu-o. E dormiu uma soneca. Fim.”

Procedimentos fundamentais:

- IF8 – expressões cruas ligadas a uma temática agressiva;
- OC7 – ruminação;
- IF6 – insistência nas representações de acção;
- OC9 – perturbações da sintaxe.

Análise da narrativa:

Sendo um cartão que remete para uma relação carregada de agressividade (Boekholt, 2000), na narrativa de Tomás a agressividade é agida numa dimensão de voracidade alimentar, verificando-se um movimento de identificação à personagem percebida como dominante, o agressor, perante o qual o outro personagem, representativo de uma parte depressiva e desprotegida, não possui recursos para se defender, assumindo uma posição passiva.

8.

Ri

“São macaquinhos. Ora bom dia! Os três macacos grandes foram dar uma festa; então essa festa era antiga e eles acabaram a festa, fizeram uma coisa do Pinóquio e acabaram essa coisa do Pinóquio...e foram p’ra casa. E fim.”

Procedimentos fundamentais:

- OC10 – extravagâncias do pensamento;
- OC9 – escotoma;
- IF6 – insistência nas representações de acção;

- EI2 – anonimato, razões dos conflitos não esclarecidas, banalização.

Análise da narrativa:

A narrativa no presente cartão parece afastar-se significativamente do conteúdo latente, o qual deverá evocar representações relacionadas com a relação de filiação e a percepção das relações na constelação familiar. De facto, o par adulto-criança presente no primeiro plano, encarregue de veicular representações superegóicas face aos interditos e à transgressão, é ignorado, revelando não só alguma inquietação relacionada com esta temática como com relação de proximidade mãe-filho. Por outro lado, as diferenças geracionais e sexuais dos personagens são, igualmente, evitadas, não parecendo por isso, e à semelhança de outros cartões, suficientemente integradas na noção de constelação familiar.

9.

“Era bom dia. O coelho ‘tava a cama. Abriram a porta. O lobo comião! Ele chegou ao quarto e o coelho ‘tava a dormir, e ele agarrou a cabeça dele e comeu-o. E fim.”

Procedimentos fundamentais:

- IF8 – expressões cruas relativas a uma temática agressiva;
- IF1 – introdução de personagens que não figuram na imagem.

Análise da narrativa:

A problemática relativa à solidão e ao abandono, latente ao presente cartão, parece suscitar a emergência de intensas angústias primitivas de destruição e morte, perante a incapacidade de Tomás de estar só e de gerir a solidão. Uma vez mais torna-se evidente a total condição de vulnerabilidade da figura representativa da criança, a sua enorme desprotecção face às ameaças de uma potencial personagem que não figura no cartão e que representa uma ameaça. Não são evidenciados quaisquer recursos defensivos para conter a angústia de desamparo, nem são evocados imagos parentais protectores, ficando a criança à mercê dos perigos. De referir, igualmente que Tomás não aborda a problemática latente do cartão, não evidenciando quer a presença do afecto depressivo, quer a elaboração da posição correspondente. A narrativa evidencia não só a precariedade do meio e do suporte enquanto deslocamento da vivência de sofrimento e desprotecção, nunca evitados pelas figuras parentais, mas também uma temática ao nível da voracidade oral na linha destrutiva.

10.

“Esta é o cão. Era mau dia! A cadela ‘tava a dar porrada o cu do cãozinho. Amandou muito papel p’ a sanita, a sanita entupiu e a água explodiu! Era só papel por todo o lado! Então a cadela deu palmadas e fim.”

Procedimentos fundamentais:

- IF8 – expressões cruas ligadas a uma temática agressiva;
- IF3 – importância dada às interacções.

Análise da narrativa:

Tomás parece reconhecer a problemática latente do cartão, a qual remete para a dialéctica disparate/punição num contexto superegóico transgressivo (Boekkolt, 2000), elaborando uma narrativa que evidencia uma dimensão moralizante face aos interditos. No entanto, parece-nos relevante mencionar que o imago parental evocado, o imago materno, parece manifestar alguma agressividade face ao personagem criança, o qual sente que não pode transgredir (sob pena de perder o amor do objecto), surgindo, na prova das escolhas, o afecto depressivo (“chorar”, “triste”), mas também alguma inquietação face às representações de analidade associadas à imagem (sujidade).

Prova das escolhas:

+: 3 – “O rei. Porque o rei sonhou. *(com o quê?)* Dinheiro.”

+: 10 – “Porque ele ‘tá a chorar, ‘tá muito triste e é muito bem feito, ele não podia fazer aquilo. Ele tomou banho porque ‘tava cheio de lama.”

-: 2 - “Porque é com lobos.”

-: 10 - “Odeio porque a sanita ‘tá ali poquê? Podia dar palmadas ao menino no outro lado, não era na casa de banho.”

Análise do protocolo de C.A.T.-A

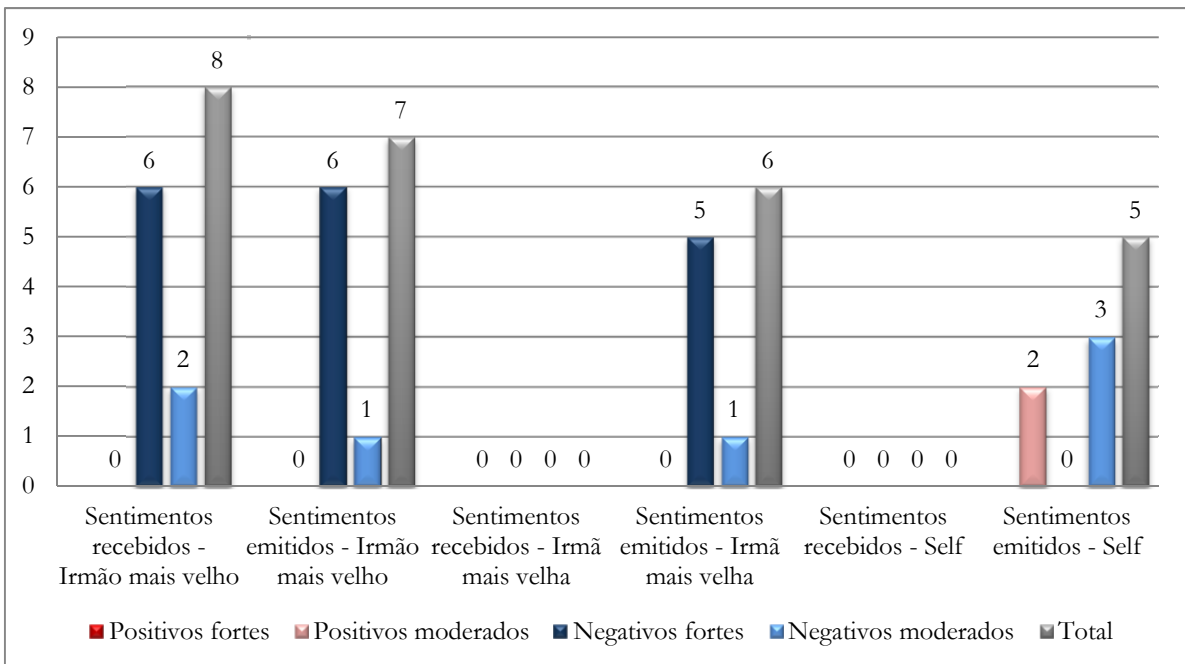
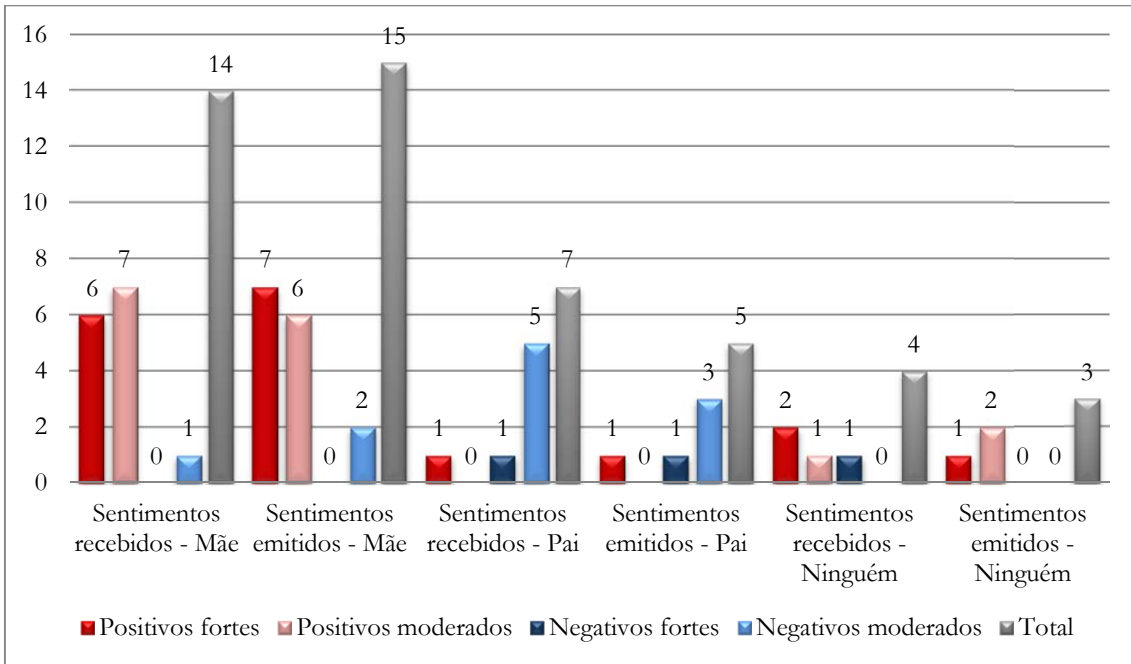
Nas narrativas construídas no C.A.T.-A predomina uma temática de desprotecção e de vulnerabilidade, concomitante com uma representação da relação de objecto interna pouco gratificante, contentora, securizante e protectora. As representações do imago paterno são significativamente ausentes ou associadas a uma dificuldade em aceder à dimensão do paterno, e as evocações do imago materno reduzidas, ausentes de afecto, funcionais e pouco gratificantes, não se verificando, igualmente, processos claros de conflitualidade edípiana. Surgem temáticas

relacionadas com alguma conflitualidade no contexto da fratria, mas também com desejo subjacente movimentos de crescimento e autonomia. Encontram-se presentes nas narrativas importantes fragilidades narcísicas e sentimentos de auto-depreciação, bem como núcleos de fragilidade e depressividade, sem contudo ser elaborada a posição depressiva. As pulsões agressivas não parecem adequadamente integradas e surgem associadas a uma voracidade oral destrutiva, sendo comuns temáticas ao nível da oralidade. Referem-se, ainda, importantes dificuldades de mentalização e de representação simbólica do vivido emocional, particularmente perante o confronto com sentimentos de solidão e do desamparo, face aos quais se verifica, por vezes, a emergência do processo primário de pensamento. A falência dos recursos internos face a situações de maior conflito e angústia produz conteúdos mais arcaicos e menos organizados, alguns deles reflexo da intensa luta antidepressiva. Parecem estar patentes algumas lacunas precoces na construção da relação e da representação objectais contentoras, apaziguadoras e que fortaleçam a estrutura egóica, percebendo-se, a criança, desprotegida e exposta a ameaças provenientes da realidade externa, perante as quais escasseiam os recursos internos necessários para os enfrentar. Neste sentido, a angústia dominante parece ser de desamparo e perda de objecto, pelo que se encontram presentes necessidades regressivas de cuidado e protecção. Na representação da dinâmica familiar é evocada uma dimensão de insatisfação generalizada, perante a qual a criança evidencia a necessidade de recorrer ao exterior e ser ela própria a gratificar a família para ser gostado e possuir algum valor narcísico.

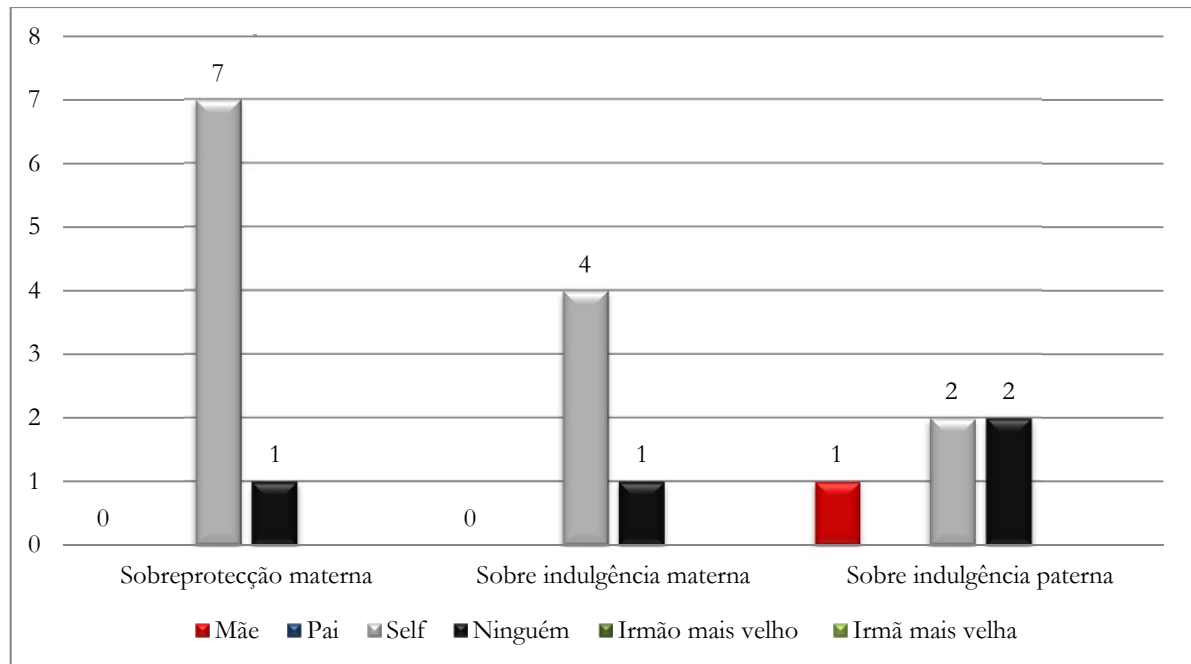
As narrativas são construídas com algum grau de imaturidade, tanto no que concerne ao modo como o discurso está organizado como no vocabulário empregue.

Teste das relações familiares

Resultados de envolvimento percebido pela criança em relação a cada elemento da família (sentimentos positivos fortes e moderados e sentimentos negativos fortes e moderados).



Resultados de sobreprotecção materna e sobre indulgência materna e paterna percebidos pela criança.



Segue-se a análise do Teste das Relações Familiares de Tomás, em relação aos aspectos clínicos mais pertinentes para a compreensão do seu caso. Em primeiro lugar, em relação ao envolvimento total (afectividade consciente e inconsciente, tal como avaliada pela prova) de Tomás com os elementos que compõem o seu círculo familiar subjectivo, importa referir que a criança reporta um hiper-investimento afectivo com a figura representativa da mãe, principalmente no que concerne a sentimentos positivos (fortes e moderados), sendo esta a pessoa que parece revelar-se mais significativa na sua vida afectiva familiar.

Relativamente ao envolvimento percebido em termos dos sentimentos positivos recebidos pela criança destacam-se os resultados da figura da mãe, o mesmo acontecendo no que concerne aos sentimentos positivos percebidos como emitidos pela criança em relação a esta figura, tanto moderados como fortes, constituindo-se a mãe como o maior - senão único - alvo e objecto de amor para Tomás. Concomitantemente, na avaliação da relação com a figura representativa da mãe verifica-se que a percepção dos afectos negativos recebidos da sua parte é muito desvalorizada, sendo omitida, quase por completo, a expressão de afectos negativos. Analisando o caso particular do envolvimento afectivo com a figura do pai, verificamos que o seu grau de investimento iguala o reportado face aos irmãos (em termos de itens atribuídos), destacando-se o número expressivo de itens relativos aos sentimentos negativos percebidos como recebidos pela criança, sendo o número de itens positivos (recebidos e emitidos) quase nulos. Verifica-se, portanto, uma tendência de relacionamento negativa, na qual os afectos negativos são

preponderantes (quase dominantes) quer em termos do afecto que o Tomás sente receber, quer relativamente ao afecto que a criança declara como predominante no seu investimento afectivo (consciente) em relação ao pai. Neste sentido, a combinação de ambos os resultados das figuras parentais leva-nos a considerar que a resolução do conflito edipiano não está ser e/ou não foi bem integrada, uma vez que a respectiva identificação ao elemento do casal do mesmo sexo, a qual se constitui como uma parte muito significativa da identidade secundária e sexual de Tomás (identidade enquanto rapaz que virá a ser homem como o pai), parece estar bloqueada, sendo que a criança se obriga a amar conscientemente a mãe, de forma idealizada (aceitar a identificação com a mesma), e a odiar o pai (de forma consciente e expressa) não existindo espaço (psíquico e afectivo) para a necessária identificação com o mesmo.

Por outro lado, e ainda em relação aos sentimentos percebidos como recebidos pela criança, no caso negativos, salientam-se os resultados indicados face ao irmão mais velho, principalmente fortes, mas também moderadamente negativos. Em termos do envolvimento percebido como emitido pela criança face aos membros da sua família, e no que concerne aos sentimentos negativos, o maior alvo de Tomás são (para além do pai) os seus irmãos, principalmente relativamente aos sentimentos negativos mais intensos, o que nos leva a pensar numa representação de grande conflitualidade e hostilidade percebida face à fratria. O Self não recebe qualquer tipo de itens, o que nos parece dever-se a um fraco investimento da criança nela própria, o mesmo acontecendo com a figura do Sr. Ninguém (figura simbólica do que não é aceite na consciência, ou seja, do recalçamento), o qual é muito pouco investido por Tomás nesta prova.

Parece-nos relevante mencionar os sentimentos “auto-dirigidos” ou egocêntricos que Tomás revela conscientemente para consigo próprio, fazendo referência à medida da dependência (junção dos itens de sobreprotecção e sobre-indulgência materna e paterna) tal como concebida na vida afectiva da criança. Posto isto, em termos das escalas de dependência verifica-se que o único alvo da sobreprotecção e da sobre-indulgência maternas se trata de Tomás, resultados que nos parecem relacionar-se com a relação de grande dependência (anaclítica) que a criança estabelece com esta figura, a qual provém das suas manifestas necessidades regressivas de uma relação dual, contentora, protectora e afectuosa. No caso da sobre-indulgência paterna, o número de itens existentes divide-se em igual proporção entre Tomás e a figura do Sr. Ninguém, sendo seguidos da figura representativa da mãe, revelando a percepção da criança de que poderia receber mais atenção e envolvimento afectivo positivo por parte do pai.

Por outro lado, verifica-se uma grande discrepância na atribuição de itens positivos e negativos. De facto, a mãe é o elemento da família que mais itens positivos recebe, quase exclusivamente, e o pai os irmãos são os que mais itens negativos recebem. Os resultados demonstram, também, alguma discrepância entre os itens percebidos como emitidos e percebidos como recebidos nas figuras relativas ao Self e à irmã mais velha, sendo que nestes casos não se verificam quaisquer itens na categoria de recebidos.

Relativamente aos mecanismos defensivos empregues por Tomás na sua caracterização da dinâmica intrafamiliar relacional verificamos que a idealização da mãe se encontra bastante manifesta, parecendo-nos esta necessidade, a par da tendência regressiva também apresentada, ligada a angústias mais primitivas de separação, de perda do amor do objecto, e do próprio objecto. No mesmo sentido, verificamos uma importante negação da agressividade na relação com a mãe e o respectivo deslocamento para a figura paterna e outras figuras periféricas, os irmãos.

Por último, e no que concerne aos resultados da escala de Inibição/Desinibição, verificamos que na escala relativa aos itens positivos o valor apresentado (3, moderada inibição, numa escala de 1 a 5 pontos) se prende com a intensidade da concentração de itens positivos fortes na figura da mãe, o qual se encontra ligado, como já vimos, com a idealização desta figura; e na escala negativa (3a, inibição moderada) relativa ao foco nos irmãos na atribuição de itens negativos fortes. Neste sentido, os autores defendem que tais resultados podem ser encontrados em crianças com alterações de comportamento ligeiras a moderadas e em situações de conflitualidade no contexto da fratria (Bene, & Anthony, 1985), fazendo todo o sentido quando falamos de Tomás.

Escala de percepção da criança sobre o estilo educativo dos pais

Através do presente instrumento salienta-se o facto de Tomás ter reportado diferenças na percepção do estilo educativo parental entre os progenitores, parecendo conseguir distinguir as práticas educativas utilizadas por cada um dos pais. Efectivamente, em termos dos resultados apresentados pela criança, e atendendo ao índice factorial tripartido mencionado anteriormente relativo à percepção materna, verifica-se que o aspecto mais positivamente assinalado se trata do factor *Suporte Emocional* ($\mu=2,57$), seguido do factor *Rejeição* ($\mu=2,37$), o qual precede o último factor, *Tentativa de Controlo* ($\mu=2,2$). Por outro lado, e com resultados que não seguem o mesmo padrão dos apresentados na representação materna, na percepção paterna Tomás reporta respostas mais elevadas no factor de *Rejeição* ($\mu=2,25$), seguido do factor *Tentativa de Controlo* ($\mu=1,6$), o qual precede o último factor *Suporte Emocional* ($\mu=1,42$).

Análise da entrevista com os pais

A entrevista aos pais de Tomás decorreu de forma tranquila e cooperante, com a presença de ambos, ainda que o clima afectivo gerado em relação à mãe tenha sido mais positivo, tendo esta revelado maior interesse e cooperação, permanecendo o pai numa postura de maior fechamento e defensividade. Os pais começam por referir que se tratou de uma gravidez de risco, vigiada no entanto não planeada. Destacamos a ausência do pai em muitas fases do processo de desenvolvimento de Tomás, e com particular ressonância afectiva para a mãe, designadamente em momentos-chave, como o parto ou a escolha do nome. Parece-nos existir, muito precocemente, uma certa culpabilidade no relato da mãe acerca desta criança, possivelmente pelas circunstâncias do seu nascimento, verificando-se uma conseqüente dimensão de compensação, a qual ocorre até hoje-em-dia (“como eu demorei até ir para o hospital, ele depois teve de ir para a incubadora para receber um bocado de calor” – o calor afectivo da *maternage* -, “nasceu cansado e sem força para mamar”, ausência da mãe nas horas seguinte ao nascimento para ser operada). De seguida, e em termos das expectativas formadas em torno do bebé-Tomás parece verificar-se um vazio fantasmático e representacional em relação a este bebé, não conseguindo, os pais, evocar uma representação do bebé imaginário, enquanto o conjunto de construções e torno da gravidez que representariam a gestação mental do bebé, antecipando os comportamentos de maternalidade (“eu não imaginei nada”; “olha, pronto, mais um”; “o primeiro arranja-se o peixinho e tira-se as espinhas, o segundo tira-se as espinhas, o terceiro tira-as tu e é se queres”; “ não houve aquela coisinha de ‘tarmos ali a mimar muito, porque, pronto, ele via os irmãos e assim, e desenrasca-se e sempre foi um miúdo super desenrascado”); um vazio depressivo que pode, simbólica e transferencialmente, ser encontrado posteriormente numa análise à dinâmica interna da criança. Sentimos, quase, uma primeira indiferença afectiva em torno do bebé que crescia nesta família.

Na caracterização de Tomás enquanto criança, se, por um lado, salientam o quão fácil foi para si serem pais de Tomás - já que é, segundo contam, uma criança meiga, carinhosa e brincalhona, que não fazia birras nem trazia grandes incómodos -, por outro salientam que este filho é o mais terrorista e sabichão dos três, matreiro, irrequieto e impulsivo desde sempre. Nas entrelinhas das palavras dos pais, e por repetidas comparações com os irmãos, parece-nos que foi a criança menos investida, com menos relevo aos olhos dos pais. Referem, ainda, que ultimamente se verifica uma grande labilidade emocional, com momentos de fúria e choro nos quais a criança não consegue conter ou gerir as suas emoções. Indicam, também, que Tomás tem dificuldade em perceber e aceitar limites, que não tem amigos preferenciais (excepto com uma menina que diz ser sua namorada) e que não suporta perder.

Em termos das relações intrafamiliares, os pais indicam que com a mãe Tomás assume uma postura de grande protecção e proximidade (“muito agarrado à mãe, é o mais próximo de mim, mais protector, o mais carinhoso; “traz flores todos os dias para a mãe”), afirmando, com alguma nuance edipiana, que a mãe é sua namorada, em frequente provocação ao pai (“o pai às vezes tem ciúmes; ‘tá sempre no picanço com o pai”). Dizem existir uma boa relação com o irmão, com o qual se verifica uma maior proximidade, e um grande distanciamento recíproco face à irmã. O relacionamento com o pai parece ser mais distante, afirmando que com este e outras figuras masculinas “beijos é para maricas”, situações que parecem revelar a sua dificuldade em aceder ao masculino-paterno.

A situação de enurese nocturna da criança (mantida até ao primeiro ano de escolaridade) é sublinhada pelos pais como uma das suas maiores dificuldades, sendo associada pelo pai a preguiça (“vontade de estar na cama até mais tarde”). Neste aspecto concreto, destacamos a falta de capacidade, principalmente paterna, para realizar uma leitura empática da situação, bem como a severidade da aplicação de castigos (“banho de água fria”).

Durante a entrevista, e perante diversos assuntos, verifica-se uma significativa conflitualidade parental face à educação das crianças, segundo nos parece sobretudo em relação ao Tomás. Os pais divergem marcadamente quanto às estratégias de parentalidade, parecendo-nos a mãe demasiado permissiva e desculpabilizante (colocando a criança numa situação totalmente regressiva e não incentivando a sua autonomia) e o pai intolerante, tendo a criança a clara percepção destas diferenças (“ele é capaz de estar o dia inteiro a olhar apara o papel à espera da solução mais fácil e a solução mais fácil é esperar pela mãe”).

Em relação à autonomia da criança os pais referem que Tomás consegue realizar as suas tarefas pessoais sozinho, porém protelando sistematicamente e solicitando ajuda sempre que possível. No que concerne a acontecimentos de algum modo significativos no desenvolvimento da criança, os pais indicam que o avô materno de Tomás faleceu quando este era bebé, situação que desvalorizam (“eu acho que lhe passa tudo ao lado, não é sentimental”), destacando a reacção do filho ao nascimento da prima perante a qual revela muitos ciúmes da mãe.

Grande parte da entrevista encontrou-se centrada nas dificuldades actuais da criança, parecendo a mãe mais sensível a esta situação (segundo o pai o Tomás “não tem problema nenhum”). Assim, indicam que a referenciação para a consulta de Psicologia surge por indicação efectuada pela escola, no decurso do ensino pré-escolar, já que a criança parecia, em vários aspectos, no estado pré-operatório de desenvolvimento, revelando pensamento mágico, onnipotência cognitiva e preferência por jogos de encaixe e construção, apresentando, igualmente, preferência por actividades preferencialmente solitárias, dificuldade em realizar uma

tarefa até ao seu término, “desligava”, tendo sido ponderada a hipótese de ficar mais um ano na pré-primária, o que acabou por não acontecer. Na escolaridade primária tiveram início as queixas de comportamento, com a manifestação de uma intensa irrequietude psicomotora. Questionados acerca das representações que fizeram em torno desta situação, a mãe refere que na altura relativizava e atribuía ao facto de ele ter estado em casa até à pré-primária para justificar a *décalage* com as outras crianças. O pai, por outro lado, desvaloriza completamente todas as dificuldades da criança (“é um rótulo dos professores”), defendendo que se Tomás for obrigado faz o que lhe é dito.

Entrevista com os pais

Ψ: “Olá boa tarde. Desde já agradeço a vossa presença e a participação nesta investigação. A intenção desta entrevista é recolher alguns dados relativos à infância do Tomás, alguns aspectos do desenvolvimento dele até à data e falarmos um bocadinho sobre ele...”

Mãe: “Pronto, gravidez não foi planeada, aconteceu. Foi uma gravidez de risco porque ele quis nascer antes do tempo, mas pronto, depois comecei a ser seguida aqui e tudo, depois correu tudo bem, nasceu aqui de oito meses e qualquer coisa, não chegou a fazer os nove meses.”

Ψ: “E como decorreu o parto, normal, com complicações?”

Mãe: “Eu comecei a absorver o líquido amniótico, mas foi parto normal... Entretanto dei entrada, não ‘tava ainda na altura de ele nascer, foram-me dadas aquelas injeções todas, aquelas coisas, depois ‘tive foi que estar em repouso. ‘Tive em repouso, entretanto fui para casa, mas depois começaram as contracções novamente e foi quando eu vim, e foi quando ele nasceu. Quer dizer, não foi nada aaassim, o A foi pior.”

Ψ: “Portanto o Tomás não é o primeiro filho...”

Mãe: “Não, é o terceiro, da N correu tudo bem, foi uma gravidez normal, do A foi uma gravidez de risco, tive que ficar aqui internada, e depois o Tomás também, não foi tão grave como o do A, mas, pronto, mas também deu um bocadinho de...trabalho. Mas depois nasceu e correu sempre tudo bem, foi sempre um miúdo sossegado, não dava assim muito trabalho, comia bem, impecável...”

Ψ: “E a escolha do nome?”

Mãe: (*ri-se*) “Fui eu e a N...”

Pai: “Pois foi.”

Mãe: “Porque ele ‘tava fora, eu procurei, ele dizia: «Tu é que sabes.», é aquela coisa, não é? E eu depois escolhi com a N. Eu queria Guilherme, não foi, e depois a N dizia que não podia ser porque depois lhe chamavam Gui, e não podia ser, não tinha lógica nenhuma. Então ficou Tomás, eu escolhi Tomás, assim é que foi, e ela escolheu Filipe. Depois eu procurei o pai a

perguntar o que é que ele achava «ah, vocês é que sabem» e coiso, e então ficou Tomás Filipe. Mas fomos nós praticamente que escolhemos, porque ele, pronto...”

Ψ: “Então e como foi para o pai, o pai estava presente no momento do nascimento?”

Mãe: “Não...”

Pai: “No dia em que ele nasceu eu fui fazer um serviço a Vila do Conde, eu tinha dito no serviço «é que a minha mulher ‘tá pr’a ter», «então vais só fazer este servicinho, são só dois dias»...”

Mãe: “Ele teve um azar nesse aspecto.”

Pai: “As coisas tinham ficado planeadas para eu estar cá, mas...”

Mãe: “E não ‘távamos a contar que fosse naquela altura. E como eu ‘tava de repouso, na casa dos meus pais, entretanto eu já ‘tava farta de ali estar e fui para casa. E quando fui para casa, lembrei-me de fazer limpezas, e a fazer as limpezas comecei logo, porque perdi logo as águas, aquela coisa toda, quer dizer, comecei logo com muitas dores, só tive tempo de vir para cá. Aliás, quando eu vim eu já não conduzi porque vi que não ‘tava capaz, disse à N para levantar o A porque o A ‘tava a dormir a sesta, ainda era pequenito, eu disse à N para ajudar a tratar do irmão, ainda lavei o chão da sala e desci normalmente, telefonei só para a minha mãe, desci as escadas, ainda me pus à conversa com um vizinho meu, a dizer que ia para o hospital porque ‘tava com dores, chamei um táxi, ainda fui deixar a N na minha mãe, e entretanto vim, com o mesmo táxi, pr’aqui. Quando aqui cheguei já ‘tava o Tomás praticamente a nascer, já tava com a cabeça, só tiveram tempo de me meter numa cadeira de rodas e zuca, foi logo.”

Ψ: “E quanto tempo depois é que o pai chegou, quando é que teve contacto com o Tomás?”

Pai: “Eu cheguei no mesmo dia...”

Mãe: “Eu já nem me lembro...”

Pai: “Cheguei no final desse dia se não estou em erro.”

Mãe: “Isso já nem me lembro... Sei que estiveste uns dias aí, que me vinhas trazer a comidinha e tudo. Eu depois fui operada logo no dia a seguir de manhã às trompas, tiraram-me as trompas, e tu é que ficaste com o Tomás no quarto nessa altura, não foi?”

Ψ: “Mas o Tomás precisou de cuidados especiais a seguir ao nascimento?”

Mãe: “Não, correu tudo bem, quer dizer, ele ainda teve que ficar um bocadinho lá em baixo na incubadora, a receber um bocado de calor, porque com aquela coisa toda de eu demorar tanto tempo e ele já ‘tar a querer nascer, ele nasceu muito roxo e ‘tava já cansado, porque ele nem sequer tinha força para mamar, então elas ‘tiveram com ele um bocado, a dar-lhe calor, até mo virem trazer, mas de resto correu tudo bem, mamava bem... eu é que como tive que ir logo no dia seguinte por causa da operação, eu ‘tava toda preocupada em o deixar no quarto, a enfermeira até me disse: «não se preocupe, se o pai não chegar entretanto eu fico com ele, levo-o para ali», aquela coisa toda...”

Pai: “Não, eu vim no dia seguinte, cheguei à noite mas já não vim a tempo de te ver e depois é que vim no outro dia.”

Mãe: “Atão foi isso, eu já não me recordo.”

Ψ: “E, mesmo não sendo o primeiro, qual foi a vossa reacção, que expectativas é que tinham em relação ao Tomás, o que é que tinham imaginado ou idealizado em relação a ele?”

Mãe: “Sei lá...nem sei.”

Pai: “Eu não imaginei nada, nada.”

Mãe: “Eu pensei assim: «Olha, ponto, mais um.», foi logo o que eu pensei, sinceramente, e queria realmente que fosse um bebé calmo e sossegado como o A, que o A foi cinco estrelas de cuidar, a N por exemplo, foi um horror...”

Pai: “Foi um pesadelo...”

Mãe: “Um pesadelo mesmo, e ainda por cima primeiro filho, ainda pior, e depois era uma miúda que não comia bem, não dormia bem, a gente tínhamos que fazer tudo... O Tomás foi tal e qual, não foi bem, bem como o A que o A foi mesmo sem stresse, foi mesmo zen, que eu tinha que o acordar até para ele comer.”

Pai: “Eu não me lembro de o Tomás ter feito uma fita...”

Mãe: “Não, não...”

Pai: “Não houve nada que...”

Mãe: “O Tomás foi mais choramingão para comer, de resto foi super calmo...”

Pai: “Que me fizesse ficar memorizado, foi sempre normal, sempre normal...”

Mãe: “Não, não, foi como o A, pronto o A foi mesmo que eu tinha que o acordar para dormir senão...”

Ψ: “E em termos da vossa dinâmica familiar, o que é que o nascimento do Tomás veio alterar, se é que os senhores notaram alguma diferença...”

Mãe: “Não, não houve assim... Como já era o terceiro, também já foi mais fácil, não é?”

Pai: “Isto é assim: o primeiro arranja-se o peixinho e tira-se as espinhas, o segundo tira-se as espinhas, o terceiro tira-as tu e é se queres.”

Mãe: “Foi tudo mais fácil... E não houve aquela coisinha de ‘tarmos ali a mimar muito, porque, pronto, ele via os irmãos e assim, e desenrasca-se e sempre foi um miúdo super desenrascado.”

Pai: “É mesmo dele, é...”

Mãe: “Eu também acho que sim, mas também o ver como os outros fazem e assim...”

Pai: “É mais sabido, é o mais sabido...”

Mãe: “Eu acho que dos três é o mais sabichão é...”

Pai: “É o mais olho vivo, por enquanto, ainda pode ser que venha a mudar, mas (*ri-se*) tem coisas que não lembra a ninguém.”

Mãe: “É mesmo terrorista, terrorista, não tem nada a ver com os outros, eles são os três diferentes. Mas ninguém diz, que ele parece muito... florzinha de estufa, mas não tem nada a ver. Ele é o mais terrorista dos três.”

Pai: “Por exemplo: ali naquela mesa havia um boneco que ele queira ir buscar, e ele sabia que a gente não deixávamos. Ele ia, encosta-se ali, depois mete a mão pró trás das costas, e começa andar assim de lado...”

Mãe: “É, é...”

Pai: “Tudo o que ele faz é assim. Depois é capaz de vir da rua e dizer assim: «Oh mãe, ‘tão-te a chamar lá fora», e a minha mulher vai lá e não ‘tá lá ninguém, tem coisas assim.”

Mãe: “‘Tá sempre na paródia, sempre, sempre, sempre, sempre. E é muito, mais comigo porque se calhar ‘tá mais tempo comigo, é muito nhoquinhas comigo, ‘tá sempre mais coiso comigo. É mais próximo de mim. O A também, eu acho que os dois rapazes são mais chegados. Ela é mais fria, afasta-se mais... eles não. O A também é, só que o A é totalmente diferente, parece que ‘tá sempre na boa, parece que nunca ‘tá cá. O Tomás é diferente, já é mais decidido, não tem nada a ver, eles são os três realmente diferentes, mas o Tomás é muito protector comigo. É a mãe, a mãe, a mãe e pronto. Ele vem da escola por exemplo, é uma vizinha minha que o costuma ir buscar que eu ainda estou a trabalhar nessa altura, não há um único dia que falhe, ele traz sempre flores para a mãe, e é muito carinhoso, pronto, não tem nada a ver com os outros.”

Ψ: “E o que é que o pai pensa do que a mãe está a dizer?”

Mãe: (*ri-se bastante*) “O pai às vezes fica um bocado ciumento, com certas coisas, mas é que ele provoca-o mesmo, não é? ‘Tá sempre no provocanço com o pai. Abraça-se a mim, por exemplo, e diz: «Esta é a minha namorada», ‘tá sempre nestas coisas, não é? Sempre, sempre, sempre, sempre. Eu acho que sempre foi assim, sempre foi muito agarrado a mim, muito mesmo. Não é que tivesse havido mais ou menos que os outros, ao nível de mimos e coiso, foi tal e qual a mesma coisa, só que não sei, acho que já é dele. O A é mais...”

Pai: “O A é muito meigo, carinhoso, muito sentimental...”

Mãe: “É, o A é mais p’ró lado emocional, é um bocado cabeça na lua, como eu costume dizer, é muito despassarado. Aliás, o A levou o tempo, quando começou a andar, ‘tava sempre a bater com a cabeça nos sítios...”

Pai: “Caía...”

Mãe: “Caía constantemente. Eu cheguei a dizer que à pediatra «O que é que se passa com o A que ele leva-me a vida a cair?». Fosse na rua, fosse em casa, eu acho que ele tropeçava nos próprios pés, eu não sei como é que ele fazia aquilo, era mesmo trapalhão. O Tomás já não, o Tomás é assim, aleije-se ou não se aleije ele não chora, porque acha que homem não chora,

vacinas e tudo, ele só depois de vir de lá é que manda um grito e chora e manda vir com aquilo tudo. Mas à frente das enfermeiras, não abre a boca sequer. Impecável, mesmo à homem. Eu às vezes digo assim: «eh pá, ganda homem, nem choraste nem nada.», mas depois vem cá p'ra fora e diz: «elas foram tão más!» e chora mesmo. O que eu noto é que antes se alguém lhe batia, na escola ou isso, virava costas e pronto, agora fica zangado mesmo, sente-se, às vezes explode com uma raiva e acaba por choramingar, pronto. Há coisa de uns tempos é que ele tem ficado mais coiso, fica logo enervado e grita. E não me dá trabalho nenhum, afinal foi impecável... P'ra deixar a fralda foi um bocadinho difícil, deles os três acho que foi o mais difícil não foi?”

Ψ: “Já que a mãe fala nisso, as etapas do desenvolvimento do Tomás quando é que aconteceram, o andar, o falar...”

Mãe: “O falar foi sempre um bocadinho trapalhão, pronto...”

Pai: “Ainda é...”

Mãe: “É...”

Pai: “Porque não o corrigem. Ele diz as coisas ao contrário, acham-lhe piada e ninguém o corrige.”

Mãe: “E às vezes ele agora diz bem e daqui a cinco minutos ‘tá a dizer mal. Eu acho que ele foi sempre assim, ele também começou a falar mais tarde.”

Ψ: “Mais ou menos quando?”

Mãe: “Ah, já não me recordo, mas sei que foi mais tarde até que os irmãos. A N com um ano já falava bem, nesse aspecto a N foi sempre despachada, começou a andar e a falar muito cedo, deixou as fraldas aos nove meses, começou logo a usar bacio, a querer usar cuequinhas, pronto aquela coisa toda mesmo à menina.”

Pai: “O Tomás foi...”

Mãe: “Foi horrível.”

Pai: “O A foi através da conversa, uma conversa que eu tive com ele e a partir daí nunca mais, o Tomás, tive de lhe contar três vezes a mesma conversa para ele aprender.”

Ψ: “Com que idade?”

Mãe: “Então ele foi para a primária e ainda tinha fraldas...”

Pai: “Foi, o ano passado.”

Mãe: “Foi, que eu dizia-lhe «que vergonha», era só p'ra dormir. À noite é que ele não se conseguia controlar, e era mesmo muito xixi. Eu comecei a ter que me levantar de três em três horas.”

Ψ: “E o que é que os pais acham disso?”

Pai: “Sei lá, gosta de estar na cama até mais tarde, o irmão levanta-se logo, ele não.”

Mãe: “O que mais me fazia confusão era, como ele já era crescido, mesmo aquelas fraldas para meninos mais crescidos, se fizer mais xixi, aquilo passa. Era constantemente. Entretanto eu comecei a dizer a ele «não pode ser». Mesmo a cortar a água ele fazia muito xixi, depois a Dr.^a disse também para não dar sopa ao jantar, porque é líquido, comecei a tentar. De inverno era um horror, mesmo com a fralda, era cama, era cobertores. Eu já andava desesperada, comecei a fazer turnos. De três em três horas eu acordava-o para fazer xixi. Fiz aquilo duas semanas, depois já ‘tava, bem, derreada. Comecei-lhe a dizer: «Tomás, tu tens que acordar para ir fazer se tens vontade, tens que pensar, não tenho fralda e não posso fazer na cama.»”

Pai: “Depois ainda teve dois ou três dias sem fralda, mas depois ainda voltou a fazer, ela voltou a pôr fralda. Voltei a falar com ele outra vez, houve umas noites que se aguentou, outras que não, houve uma noite que puseste...”

Mãe: “Mas ele já não sujou a fralda e eu fiquei toda contente.”

Pai: “Eu dizia-lhe que não podia ser, acabou-se e acabou-se...”

Mãe: “Porque eu já não podia...”

Pai: “Fizeste na cama, vou-te dar um banho de água fria, e ainda lhe dei uma vez um banho de água fria.”

Mãe: “Pois foi, para o castigar.”

Pai: “E fez bem.”

Mãe: “O mais engraçado é que às vezes sujava a cama e fazia a cama. Claro que a pessoa entra e cheira, que era para não ralharmos com ele nem nada. Então ele dizia: «Mãe, hoje não precisas de fazer a cama que eu já a fiz.». Mal abria a cama via. «Oh Tomás, então?», «Oh mãe, não sei como é que eu fiz isso. Mas eu amanhã já não faço». Depois quando eu lhe pus a fralda da última vez e não a sujou ficou todo contente. Veio-me mostrar: «Olha mãe, eu não fiz nada!», «Ena, assim é que é filho, ‘tás a ver?», fiz uma ganda festa.”

Pai: “Hoje já não levas banho de água fria.” (*ri-se*)

Mãe: “Depois quando parou foi um alívio para todos, já era um sacrifício mesmo. O A também foi difícil para largar a fralda, mas não foi tanto.”

Pai: “O A foi de um dia para o outro, falei com ele e nunca mais fez nada.”

Mãe: “Fez-me logo ir comprar boxers e tudo. «Boxers à homem como os do meu pai.». Se não fossem como os do pai já não vestia. Foi impecável. O Tomás, de facto, foi o mais trabalhoso nesse aspecto, mas de resto, pronto, foi só a fala e as fraldas. O andar, com um ano, um ano e meio começou a andar, não houve problemas, tudo normal. A N com um ano já falava muito bem, bem pintava, o pai com a gravata e tudo, ninguém dizia que ela tinha um ano, já sabia as cores...”

Pai: “Começou a contar com dois anos... Hoje, pinta a manta.”

Mãe: “Porta-se mal. Ela até é extremamente inteligente, mas quando a trocámos de escola, no sétimo, foi uma coisa, do oito para o oitenta, do estilo de assina os testes e simplesmente não se importa, todas as disciplinas negativa, faltas então é uma coisa horrorosa, mesmo p’ra falar...”

Pai: “Má pr’ós irmãos...”

Mãe: “E tornou-se muito mazinha para os irmãos. Ela com o A sempre teve aquela coisa, pronto, com o Tomás não foi tanto, mas não é aquela coisa de irmã, que ajude, que seja carinhosa...nada, é uma frieza diabólica. E não fala pelos nomes, nem «o meu irmão», nada, «estes» é como ela se dirige aos irmãos.”

Pai: “O A e o Tomás, eles brincam muito os dois, são amigos um do outro, eles também passam bem sem ela, a irmã estar ali ou não estar é igual.”

Mãe: “Quando o A nasceu, nós pensávamos que era uma menina, e ela queria muito uma menina, andou a comprar roupinha comigo, escolhemos o nome e tudo. Só que, quando eu vim para o hospital, porque o A também quis nascer mais cedo, eu ‘tava de seis meses, e a médica é que me disse que tinha ali um rapaz, e eu pensava que não podia ser, já tinha o enxoval todo comprado para uma menina, e afinal era um menino. A N veio, porque o pai não ‘tava cá, e veio com a avó, e ficou piursa, não queria nada um irmão, queria uma irmã. Então ela era mesmo muito mazinha p’ra ele, foi sempre um pandemónio, e eu tentava que ela não se sentisse, fiz troca de prendas e tudo, como se o irmão tivesse trazido uma prenda para ela também, porque tinha três anos, mas ela fazia coisas diabólicas. Lembro-me de ela ‘tar a ver o irmão com os dedos entalados na porta e fechou a porta, era mesmo mazinha.”

Pai: “Os mimos que se dá aos irmãos ela fica...”

Mãe: “É horrível.”

Pai: “Fica de morte.”

Mãe: “Hum, hum. Não é que se fizesse distinções, mas na cabeça dela existiam distinções.”

Pai: “O Tomás não, o Tomás é aquela máquina. Não se passa nada. «Vocês estão aí, eu estou aqui, mais nada».”

Mãe: “Lá de vez em quando faz as suas guerrinhas, não é?”

Ψ: “Quando saíram do hospital, com quem é que o Tomás ficou, teve apoio de alguém?”

Mãe: “Com a mãe. Na altura foi comigo, porque eu não estava a trabalhar nessa altura.”

Ψ: “E ficou com o Tomás até quando?”

Mãe: “Já não sei... Olhe, já nem sei...”

Pai: “Tu ficaste com o Tomás até sempre pá!”

Mãe: “Não, até mais ou menos um ano. Depois ficou com a avó até ir p’ra pré e na pré depois a avó ia buscá-lo e ficava com ela até que eu saísse do trabalho, eles estavam os três numa escola perto da avó, para ela me dar algum apoio se fosse preciso.”

Ψ: “O Tomás começou a ser seguido em consultas de psicologia porque motivo?”

Mãe: “Foi quando foi para a primária, porque quando ele foi para a pré mandaram uma carta para o Garcia de Orta, a pedir que ele fosse visto porque tinha algumas dificuldades. É assim, na altura eu não liguei muito porque enquanto os outros meninos tinham andado em infantários o Tomás não, tinha estado em casa, é diferente, e nota-se bem, então eu não liguei muito, mas deixei mandarem o relatório e aquela coisa toda, como eu já tinha o A e a N a serem seguidos. Entretanto, a pedopsiquiatra fez uma consulta ou duas com ele, e mandou para a psicóloga.”

Ψ: “Mas portanto, foi a escola quem referenciou o Tomás...”

Mãe: “Foi, porque ele tinha muitas dificuldades, só conseguia trabalhar com jogos, nem sequer queria saber das histórias que contavam lá na pré, quando lhe faziam perguntas ele nem sequer sabia do que é que se tinha falado, o interesse dele, naquela altura, dizia-me a educadora, eram os lotos, e os legos, e coisas que ele tivesse que construir.”

Ψ: “Sozinho ou com outros meninos?”

Mãe: “Normalmente ele gostava de trabalhar sozinho, não quer dizer que não brincasse com outros meninos, ele também brincava, ele sempre foi muito amigo e muito fácil de fazer brincadeiras, mesmo no parque, quando ia comigo, ele fazia amigos com uma facilidade doida, parecia que já os conhecia. Adorava ir ao parque e brincar. Na escola, a única dificuldade que eles sentiam, pronto, é que ele desligava completamente, não conseguia ‘tar numa cadeira sossegado a trabalhar, não conseguia acabar as coisas, e a Educadora começou a ficar preocupada, que ela tinha qualquer coisa de Ensino Especial, e então começou a trabalhar com ele um pouco mais à parte, e às vezes pedia-me para ficar mais um bocadinho com ele, para fazer umas fichas, uma coisitas com ele, e foi quando ela começou a aperceber-se que havia ali qualquer coisa que não estava bem. Depois a pedopsiquiatra questionou se a Educadora achava melhor ele repetir a pré ou passar para o primeiro ano, ela andava um bocadinho indecisa e depois ela disse: «vamos experimentar que ele passe para o primeiro ano, pode ser que até dê um salto». Ele realmente foi mas notou-se realmente que ‘tava atrasado em relação aos outros, mesmo a fazer o nome, a aprender certas coisas, ele ignorava.”

Ψ: “E ao que é que os pais atribuem essa situação?”

Mãe: “Eu na altura nem sabia bem. Pensava que era de ele ‘tar connosco até mais tarde em casa, apesar de que os outros também tiveram e pronto, eram diferentes, mas há sempre crianças com mais facilidade de aprendizagem e outras com mais dificuldade, e eu fiquei sempre naquela coisa «oh, se calhar ele tem mais dificuldade do que os outros», não liguei muito ao assunto na altura. Quando foi na primeira classe fiquei um bocado preocupada, não é, porque ele já se sentia, os outros conseguem ler e ele não conseguir, comecei a notar que ele ‘tava a ficar um bocado triste. E depois a professora era constantemente recados na caderneta, porque o Tomás desorienta uma turma de 22 meninos, todos os dias havia recados.”

Ψ: “E começaram a ter queixas do comportamento também...”

Mãe: “Do comportamento, porque como não lhe apetecia ouvir aquilo, fazer isto ou aquilo, «mas p’ra quê que eu tenho que fazer isto?», arranjava brincadeiras. Ele fazia palhaçadas para os outros se rirem, ele andava à volta das mesas, não conseguia estar cinco minutos sentado, e andava debaixo das mesas, e porque andava a correr, depois ela não o deixava ir ao recreio porque ele se atrasava a fazer as fichas, e ele começou-se a aperceber que de facto havia ali uma diferença. E ele via que os outros meninos já liam e ele não, é que o Tomás esquece-se muito das letras, aprende agora uma letra e daqui a bocado já não se lembra. Ele também tinha aquela coisa do efeito de espelho no início, que fazem as coisas do avesso, como se costuma dizer, agora já não é tanto, às vezes ainda faz certas coisas mas agora já não é tanto, foi muita coisa...esta professora da primeira classe voltou a insistir, escreveu um relatório para o hospital, então pronto, tem estado a ser seguido desde essa altura. Este ano, ‘tá mais ou menos, pronto, mas é assim, como o ano passado aquilo passou-lhe tudo ao lado, este ano é que ele ‘tá mesmo a começar uma primeira classe, porque o ano passado aquilo passou-lhe mesmo tudo ao lado. A única coisa que eu noto assim mais é, pronto, ele as letras havia qualquer coisa que ele ainda se lembrava, as contas para ele nunca foi problema, é o oposto dos irmãos, ele a matemática adora aquilo, e foi o escrever. Se lhe derem duas fichas, uma de português e outra de matemática, ele diz logo: «esta fica para amanhã, esta eu faço agora». Ele detesta letras, aquilo é um bicho de sete cabeças.”

Ψ: “Como é que ele costuma fazer os trabalhos, sozinho, com os pais?”

Mãe: “Normalmente faz sozinho, eu tenho que lhe ler o que está nas fichas...”

Pai: “Ele espera por ti para fazer os trabalhos.”

Ψ: “O que é o que pai pensa acerca de tudo isto que a mãe tem estado a dizer sobre o Tomás, as dificuldades dele...”

Pai: “É um rótulo, os professores puseram-lhe um rótulo «deixa estar, tu és um miúdo problemático...». Porque é assim: se o obrigarem a fazer as coisas o Tomás faz. Demora mais tempo mas faz. Tem que se insistir muito. A história dos trabalhos de casa: comigo é «Tomás, vai fazer os trabalhos de casa», vai enrolando, vai enrolando, mas vai fazendo, quando chega a mãe não faz porquê? Porque quando chega a mãe, tu lês, explicas tudo...”

Mãe: “Porque senão ele não percebe...”

Pai: “Não, porque «isto é o A, isto é o B, isto é o C...», e pronto, já ‘tá!”

Mãe: “Não é bem assim, mas pronto...”

Pai: “Desculpa?! É 100% assim, não falha nada, depois vai e conversa um bocadinho com o irmão, daí a bocadinho, «oh mãe, e isto é o quê?», «então filho, isto é assim, assim...»”

Mãe: “Ele não consegue ler... eu tenho que lhe ler as coisas e às vezes ajudo-o nas pinturas...”

Pai: “Comigo não. «Não tiveste na escola?! Então tens que saber, vá.». Fica ali, a olhar pr’aquilo, à espera que a mãe venha, não faz mais nada. Não faz porque não quer, porque sabe que ela lhe

faz, 'tá a perceber?» (*a mãe ri-se, um pouco embaraçada*) “Então você vai fazer algum trabalho se tiver alguém que faça? Se a mãe tiver alturas que não está, ele começa a fazer as letras para ocuparem três linhas só para não fazer tudo. Depois eu digo-lhe para fazer mais pequeno e ele lá faz. Depois eu digo-lhe: «Oh pá, isto 'tá horroroso, faz lá outra vez», e ele lá vai.”

Mãe: “Fica danado...”

Pai: “Fica, mais vai fazendo, tem é que se espicaçá-lo um bocado e massacrá-lo um bocado. Agora se eu digo «isto é o A, o B, o C...», é que ainda por cima escreve. Olha, 'pera lá um bocadinho...”

Mãe: “Não, eu costumo pintar, ele detesta pintar...”

Pai: “Eles são crianças, aprendem 30 vezes mais rápido que nós, e o que lhes convém então... Quando eu vou buscá-lo «qual é que era a cor que tiveste?», «Ah, não vais gostar», porque ele anda ali a enrolar, «Não foi verde pois não?». «Ah, os outros falaram e assim...», «É tu não falaste?».”

Mãe: “Porque depois é sempre os outros...”

Pai: “Então agora chegas a casa e metes-te a fazer os trabalhos. Mas não fazia. Esperava que a mãe chegasse para fazer as coisas...”

Mãe: “Não é bem assim, era para ler as coisas...”

Pai: “Acreditas nisso? (...) É que é impressionante. Ele é capaz de estar um dia inteiro a olhar para o papel à espera da solução mais fácil, e a solução mais fácil é esperar pela mãe.”

Mãe: “Não, ele a matemática, por exemplo, ele nem conta pelos dedos, ele faz de cabeça...”

Pai: “Às vezes as fichas que eles trazem também não são muito claras, não são simples...”

Mãe: “Não são não...”

Pai: “Não sei, fico assim, «Olha, faz assim...».”

Mãe: “Mas pronto, a matemática noto muita diferença. Esta professora, a outra investia mais nele e ajudava-o mais, esta, também tem uma turma com mais meninos, com mais três com problemas ainda mais graves do que o Tomás, e dá-me ideia que ela já deve ir a pensar «Meu Deus como é que vai ser o meu dia?». E depois, se houver alguma coisa com algum miúdo, uma dor de barriga, uma dor de cabeça...”

Pai: “Manda-o logo para casa.”

Mãe: “Até mesmo esta coisa de ele este ano não gostar de ir para a escola tem um bocado a ver com isso. A professora do ano passado era muito carinhosa mesmo, quer dizer, mesmo fora das aulas ela dava muita atenção aos miúdos. Ainda este ano sempre que ela vê o Tomás ela faz uma festa, e ele também gosta muito dela, e ela 'tá sempre a procurá-lo «Então, já sabes ler? É que eu 'tou à espera que me vás lá ler um texto à sala.» e ele fica sempre todo inchado. E ele tem dias que vem assim mais tristonho e eu procuro o que se passou e ele diz: «É aquela professora, aquela

professora». Mas ele como está num segundo ano mas com a matéria do primeiro, teve que ficar com esta professora, só que realmente ele notou uma diferença muito grande. E os três piores meninos, o Tomás incluído, põe-nos assim um bocado à parte.”

Ψ: “O Tomás tem algum tipo de apoio, ou Ensino Especial?”

Mãe: “Tem, tem uma professora do Ensino Especial que vai lá às 2^{as} e 5^{as} para os meninos que têm mais dificuldades. Ele, por exemplo, tem uma avaliação diferente dos outros meninos porque ele entrou naquele decreto, e essa Sr.^a do Ensino Especial, ele gosta muito dela, mesmo quando ralha ou deixa de ralhar. A letra dele ‘tá ligeiramente melhorada, a leitura é que pronto, mas ele vai fazendo. E basta ‘tar no fim-de-semana em casa que quando chega à 2^af é um horror...”

Pai: “Isso são todos assim, à segunda-feira é sempre mais difícil e quando voltam das férias.”

Mãe: “Mas por exemplo o A já não tem nada a ver, o A não é nada assim. Parece que tem molas. Trata de tudo sozinho, levanta-se às sete, veste-se, faz o pequeno-almoço dele...”

Ψ: “E o Tomás em relação à autonomia?”

Mãe: “O Tomás é assim...”

Pai: “Tudo à última da hora!”

Mãe: “Mas sozinho...”

Pai: “Mas tudo à última da hora.”

Mãe: “Tem que ser é mais devagarinho.”

Pai: “Ele é até ao limite.”

Mãe: “O Tomás de manhã é: «Tá bem, já vou...»...”

Pai: “«Dói-me a cabeça»...”

Mãe: “«Dói-me tanto as pernas... Ena mãe, ‘tou tão cansado hoje». Ele veste-se deitado, não sei como é que ele consegue! Até enerva, e eu a ver as horas a passar... À noite é capaz de andar por ali, anda, anda, e faz ronha, e às vezes encosta-se ao pai no sofá mais um bocadinho...”

Pai: “Depois eu chateio-me e vai tudo a toque...”

Mãe: “Mas ele depois também não discute muito, quando vê que o pai se ‘tá a passar, vai logo.”

Ψ: “Os senhores notam diferença entre a relação do Tomás com a mãe e com o pai?”

Mãe: “Comigo é muito protector...”

Pai: “Comigo às vezes eu gosto de ficar assim no sofá para descomprimir e ele vem-se aconchegar a mim. Não é aquele rapaz de andar sempre a agarrar-me ou assim, para lhe arrancar um beijo, uiii, «beijos é para os maricas, homens não»...”

Mãe: “É, até com o meu sogro, ele ia para o cumprimentar com um beijo e ele estica-lhe a mão. O pai às vezes «dá-me lá um bjinho de boa noite» e ele primeiro que dê...”

Pai: “E ele tem uma coisa que ele às vezes não sabe quando é que há-de parar. Eu à noite gosto d e’tra um bocadinho na palhaçada com eles, nem que seja um minuto ou dois e às vezes «chega, vamos dormir», e ele não sabe parar, às vezes já chateia, ele continua naquela coisa...”

Mãe: “Ele não sabe que quando a gente diz não é não, ele tenta sempre ir até ao limite. Enquanto que o A agente diz: «não, acabou», o A aceita. E agora ‘tá numa fase que eu às vezes até digo «Mas tu tens que idade? Tu fizeste agora 8 anos, e ainda ‘tás pior!». Porque ele agora num coiso, num riso, que até irrita, a gente diz qualquer coisa e ele ri-se, ri-se, parece que ‘tá sempre a gozar com a gente...”

Pai: “E grita e depois começa a chorar...”

Mãe: “Ele agora, por tudo e por nada grita, por tudo e por nada, se a gente lhe diz alguma coisa que ele não gosta, chora...”

Pai: “Anda saturado com qualquer coisa.”

Mãe: “Há qualquer coisa.”

Ψ: “Ele tem amigos preferenciais?”

Mãe: “Ele anda sempre com uma menina que ele diz que é namorada dele, ela é um bocadinho maria-rapaz, mas prontos. Ela é que lhe guarda o lugar no refeitório p’ra comer e tudo, é uma coisa os dois, andam sempre os dois. Com os rapazes este ano nesta turma ele não se dá assim muito bem. Quem lhe bateu da outra vez não foram os meninos da turma dele, não tem nada a ver, são uns meninos grandes. Ele ‘tava a brincar na caixa da areia e apareceu lá um miúdo e ele disse: «sai daqui que eu ‘tou a brincar», e o outro atirou-lhe areia. Acho que ele se passou, o outro deu-lhe um empurrão e ele também, defendeu-se. Ele é bruto, mas o outro era maior e acho que foi buscar outros. Ele é magrinho e coiso mas é bruto, e quando se enerva vai tudo à frente.”

Pai: “Fica vermelho aqui de lado e tudo o que consegue atirar, jogar, vai tudo...”

Mãe: “Ele é fraganito e tudo mais vai tudo à frente, e na escola como não se conseguir defender tremia por todos os lados, ‘tava tão exaltado, tão nervoso, chorava baba e ranho. Nesse dia, não se foi dos nervos se do que foi, ele encheu-se de diarreia. Eu já notei que quando ele se enerva com qualquer coisa desarranja-lhe o estômago e vai constantemente à casa de banho.”

Ψ: “Que expectativas é que os pais têm agora, que ele este ano seja aprovado?”

Mãe: “É assim, em princípio penso que sim, pronto... ela a única coisa que me disse era o comportamento, continua a ser o comportamento... Diz que está lá mas não está lá muitas das vezes. Quando a pedopsiquiatra lhe passou o Concerta diz que nos primeiros dias ainda notou alguma coisa, a primeira semana pronto. Diz que ainda notou alguma coisa. Diz que agora não nota absolutamente nada. A pedopsiquiatra depois mandou-lhe dar um Riperidal à noite, diz que não nota nada. Quer dizer, pronto... daqui a pouco o miúdo... E então eu disse-lhe: «Então olhe

é assim, o que a pedopsiquiatra o que me disse foi isto assim, eu ‘tou a fazer como ela me mandou, agora... não posso fazer mais nada.»”.

Pai: “É dele já. As próprias coisas são dele, a maior parte as coisas é do feitio dele.”

Mãe: “Pois claro. Mas ela dá-me ideia que querer que os miúdos estejam ali meios a dormir. Eu cheguei-lhe a dizer logo de início, quando foi com o Concerta. Ela depois quis falar comigo e procurar-me: «Oh começou a dar-lhe o concerta.», e eu disse: «Comecei.»... Quando a pedopsiquiatra me mandou, foi logo a seguir as férias de Natal, porque nas férias de Natal não tem lógica. E ela disse: «Oh, mas devia ter dado antes porque eu assim não noto nada...» e não sei quê. Eu disse-lhe: «Olhe, eu dei como a médica me mandou dar, e ela é que sabe. Nas férias eles têm que fazer é o descanso até, portanto não têm que tomar nas férias. Ao fim de semana também não tomam porque é o descanso deles. Só tomam realmente quando têm que ir para a escola. «Ah, mas é que eu não noto nada e assim...»”

Ψ: “E os pais, os senhores achavam que havia necessidade de ele estar medicado? Ou seja, em casa as coisas correm melhor, essas alterações de comportamento, o facto de ele ser mais inquieto...”

Mãe: “Ele é inquieto, eu sempre o achei inquieto. Eu acho que ele sempre foi assim. Tem alturas que se nota que está mais agitado...”

Pai: “Sempre foi aquele tipo de pessoa de querer fazer tudo ao mesmo tempo e depois não consegue acabar nada, impulsivo. Ou é mandado fazer mesmo ou senão por ele não faz. Pega numa coisa, depois pega noutra... E depois é matreiro, é matreiro. Se tem que fazer os trabalhos e eu me distraio um bocadinho quando vou ver, quais trabalhos, ‘tá lá a folha e o lápis, mais nada. Depois quando o tempo ‘tá a acabar faz tudo em cima do joelho. Depois aqui a Sr.^a Dr.^a, a doutorada...”

Mãe: “Senão ele leva até à noite p’ra fazer as coisas...”

Pai: “Quando chega «Não vês que ‘tá mal?! Aqui não é p A é o B.». E ele: «Ah, pois é.»...”

Mãe: “Mas faz.”

Pai: “Fazes tu!”

Mãe: “Eu não faço, eu simplesmente às vezes digo as coisas. Ele é que faz, não sou eu. Olha eu a fazer a letra dele! Era complicado! Eu não faço... *(o pai encolhe os ombros, num misto de resignação e oposição)* Eu às vezes pinto...pinto porque eu adoro pintar e ele detesta e depois diz-me «Oh mãe, dói-me tanto a mão, podias-me ajudar a pintar.». E quando eu dou conta já pintei o desenho quase todo e ele não saiu do sítio.”

Pai: “E às vezes não tem muita noção das cores...”

Mãe: “Ele gosta de fazer tudo fora do vulgar, por exemplo um elefante ele às vezes não pinta de cinzento, pinta de cor de rosa, azul, verde, mas ele diz que fica mais giro, inventa com cada uma, tem que ser tudo diferente.”

Ψ: “Para terminarmos, algum marco significativo no desenvolvimento dele, algum acontecimento, positivo ou negativo, que os pais considerem importante assinalar?”

Mãe: “Não... O meu pai faleceu mas o Tomás era bebezito não se apercebeu, não teve noção. Eu acho que isso também lhe passa tudo ao lado.”

Pai: “Ele não é muito sentimental...”

Mãe: “Não, não, passa-lhe tudo ao lado. Nasceu a minha sobrinha, eu noto às vezes aquele ciuminho comigo, quando eu estou a falar com ela, depois vem para o meu colo, mas também não é nada de especial.”

Pai: “Mas o miúdo não tem problemas nenhuns, ao fim e ao cabo. A gente pode sair e deixá-lo com algum dos irmãos e ele fica bem. Eles vão brincar, não mexem em nada perigoso, nada, ‘tão sempre ali resguardados.’”

Mãe: “O A diz logo: «Fechem tudo». O Tomás se tem fome, o A trata dos dois, muitas das vezes até é o Tomás que vai, abre o pão, tudo sozinho, o Tomás é um bocado preguiçoso mas quando precisa de alguma coisa arranja-se bem.”

Pai: “Ele é muito prático. Só tem muito cuidado é com o cabelo, para pôr gel e assim...”

Mãe: “E ele é que faz sozinho, não somos nós. Ele acaba de tomar banho e vai-se pentear, mesmo sem cabelo, p’ró espelho. Eles às vezes tomam banho juntos...”

Pai: “Mas é mais para a brincadeira, é mais p’ra aprender a nadar do que p’ra tomar banho... Mas atenção: para ir à casa de banho tem de ser de porta fechada, não deixa ninguém estar ao pé...”

Mãe: “É uma coisa por demais! Nem com o pai. Se o pai tiver a tomar banho ele espera para ir à casa de banho... Nem com o irmão.”

Ψ: “Para terminar, como é que descreveriam o Tomás, assim em poucas palavras?”

Mãe: “Terrorista!”

Pai: “Terrorista o quê? É normal da idade...”

Mãe: “Safado...”

Pai: “O quê?”

Mãe: “Safado. Desculpa mas é safado.” (*ri-se*)

Pai: “É um chico-esperto! Não é assim de fazer nada do outro mundo. Tem as suas coisas, que às vezes não lembra a ninguém, nem sei se castigo se me rio.”

Mãe: “E é carinhoso, é meiguinho...”

Pai: “De vez em quando tem que se chegar lá e dizer: «é assim, é assim.»”

Mãe: “Precisa de regras...porque senão ele abusa. Faz coisas do arco da velha...”

Pai: “No outro dia fui dar com ele em cima da laranjeira, mas acha que ele tem problemas ... «Se subi tenho que descer.»”

Mãe: “Se fosse outro miúdo ficava assim com medo, olhó A a subir a uma árvore!”

Pai: “Não consegue aprender a andar de bicicleta, é uma coisa incrível, não se endireita...”

Mãe: “Depois enerva-se muito com aquilo...”

Pai: “Vamos esperar que ele cresça mais um bocadinho. Não é grande jogador de bola, mas eu também não, o irmão também não.”

Mãe: “Ele gosta mais de jogos, de montar coisas, puzzles, computador, no outro dia aprendeu a jogar damas com a minha vizinha, p’ró fim já sabia mais do que ela. “Teve a jogar xadrez no outro dia contigo...”

Pai: “No computador...”

Mãe: “Mas depois fica danado quando perde.”

Pai: “Não é guloso...”

Mãe: “Não, gosta mais de salgados. Não nos temos que chatear com nada.”

Pai: “Vamos a qualquer lado, e estamos na sala de espera ou assim e eu digo-lhe: «Senta-te aqui, não saias daqui.», e ele fica, ele não sai dali. Este dá-me cabo da cabeça, este...”

Ψ: “Porque diz isso?”

Pai: “Porque é mais vivaço que os irmãos.”

Mãe: “É o terceiro, já vem com a escola toda.”

Ψ: “Mas o que é que o preocupa nesse sentido?”

Pai: “O futuro. Quando ele tiver 16 ou 17 anos. Ou eu tenho que lhe mandar duas ou três peras valentes, eu não sei como vai correr.”

Mãe: “É porque ele faz frente...”

Pai: “Nem é só o fazer frente... Este vai-me dar chatices. E não o vejo muito com amigos e isso... Este tem que ser mais disciplinado. Este sacana, as brincadeiras que ele faz às vezes são brincadeiras infantis, mas não, as malandrices que ele faz já trazem alguma maturidade. É muito mais astuto que o irmão...”

Mãe: “O A é muito, muito ingénuo, vai para onde o mandarem, por exemplo... Mesmo com as raparigas, acredita muito no amor. Gosta muito de ajudar em casa, faz a cama, é diferente, é mesmo aquele homem que as mulheres gostavam de ter. O Tomás já não, o Tomás é sabido. O Tomás também é de ajudar, mas não é tanto... Por enquanto ainda lhe vamos conseguindo dar a

volta, tem oito anos, mas quando chegar à idade da N ou isso... Porque ele refila, ele faz frente a algumas coisas que a gente lhe diz, não nos diz directamente as coisas porque não pode, mas amua.”

Pai: “E fala muito.”

Mãe: “Cansa-nos...”

Pai: “Bla, bla, bla, bla, bla, bla...”

Mãe: “Ele gosta muito de falar, e conta a história da vida dele toda, e depois mete p’ra lá uns teatros... Ele vai mesmo pela saturação”

Pai: “Come como um adulto, vai à casa de banho dos homens sozinho...”

Mãe: “Ele faz tudo sozinho...”

Pai: “Isso é que me custa, é ele estar na escola e estarem a dizer que ele é diferente. Se formos a um lado qualquer, não nos preocupamos, claro que há sempre aquela preocupação porque é uma criança, não dá grandes chatices.”

Ψ: “Bem, ficamos então por aqui então. Mais uma vez muito obrigado por terem aceite participar nesta entrevista.”

Mãe: “De nada, ora.”

Ψ: “Então adeus e resto de uma boa tarde. Até à próxima.”

Os dois: “Adeus, boa tarde.”

Resultados individuais - Statistical Package for Social Sciences (versão 19)

Dados sociodemográficos:

- Nível de Graffar: 3;
- Escolaridade dos pais: Ambos – Ensino Básico Preparatório;
- Antecedentes psiquiátricos: Mãe – acompanhamento actual;
- Situação relacional parental: Casados;
- Situação profissional parental: Ambos – empregados.

Nota: Refere-se que o reduzido número de participantes não permitiu conduzir testes estatísticos que indiquem se as diferenças manifestas são ou não significativas, pelo que a análise realizada é meramente descritiva.

Resultados da Escala da Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo dos Pais - EMBU-C

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
EMBU_Suporte Emocional_Mãe	3	2,57	3,50	3,0714	,46839
EMBU_Rejeição_Mãe	3	1,88	2,38	2,0417	,28868
EMBU_Tentativa de Controlo_Mãe	3	2,10	2,90	2,4000	,43589
EMBU_Suporte Emocional_Pai	3	,00	3,50	2,2143	1,92592
EMBU_Rejeição_Pai	3	,00	1,88	1,2500	1,08253
EMBU_Tentativa de Controlo_Pai	3	,00	2,90	1,6667	1,49778
Valid N	3				

Resultados do Questionário de Coparentalidade – percepção do pai

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Coparentalidade_Cooperação_Pai	1	3,40	3,40	3,4000	.
Coparentalidade_Triangulação_Pai	1	1,00	1,00	1,0000	.
Coparentalidade_Conflito_Pai	1	2,80	2,80	2,8000	.
Valid N	1				

Resultados do Questionário de Coparentalidade – percepção da mãe

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Coparentalidade_Cooperaçã o_Mãe	1	4,00	4,00	4,0000	.
Coparentalidade_Triangulaçã o_Mãe	1	1,75	1,75	1,7500	.
Coparentalidade_Conflito_ Mãe	1	3,00	3,00	3,0000	.
Valid N	1				

Análise

A análise das respostas dos pais de Tomás ao Questionário de Parentalidade permitem-nos verificar que, uma vez mais, a dimensão mais assinalada se trata da *Cooperação* (mãe: 4; pai: 3,4), a qual exprime o grau de apoio, valorização e respeito mutuo conjugal parental, seguida da dimensão de *Conflito*, com resultados que assumem valores igualmente significativos (mãe: 3; pai: 2,8), exprimindo conflito entre os pais no que concerne às questões da parentalidade, a frequência com que os pais discutem ou estão em desacordo acerca do filho, o quanto se menosprezam mutuamente enquanto pais. Seguindo a tendência geral dos três casos, a dimensão menos assinalada prende-se com grau no qual os pais sentem que um dos cônjuges cria um aliança com o filho, menosprezando-o ou excluindo-o, ou seja, a dimensão de *Triangulação* (mãe: 1,75; pai: 1).

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção da mãe sobre si própria

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Mãe_Mãe	1	3,53	3,53	3,5333	.
Estilo autoritário Mãe_Mãe	1	1,67	1,67	1,6667	.
Estilo permissivo Mãe_Mãe	1	1,40	1,40	1,4000	.
N	1				

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção da mãe sobre o pai

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Mãe_Pai	1	2,20	2,20	2,2000	.
Estilo autoritário Mãe_Pai	1	2,50	2,50	2,5000	.
Estilo permissivo Mãe_Pai	1	1,80	1,80	1,8000	.
Valid N	1				

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção do pai sobre si próprio

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Pai_Pai	1	2,67	2,67	2,6667	.
Estilo autoritário Pai_Pai	1	2,25	2,25	2,2500	.
Estilo permissivo Pai_Pai	1	1,00	1,00	1,0000	.
Valid N	1				

Resultados do Questionário de Dimensões e Estilos Parentais – percepção do pai sobre a mãe

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Pai_Mãe	1	3,47	3,47	3,4667	.
Estilo autoritário Pai_Mãe	1	1,58	1,58	1,5833	.
Estilo permissivo Pai_Mãe	1	1,80	1,80	1,8000	.
Valid N	1				

Análise

A partir da análise das respostas dos pais de Tomás ao Questionário de Dimensões e Estilos Parentais, e à semelhança do que aconteceu nos casos anteriores, é passível de verificar que, no que concerne à percepção dos pais sobre si próprios o estilo, segundo a tipologia de Baumrind (1966), no qual admitem rever-se trata-se do *Autoritativo* (μ = mãe: 3,53; pai: 2,66), bem como aquele que o pai identifica na esposa (μ = 3,46). Destacamos que, contrariamente, a mãe de Tomás considera que o estilo parental do cônjuge reflecte um registo *Autoritário* (μ =2,5), sendo que este, na avaliação do seu próprio estilo parental revela uma grande elevação nessa dimensão (μ =2,25), o que considerámos reflectir a tendência geral de actuação do pai da criança (verificando-se, por exemplo, nos seus relatos na entrevista) na sua relação com ela.

Resultados da Escala de Preocupações Parentais

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
PP_Problemas familiares e preocupações escolares	1	3,00	3,00	3,0000	.
PP_Desenvolvimento Infantil	1	3,50	3,50	3,5000	.
PP_Comportamentos negativos	1	3,29	3,29	3,2857	.
PP_Preparação	1	5,33	5,33	5,3333	.
PP_Medos	1	4,75	4,75	4,7500	.
Valid N	1				

Análise

Através das respostas à Escala de Preocupações Parentais verificamos que as maiores apreensões que os pais de Tomás assumem ter em relação ao filho prendem-se com o seu nível de *Preparação* ($\mu= 5,33$), por exemplo em relação à escola ou a alguma situação relativa ao contexto familiar (“Preocupa-me se o meu filho está preparado para ir para a escola”; “Preocupa-me o que deve ser dito à criança em caso de separação dos pais”) – a qual poderá relacionar-se com a grande imaturidade de Tomás -, bem como com os *Medos* que a criança manifesta ($\mu= 4,75$).

Resultados do Questionário de Práticas Parentais

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_ Disciplina Rígida	1	2,29	2,29	2,2857	.
Práticas Parentais_ Disciplina Rígida para a Idade	1	2,67	2,67	2,6667	.
Práticas Parentais_ Disciplina Inconsistente	1	2,33	2,33	2,3333	.
Práticas Parentais_ Disciplina Apropriada	1	3,44	3,44	3,4375	.
Práticas Parentais_ Expectativas Claras	1	1,33	1,33	1,3333	.
Práticas Parentais_ Parentalidade Positiva	1	3,13	3,13	3,1333	.
Práticas Parentais_ Monitorização	1	2,89	2,89	2,8889	.
Valid N	1				

Análise

No que concerne às estratégias assumidas pelos pais de Tomás no Questionário de Práticas Parentais verificamos que o uso de *Disciplina Apropriada* ($\mu=3,43$) parece ser a preferencial, a qual inclui o recurso ao elogio ou à recompensa perante um comportamento apropriado ou o castigo perante um considerado inadequado, seguida de práticas de *Parentalidade Positiva* ($\mu=3,13$), as quais se traduzem por, a título de exemplo, deixar a criança fazer uma coisa que gosta quando se porta bem (e.g. ir ao cinema, brincar ou ver televisão mais tempo), ainda que se deva igualmente salientar a utilização de estratégias de *Monitorização* ($\mu=2,88$), tais como permitir ou não que a criança fique em casa ou vá para a rua sem a presença de um adulto.

Anexo R

Resultados gerais - Statistical Package for Social Sciences (versão 19)

QUESTIONÁRIO DE DIMENSÕES E ESTILOS PARENTAIS

Mãe

Estilo autoritário – percepção da mãe sobre si própria

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritário Mãe_Mãe	3	1,67	2,83	2,1944	,59122
Valid N	3				

Estilo autoritativo – percepção da mãe sobre si própria

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Mãe_Mãe	3	3,20	4,53	3,7556	,69389
Valid N	3				

Estilo permissivo – percepção da mãe sobre si própria

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo permissivo Mãe_Mãe	3	1,40	2,60	2,0000	,60000
Valid N	3				

Estilo autoritativo – percepção da mãe sobre o marido/companheiro

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Mãe_Pai	3	2,20	4,60	3,2000	1,24900
Valid N	3				

Estilo autoritário – percepção da mãe sobre o marido/companheiro

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritário Mãe_Pai	3	1,50	2,50	2,1667	,57735
Valid N	3				

Estilo permissivo – percepção da mãe sobre o marido/companheiro

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo permissivo Mãe_Pai	3	1,60	2,80	2,0667	,64291
Valid N	3				

Pai

Estilo autoritativo – percepção do pai sobre si próprio

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Pai_Pai	3	2,67	4,60	3,4667	1,00885
Valid N	3				

Estilo autoritário – percepção do pai sobre si próprio

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritário Pai_Pai	3	1,42	2,83	2,1667	,71200
Valid N	3				

Estilo permissivo – percepção do pai sobre si próprio

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Permissivo Pai_Pai	3	1,00	2,20	1,5333	,61101
Valid N	3				

Estilo autoritativo – percepção do pai sobre a esposa/companheira

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritativo Pai_Mãe	3	2,73	4,87	3,6889	1,08389
Valid N	3				

Estilo autoritário – percepção do sobre a esposa/companheira

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo autoritário Pai_Mãe	3	1,50	2,33	1,8056	,45896
Valid N	3				

Estilo permissivo – percepção do pai sobre a esposa/companheira

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Estilo permissivo Pai_Mãe	3	1,60	2,80	2,0667	,64291
Valid N	3				

QUESTIONÁRIO DE COPARENTALIDADE

Mãe:

Cooperação percebida pela mãe como proveniente do cônjuge

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Cooperação_Mãe	3	4,00	4,80	4,4000	,40000
Valid N	3				

Triangulação percebida pela mãe como proveniente do cônjuge

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Coparentalidade_Triangulação:Mãe	3	1,00	1,75	1,2500	,43301
Valid N	3				

Conflito percebido pela mãe como proveniente do cônjuge

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Coparentalidade_Conflito_Mãe	3	2,20	3,80	3,0000	,80000
Valid N	3				

Pai

Variáveis de coparentalidade (cooperação, triangulação e conflito) percebidos pelo pai como provenientes da esposa

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Coparentalidade_Cooperação_Pai	3	3,40	4,80	4,0667	,70238
Coparentalidade_Triangulação_Pai	3	1,00	1,25	1,0833	,14434
Coparentalidade_Conflito_Pai	3	1,80	2,80	2,3333	,50332
Valid N	3				

ESCALA DE PREOCUPAÇÕES PARENTAIS

Problemas familiares e preocupações escolares

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
PP_Problemas familiares e preocupações escolares	3	2,75	5,13	3,6250	1,30504
Valid N	3				

Desenvolvimento infantil

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
PP_Desenvolvimento Infantil	3	2,13	4,00	3,2083	,97093
Valid N	3				

Comportamentos negativos

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
PP_Comportamentos negativos	3	2,57	3,50	3,1190	,48620
Valid N	3				

Preparação

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
PP_Preparação	3	2,67	6,00	4,6667	1,76383
Valid N	3				

Medos

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
PP_Medos	3	2,75	5,00	4,1667	1,23322
Valid N	3				

Tabela completa

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
PP_Medos	3	2,75	5,00	4,1667	1,23322
PP_Problemas familiares e preocupações escolares	3	2,75	5,13	3,6250	1,30504
PP_Desenvolvimento Infantil	3	2,13	4,00	3,2083	,97093
PP_Comportamentos negativos	3	2,57	3,50	3,1190	,48620
PP_Preparação	3	2,67	6,00	4,6667	1,76383
Valid N	3				

QUESTIONÁRIO DE PRÁTICAS PARENTAIS

Disciplina rígida

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_ Disciplina Rígida	3	2,21	3,00	2,5000	,43448
Valid N	3				

Disciplina rígida para a idade

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_ Disciplina Rígida	3	2,21	3,00	2,5000	,43448
Valid N	3				

Disciplina inconsistente

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_ Disciplina Inconsistente	3	1,83	2,67	2,2778	,41944
Valid N	3				

Disciplina apropriada

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_ Apropriada	3	3,19	4,38	3,6667	,62604
Valid N	3				

Parentalidade positiva

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_ Parentalidade Positiva	3	2,80	3,20	3,0444	,21430
Valid N	3				

Expectativas claras

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_Expectativas Claras	3	1,00	2,00	1,4444	,50918
Valid N	3				

Motorização

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_Monitorização	3	2,78	2,89	2,8519	,06415
Valid N	3				

Tabela completa

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
Práticas Parentais_Monitorização	3	2,78	2,89	2,8519	,06415
Práticas Parentais_Disciplina Rígida	3	2,21	3,00	2,5000	,43448
Práticas Parentais_Disciplina Rígida para a Idade	3	2,67	3,33	3,0000	,33333
Práticas Parentais_Apropriada	3	3,19	4,38	3,6667	,62604
Práticas Parentais_Disciplina Inconsistente	3	1,83	2,67	2,2778	,41944
Práticas Parentais_Expectativas Claras	3	1,00	2,00	1,4444	,50918
Práticas Parentais_Positiva	3	2,80	3,20	3,0444	,21430
Valid N	3				

EMBU – C (crianças dos 6 aos 12 anos)

Resultados da Escala da Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo da mãe

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
EMBU_Suporte Emocional_Mãe	3	2,57	3,50	3,0714	,46839
EMBU_Rejeição_Mãe	3	1,88	2,38	2,0417	,28868
EMBU_Tentativa de Controlo_Mãe	3	2,10	2,90	2,4000	,43589
Valid N	3				

Resultados da Escala da Percepção da Criança sobre o Estilo Educativo do pai

	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	Desvio padrão
EMBU_Suporte Emocional_Pai	3	,00	3,50	2,2143	1,92592
EMBU_Rejeição_Pai	3	,00	1,88	1,2500	1,08253
EMBU_Tentativa de Controlo_Pai	3	,00	2,90	1,6667	1,49778
Valid N	3				

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

Antecedentes psicopatológicos

Acompanhamento psicológico/psiquiátrico mãe

		Frequência Absoluta	Percentagem	Percentagem	Percentagem Acumulada
Valid	Teve anteriormente	2	66,7	66,7	66,7
	Tem actualmente	1	33,3	33,3	100,0
	Total	3	100,0	100,0	

Acompanhamento psicológico/psiquiátrico pai

		Frequência Absoluta	Percentage m	Percentagem	Percentagem Acumulada
Valid	Nunca teve	3	100,0	100,0	100,0

Escolaridade

Escolaridade da mãe

		Frequência Absoluta	Percentage m	Percentagem	Percentagem Acumulada
Valid	Ensino básico preparatório (5 a 9 anos escolaridade)	3	100,0	100,0	100,0

Escolaridade do pai

		Frequência Absoluta	Percentage m	Percentagem	Percentagem Acumulada
Valid	Ensino primário (0-4 anos escolaridade)	2	66,7	66,7	66,7
	Ensino básico preparatório (5 a 9 anos escolaridade)	1	33,3	33,3	100,0
	Total	3	100,0	100,0	

Dados relativos ao nível de Graffar

		Frequência Absoluta	Percentage m	Percentagem	Percentagem Acumulada
Valid	Bairro residencial bom	1	33,3	33,3	33,3
	Ruas comerciais ou estreitas ou antigas	1	33,3	33,3	66,7
	Bairro populoso ou de valor diminuído	1	33,3	33,3	100,0
	Total	3	100,0	100,0	

Estado civil

Estado civil mãe

	Frequência Absoluta	Percentage m	Percentagem	Percentagem Acumulada
Valid Casado/a	3	100,0	100,0	100,0

Estado civil pai

	Frequência Absoluta	Percentage m	Percentagem	Percentagem Acumulada
Valid Casado/a	3	100,0	100,0	100,0

Situação profissional

Situação profissional mãe

	Frequência Absoluta	Percentage m	Percentagem	Percentagem Acumulada
Valid Empregado/a	2	66,7	66,7	66,7
Reformado/a	1	33,3	33,3	100,0
Total	3	100,0	100,0	

Situação profissional pai

	Frequência Absoluta	Percentage m	Percentagem	Percentagem Acumulada
Valid Desempregado/a	1	33,3	33,3	33,3
Empregado/a	2	66,7	66,7	100,0
Total	3	100,0	100,0	

